

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

MARIA DO SOCORRO DE SOUSA ARAÚJO

PAIXÕES POLÍTICAS EM TEMPOS REVOLUCIONÁRIOS:

nos caminhos da militância, o percurso de Jane Vanini.

(1964 - 1974)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, como requisito para obtenção do título de mestre em história.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Regina Beatriz Guimarães Neto

Cuiabá – Mt
2002

FICHA CATALOGRÁFICA

A663p Araújo, Maria do Socorro de Sousa
Paixões políticas em tempos revolucionários: nos caminhos da militância, o percurso de Jane Vanini (1964-1974) / Maria do Socorro de Sousa Araújo . – Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2002.
233p.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de Mestre em História, sob orientação da Prof. Dr^a Regina Beatriz Guimarães Neto.

Bibliografia: p.225-233.

CDU – 323.22

Índice para Catálogo Sistemático

1. Militância política – 1964-1974
2. Vanini, Jane – Militância política – 1964-1974
3. Vanini, Jane – Memórias
4. Narrativas pessoais
5. Ditadura – Brasil – Chile

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Celso Miceli
Universidade Estadual de Campinas

Profª Drª Lylia da Silva Guedes Galleti
Universidade Federal de Mato Grosso

Profª Drª Regina Beatriz Guimarães Neto
Universidade Federal de Mato Grosso
Orientadora

Jane Vanini não é mais terrena. Virou história.

João Negrão

Dedicatória

*Aos meus filhos Antenor e Jussara, meus amores e minhas razões, que dão sentido à
invenção e à recriação da vida, todos os dias;
e a todas as pessoas que sabem inventar na vida, o substrato do viver.*

Agradecimentos especiais

À toda família Vanini e, em particular aos irmãos Romano que, no primeiro contato, se empenhou na interlocução com sua irmã, possibilitando assim as primeiras revelações sobre essa história; a Dulce, a quem devo respeito e consideração singulares, pela confiança e autorização em poder tornar pública a ‘história de vida’ de sua irmã, cujo consentimento e disponibilidade ao acesso e o manuseio das correspondências pessoais trocadas com Jane Vanini, tornou possível a construção da pesquisa; a Magali, pelo acolhimento fraterno em sua residência nos momentos de buscas no Arquivo Público do Estado de São Paulo e, sobretudo, porque, sem sua firmeza e seu apoio decisivo a Dulce, quando foram feitos os primeiros contatos, essa investigação histórica também não teria essa dimensão.

A minha orientadora acadêmica Prof^ª Dr^ª. Regina Beatriz Guimarães Neto, por acreditar na minha capacidade de produção, por apontar caminhos para a pesquisa e por tornar acessível múltiplas formas de tecer métodos, palavras e idéias, as quais dão sentido e coerência à trama histórica.

À Banca de Qualificação, formada pelo Prof. Dr. Paulo Celso Miceli e pela Prof^ª Dr^ª Lylia da Silva Guedes Galleti, que no rigor das leituras acadêmicas, fizeram recomendações que orientaram a construção do texto de dissertação.

Aos entrevistados Natalino Ferreira Mendes, Suzana Lisboa, Regina Helena Costa Marques Leal Cardoso, Airton Montecchi Filho e Abnael Bordon que, nas suas lembranças, propiciaram a reconstrução e atualização de tempos e vivências.

Ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal, na pessoa de sua coordenadora Prof^a. Dr^a Maria Adenir Peraro e à secretária Matilde Kroike, pelo zelo com o curso e pelos cuidados, quase maternos, para com os mestrandos.

A todos os colegas do curso de mestrado em História, que incentivaram a caminhada, pois, juntos, construímos esse tempo acadêmico. Agradeço especialmente a Vânia Cristhina Nadaf, cuja iniciativa de *enquadramento* do texto contribuiu com a feição final da dissertação. Muito me engrandece merecer sua atenção e sua amizade porque, mais que dividir vitórias e angústias, você inventou formas de prestar solidariedade e ensinou compartilhar momentos de vida.

Ao Departamento de História da Unemat, na pessoa do Prof. Ms. Otávio Ribeiro Chaves e às Professoras Mestras Neuza Benedita Zattar, pelo rigor dos aspectos lingüísticos do texto; Leila Jacob Bisinoto, pelas construções intelectuais compartilhadas desde o início das investigações; Olga Maria Castrillon Araújo, que apontou trilhas cruzadas entre a história e o texto literário e Vera Maquea, que nas discussões sobre escrituração de textos, concebe a narrativa como uma trama apaixonada da pesquisa.

A “Jô”, pela atenção, pelo apoio, pelo incentivo e pelo afeto que tem dispensado, em especial, nos momentos que se apresentam mais angustiantes.

A Salvy Bosco de Rezende, amigo e também solidário em momentos frágeis, por acreditar na pesquisa histórica e pela ajuda valiosa na produção material de todo o trabalho. À Marly, Pedro Piloni, Joel, Glener, Vinícius, Odete, Eber, Márcia, Oirma e outros amigos, pela ajuda, compreensão e pela partilha em vários momentos difíceis.

Por último, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram com a experiência de construir o percurso e esse texto de pesquisa histórica.



SUMÁRIO

Resumo.....	viii
Abstract	ix
Apresentação	01
Construindo o objeto e definindo as fontes documentais	09
A dissertação em capítulos	14
Capítulo I – Mundos, tempos e vidas	17
Na trama das palavras, os tempos vividos	18
Mundos plurais, vidas singulares	32
Registro fotográfico: entre a sedução e a memória	60
Capítulo II – Lutas, vivências e experiências	70
Clandestinidade: territórios da razão e da paixão	71
Chile: a experimentação da utopia	84
Tempos entre cartas	138
Capítulo III – Percorrendo memórias, silêncios e paixões	158
Memória de um tempo revisitado	159
As armas dos silêncios	191

A força das paixões201

Considerações finais217

Referencias bibliográficas e fontes documentais224

Referências bibliográficas.....225

Fontes documentais disponibilizadas para a pesquisa231

RESUMO

Esse trabalho de pesquisa tem por finalidade dar conhecimento mais detalhado às práticas de militância política de esquerda, incluindo ações da luta armada, que acontecem durante as ditaduras militares na América Latina. Para tanto, na perspectiva da microanálise, é escolhido como fio condutor das investigações, as ações da militante Jane Vanini, cujo percurso vai do Brasil ao Chile, passando pela Europa e Cuba, no período compreendido entre os anos de 1964 e 1974.

Com base na documentação disponível, especialmente cartas pessoais enviadas à família, assim como fontes orais e documentos institucionais, também estão postos os movimentos que configuram as territorialidades do particular e do público. Nessa perspectiva, os resultados da pesquisa dão visibilidade aos aspectos que se incorporam às condutas e comportamentos políticos e sociais.

Por último, o trabalho, no seu todo, também aponta aspectos singulares de um mundo simbólico, cujas significações colocam à prova, valores e tradições vigentes na época. Eles, os símbolos, dão sentido às escolhas, esperanças, paixões, utopias, vitórias e até aos fracassos, desencantos e derrotas de homens e mulheres que assim constroem suas experiências de vida na dimensão e nas teias dos tempos revolucionários.

Abstract

This research work has the main target to give a deeper knowledge to the left political militants practicing work, including the armed struggle actions that happen during the military dictatorship in Latin America. So, it has chosen as the investigation start, the actions by the militant Jane Vanini, whose itinerary begins from Brazil to Chile, going by Europe and Cuba, during the period between the years of 1964 and 1974.

Based on the available documentations, mainly personal letters sent to the family, oral sources and institutional papers as well, it also can be found movements showing the private and public territories. In such perspective, the research results can show you aspects joining social and political conducts and behavior.

Finally, in its whole, the work also points a symbolic world's singular aspects whose meaning tests the traditions and values of that period of time. The symbols give sense to men's and women's choices, hopes, passions, utopias, glories and even failures, disenchantments and defeats that build up their lives experience in the revolutionary dimensions and cobweb.

Santiago, 5 Marzo 1973

Querida Madrinha:

Jamás pensé que la primera carta que te escribía sería en circunstancias tan amargas. Ana ha muerto. Gabriela, como yo la conocí, cayó en un enfrentamiento con soldades de la dictadura en la noche del 6 de Diciembre en Concepción donde viviamos desde cuatro meses antes.

Madrinha me imagino el inmenso dolor que esta carta debe causar. Es el mismo dolor que yo sentí y siento desde que el 31 de Diciembre me comunicaron la noticia en una prisión de Concepción. Solo podemos enfrentar esta situación sabiendo que Ana murió como siempre ella lo hubiera querido luchando con su extraordinario valor contra los enemigos de los pobres y los desposeídos, luchando por la causa de los explotados.

Madrinha, muchas veces se dice que nos damos cuenta del enorme valor de lo que tenemos, solo cuando lo hemos perdido. En mi caso Madrinha, mientras tuve la suerte de compartir mi vida con Ana aprendí de la grandeza que puede alcanzar una persona cuando está consciente y convencida del objetivo que ha dado a su

Apresentação

Capítulo I
Mundos, Tempos e Vidas



Na trama das palavras, os tempos vividos

Cartas são instrumentos que, ao registrar suas informações, produzem sensações diversas, mexendo com o estado emocional tanto de quem as escreve, quanto de quem as lê.

Num primeiro instante, uma carta parece não passar de um veículo comum que provoca um movimento de notícias que articulam pessoas, as quais se encontram fisicamente distantes. No entanto, há uma complexidade que independe da natureza e do conteúdo que cada carta carrega.

Para efeito de compreensão, o lastro desta pesquisa são cartas pessoais que possibilitam, pela leitura dos conteúdos e interpretação de seus enunciados, a reconstrução de aspectos de uma experiência político-social trágica vivenciada por uma jovem estudante, entre os anos de 1964 e 1974. Essas cartas pessoais, produzidas entre os anos de 1972 e 1974, foram trocadas entre Jane e Dulce Vanini, e encontram no restabelecimento das relações familiares, uma das fortes razões de existirem. Trata-se especialmente de duas irmãs, uma delas, autora e remetente, Jane Vanini, que, na época vivendo politicamente clandestina em Santiago-Chile, faz de suas correspondências, entre vários outros sentidos, o reatamento de laços afetivos com sua família.

Num total de trinta e sete cartas, Jane destinou grande parte delas a Dulce, sua irmã mais velha, a quem tratava afetivamente de “Madrinha” e que, naquele período, na condição de funcionária da empresa Mappin S/A, residia em São Paulo-Capital. Embora

Dulce tenha sido a receptora das cartas, Jane também endereçou correspondências a outros destinatários como irmãos, pais, sobrinhos, cunhados e tios.

O ato de escrever e trocar cartas são práticas antigas, produtoras de múltiplas sensações que, num sentido primeiro, geram ao mesmo tempo um prazer por parte do autor e uma ansiedade por parte do receptor. Na dimensão desse espaço existente entre o que se escreve e o que se lê, é fundamental compreender os significados que aparecem entre o conteúdo de um texto e os efeitos que ele tende a produzir.

O que de fato acontece com uma pessoa ao proceder qualquer tipo de leitura? Para Chartier, a leitura não é um simples processo de absorção de conteúdos, pois nenhum texto se apresenta como um amontoado semântico, nem o leitor como um mero instrumento armazenador de discursos. A relação leitor *versus* leitura “supõe uma multiplicidade de mediações e de intermediários entre as palavras anunciadas e a página impressa”¹, afirma ele. O leitor se encontra envolvido numa cadeia de práticas sociais diversas intensamente compartilhadas entre grupos distintos. A leitura é, então, fortemente marcada pela produção de sentidos, cujas formas de apreensão se articulam com a *utensilagem mental* e o *capital simbólico* do leitor, os quais possibilitam construir valores, intenções, propósitos, conceitos, conhecimentos, planos deliberativos, etc.

O leitor, por sua vez, tem uma capacidade de interpretação que é adquirida através do conjunto de aspectos normativos, legitimadores de comportamentos sociais, cujos princípios caracterizam a maneira de pensar de uma dada época. Assim, o leitor não absorve uma leitura balbuciando palavras ou com um olhar silencioso sobre o texto, mas

¹ CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesús Anaya, Daniel Goldin e Antonio Saborit*, 2001, prólogo.

na relação que ele estabelece entre suas competências individuais já internalizadas e a mensagem que o texto, no seu todo, disponibiliza.

Não há, portanto, uma naturalização das coisas, ao contrário, a intervenção direta e constante dos agentes sociais é que constrói a realidade, demonstrando, na dinâmica social, a forma como se apropriam dessas leituras, manifestando suas percepções, através das estratégias de conduta que utilizam no convívio em sociedade.

É com essa complexidade que se dispensa uma atenção especial para a intertextualidade das cartas que contempla ao mesmo tempo as experiências plurais de Jane Vanini, cujos relatos, cheios de “veredas”, ao exibirem um olhar militante sobre aquele mundo, permitem também vários olhares sobre o mundo dos militantes.

Para Jane, escrever cartas aparece como uma necessidade, uma vez que elas se apresentam como o lugar que sacraliza sua individualização, por conseguinte, o espaço que assegura sua identidade. As correspondências são mundos passíveis de exibirem a singularidade de Jane que aparece encarnada no corpo de cada escrita, ora reconhecendo-se como revolucionária, ora circunscrita a si mesma. Esses são os lugares de construção de identidades, pois permitem que Jane Vanini reconheça-se na sua própria trama. Já para a família, a carta, enquanto objeto, tem o sentido de vida possível; enquanto conteúdo imprime a essência humana da pessoa ausente. Cada carta enviada e recebida expressa, sobretudo, a costura pausada de uma cumplicidade estabelecida entre a remetente e os destinatários. Em outros momentos, as cartas são também maneiras de expressar as saudades e o vínculo afetivo que a acompanham como sombras de vida e que, quase sempre, começam ou terminam o noticiado de cada carta:

Madrinha:

Finalmente recebi sua carta. Estava realmente preocupada. A Dona Maria havia escrito ao Sérgio que a senhora estava doente dos nervos, etc., e como não recebia nenhuma notícia sua, me preocupava e supunha mil coisas. Mas parece que sua tentativa de escrever uma carta curta por semana não prosperou porque já vai fazer 2 semanas que não recebo outra. (carta 28)²

Querida Madrinha:

Muitas saudades. Tenho uma vontade enorme de estar com vocês. Houve uns dias que passei meio na fossa. Não muito porque não posso permitir-me êsses luxos. Já tinha recebido sua carta junto com a do Papai mas queria estar sem 'meias' fossas para poder escrever. Hoje eu o estou fazendo. Aliás interrompi aqui esta carta porque acabo de receber outra carta, do dia 23 de abril com as fotos. Como estão diferentes as 'crianças'. Os grandes não tanto. A senhora sempre enxutinha, né? Os cabelos dos nossos pais sim que estão mais brancos. Que saudades! [...] Sonhei muito com vocês estes dias. Pensei que sua carta me fôsse dizer que a senhora estava por aqui. [...] não deixe de escrever-me, tá? Depois respondo tudo junto. Queria vê-los. Morro de saudades. Tenho Banzo. Eu os quero muito, abraços. (carta 34)³

Por esses aspectos, é perceptível que os militantes, ao se tornarem militantes, não se divorciam de seus sentimentos. Apesar de um tempo policialesco, que viola os direitos de cidadania das pessoas, Jane aposta na possibilidade de algumas cartas não serem interceptadas pela censura. Encontra junto a Dulce o “jeito” do envio e recebimento através do qual consegue estabelecer uma comunicação direta com seus correspondentes:

² Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

³ Carta de Jane Vanini, datada em 04.05.74, assinada por Jane.

Melhor que escrevam 2 vezes por se acaso uma se extravia.
(carta 02)

O Mário recebeu outro dia uma carta de Dona Maria em que ela diz que não estão recebendo cartas. Eu tenho escrito sempre com muita regularidade. [...] As cartas que vocês me mandam chegam no máximo com uma semana desde o dia em que colocam no correio. Em geral elas vem reengomadas, quer dizer que a abriram e tornaram a fechar. [...] Estou numerando as cartas. Esta vai ser a número 1 pode ver no canto a direita, em cima. Até agora já escrevi, no total umas 18 cartas (incluindo a de Nícia). Espero que tenham recebido todas.
(carta 10)⁴

Quando me escreverem colem a carta somente com a cola que vem no envelope, porque se vem mais cola que essa já sei que foi aberta no correio. (carta 12)⁵

Embora os conteúdos dessas cartas também revelem aspectos da luta de militância, eles mostram, ao mesmo tempo, que o regime vigente, no que diz respeito ao controle, apesar de propagandeado e onipresente, não impediu que a capacidade criadora da mente revolucionária construísse outras formas de sobrevivência. Como pode-se notar nos trechos acima citados, códigos, datações e duplicidade de correspondências são algumas maneiras que Jane elabora para circular num espaço totalmente personalizado.

Durante quase cinco anos, Jane vive inevitavelmente clandestina. Para uma militante clandestina, mais do que para qualquer outra pessoa, escrever cartas também toma um sentido de encurtar distâncias geográficas e físicas, além de estabelecer um fio condutor de relações e sensibilidades. Há, no entanto, um espaço de sedução desenhado pela busca

⁴ Carta de Jane Vanini, datada em 07.09.72, assinada por Ana.

⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 15.09.72, sem assinatura.

de si mesma e pela conquista do outro, pela personificação dos conteúdos e pelos segredos. A indistinção entre remetente, narradora e autora e a flutuação entre a imaginação utópica e a ação experimentada, revela, sobretudo, a ansiedade que permeia a vontade de ser revolucionária, a convivência com as incertezas e a opção de continuar lutando. Por intermédio das cartas observa-se que há vários atores sociais em Jane, os quais se misturam e se cruzam indistinta e simultaneamente sobre várias figuras: a narradora, a militante, a guerreira, a filha, a irmã, a nora, a mulher, a companheira, a tia, a cunhada, a revolucionária, a “camarada”, etc.

As circunstâncias da clandestinidade levam o revolucionário a pensar muitos aspectos da militância política, a partir de um direcionamento pessoal, ou seja, exigem a invenção de múltiplas formas de sobrevivência, pois convive-se simultaneamente com o medo e a coragem, com um imaginário projetado e um ambiente muito adverso, com a solidão insuportável e o apoio disponível, com o companheirismo possível e o individualismo necessário, com a possibilidade de superação e a incerteza de alcançá-la. Nesse caminho, é aceitável pensar que a camuflagem das identidades, por trás de cada subscrição que Jane registra, esconde e revela muita *coisa*, cujos *mistérios* levam o leitor a construir suas *viagens* cada vez mais intensas por espaços multidimensionais.

As pessoas têm maneiras muito singulares de se apropriar do conteúdo de um dado texto. Para R. Chartier, um conjunto de normas, regras, convenções, códigos e percepções são aspectos constituidores do leitor-indivíduo e o identifica como pertencente a uma comunidade interpretativa própria.⁶ São essas características que norteiam a relação estabelecida entre a materialidade da escrita e a corporeidade sócio-cultural que o leitor comporta. Assim, a escrita nunca é algo onipotente, ou seja, a inscrição das palavras no

⁶ CHARTIER, R. 2001, op. cit. p.32-33.

texto de uma carta, por exemplo, não transfere o sentido para o leitor, mas é este que, com sua capacidade interpretativa e na relação com o que está escrito, elabora a construção dos sentidos. Um texto não traz o sentido, produz sentidos.

Portanto, as cartas não são redutíveis às estratégias de persuasão que sugerem demonstrar nos seus enunciados. As palavras são trilhas que constituem um mundo particular, construído para que Jane possa habitá-lo livremente. Elas, as cartas, são verdades vividas. São os espaços da vida normal, para além da normalidade de escrever, sobretudo quando são produzidas e enviadas numa condição de vida anormal - a clandestinidade.

Para Dulce, receptora de todas as correspondências da irmã, havia sempre uma angústia contínua que se debruçava sobre o tempo da espera e o conteúdo de cada missiva. A carta, como representação de vida, produz uma pluralidade de significados e formas de apropriações. Ela emite recepções paradoxais e inéditas, tais como certezas e dúvidas. Quem escreve pode inventar sua trama com a finalidade de produzir determinados efeitos; e quem lê, mesmo acreditando no conteúdo, por se tratar de um presente que não é mais presente, atualiza aquele passado, todavia com as incertezas do *agora*, pois ele, o *agora*, pode traduzir-se numa estratégia de fuga: *...por mais que eu lesse o conteúdo da carta eu achava que ela (Jane) estava passando dificuldades e não queria me falar, pois sabia o quanto eu me preocupava com aquela situação que ela vivia.*⁷

Nesse sentido, a carta incorpora segredos porque, enquanto objeto, ela é portadora de signos que produzem impressões processadas na memória voluntária. Esta

⁷ Trechos de entrevista com Dulce Ana Vanini, Rio de Janeiro, 2001.

procede por instantâneos e busca o segredo das impressões no próprio objeto. ... *essa memória não se apodera diretamente do passado: ela o recompõe com os presentes.*⁸

Entender essas tensões é aceitar que o tempo da clandestinidade é o da experiência vivida e o da invenção do fazer. Como pode-se perceber, nas lembranças de Suzana Lisboa, esse é um tempo emocional, descontínuo:

*A intensidade das coisas que a gente vivia naquela época era tal que você podia, alguém já falou nisso, que você, num minuto, sentia emoções como se tivesse vivido um ano; a intensidade das emoções que a gente vivia era muito grande. Só o fato de você está o tempo inteiro convivendo com a morte já é uma coisa que traz uma montanha de sensações e o período que por ventura a gente ficava juntos ele assumia uma dimensão muito grande porque o convívio era muito intenso; você viver com um companheiro e partilhar as mesmas emoções... quer dizer eles (Jane e Sérgio) eram um casal jovem, assim como nós, que estava jogando pela janela um futuro pensando na liberdade de seu país.*⁹

O tempo de cada carta - para quem escreve - está no assunto que, embora queira parecer um presente, é sempre de um passado que trata - para quem recebe. *O hoje da recepção e da leitura vêm sempre depois do hoje da escrita e depois do hoje do envio, que agora já é um ontem e esses dois hojes já sendo defasados no tempo, contem a possibilidade quase certa de aquilo que nas cartas se lê, já não é mais o que está acontecendo.*¹⁰

Nesse sentido, a brusca incidência que o passado faz sobre o presente permite que sejam compreensíveis as incertezas e as inquietações de Dulce, pois o tempo de escrever

⁸ DELEUZE, G. *Proust e os signos*, 1987, p. 57

⁹ Trecho da entrevista de Suzana Lisboa, ex-militante da Aliança Libertadora Nacional e companheira de Jane Vanini. A entrevista foi realizada em São Paulo, no dia 27.11.92.

¹⁰ MELO e CASTRO, E. M. de, *Odeio cartas*. 2000, p. 15.

da remetente e o tempo da receptora ler as cartas aparecem distintos. As sensações aflitivas de Dulce tendem a provocar impactos emocionais de maiores proporções, tendo em vista que a multiplicidade desses tempos não lhe possibilita conhecer o presente simultâneo da irmã que escreveu a carta.

É importante ressaltar que o *'chrónos'* aqui acontece diferente. Embora uma parte significativa das cartas que Jane escreve apresenta-se datada, não é de um tempo cronológico que falamos; é o tempo das recordações, das reminiscências, da sensibilidade e da experimentação da luta revolucionária. Esses tempos plurais são reveladores de signos que se encontram mergulhados nas lembranças das experiências vividas, e são, sobretudo, *um olhar através do tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela e permite a passagem de um tempo a outro e, especialmente, trazem a possibilidade de atualização do passado no presente.*¹¹

Em Proust, *cada espécie de signo corresponde, sem dúvida, a uma linha de tempo privilegiada. [...] Os signos sensíveis muitas vezes nos fazem redescobrir o tempo, restituindo-o no meio do tempo perdido.*¹² Ainda na concepção Proustiana, o exercício da inteligibilidade possibilita a interpretação dos signos e a significação dos objetos. Nesse sentido, a exterioridade é algo que se projeta da essência do ser e se manifesta nas práticas do sujeito. É no espaço dessas essências que os signos se fazem grandes demarcadores de tempos. É no tempo perdido, impresso em imagens fotográficas, que Jane redescobre o tempo. As recordações e as saudades tão enunciadas em suas cartas expõem os desejos da alma sobressaltados nos signos:

¹¹ GUIMARÃES NETO, R. B. *Artes da Memória, fontes orais e relato histórico*, 2000, p. 103

¹² DELEUZE, op. cit. p. 25

...acabo de receber outra carta, do dia 23 de abril com as fotos. Como estão diferentes as 'crianças'. Os grandes não tanto. A senhora sempre enxutinha, né? Os cabelos dos nossos pais sim que estão mais brancos. Que saudades! [...] Queria vê-los. Morro de saudades. Tenho Banzo. Eu os quero muito, abraços. (carta 34)¹³

Nos cabelos grisalhos, ela vive o semblante do tempo e no reflexo de cada fio, agora mais branco, revisita também as nexas de sua vida. Eles são, portanto, os signos na dimensão do tempo redescoberto. Pelos cabelos brancos Jane vive o tempo que se perdeu. O olhar sobre a fotografia recupera o tempo perdido, porém é no movimento das imagens e na configuração dos cenários fotografados que Jane se apodera de um tempo redescoberto.

As crianças não estão diferentes só por terem crescido e mudado suas fisionomias, nem os cabelos brancos ficaram apenas mais brancos pelos pais terem mais idade, mas é porque no crescimento das crianças e no envelhecimento dos pais, as marcas do tempo, fiadas e embrulhadas em suas dobras, revelam imensos filetes de vidas que emergem da *plenitude das reminiscências ou das lembranças involuntárias, da alegria celestial que nos dão os signos da Memória e do tempo que eles nos fazem bruscamente redescobrir*, como define Proust.¹⁴

É dessa forma que o texto fotográfico ganha mobilidade. As imagens descongelam-se no encontro e na resignificação do tempo que aparecem potencialmente nos semblantes do olhar, na tonalidade das vozes e na individualidade dos gestos que as pessoas readquirem. Os cenários também alteram suas luzes e suas cores, enquanto os objetos ganham outras significações.

¹³ Carta de Jane Vanini, datada em 04.05.74, assinada por Jane.

¹⁴ DELEUZE, op. cit. p. 54

Falando ainda de um tempo que já passou, Deleuze diz que: *Rever pessoas que nos foram muito familiares é uma revelação, porque seus rostos, não sendo mais habituais para nós, trazem em estado puro os signos e os efeitos do tempo que modificou determinados traços, alongando-os, tornando outros flácidos ou vincados.*¹⁵ É nesse sentido que o tempo torna-se visível e atualiza o passado num presente já repleto de resignificações.

A experimentação da redescoberta do tempo, impulsionando uma profunda sensação de múltiplos prazeres, imprime também uma resignificação do objeto. Certamente por isso, é que Jane Vanini tanto privilegiou o registro fotográfico. Essa *idéia de redescoberta e invenção é de suma importância, não como algo que nunca existiu, mas como aprendizagem e interpretação das coisas, objetos e seres, emitindo signos a serem decifrados, interpretados.*¹⁶

Numa outra perspectiva, a correspondência que transita no espaço criado entre remetente e destinatário produz muito mais forte um efeito de presença que de ausência. Embora uma carta possa imprimir as marcas da ausência de alguém, a letra, o assunto, o traço e o estilo de escrevê-la são representações autênticas de sua criatura. Foucault apud Werneck¹⁷ apresenta essa simbologia afirmando que *a carta torna o escritor 'presente' em relação a quem ele se dirige. E presente não simplesmente através das informações que*

¹⁵ Ibidem, p. 18.

¹⁶ GUIMARÃES NETO, R. B. op. cit. p. 104.

¹⁷ WERNECK, M. H. "Veja como ando grego, meu amigo." *Os cuidados de si na correspondência machadiana*, 2000, p. 142.

fornece sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e seus fracassos, sua fortuna ou suas infelicidades; presente de um tipo de presença imediata e quase física. [...] a carta funciona como um olhar que se poussa no destinatário (através da missiva que ele recebe, ele se sente olhado) é uma forma de se entregar ao seu olhar através daquilo que lhe dizemos de nós mesmos.

Nessa ótica, a carta é o instrumento de múltiplas significações e a representação simbólica do outro. O outro passa a ser a onipotência da busca. Em Dulce, Jane potencializa a busca de si mesma. É, portanto, no significante que se reconhece o significado. É com esse movimento de significações que Dulce, esperando, recebendo, lendo, respondendo e guardando as cartas que Jane lhe remete, faz crê que ela ainda continua viva e, assim, também constrói o seu outro.

As cartas são também concebidas como fontes potencialmente portadoras de memória, cujas narrativas são carregadas desse tempo descontínuo e fragmentado - o tempo da experiência. A memória guarda lembranças que, ao ser recordada, traz de volta o que ficou inscrito nas experiências. É essa memória da experiência vivida que leva Jane, a pessoa que escreve, a selecionar os acontecimentos que as cartas devem absorver. Portanto, escrever cartas passa a ser um constante exercício de reinvenção da vida, uma vez que as memórias ali postas remetem a escrevente ao deleite do espírito, essencialmente quando a memória dá visibilidade aos múltiplos cenários do tempo redescoberto. É lá, nesses cenários, que acontecem os reencontros com pessoas, lugares, afeições, cores, vozes, rostos, concepções e comportamentos. É neles também que Jane reencontra as lágrimas, os sorrisos e as saudades.

A relação entre o pensar e o ser, instrumentalizada pela inteligência, formula impressões que, ao codificar-se na memória, manifestam-se nos desejos, nas paixões, nas

escolhas, etc. Assim sendo, as lembranças que lastreiam as correspondências são sempre os cenários vividos, cujas imagens percebidas são o testemunho do acontecido. As imagens são seladas na linguagem e articulam uma rede de relações interativas com seus correspondentes.

As cartas falam de uma memória que registra seus marcos através dessa linguagem operada como instrumento de poder e sedução, e estes *remetem ao encantamento do outro que, no registro do falante, tranqüiliza-se ao penetrar em sua escuta e aprisioná-lo na teia de significados que a narrativa oferece. [...] Assim a linguagem, a partir da razão narrativa, registra contornos presentes no falar dos sujeitos, demonstrando o acontecido nas dobras do tempo, como um evento que se caracteriza pelo pressuposto da verdade vivida.*¹⁸

Os fragmentos dessa memória se espalham e se recolhem nos territórios das práticas da militância de esquerda armada que, por sua vez, reaparecem de uma forma quase mística. As lembranças não se remetem a um passado que passou, mas as suas mechas que ganharam significações nas marcas de um tempo descontínuo, cujos fragmentos são capazes de revelar a teia de sentimentos afetivos com aquele passado.

O reencontro das experiências com suas verdades construídas possibilita rever os retalhos de vida que ficaram espalhados pelo passado e que, ao se atualizarem no presente, readquirem outras significações que, inevitavelmente, remodelam o sentido de viver dos sujeitos. O viver parece consubstanciar-se na intensa experimentação das práticas sociais e da luta revolucionária. É dessa forma que as cartas escritas por Jane Vanini e guardadas por Dulce são também as memórias de uma paixão política alimentada pelos episódios

¹⁸ GROSSI, Y. S., FERREIRA, A. C. *Razão narrativa: significado e memória*, 2001, p. 30.

vividos e experimentados por vários atores que, acreditando e encenando seus papéis, deixam suas marcas na simbologia de uma época - os anos rebeldes.

Mundos plurais, vidas singulares

Cartas, sempre cartas. Elas são curiosas e produzem outras curiosidades se se considerar enquanto partes constituidoras de um tempo e de pessoas singulares. O conteúdo de uma carta possibilita sempre ao leitor projetar, na imaginação, um espaço capaz de configurar todas as cenas que são descritas e enunciadas pelo conteúdo que apresenta. Elas, as descrições, são representações das verdades do emissor, as quais atualizam informações, (re)formam cenários e (re)formulam emoções.

Considerando que o que se escreve é a codificação de uma oralidade, a escrita de uma carta também remete ao manuseio de detalhes na construção do que se quer noticiar, para que a compreensão e a assimilação sejam as mais próximas daquilo que propositalmente se diz. Não se trata de regras ou modelos pré-estabelecidos para a feitura de uma carta, mas de sintonizar a emissão de sentidos entre o que se escreve, o que está escrito e o olhar do leitor.

Essa cadeia de sentidos se faz imprescindível quando as correspondências tratam de relações afetivas e familiares. Assim, são as cartas escritas por Jane e recebidas por Dulce Vanini, nos idos de 1970:

Espero que todos estejam bem. Somente agora lhes pude escrever e espero que me escrevam rápido mandando notícias de todos e de tudo. [...] Escrevam-me bastante. Gostaria de receber uma carta de cada um de vocês todos: irmãos, sobrinhos, sogros, cunhados, pais, e companheiros, caso já tenha algum aí. (carta 02)¹⁹

O Mário recebeu outro dia uma carta de Da. Maria em que ela diz que não estão recebendo cartas. Eu tenho escrito sempre, com muita regularidade. Recentemente escrevi a Magali, Cida,

¹⁹ Carta de Jane Vanini, não datada, assinada por Ana.

Jorginho, Dulce, mamãe, Lena e Nícia. Ainda não recebi resposta de nenhuma dessas cartas. (carta 10)²⁰

Bem, Madrinha, vou ficar por aqui. Um grande abraço a todos e escreva-me bastante, não sabe como fico ansiosa para receber carta de vocês. (carta 14)²¹

Há vários dias já escrevi a senhora, a mamãe e a papai e até agora não recebi resposta de ninguém. Além disso se contam as cartas que receberam de minha parte e se eu conto as cartas que recebi de todos vocês, vão ver que tenho saldo a meu favor. (carta 16)²²

...recebi tua carta e logo logo vou escrever mais. Vou aproveitar a carta do Sérgio para escrever um 'bilhete'. (carta 19)²³

Receber uma carta sua é sempre um reconforto. [...] Escreva logo avisando se recebeu esta ainda que seja somente dizendo: recebi sua carta 23.01.73. (carta 24)²⁴

Diga a Jorginho que ainda não recebi a resposta da carta que lhe enviei por último. A (carta) que a Cidinha disse que me mandará tampouco chegou. (carta 25)²⁵

Faz tempo que não recebo nenhuma carta sua. Vou ver se tem carta todos os dias e nada. (carta 27)²⁶

Finalmente recebi sua carta. Estava preocupada [...] Nestes dias vou escrever a papai e mamãe. (carta 28)²⁷

Querida madrinha: Faz mais de um mês que lhe escrevi e até agora não tenho resposta. Tomara que estejam todos bem e que tenham recebido minha carta anterior e entendido tudo. (carta 30)²⁸

²⁰ Carta de Jane Vanini, datada de 07.09.72, assinada por Ana.

²¹ Carta de Jane Vanini, datada de 19.10.72, sem assinatura.

²² Carta de Jane Vanini, sem datação, assinada por Ana.

²³ Carta de Jane Vanini, datada de 21.12.72, assinada por Jane.

²⁴ Carta de Jane Vanini, datada em 23.01.73, assinada por Jane.

²⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 05.04.73, assinada por Ana.

²⁶ Carta de Jane Vanini, datada em 25.05.73, assinada por Ana.

²⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

²⁸ Carta de Jane Vanini, datada em 18.07.73, assinada por Carmem.

Nos trechos dessas cartas, nota-se a ansiedade de Jane. Primeiro, a reafirmação dos laços familiares, sentimento próprio de quem está longe, afastada de suas referências afetivas mais seguras e vivendo uma experiência social e política muito tensa. Segundo, a dúvida sobre o itinerário de suas cartas: chegam aos respectivos destinatários?

Em todos os fragmentos aqui apresentados, estampam-se o sentido de tempo, os laços afetivos e a busca declarada de uma validade das escolhas no espaço familiar. O envio de correspondências a todas as pessoas da família, citando com frequência os graus de parentesco e nominação dos destinatários, expressa um sentido de “vida familiar” que talvez seja capaz de reconstituir um universo já conhecido.

A carta é uma representação simbólica da vida, mas só adquire este sentido na troca das correspondências, pois é na relação entre remetente e destinatários que se processam as identidades das pessoas envolvidas. Essa operação de identidades acontece na mediação dos assuntos que, por sua vez, estabelece o diálogo íntimo e espontâneo entre os correspondentes. Ali está o sentido de ser necessário receber *uma carta de cada um de vocês todos: irmãos, sobrinhos, sogros, cunhados, pais, e companheiros, caso já tenha*

algum aí.(carta 02) Então, para Jane Vanini, cada carta significa recolocar-se como uma pessoa da família, lutar pelo seu lugar e não ser esquecida. Nessa perspectiva, é dramática a vida daqueles que se afastam e fazem da luta revolucionária uma escolha pessoal de vida.

Não há fronteiras demarcadoras entre a vida pessoal e a luta, ao contrário, há uma troca mútua de valores que, ao longo da vida ou no decorrer das lutas, vai sendo construída, experimentada e incorporada. A individualidade das pessoas se atualiza

continuadamente as relações articuladas e combinadas nas dimensões do mundo simbólico. É a mobilidade dos signos que codifica e internaliza a cadeia das sensações de quem escreve, ao mesmo tempo em que as exteriorizam para os leitores de cartas pessoais. A palavra escrita tem uma função libertadora na dimensão do imaginário e permite superar desencontros e rivalidades. E, em particular, quando se trata de cartas familiares, cuja força motriz é a iniciativa de escrever e a espontaneidade de acomodar a comunicação. Então, não é Jane que detém a escrita das cartas, é a necessidade da escrita que a detém.

Há um visível gosto e um desejo quase compulsório de escrever a todos e, de todos receber cada resposta. Essas correspondências são marcadas por um estilo próprio, que corresponde a uma organização de assuntos que interessa mais a Jane que a outrem. A idéia que exprime essa especificidade é a de que os textos estão quase sempre informando, descrevendo, opinando e, raras vezes, respondendo algo.

Em todos os trechos, sobretudo os últimos, a militante Jane sinaliza uma preocupação com a probabilidade de cessarem as correspondências. Essa particularidade, constante nos seus registros, demonstra que ela sempre se coloca numa situação de risco, e também revela uma afeição imensa que ela nutre por todos os entes queridos, construída ao longo do convívio familiar. É o tempo reencontrado que não pode ser desfeito. A eminência da interrupção abala a alma, uma vez que a carta continuada significa o consentimento de si mesma. E em cada destinatário, a certeza do assentimento individual.

Percorrer a história de vida de uma militante de esquerda, suas ações políticas, seus testemunhos e seus embates, leva à busca de uma outra indagação: a militância, sendo tão intensa como se revela, que espaço e que tempo existem para a vida privada dessas pessoas? Que vida pessoal tem uma militante? Que situações domésticas vive Jane Vanini? Além da luta que registra, dos acontecimentos que narra, da exposição de suas

escolhas políticas que aparecem de forma plena e despojada, as cartas também mostram aspectos comuns, banalidades talvez, que revelam uma outra Jane - a pessoa orgânica e individualizada.

...Gostaríamos que vocês me enviassem algumas coisas, caso ainda existem. Trata-se de minha japona azul, da bota forrada, da saia de lã de xadrez escocês, japona do Sérgio, capa espanhola dele e alguma blusa de lã, se por acaso houver ainda. (carta 02)²⁹.

...Não pensem em comprar coisas para mandar-nos. Estamos bem, e só pedimos as roupas porque a facilidade é muito maior tendo bastante, mas não estamos passando frio, estamos bem. (carta 05)³⁰

Esses trechos acima selecionados e expostos mostram a disposição de Jane, juntamente com seu marido Sérgio Capozzi, em fixar-se no Chile e recompor todas as situações da vida cotidiana que se destroçaram com a perseguição policial militar no Brasil, anos antes. Daí, a necessidade de conseguir vestuário e, em particular, aquelas mais convenientes: as peças que protegem do frio.

Os reiterados pedidos de envio de objetos pessoais e, com maior frequência, peças do vestuário, apontam as dificuldades da vida material com que o casal chega ao Chile. Essa interpretação é possível, se se considerar que uma boa quantidade de roupas significa minimizar parte das dificuldades materiais da vida diária do casal.

Na deliberada intenção de conhecer mais a fundo a vida privada da militante Jane Vanini, não se pode deixar de passear pelas cartas seguintes:

Meus queridos:

Ontem um companheiro conseguiu retirar as roupas da aduana e me entregou. Foi uma alegria rever nossas coisas antigas, e

²⁹ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

³⁰ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

um prazerzão receber tantas coisas bonitas. As blusas feitas na máquina pela madrinha são as mais lindas e bem feitas que já vimos. O cachecol da Lena e o colete da mamãe são lindos de dar inveja a qualquer um. A boina, a meia e as sapatilhas me fizeram muita falta no inverno. Uma companheira me emprestou um cachecol que me quebrou o galho porque comecei numa época a ficar com dor de garganta pelo vento frio no pescoço. Agora já não tenho nenhum problema desses, não é mesmo? Como não queria comprar muita coisa, quis bancar a valente e agüentar o inverno com meias normais e foi fogo, ou melhor, foi gelo. Depois mesmo com as meias de lã daqui me saíram savanhões nos dedos dos pés. Ficam inchados, vermelhos, às vezes coçam muito, se aperta um pouquinho dói à bessa e pode até ficar ferido. Como eu tenho má circulação sangüínea quando começou o inverno comecei a criar savanhões, mas tratei em tempo e não me deram muitos problemas. O pessoal aqui adorou o joguinho de sapatilhas e colete. Vão copiá-los. O que sei que vou usar ainda nesta época é a boina, pois já não faz frio com exceção de alguns dias. [...] Uma coisa que me deixou chateada, porque sei que a madrinha vai ficar chateada é que nenhuma das blusas que ela fez me serviu. Ficaram muito grandes e serviram perfeitamente para o Mário. [...] Essas 2 blusas, êle disse que vai usar somente para as grandes ocasiões. (carta 13)³¹

Agora é setembro de 1972. Pelos termos dessa carta, parece que a florada da primavera também colore os tempos de Jane Vanini. As expressões remetem o leitor a um cenário ímpar de satisfações plenas. Nem parece com o ocorrido há duas semanas antes, quando os fatos políticos transportam-na para o tempo das incertezas. No instante em que ela escreve essa carta, os conflitos entre grupos sociais de representações distintas e os chilenos em turnos de vigilância, contra possíveis embates, estão do “lado de fora” de Jane

³¹ Carta de Jane Vanini, datada em 29.09.72, sem assinatura.

Vanini. O “lado de dentro” desfruta da comoção de reencontrar-se no drapeado de um outro mundo - o seu mundo privado. Contudo, isso não significa que a vida de militância de esquerda permite configurar os espaços do público e do privado distintamente. Pelo contrário, ambos se entremeiam de forma muito intensiva.

Durante as experiências da luta revolucionária, os tempos e os espaços são múltiplos e simultâneos, e nos quais as ações urgentes e necessárias fazem com que um invada o outro sem licenças e sem constrangimentos. O reencontro com seu mundo privado não acontece por uma escolha simples, mas por um momento circunstancial: receber os pertences pessoais tão desejados. Nota-se que em todo o texto há um relevo especial nas palavras que tentam qualificar os objetos. A *alegria de rever coisas antigas e um prazer de receber tantas coisas bonitas* torna-se quase indescritível para expressar a resignificação do valor afetivo que cada peça adquire.

Os espaços ocupados por: *foi uma alegria..., coisas bonitas..., mais lindas e bem feitas..., lindas de dar inveja..., o pessoal adorou o joguinho..., vão copiá-los..., usar somente para grandes ocasiões...*, são territórios que indicam superioridade, exaltação e unicidade dos objetos. Não é que os materiais tenham necessariamente esses predicados, mas Jane os têm com essas proeminências. Ela os percebe como únicos e os vê como diferentes de quaisquer outros, porque ela sente e fala de sua significação e não de sua utilização.

A prática da militância, atravessada pelos riscos, medos e fugas, leva os militantes a abdicarem da normalidade de suas vidas, o que implica também numa perda da convivência com os objetos do cotidiano e seu mundo simbólico. A sobrevivência, por ser necessariamente inventada todos os dias, conduz a uma outra forma de perceber-se nos mundos plurais em que cada pessoa encontra-se envolvida, sem, contudo desfazer-se da

cadeia identitária construída, em tempos passados, numa relação simbólica entre outros objetos e outros indivíduos. É no distanciamento dessa identidade que o ex-militante Herbert Daniel declara:

*...A falta que os objetos deixam é como marca e símbolo: uma necessidade de se continuar nas coisas que a gente faz [...] Aí a gente vê, nessa ausência, a gente mesmo como era. Por isso vamos carregando aparentes inutilidades vida afora: memória viva. Ao termos de abandonar drasticamente nossos pequenos cacos perdemos contato conosco mesmo, a vida passa a ser descontínua. Cacos.*³²

Na busca de compreender a complexa imbricação entre significante e significado, e mergulhando nos signos em que Jane deixa-se transparecer, os objetos são o seu significante e vêm carregados de significados. O significante isolado não tem sentido, porém, na rede de relações que lhe é incorporado, produz múltiplos sentidos e irradia suas significações.

Nesse encadeamento de múltiplos sentidos é que Jane afirma não haver desespero em *receber as coisas*, mas um desejo de sentir-se *ligada a todos vocês* pela valoração que vem junto a *todas essas coisinhas sentimentais*.

Na expectativa de que Dulce viajará ao Chile, Jane, pelas dificuldades materiais em que se encontra, aproveita para anunciar que: *...estou mandando junto esta lista de coisas que quero que a senhora traga para mim, mas apenas se existe ainda...* (carta 16)³³

1. Aquela blusa azul de tricô-lã igual a vermelha que a senhora mandou na encomenda. Aquela outra cor de cenoura.

³² ALMEIDA, M.H.T., WEIS, L. *Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*, 1998, pp. 381-382.

³³ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

2. A sandália franciscana que eu tinha. As bolsas esporte que estiverem por aí. Aquela cor de couro pequena, que eu sempre usava, uma grande parecida um saco de levar no ombro, que foi a última que comprei. (É meia marrom com alguns desenhos).

3. um pijama de lã e uma camisola daquelas que a Da. Maria me fez

4. Não me lembro bem, mas me parece que eu tinha um par de luvas negras. Se a encontras por aí, pode trazê-la, tá?

5. Leite de colônia (isso eu não tinha, se der me compre, tá?)

6. Qualquer daquelas pantalonas que a mamãe e a Magali estavam fazendo para mim e se der com algum retalho porque aqui se usa bem comprida e creio que elas vão estar bastante curtas para mim (além de folgadas porque creio que estou mais magra que quando estava aí).

7. O meu biquíni se é que ainda existe. O cor de vinho, o amarelo não.

8. Pelo menos 3 daqueles abridores de lata mais simples que a gente usa aí no Brasil. Dos mais simples mesmo, que as vezes vem até como brinde em alguns produtos. Os daqui são muito complicados e não funcionam muito bem. E eu quero dar um a pelo menos 2 casas amigas.

9. O meu fichário coberto de couro que o papai fez para mim.

10. Semente de manga (umas 3)

13. Traga-me um grande abraço de todos, tá?

Conforme disse na carta anterior, esta era apenas uma lista e não carta, para que a tivesse a mão e lhe fosse mais fácil juntar tudo. (carta 17)³⁴

³⁴ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

Um detalhe que chama bastante a atenção do leitor em boa parte das cartas de Jane é a incidência de expressões como *...se houver ainda, ...caso ainda existam, ...se é que está aí, ...que foi feito das nossas coisas* e outras mais. São situações que podem ser compreendidas de duas formas: a primeira diz respeito às *coisas* que sobraram e foram devolvidas à família após a tomada do apartamento pelo cerco policial-militar da Operação Bandeirante - OBAN³⁵; e, por último, as *coisas que ainda existem*, ou que alguém pode estar usando ou guardando. Guardar pertences pessoais de outrem é uma forma simbólica de poder guardar pessoas, pois, mesmo ausentes continuam presentes.

Não há um contentamento em receber esses objetos apenas porque são pertences pessoais, até necessários para a utilidade da vida individual, mas porque cada um deles tem incorporado na sua essência, uma simbologia, pela qual, a vida ganha feições de felicidade e de prazer. Na relação que se dá entre quem envia e quem recebe os objetos, está a significação das atitudes: são valores sentimentais refeitos, renovados, reeditados, manifestados na ação fraternal, aceitação, carinho, proteção, segurança, afeto, acolhida, entre outros, que se efetivam em cada peça que, de forma quase mágica, sai de dentro do pacote de encomendas recebidas.

...Estou chateadíssima com a história da encomenda. Não sabe quanto eu sinto. Estava louca para receber as coisas, não porque realmente esteja precisando desesperadamente ou algo parecido, senão porque ia sentir como que ligada a vocês por algo que me fizeram, por alguma

³⁵ Órgão de repressão política, criada em 1º de julho de 1969 e comandada pelo II Exército, mas também integrava militares da Marinha e Aeronáutica, Polícia Federal, polícias estaduais e outros organismos de policiamentos. A eficiência de suas atividades de informação, repressão e controle político serviu de base para criação de outros mecanismos de repressão na "luta contra a subversão", como se costumava chamar. Sobre o assunto, ver: FON, A. C. *Tortura, a história da repressão política no Brasil, 1979 - ARQUIDIOCESE*, de São Paulo. *Brasil: Nunca Mais*, 1985.

roupa antiga minha que viesse e todas essas coisinhas sentimentais.
(carta 08)³⁶

Nesses fragmentos, é possível ver, com os olhos da imaginação, as expressões de deleite que o semblante de Jane debruça em cada gesto proferido diante de cada objeto recuperado. Boa parte desses sentidos está nas mudas palavras, que ao falarem constroem vontades, alimentam desejos, produzem emoções, articulam sentimentos e dão mobilidade às atitudes e comportamentos de Jane Vanini e sua família.

É nessa densidade de signos que o *abraço de todos*, como item da lista de coisas, não figura como o décimo terceiro objeto da lista, assim como todos os outros itens não são apenas objetos de uso pessoal, são, sobretudo, afeições construídas na relação entre Jane e *todos*. O olhar propositalmente dirigido, o toque de pele, o procedimento do outro e até a empatia constroem para cada um, que compõe o *todos*, uma significação que tende a ser direta, intransferível e singular. Portanto, tudo e todos, numa teia de significações, constituem a cadeia relacional que dá sentido à vida, seja da pessoa comum, seja da revolucionária.

É nessa dimensão de vida que Jane Vanini, endereçando uma de suas cartas à família, que dirige-se aos *Queridos todos*, fazendo uma declaração de amor:

Tenho muitas saudades de todos vocês. Eu os quero muito e esse amor que lhes tenho é multiplicado quando vejo alguma criança como os sobrinhos ou os companheiros mais velhos com a idade de meus pais, ou de meus irmãos e irmãs. Espero que algum dia estejamos juntos e livres mas se não alcançamos, não importa tanto, importa realmente que a sociedade que legamos aos nossos 'herdeiros'

³⁶ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

possua muito de nós mesmos, do nosso esforço, de nossos ideais, de nosso amor. (carta 12)³⁷

Aqui, justifica a sua ausência e a separação física entre ela e *todos*, com a luta pela liberdade, e espera ter o reconhecimento de todos, porque a essência do convívio em sociedade está na ação política, na convicção e na conduta que cada pessoa, enquanto viver, é capaz de emprestar ao mundo.

O último enunciado do trecho acima exposto dá visibilidade ao campo das emoções e das sensações incorporadas tanto à militante quanto à pessoa individualizada de Jane Vanini: a concepção e a vivência do amor fraterno que também se transforma em fraternidade política.

Enquanto isso, nas ruas de Santiago, enfrentam-se os combatentes. De um lado, os militantes de esquerda e os simpatizantes do governo unem-se nas estratégias e disseminam-se pelos diversos espaços políticos na defesa do projeto socialista chileno; no outro campo, estão as forças opositoras que se articulam contra um governo legitimado, mas que suas ações invertem a lógica social até então vivida. Os conflitos tendem a se intensificar porque os dois grupos acreditam em suas aspirações e em suas táticas de luta.

Jane Vanini é uma militante que age o tempo todo. Seja trabalhando para assegurar sua sobrevivência pessoal, na luta política para a construção do socialismo chileno, nos grupos voluntários que atuam em creches, escolas, ruas, armazéns, na vigília das fábricas e instituições públicas, seja nas lides domésticas, ela é uma pessoa de constantes ações. Pelo conteúdo das cartas, percebe-se os múltiplos arranjos de vida construídos por ela nos espaços público e privado, os quais dão conta de ajustar a

³⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 15.09.72, sem assinatura.

militante, a companheira, a voluntária, a trabalhadora e a mulher que cozinha, costura, fotografa-se e, em especial, não abdica de sua singularidade feminina.

É vivendo essa multiplicidade de ações que Jane encontra apoio para a vida, ao buscar a ajuda material da família e, por isso, situações domésticas tão particulares aparecem nas correspondências com sua irmã:

...Como vai a máquina de tricô? Quero receber algum presente feito pela senhora quando a madrinha vier. Aqui usa tudo muito apertado e curto no caso de blusa. Além disso creio que estou mais magra do que antes. Como diria a Magali, estou elegante. [...] Mandem-me receita de bolo de queijo e de algumas coisa mais tá? (carta 07)³⁸

Já vimos que é tremendamente complicado tirar a encomenda [...] não vou querer que vocês fiquem gastando tanto nas roupas como nos fretes para mandar-me coisas. A roupa de lã ainda tem sentido porque o frio aqui é de lascar... (carta 08)³⁹

...Quando a minha madrinha vier me tras aquelas (roupas) que por ventura algum de vocês já começou a fazer... Quando a aeromoça vier a Chile, peça-lhe que traga um vidro de leite de colônia que me faz uma falta tremenda...(carta 10)⁴⁰

Pedi a madrinha que traga aquele fichário que o senhor me encadernou. Tomara que ainda esteja por aí. Não quer me fazer uma alpercata ou um tamanco daqueles que o senhor me fazia no sítio? Gostaria bastante. (carta 23)⁴¹

Soube que o seu Zé vem visitar o Sérgio. Se der peça-lhe que traga alguma coisa dos meus discos de música brasileira, livros [...] Gostaria que me mandasse aquela saia negra de crochê que eu

³⁸ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

³⁹ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

⁴⁰ Carta de Jane Vanini, datada em 07.09.72, assinada por Ana.

⁴¹ Carta de Jane Vanini, sem data, assinada por Ana.

tinha se é que está por aí [...] Não te esqueças das minhas receitas.
(carta 28)⁴²

No vai-e-vém de cartas, que incluem pedidos e envios de objetos de uso pessoal, nota-se um empenho muito grande de Dulce que, embora correndo todos os riscos de perseguição e censura, se revela na relação de cumplicidade. Em, ... *a encomenda chegou, mas ainda não pude retirá-la. São tantos os papéis que se necessita que é quase impossível consegui-los todos. Hoje um amigo ia ver se resolvia tudo para mim...*(carta 12), percebe-se que para Jane, a condição de ser estrangeira, clandestina, amparada por organizações partidárias nem tão consolidadas e vivendo num país sacudido por muitos conflitos políticos, impõe-lhe algumas limitações, e por isso observa-se uma certa lentidão para estabelecer a normalidade da vida.

Como qualquer outra pessoa, um dos fatores que muito incomoda Jane é a dependência de alguém para resolver situações inteiramente particulares. É o caso da retirada das “encomendas” que lhe chegam ao Chile, seja pelo correio ou por empresas aéreas. Por mais que possa parecer solidariedade dos companheiros de luta, a ação da retirada dos objetos, além de importunar a vida do outro, o outro lhe importuna por intrometer-se em sua privacidade, ao testemunhar o trânsito de suas intimidades.

Outro dia escutei uma música argentina, com um cantor argentino chamado Piero é é muito bonita. Quando puder vou comprar o disco e quando puder vou enviarte. Tem uma parte que diz: Viejo, mi querido viejo... e quando a escutei me lembrei do senhor. (carta 15)⁴³

O senhor não me escreveu se chegou a fazer o abajour que eu expliquei naquela carta. Esse abajour é para por em lâmpadas que

⁴² Carta de Jane Vanini, datada em 12. 06. 73, assinada por Ana.

⁴³ Carta de Jane Vanini, datada em 31.10.72, assinada por Ana.

ficam penduradas no teto. Em geral se faz de cores que combinam ou com a colcha ou com os móveis, ou com a cortina, dependendo da casa e da peça onde se vai colocá-la... (carta 28)⁴⁴

Aqui, percebe-se as dificuldades de Jane e Sérgio viverem uma vida “a dois” num mundo em que faltam territórios de referências mais firmes. A tensão política que experimentam atravessa tanto a vida pública quanto a privada. Assim, organizar essa vida comum, em meio às tempestades da luta revolucionária, pelo visto, é uma condição difícil e frágil. Nessa perspectiva, a lista de coisas que compõe uma de suas cartas, as peças de roupas e outros pertences pessoais, incluindo o *abajour*, representam momentos importantes da sobrevivência pessoal.

A figura do *abajour* parece ganhar um destaque especial. Ele não é aquele em que se põe as lâmpadas que ficam penduradas no teto, combinando com o estilo do ambiente, mas o adorno que veicula e revigora a afeição entre pai e filha. Ele, o *abajour*, é também a busca da bênção do *Viejo*. Na avidez do afeto familiar e na arte do argentino Piero, Jane reencontra seu velho e querido pai. O velho artesão que faz encadernações, *abajour*, fichários, alpercatas e outras coisas mais.

É impossível separar o tempo da ação política e o tempo da ação existencial. Ambos, não apenas se cruzam nas práticas, invadem-se simultaneamente. São vidas definidas num tempo que confina no mesmo espaço, fisionomias públicas e privadas, a pessoa e a militante. É com esse caráter que as cartas apresentam mudanças bruscas de assuntos, misturando humor crítico, solicitações, conselhos, sentimentos afetivos, relações familiares e outros aspectos individuais da sobrevivência e da vida pessoal.

⁴⁴ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

As palavras só ganham sentido quando articulam os signos e, por conseguinte, instrumentalizam, pela comunicação, o exercício simultâneo das práticas. A escrita é a significação dos desejos e só assim é que as cartas de Jane Vanini produzem o movimento das atitudes comportamentais, dando visibilidade às práticas cotidianas.

Minha carta será bastante breve. É só para contar-lhes que ontem nevou à beça pela noite e pela primeira vez vimos a neve. Ficamos em um apartamento bastante alto vendo a chuva e quando se amontoou um pouco de neve na rua nós descemos para brincar. Nos atirávamos neve, corríamos, deslizávamos nela e tudo. Nem sentíamos o frio com exceção das mãos e dos pés que estavam molhados e gelados. Tudo ficou branquinho, muito bonito. Tivemos sorte de que nevasse no primeiro ano que passamos aqui. No sul é claro que sempre neva, todos os dias, mas aqui é bem difícil. Não vejo a hora de que limpe um pouco o tempo para ver a Cordilheira que deve estar toda branca. Não imaginam o bonito e divertido que é estar no meio da chuva de neve. Hoje faz um frio danado. (carta 04)⁴⁵

Essa carta é datada pelo inverno chileno. Para Jane, uma moça do interior do Brasil, o momento é oportuno e singular: o acesso às belezas naturais dos povos andinos, cujos símbolos são a Cordilheira e a neve. O deslumbramento com a paisagem que testemunha e a necessidade do registro do que vê assinalam conhecimentos sobre outros mundos e outras culturas. Dessa forma, é que a *carta será bastante breve*, enquanto que a escrita das impressões parece eternizar a pureza dos sentidos que, por sua vez, tornam imensuráveis as sensações.

Jane está em Santiago e se encanta com o lugar. Nos primeiros meses de 1972, apesar da neve e muito frio, o tempo no Chile é agradável e, de presente aos olhos, vê-se a

⁴⁵ Carta de Jane Vanini, sem data, com início de assinatura de Ana.

Cordilheira dos Andes, também para ser absorvida pelo espírito de quem a contempla. Em suas palavras, ela quer compreender aquele lugar que tem uma temperatura média acima dos trinta graus centígrados e onde chove pouco. Até parece contraditório, a presença da neve e o *clima tão seco que a pele da gente fica totalmente seca e estou com ela toda rachadinha, é como se tivesse uns 50 anos (exagerando um pouco)*. (carta 07). A neve é um espetáculo que a natureza presenteia os humanos, e conduz todas as idades à pureza da infância. São os encantos de criança que se manifestam em Jane ao conhecer o inverno chileno e assim, seduzida, relata seus prazeres aos familiares.

Se não houvesse nenhum registro cronológico nas correspondências em análise, certamente alguns detalhes reveladores da intimidade daquela militante marcariam os traços das temporalidades vividas. Um desses detalhes, que chama a atenção de qualquer leitor das cartas, é o pedido de envio de dois objetos que emitem a significação de seu tempo: o leite de colônia e o rádio de pilhas.

Os anos 60, como se convencionou chamar, são essencialmente o tempo das cidades, que significam, em especial, o progresso e a modernidade. Elas, as cidades, são os teares das relações políticas, sociais, econômicas, religiosas e culturais das comunidades em geral. E as relações pessoais são, em grande parte, veiculadas por emissoras e aparelhos de comunicação. No Brasil, ganham destaques especiais a televisão e o rádio. Este último alcança uma popularidade pela praticidade, utilitarismo e fácil aquisição, pois acomoda-se em qualquer lugar, toca música, traz o noticiário, transmite o jogo de futebol, estabelece o correio sentimental e veicula compromissos entre as pessoas, além de tornar-se acessível pelo seu valor monetário relativamente baixo.

Todos esses atributos fazem do rádio um objeto de desejo e necessidade. É no conjunto desses aspectos que Jane, na possibilidade de receber a visita de Dulce, lhe pede um presente:

E por falar em presentes vou pedir um, tá? Aliás, como deve ser caro, façamos um negócio: a senhora traz um rádio a pilha ou elétrico ou que possa ser usado de uma outra forma que eu aqui te pago o equivalente em coisas que a senhora queira levar, tá bom? Os rádios bons aqui, com ondas curtas etc., são importados e saem muito caro e creio que já nem se importam para economizar divisas. (carta 29)⁴⁶.

É importante observar que o depoimento *já nem se importam para economizar divisas*, não significa um ato de negligência com a economia interna do país, mas uma questão menor se se considerar a fragilidade do momento político que vive o Chile. É começo de julho de 1973 e o alerta de 29 de junho último, quando os tanques blindados do Exército e alguns militares insistem em levar a cabo uma tentativa de golpe de estado, aponta para a exaustão dos limites máximos dos conflitos, em breve.

Dentre todas as funções mencionadas sobre o rádio, o presente esperado por Jane significa também e, sobretudo, uma sintonia direta com a rádio da Unidade Popular, que transmite, na íntegra, as falas oficiais e os comunicados do presidente chileno Salvador Allende. Por outro lado, a ação de presentear, entre outras, leva a perceber que para Jane, a família representa o vínculo direto com o mundo do consumo.

Entre as décadas de 1960 e 1970, a população brasileira é embebida pelos ares da modernidade, cujo formato é definido pela incorporação de novos padrões de consumo à vida cotidiana das pessoas. Desde o surto industrial do Estado Novo, passando pelo

⁴⁶ Carta de Jane Vanini, datada em 06.07.73, assinada por Ana.

desenvolvimentismo de JK e chegando ao “milagre econômico”, o Brasil desponta na América Latina como nação que se moderniza e marcha para o progresso. Fabrica quase tudo: aço, petróleo, estradas, eletrodomésticos, aviões, alimentos, medicamentos, vestuário, calçados, artigos de higiene e até cultura. As fábricas passam a compor os parques industriais e o comércio se moderniza, trazendo o supermercado e o *shopping center*, como ícones dessa época.

Em meio a todas essas atualidades, o cuidado e a exposição gradativa do corpo aparecem com especial destaque. As fisionomias masculinas e femininas passam a ter contornos mais delineados. Os concursos de beleza vão definindo um padrão estético para a inclusão social do corpo. Entre outros aspectos, os homens inovam-se com o uso do desodorante, a loção, o creme e a máquina de barbear, pintura dos cabelos, cabelos compridos, barba grande e bonés. Já as mulheres passam a exibir o corpo com mais vaidade e menos censura: inventam e incorporam hábitos como o absorvente íntimo, modelação e pintura das unhas dos pés e mãos, uso de *rouge*, cremes de limpeza e de hidratação do corpo, tratamento e modelação dos cabelos, incluindo o manuseio de objetos como escova, *bobs* e secador, cremes alisantes e tinta para colorir e descolorir os cabelos.

É na condição de personagem de seu tempo, vivendo essas inovações e incorporando parte desses hábitos, que Jane pede para que Dulce lhe faça chegar, pelas mãos da aeromoça, *um vidro de leite de colônia que me faz uma falta tremenda...*(carta10). Esse pedido é feito em setembro de 1972, momento em que ela convive com Tereza Motta e utiliza-se do seu nome para viabilizar a retirada da encomenda.

Nessa mesma avalanche de “novidades” para produzir a personalidade do corpo, as vestimentas revolucionam os costumes da época. Os homens começam a adotar roupas mais esportivas, como por exemplo, camisas mais coloridas, camisetas, bermudas, *shorts*,

calça *jeans* e o tênis que, quase obrigatoriamente, passam a fazer parte do guarda-roupa moderno de homens e mulheres. O mundo feminino incorpora com mais rapidez alguns modelos de vestuário, cujos aspectos espantam olhares conservadores e afrontam hábitos e valores que, até então, compunham a moral e os bons costumes. A alusão recai mais fortemente em dois símbolos que demarcam os territórios femininos da mulher: a mini saia e o biquíni. Além dessas peças, a calça comprida, camiseta, *shorts*, roupas transparentes sem anágua ou coladas ao corpo, que marcam curvas e linhas, juntando-se aos decotes ousados, assinalam um estilo revolucionário que representa a ruptura com os usos tradicionais.

Na intimidade com as palavras, Jane Vanini apresenta as marcas de sua individualidade e com isso constrói a imagem de si mesma. Entre outros aspectos, ela serve-se da linguagem epistolar para pronunciar e firmar, de maneira espontânea, sua condição e natureza feminina, revelando as vaidades e os prazeres pessoais. Num de seus registros, uma ênfase muito particular para uma peça de roupa: a saia.

A saia negra de crochê (carta 28) lhe faz muita falta num guarda-roupa um tanto desfigurado, mas é uma saia escocesa que parece polir sua estima: *Em relação ao envio de roupa...[...] E aquela saia xadrez escocesa que eu tinha, muito bonita, que comprei no Mappin, enviesada e que eu vestia muito, que foi feito dela? A encontraram? Essa eu gostaria que me mandassem se está por aí...*(carta 04). Ao que parece, Jane vê-se bonita vestindo essa saia. A descrição dos detalhes xadrez, bonita, enviesada e de uso freqüente, revela um estilo de apresentação em público e o gosto pela sua definição estética. É um traje que emite sentidos de afeto, bem-estar e elegância feminina. Tanto é, que à companheira do convívio diário convém presenteá-la com uma peça contendo características similares:

Quero pedir-lhe mais um favor, que quem sabe saia um pouco caro, mas no caso vale a pena. A companheira com a qual vivemos está louca por uma saia de xadrez escocês, mas não gostou de nenhum dos que encontramos, assim é que se virem por aí um escocês com bastante cores diferentes e bonito, não precisa ser de lã tão grossa como a minha, pode ser de lã um pouco mais fina, por favor, comprem um corte para ela e mande para cá, tá. Quando vierem por aqui eu a pagarei. Acho que uns 60 cm dá e sobra. (carta 04)⁴⁷

Percebe-se aqui o imperativo dos territórios femininos, os quais sugerem pensar a sensualidade da mulher. Seja curta ou comprida, a saia é um objeto que, para a sociedade latino-americana, remete sua significação à feminilidade, à estética e ao erotismo do corpo. É muito em função desses signos de modernidade, incorporados à vida diária, que Jane, ao tratar de uma possível viagem de Dulce ao Chile, observa e descreve o estilo feminino da mulher chilena:

Aqui usa tudo muito apertado e curto no caso de blusa.(carta 07) ...Aqui se usa basicamente calça comprida para tudo: trabalho, cine, passeios, festas boates, etc.[...] em janeiro o tempo é mais quente aqui e o verão é realmente de lascar [...] os modelos aqui são bonitos e tem um corte bonito também. [...] Aqui não se usa sapatos de salto alto, usa bastante sandálias no verão e uma bolsa esporte sempre... (carta 16) ...Aqui existem muitas coisas típicas bonitas, principalmente de lã, coisas feitas 1ª mão como bolsas, ponchos, blusas, meias, etc., vai poder levar presentes para todos. (carta 29)⁴⁸

⁴⁷ Carta de Jane Vanini, sem data, com início de assinatura de Ana.

⁴⁸ Carta de Jane Vanini, datada em 06.07.73, assinada por Ana.

Na leitura de alguns registros de Jane Vanini, ao que tudo indica, há uma sensação de que o Brasil é um país mais sintonizado com a modernidade, pois no Chile os produtos que são relativamente bons e baratos são roupas e calçados. A roupa de lã ainda tem maior produtividade, não por ser moderna, mas porque o frio é muito intenso, como classifica Jane, *é de lascar*. Estas percepções estão vinculadas aos discursos propagandísticos e às práticas da modernidade, cujos arranjos marcam severamente a superioridade econômica, modelam o padrão de vida material e estabelecem a escalada do progresso, classificando as nações e os grupos sociais a partir dos inovadores hábitos de consumo e comportamentos.

No seu conjunto, as cartas são lugares que potencializam o exercício pleno das liberdades múltiplas, onde a individualidade cria e recria suas tramas íntimas e assim regula suas relações singulares de sociabilidade. São esses espaços singulares e libertadores que produzem os tempos dos desejos e dos prazeres pessoais. Desejo de ver e de estar junto dos familiares: *...Que bom. Vai ser fabuloso encontrar com alguém de vocês. Alguém querido que represente aos demais queridos...*(carta 15). Esse *alguém* é Dulce que não substitui nenhuma outra pessoa, mas para Jane ela reúne em sua figura o sentido completo de família e o significado de solidariedade.

É também o lugar em que Jane pode dar e receber presentes, sem que essas trocas passem pelo terrível julgamento de “desvios burgueses”. Daí momentos de prazer que se realizam em *... Já tenho um presente. Usei umas vezes, mas resolvi guardá-la agora para te presentear quando chegar, porque senão não poderei te dar nenhum presente, para variar, quase sempre estou dura.* (carta 09). Esses fragmentos desenharam as territorialidades que configuram o particular e o público.

Mesmo com todas as singularidades políticas que o Chile apresenta, em que o sonho revolucionário enxerga com nitidez a possibilidade de ser construída uma pátria socialista, a militante Jane Vanini deixa escapar as significações de sua identidade nacional. Saber fazer a feijoada é o usufruto de uma “identidade brasileira”, porque o costume de degustar e consumir feijoada é especificidade brasileira: *...Às vezes quero fazer algum bolo ou comida brasileira e não sei nenhuma receita. A única coisa que aprendi a fazer (e muito gostosa) é feijoada. Só faltam a couve e a farinha que aqui não existe, nem conhecem.* (carta 28) Juntando-se a isso, nessa mesma carta, quando Jane diz: *...Mande-me uma garrafa de pinga, tá? Isso não existe aqui, porque ainda não dá cana-de-açúcar*, há uma declaração de prazer aos costumes, às tradições e aos hábitos que já são incorporados a suas vivências, como parte do seu mundo simbólico.

A feijoada, mesmo faltando a couve e a farinha, as sensações de gosto e de cheiro das frutas, o sabor e o aroma da pinga, são *coisas* muito singulares de uma gente ainda mais singular - a “brasileira”. A saudade do *bolo de queijo e de outras coisas mais* (carta 07), e as lembranças da degustação do doce de goiaba que Jane saboreou em São Paulo (carta 15), revelam que ela continua vivendo o Brasil no Chile, como mostra os recortes a seguir:

Parece que a madrinha vem mesmo, não é? Fale com Marise se me consegue um doce de goiaba como aquele que ela mandou para mim quando eu estava em São Paulo. Sabe que aqui não tem goiaba nem manga. Tem outras frutas que são diferentes das frutas brasileiras, e as vezes a gente se lembra de alguma daí e sente saudades. (carta 15)⁴⁹

⁴⁹ Carta de Jane Vanini, datada em 15.10.92, assinada por Ana.

...Mande-me urgente a receita de torta paulista (aquela com bolachinha e creme de leite nestlé, leite condensado, etc., de Caruru com angu, se sabem e qualquer outra. Principalmente da torta paulista que quero fazer nos próximos dias se possível para uma companheira, tá?... (carta 17)⁵⁰

Tenho saudades da manga, do caju, do mamão, porque aqui não existe essas frutas. [...] Temos em compensação a chicha de uva, de maçã, que é deliciosa, mas são coisas diferentes. (carta 28)⁵¹

O trabalho de Denise Rollemberg,⁵² aponta a crise de identidade que vive os exilados nos países que os recebem. Diante das adversidades que surgem na vida de muitas pessoas que saem do país, a continuidade da militância política por meio do ingresso em

outra organização de esquerda, dá um sentido à vida de quem acredita num projeto revolucionário. É o que acontece com Jane Vanini, sobretudo, por significar uma perspectiva maior de vitória da luta.

Em compensação, o Chile tem *chicha de uva, de maçã, que é deliciosa, mas são coisas diferentes* (carta 28) significa que são coisas chilenas que, até pouco tempo antes, ela não conhecia e por isso não se incorporam com a mesma simbologia. O tempo verbal *temos*, que completa a construção da frase, pressupõe-se pensar que Jane adota o Chile como sua pátria, mas a segunda, pois as sensações de gosto, sabor, aroma, textura de bolos, doces, frutas, bebidas, tecidos, produtos de beleza, objetos, etc., exprimem sua identidade brasileira. Todos esses aspectos mostram que Jane está no Chile, contudo não é uma chilena.

⁵⁰ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

⁵¹ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

⁵² ROLLEMBERG, D. *Exílio: refazendo identidades*, 1999.

Nesses trechos, aparece o caráter ambíguo da identidade da militante refugiada. Há uma sensação de estar fora de seu lugar. A idéia de diferente está escondida e revelada na maneira de dizer, de sentir e de conceber as situações que dimensionam a vida cotidiana no Chile. Presentes em vários depoimentos, essa é uma característica recorrente que se incorporam às experiências de muitos militantes exilados ou refugiados que Denise Rollemberg aponta como sendo:

...a história da desorientação, da crise de valores que significou , para uns, o fim de um caminho e, para outros, a descoberta de outras possibilidades. É a história do esforço inútil e inglório para manter a identidade, mas também a história da sua redefinição e reconstrução, que se impuseram ao longo das fases do exílio e continuaram, para muitos, mesmo depois da volta ao Brasil.⁵³

Uma outra situação que tem uma importância fundamental é a aquisição de documentos de identidade. Na vida clandestina ter um nome fictício, naquela ocasião, significa a tentativa de continuar revolucionário, além de minimizar os controles institucionais a que são submetidos esses estrangeiros em condições tão especiais. Pelo apoio e segurança que representa, Jane Vanini, pode solicitar da família, por várias vezes até insistentemente, seus documentos:

...necessito que a senhora tente conseguir o máximo possível de nossos documentos. Fotocópia, o que for possível. Creio que em algumas das pastas de cartolina que havia em casa ou na casa de Da. Maria havia ou fotocópias do título, da identidade, etc. ou o negativo dos mesmos. Qualquer um serve. Se não conseguir, a senhora tente conseguir nos colégios onde estudei ou prestei exame, no colégio Estadual de São Paulo por exemplo, eles tem a fotocópia da identidade e me parece que do título também, peça emprestado, explique que eu perdi os meus e

⁵³ Ibid, p. 40.

preciso tirar outros e a fotocópia ajudaria, comprometa-se a devolver, mostre seus documentos para provar que a senhora é minha irmã, enfim faça o possível para conseguir uma fotocópia e me mande com a máxima urgência possível. (carta 20)⁵⁴

...pedi faz uns dias e também por telefone que nos enviassem nossos documentos: fotocópia ou negativo que devemos ter por aí ou que é necessário que o peça emprestado nas escolas, sei lá. É muito importante que mandem o mais rápido possível, principalmente a identidade. (carta 21)⁵⁵

Enquanto os documentos do colégio, todos tem que ter firma reconhecida. Realmente não tem problema se a senhora vai ao Colégio Estadual e pede para ver a pasta com meus documentos e copiar os

dados. Diga que eu estou viajando e a senhora tem que preencher um formulário para um concurso qualquer, de escola ou de viagem, ou qualquer coisa e não tem os meus dados e aí é o único lugar onde a senhora pode vê-los. (carta 22)⁵⁶

Creio que a única solução dos dados da CI seria buscar nos meus papéis que sobraram e em alguns que estão na casa de Da. Maria, em uma pasta, num armário que existe no antigo quarto de estudos do Sérgio [...] O fogo no Colégio Estadual quer dizer que tampouco a senhora conseguirá meu diploma? Necessito disso também, se bem que não muito urgente. Tudo deve vir com firma reconhecida. Vou ver se me lembro de algum outro lugar onde pode haver esses dados que necessito. Enquanto isso, busquem milímetro por milímetro na casa de Da. Maria. (carta 25)⁵⁷

⁵⁴ Carta de Jane Vanini, datada em 30.12.72, assinada por Ana,

⁵⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 16.01.73, assinada por Jane.

⁵⁶ Carta de Jane Vanini, sem datação, com assinatura de Ana.

⁵⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 05.04.73, assinada por Ana.

Nota-se que há uma necessidade de restaurar a normalidade plena da vida, recuperar perdas da vida material, social, intelectual e profissional. Nas investigações que faz sobre aspectos da vida clandestina de militantes de esquerda, Denise diz que a necessidade de portar documentos significa a materialização da identidade, pois “os documentos definiam aspectos essenciais do dia-a-dia, a começar pela própria permissão para se estabelecerem, trabalharem, terem direito à saúde, moradia, alimentação, etc.”⁵⁸

É certo que o Chile, até o golpe de estado em setembro de 1973, por ter um governo de alianças que congregava partidos políticos de esquerda, não só acolheu muitos brasileiros exilados e refugiados, como também dispensou um tratamento diferenciado de outros países inclusive socialistas. Um exemplo muito forte que marca a vida de pessoas

clandestinas que vivem no Chile entre 1970 e 1973, é o reconhecimento da nacionalidade chilena aos filhos de brasileiros que por lá nasceram. A falta de documentos, antes de tudo, impede as pessoas de locomover-se e negar a expedição oficial de documentos é uma forma de repressão e controle que as ditaduras exercem sobre os militantes nacionais.

Numa outra perspectiva, essa condição bifurcada entre ser estrangeira e ser revolucionária denota que a militância de esquerda, em sua essência, produz a superação do conceito tradicional de nacionalidade, uma vez que a concepção da luta revolucionária incide sobre a libertação dos povos esmagados pelo sistema capitalista. Isso porém não significa a negação da nação, mas a afirmação desta, com base numa construção da idéia de transnacionalidade, ou seja, uma multiplicidade de práticas políticas e sociais, cujo movimento de suas ações está para além da nação.

⁵⁸ ROLLEMBERG, op. cit. p. 60

Registro Fotográfico: entre a sedução e a memória

Embora o foco da investigação seja o conteúdo de cartas pessoais incorporadas à vida de militância política, nota-se que no espaço das correspondências a referência sobre fotografias é marcante, significando perceber que o registro fotográfico, mais que um testemunho de um instante, é a produção de um discurso que também é parte da vida de Jane Vanini. Um discurso sobre si mesma e sobre outras pessoas, pois a fotografia incorpora um sentido de direção e referências sociais, especialmente, porque os fragmentos registrados possibilitam informar ações e relações entre pessoas, espaços e temporalidades.

Nesse ponto, as fotografias estão pensadas como partes indissociáveis das cartas. O registro de espacialidades e temporalidades, que traz a fotografia, permite construir múltiplos olhares que penetram nas possíveis escolhas das imagens. Os enunciados dessas imagens são produtores de signos não-verbais que ajudam a compreender e reatualizar o passado no presente. Elas, as imagens, são também portadoras de códigos de representação que revelam comportamentos e experiências sociais. Ao trabalhar com mensagem fotográfica, Mauad propõe cinco categorias denominadas de espaços. São eles, o fotográfico, o geográfico, o espaço do objeto, o da figuração e o das vivências.⁵⁹ Nessas categorias, encontram-se conteúdo e expressão, configuração física dos cenários, dimensões

e valorações simbólicas, relações que estruturam o campo das significações e as atitudes humanas conflituosas ou harmônicas.

Olhando dessa forma, há de se considerar que a fotografia é uma construção de imagens que pode produzir mensagens e interpretações das imagens que registra.

E minhas fotos e documentos? Se puder mande algumas fotos minhas e documentos, aquelas que eu tirei no sítio, de calça comprida, de chapéu, às vezes com revólver na cintura, uma que eu tenho sentada no antigo porto da antiga casa do Cabaçal, perto da figueira, olhando o rio e alguma outra nesse estilo. Me lembro que tirei algumas na lage. Mande-me todas que puder tiradas no campo. Na cidade não me lembro agora de nenhuma que eu gostasse. Bom, vê aí, tá? Fiquei contente em saber que a senhora nos mandou uma foto

⁵⁹ MAUAD, A. M. S. A. E. *O olho da História: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos*, 1993. pp. 29/39.

de toda a turma. Mandem mais, quantas puderem. Tenho uma saudade louca de vocês. (carta 09)⁶⁰

Esse recorte da carta enfatiza bem a capacidade do registro fotográfico em construir imagens e disponibilizá-las para diversas interpretações. Os detalhes das fotos que Jane expõe, tais como sítio, chapéu, revólver na cintura, antigo porto, figueira, rio, são autênticas marcas da vida campestre. É o estilo mais “rural”, afastado do consumo e da urbanização das cidades.

Esses termos também revelam a rede de referências familiares. Uma referência singular, individualizada e própria de Jane Vanini, para as pessoas que convivem com ela nesse momento e compõem suas referências no Chile. Os aspectos que constituem os cenários dessas fotografias testemunham sua origem, as relações familiares e as condições de vida material, por isso a ênfase para *mandem-me todas que puder tiradas no campo*.

Numa outra abordagem, é possível afirmar que a fotografia, na condição de representar a presença da pessoa ausente, tem a força de poder recompor o núcleo familiar, imprimindo em si mesmo o sentido de unidade. A necessidade de enviar e de querer receber muitas fotos e de todos, é um traço marcante na reconstituição do convívio familiar tanto para o fotografado, quanto para o receptor, embora isso não resolva os conflitos que porventura existam. Neste caso, para o receptor, a fotografia passa a documentar os aspectos da vida pessoal e social do fotografado e assim, o olhar torna-se mais penetrante nas particularidades do registro que reúnem indumentária, semblantes, expressões corporais, aparências, além de vários outros detalhes dos cenários congelados.

⁶⁰ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

O trecho acima selecionado traz uma outra singularidade da vida pessoal de Jane Vanini: o gosto pela fotografia. A adoção da luta revolucionária, que parece ser a face mais intensa de sua existência, não lhe retira o prazer de fotografar-se, mesmo porque o registro fotográfico é um artifício que possibilita criar várias interpretações de realidades, tanto para o retratado quanto para os receptores.

No consentimento ao ato de fotografar-se, que de maneira geral inclui propósito e intenções, as pessoas são tomadas por momentos de satisfação, especialmente quando são retratos de família. É também a vontade de ver construída a imagem de si mesma, fundamentando-se na idéia de que “a fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”.⁶¹

Analisando álbuns de família, Mírian Moreira Leite afirma a regularidade com que as pessoas se permitem fotografar, considerando a forma, o ritmo, a estética, o significado e a satisfação psicológica que o registro fotográfico proporciona. Nessa mesma direção, ela aponta como motivos de satisfação do registro os seguintes aspectos: “a proteção contra o tempo, que torna a fotografia um substituto mágico do que o tempo destruiu; a comunicação com os outros e a expressão de sentimentos; a auto-identificação, o prestígio social conquistado pela proeza técnica, pela realização pessoal ou pela despesa ostentatória; a distração ou jogo e/ou a evocação da memória evanescente”.⁶²

Aqui é importante ressaltar que Jane Vanini incorpora o hábito e o prazer de ser retratada, o que significa uma marca nos hábitos de consumo da família burguesa, produzindo sentido de inclusão social, pois não é qualquer família que pode fotografar os

⁶¹ KOSSOY, B. *Fotografia e história*, 1989, p. 22.

⁶² LEITE, M. M. *Retratos de família*, 1973, p. 87

seus momentos. Seja na infância, nos carnavais, nas festas de aniversário, adolescência, formaturas, desfiles cívicos ou de moda, mais curiosamente, ela registra também seus tempos de militância política. Além do variado acervo, uma máquina fotográfica é parte de seus pertences pessoais, como consta na carta 29, escrita em julho de 1973, quando também aproveita para informar sobre o uso do dinheiro que recebeu de sua madrinha, que aliás lhe deixa um tanto confortável:

Qualquer dia desses vou te mandar fotos minhas. O problema é a falta de tempo e os filmes que são caros. Minha máquina é de 35mm e os filmes de 400 asas que eu geral uso e estão escassos, porque também é importado. Mas logo logo te mando algumas. Vou comprar filmes com os 200, há, há, há!!" Vou mandar concertar e lhes mandarei algumas fotos, tá? (carta 34)⁶³

Por que Jane desejou fotografar-se durante a prática da militância, um tempo tão conturbado, em que o recomendável não é o registro pessoal? O que significa uma militante fotografar sua imagem no Chile e enviá-la, pelos Correios e Telégrafos, a sua irmã que reside em São Paulo-Brasil? Como se dá a escolha dos cenários fotográficos? Parte dessas questões talvez não seja mais possível recuperar, nem tampouco a fotografia fala sozinha de si mesma, mas permite que seus indícios recriem aspectos capazes de fomentar a investigação histórica. Então, é imprescindível dispensar atenção ao registro fotográfico, uma vez que este possibilita, no seu conjunto, complementar a montagem do enredo.

Que trama histórica pode revelar ou esconder uma produção fotográfica? O "clic" da objetiva registra um instante ímpar de um tempo, num espaço escolhido em função de uma vontade, pois o cenário é construído pela intenção do fotógrafo e do fotografado, ou

⁶³ Carta de Jane Vanini, datada em 04.05.74, assinada por Jane.

de ambos. Seja como for, a cena registrada expressa o assunto que de fato existe. Isso não significa que a fotografia traz em si mesma a expressão da verdade e nem um conhecimento total sobre o passado retratado, mas expressa certamente um sentido testemunhal do instante e ajuda a visualizar e compreender os “microcenários do passado”, segundo Kossoy. Esse mesmo autor, ao analisar o tempo e a realidade no registro fotográfico, diz que “toda fotografia representa em seu conteúdo uma interrupção do tempo e, portanto, a vida. O fragmento selecionado do real, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na bidimensão da superfície sensível”.⁶⁴

Um sentido curioso na fotografia é que seu conteúdo pode revelar informações que ajudam a reconstruir um tempo para quem analisa e reatualizar emoções para quem partilha a convivência com o tempo retratado. Esses desdobramentos revitalizam as imagens congeladas e, ao mesmo tempo, quebram sua imobilidade e as põem em movimento numa continuada construção de significados que brotam do exercício de rememoração.

O registro fotográfico é o resultado de uma vontade deliberada que implica na escolha de aspectos como ângulos, iluminação, planos, enquadramentos, cenários, entre outros, estabelecendo uma estreita relação com objetos, pessoas e paisagens, que são constituidores de uma memória que legitima aquelas escolhas, ao mesmo tempo em que produz um esquecimento sobre as outras lembranças. A fotografia não transmite uma realidade, mas uma relação com ela, ou seja, uma representação desta que permite construir uma significação entre seu conteúdo e sua forma.

⁶⁴ KOSSOY, op. cit. p. 28

Há de fato uma teia de comunicação entre o observador e as imagens fotográficas silenciadas no seu tempo, pois elas são componentes do sistema de signos não-verbais que se caracteriza por estabelecer uma comunicação independente, gestora de múltiplos aspectos culturais. É com esse sentido que Jane diz:

Eu queria tirar uma foto bem chilena e mandar a vocês e pedi uma manta emprestada para a foto, porém agora comprei uma manta para dar de presente a senhora e vou tirar uma foto com ela para te mandar. (carta 24)⁶⁵

O registro fotográfico, por ser um texto visual, leva o leitor a estabelecer uma relação cognitiva entre as imagens congeladas e ele mesmo, na qual se impõe o processamento de informações que se escondem nos vincos dos cenários ou fora deles, porém, na análise de Mírian M. Leite, “como a fotografia acolhe significados muito diferentes na codificação e em possíveis decodificações da mensagem transmitida, as interferências dessas condições alteram e percepção do observador da imagem.”⁶⁶

A relação com a imagem fotográfica produz múltiplos sentidos e imediatos, porque as imagens possibilitam leituras dissimuladas, dispensando mediações. E quando se trata de cenários, cujos comportamentos dos figurantes tem-se um conhecimento prévio, as interpretações parecem mais próximas e os significados mais evidentes. Então, o fragmento acima citado expressa em *foto bem chilena* e *manta emprestada*, a significação do instante, como se quisesse falar: agora é assim, eu vivo o Chile. Essa prática de fotografar-se também sugere pensar a forma mais imediata e mais presente de assegurar

⁶⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 23.01.73, assinada por Jane.

⁶⁶ LEITE, M. L. M. *Livros de viagem (1803-1900)*, 1997, p. 224.

sua integração plena ao grupo familiar, uma vez que o registro fotográfico não reúne, no seu conteúdo, somente as singularidades pessoais dos atores, mas assinala, sobretudo, os papéis e os lugares sociais de cada fotografado.

A família Vanini sempre preserva o costume de expor suas fotografias em fartos álbuns, porém os registros de Jane nos seus tempos chilenos não estão assim dispostos, mas guardados cuidadosamente nos pertences pessoais da irmã Dulce Ana. Essa é uma particularidade que não ajuda a construir um esquecimento, mas algumas folhas de silêncio. Silêncio sobre a ausência, a presença, as escolhas, as paixões, as fugas e as atitudes sobre Jane. Qualquer tipo de silenciamento traz a sensação de protegê-la, quer da repressão institucional, quer das múltiplas opiniões que se formulam e circulam sobre sua conduta, gerando descontentamentos públicos aos quais submete toda a família.

As fotografias “guardadas”, assim como as cartas e outras lembranças, quando olhadas e observadas, provocam rompimentos repentinos desse silêncio que acompanha a história e, dessa forma, arrancam da memória familiar os traços de vida também guardados nas lembranças do convívio. Assim, rememora-se o afeto, revivem-se as relações, recompõe-se a convivência familiar, refazem-se as atitudes e os pensamentos, escuta-se o som das vozes, recuperam-se os traços das feições e os contornos dos sorrisos e dos olhares petrificados no registro. É como se as imagens ganhassem vida e se locomovessem para o espaço do agora. É nessa vitalização das imagens que Jane deseja recuperar alguns registros perdidos:

Gostaria que me mandassem uma foto de vocês outra vez.
Sabe que a que eu tinha me roubaram um dia em que me bateram a
certeira e estou sem nada. Nem da Cida. Nem do Jorge, nem daquela

de papai, mamãe, etc. Qualquer dia desses mando foto nossas. É que temos que tirar ainda e não tivemos oportunidade. (carta 21)⁶⁷

Mande-me foto de todos vocês, tá? E se encontram algumas minhas antigas, daquelas que eu gostava, mande-me também, tá? (carta 25)⁶⁸

Para Jane Vanini, ao que tudo indica, a fotografia é um tempo de sedução que se reedita em múltiplas vontades, uma vez que eterniza seus momentos de prazeres. Seja na rua, no trabalho, ao telefone, nas creches em atividades voluntárias, ou ainda, conservando imagens de cenários, pessoas e objetos, o encadeamento das relações produz signos de uma experiência, mesmo que a fotografia possibilite leituras ambíguas sobre seu conteúdo.

Numa proximidade com as correspondências, as fotografias enviadas a Dulce são instrumentos fascinantes, os quais, detendo informações e enunciando mensagens sobre o cotidiano de Jane, soam como grandes fragmentos de certezas vividas. Com essa significação é que Jane Vanini atualiza um passado no presente e fala do companheiro *gordinho*, mas *simpático*, da *magreza* que não existe mais, da identificação das *crianças* e da feitura de sua *carteira*:

Vou te mandar umas fotos (anteriores às outras que te mandei) em que estou com um companheiro chileno. É meio 'gordinho', mas é simpático e parece que está enamorado. Oh!!... Nesta época eu estava magra, mas afora estou super gorda, assim é que não se preocupem pela magreza minha nessa foto. (carta 32)⁶⁹

Em outra carta lhes vou mandar negativos com fotos nossas. As duas crianças que aparecem são filhos do Pepe. A carteira que aparece comigo, eu mesma a fiz. (carta 36)⁷⁰

⁶⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 16.01.73, assinada por Jane.

⁶⁸ Carta de Jane Vanini, datada em 05.04.73, assinada por Ana.

⁶⁹ Carta de Jane Vanini, datada em 01.02.74, assinada por Ana.

⁷⁰ Carta de Jane Vanini, datada em 29.07.74, Assinada por Carmem.

Qualquer que tenha sido a finalidade das produções fotográficas nos tempos das práticas da luta revolucionária e, em especial no Chile, os registros também expõem a marca individual do fotógrafo. Ele tem um estilo que revela seus valores culturais, sua forma de pensar e sua compreensão sobre estética. Há, portanto, uma cumplicidade entre o fotógrafo e a fotografada Jane.

Seguindo Boris Kossoy, a trajetória da fotografia se dá em três estágios: a) a intenção de registrar a realidade, que pode ser do fotógrafo ou não; b) o ato de registrar o real, que é o processo que origina a fotografia; c) os caminhos que tomam a fotografia, ou seja, os aspectos como as eventualidades, as dedicatórias, as emoções, os sentimentos, as razões pelas quais determinadas pessoas salvam os registros, os álbuns que conservam, mãos e olhos que manuseiam as mensagens. “Neste caso, seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas. Apenas o artefato, no seu todo envelheceu”.⁷¹

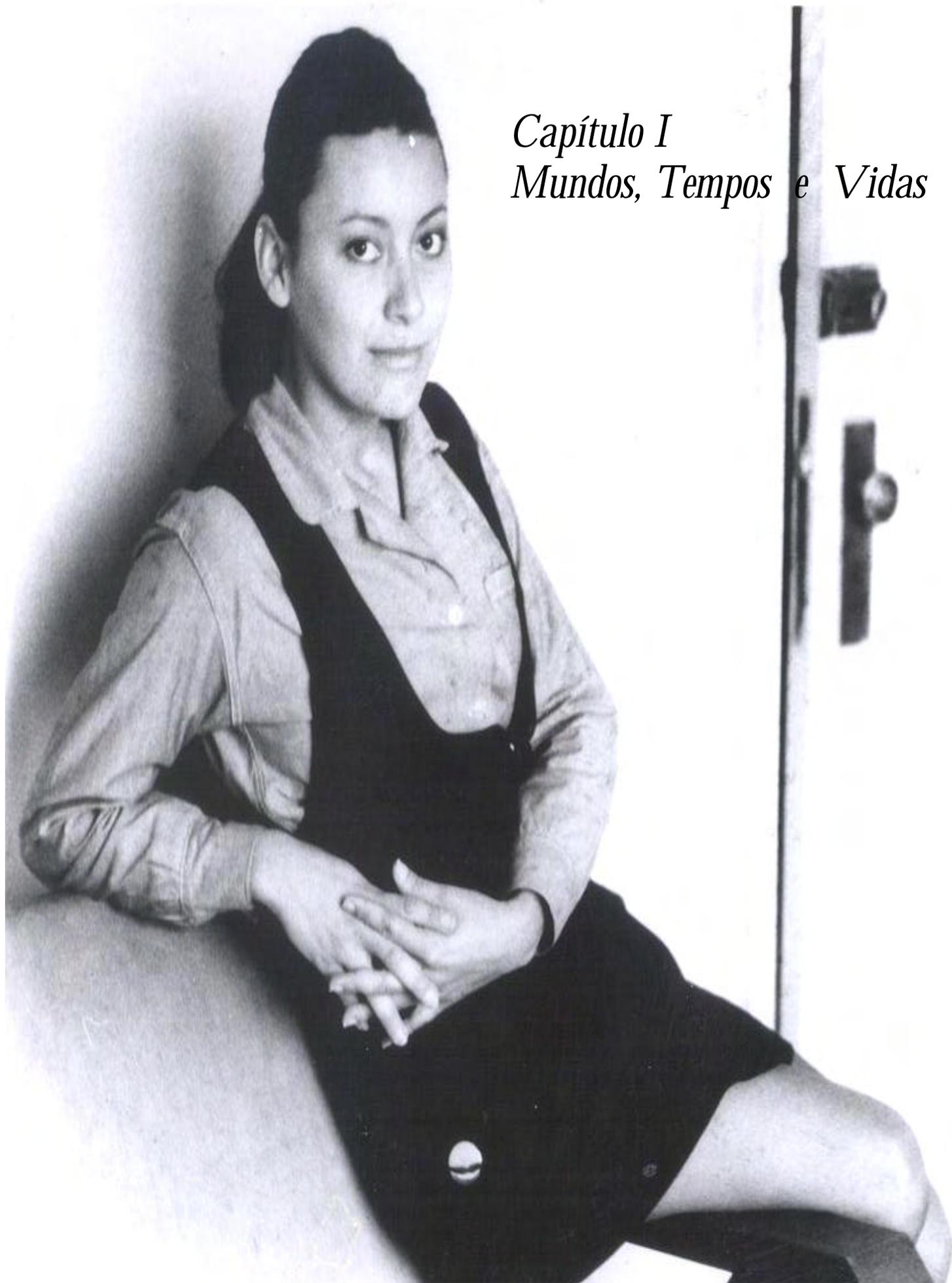
Para os familiares de Jane Vanini, sua ausência, no sentido mais amplo, traduz um sentimento de perda da ente querida e pode ser amenizado na contemplação da imagem fotográfica. Os conteúdos de seus últimos registros representam a realidade intensamente vivida e assim, a continuidade dos laços familiares e afetivos. É nessa compreensão que os trabalhos de Míriam Moreira Leite apresentam a imagem fotográfica como um prolongamento da existência humana como forma de culto e preservação da memória das pessoas que já não se fazem mais presentes no espaço familiar. Ela enfatiza essa representação afirmando que “a fotografia funciona como índice do que foi e por onde passou a família. Silenciosas e imóveis, ficam, também por isso, ligadas à memória

⁷¹ KOSSY, B. *Fotografia e História*, 1989, p. 29

dos entes queridos que desapareceram e que se tenta fazer sobreviver. Além de ser um espelho de momentos passados, as fotografias recuperam a presença dos ausentes”.⁷²

⁷² LEITE, M. M. *Retratos de família*. 1993, p. 160.

Capítulo I
Mundos, Tempos e Vidas



Na trama das palavras, os tempos vividos

Cartas são instrumentos que, ao registrar suas informações, produzem sensações diversas, mexendo com o estado emocional tanto de quem as escreve, quanto de quem as lê.

Num primeiro instante, uma carta parece não passar de um veículo comum que provoca um movimento de notícias que articulam pessoas, as quais se encontram fisicamente distantes. No entanto, há uma complexidade que independe da natureza e do conteúdo que cada carta carrega.

Para efeito de compreensão, o lastro desta pesquisa são cartas pessoais que possibilitam, pela leitura dos conteúdos e interpretação de seus enunciados, a reconstrução de aspectos de uma experiência político-social trágica vivenciada por uma jovem estudante, entre os anos de 1964 e 1974. Essas cartas pessoais, produzidas entre os anos de 1972 e 1974, foram trocadas entre Jane e Dulce Vanini, e encontram no restabelecimento das relações familiares, uma das fortes razões de existirem. Trata-se especialmente de duas irmãs, uma delas, autora e remetente, Jane Vanini, que, na época vivendo politicamente clandestina em Santiago-Chile, faz de suas correspondências, entre vários outros sentidos, o reatamento de laços afetivos com sua família.

Num total de trinta e sete cartas, Jane destinou grande parte delas a Dulce, sua irmã mais velha, a quem tratava afetivamente de “Madrinha” e que, naquele período, na

condição de funcionária da empresa Mappin S/A, residia em São Paulo-Capital. Embora Dulce tenha sido a receptora das cartas, Jane também endereçou correspondências a outros destinatários como irmãos, pais, sobrinhos, cunhados e tios.

O ato de escrever e trocar cartas são práticas antigas, produtoras de múltiplas sensações que, num sentido primeiro, geram ao mesmo tempo um prazer por parte do autor e uma ansiedade por parte do receptor. Na dimensão desse espaço existente entre o que se escreve e o que se lê, é fundamental compreender os significados que aparecem entre o conteúdo de um texto e os efeitos que ele tende a produzir.

O que de fato acontece com uma pessoa ao proceder qualquer tipo de leitura? Para Chartier, a leitura não é um simples processo de absorção de conteúdos, pois nenhum texto se apresenta como um amontoado semântico, nem o leitor como um mero instrumento armazenador de discursos. A relação leitor *versus* leitura “supõe uma multiplicidade de mediações e de intermediários entre as palavras anunciadas e a página impressa”⁷³, afirma ele. O leitor se encontra envolvido numa cadeia de práticas sociais diversas intensamente compartilhadas entre grupos distintos. A leitura é, então, fortemente marcada pela produção de sentidos, cujas formas de apreensão se articulam com a *utensilagem mental* e o *capital simbólico* do leitor, os quais possibilitam construir valores, intenções, propósitos, conceitos, conhecimentos, planos deliberativos, etc.

O leitor, por sua vez, tem uma capacidade de interpretação que é adquirida através do conjunto de aspectos normativos, legitimadores de comportamentos sociais, cujos princípios caracterizam a maneira de pensar de uma dada época. Assim, o leitor não absorve uma leitura balbuciando palavras ou com um olhar silencioso sobre o texto, mas

⁷³ CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesús Anaya, Daniel Goldin e Antonio Saborit*, 2001, prólogo.

na relação que ele estabelece entre suas competências individuais já internalizadas e a mensagem que o texto, no seu todo, disponibiliza.

Não há, portanto, uma naturalização das coisas, ao contrário, a intervenção direta e constante dos agentes sociais é que constrói a realidade, demonstrando, na dinâmica social, a forma como se apropriam dessas leituras, manifestando suas percepções, através das estratégias de conduta que utilizam no convívio em sociedade.

É com essa complexidade que se dispensa uma atenção especial para a intertextualidade das cartas que contempla ao mesmo tempo as experiências plurais de Jane Vanini, cujos relatos, cheios de “veredas”, ao exibirem um olhar militante sobre aquele mundo, permitem também vários olhares sobre o mundo dos militantes.

Para Jane, escrever cartas aparece como uma necessidade, uma vez que elas se apresentam como o lugar que sacraliza sua individualização, por conseguinte, o espaço que assegura sua identidade. As correspondências são mundos passíveis de exibirem a singularidade de Jane que aparece encarnada no corpo de cada escrita, ora reconhecendo-se como revolucionária, ora circunscrita a si mesma. Esses são os lugares de construção de identidades, pois permitem que Jane Vanini reconheça-se na sua própria trama. Já para a família, a carta, enquanto objeto, tem o sentido de vida possível; enquanto conteúdo imprime a essência humana da pessoa ausente. Cada carta enviada e recebida expressa, sobretudo, a costura pausada de uma cumplicidade estabelecida entre a remetente e os destinatários. Em outros momentos, as cartas são também maneiras de expressar as saudades e o vínculo afetivo que a acompanham como sombras de vida e que, quase sempre, começam ou terminam o noticiado de cada carta:

Madrinha:

Finalmente recebi sua carta. Estava realmente preocupada. A Dona Maria havia escrito ao Sérgio que a senhora estava doente dos nervos, etc., e como não recebia nenhuma notícia sua, me preocupava e supunha mil coisas. Mas parece que sua tentativa de escrever uma carta curta por semana não prosperou porque já vai fazer 2 semanas que não recebo outra. (carta 28)⁷⁴

Querida Madrinha:

Muitas saudades. Tenho uma vontade enorme de estar com vocês. Houve uns dias que passei meio na fossa. Não muito porque não posso permitir-me êsses luxos. Já tinha recebido sua carta junto com a do Papai mas queria estar sem 'meias' fossas para poder escrever. Hoje eu o estou fazendo. Aliás interrompi aqui esta carta porque acabo de receber outra carta, do dia 23 de abril com as fotos. Como estão diferentes as 'crianças'. Os grandes não tanto. A senhora sempre enxutinha, né? Os cabelos dos nossos pais sim que estão mais brancos. Que saudades! [...] Sonhei muito com vocês estes dias. Pensei que sua carta me fôsse dizer que a senhora estava por aqui. [...] não deixe de escrever-me, tá? Depois respondo tudo junto. Queria vê-los. Morro de saudades. Tenho Banzo. Eu os quero muito, abraços. (carta 34)⁷⁵

Por esses aspectos, é perceptível que os militantes, ao se tornarem militantes, não se divorciam de seus sentimentos. Apesar de um tempo policialesco, que viola os direitos de cidadania das pessoas, Jane aposta na possibilidade de algumas cartas não serem interceptadas pela censura. Encontra junto a Dulce o “jeito” do envio e recebimento através do qual consegue estabelecer uma comunicação direta com seus correspondentes:

⁷⁴ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

⁷⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 04.05.74, assinada por Jane.

Melhor que escrevam 2 vezes por se acaso uma se extravia.
(carta 02)

O Mário recebeu outro dia uma carta de Dona Maria em que ela diz que não estão recebendo cartas. Eu tenho escrito sempre com muita regularidade. [...] As cartas que vocês me mandam chegam no máximo com uma semana desde o dia em que colocam no correio. Em geral elas vem reengomadas, quer dizer que a abriram e tornaram a fechar. [...] Estou numerando as cartas. Esta vai ser a número 1 pode ver no canto a direita, em cima. Até agora já escrevi, no total umas 18 cartas (incluindo a de Nícia). Espero que tenham recebido todas.
(carta 10)⁷⁶

Quando me escreverem colem a carta somente com a cola que vem no envelope, porque se vem mais cola que essa já sei que foi aberta no correio. (carta 12)⁷⁷

Embora os conteúdos dessas cartas também revelem aspectos da luta de militância, eles mostram, ao mesmo tempo, que o regime vigente, no que diz respeito ao controle, apesar de propagandeado e onipresente, não impediu que a capacidade criadora da mente revolucionária construísse outras formas de sobrevivência. Como pode-se notar nos trechos acima citados, códigos, datações e duplicidade de correspondências são algumas maneiras que Jane elabora para circular num espaço totalmente personalizado.

Durante quase cinco anos, Jane vive inevitavelmente clandestina. Para uma militante clandestina, mais do que para qualquer outra pessoa, escrever cartas também toma um sentido de encurtar distâncias geográficas e físicas, além de estabelecer um fio condutor de relações e sensibilidades. Há, no entanto, um espaço de sedução desenhado pela busca

⁷⁶ Carta de Jane Vanini, datada em 07.09.72, assinada por Ana.

⁷⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 15.09.72, sem assinatura.

de si mesma e pela conquista do outro, pela personificação dos conteúdos e pelos segredos. A indistinção entre remetente, narradora e autora e a flutuação entre a imaginação utópica e a ação experimentada, revela, sobretudo, a ansiedade que permeia a vontade de ser revolucionária, a convivência com as incertezas e a opção de continuar lutando. Por intermédio das cartas observa-se que há vários atores sociais em Jane, os quais se misturam e se cruzam indistinta e simultaneamente sobre várias figuras: a narradora, a militante, a guerreira, a filha, a irmã, a nora, a mulher, a companheira, a tia, a cunhada, a revolucionária, a “camarada”, etc.

As circunstâncias da clandestinidade levam o revolucionário a pensar muitos aspectos da militância política, a partir de um direcionamento pessoal, ou seja, exigem a invenção de múltiplas formas de sobrevivência, pois convive-se simultaneamente com o medo e a coragem, com um imaginário projetado e um ambiente muito adverso, com a solidão insuportável e o apoio disponível, com o companheirismo possível e o individualismo necessário, com a possibilidade de superação e a incerteza de alcançá-la. Nesse caminho, é aceitável pensar que a camuflagem das identidades, por trás de cada subscrição que Jane registra, esconde e revela muita *coisa*, cujos *mistérios* levam o leitor a construir suas *viagens* cada vez mais intensas por espaços multidimensionais.

As pessoas têm maneiras muito singulares de se apropriar do conteúdo de um dado texto. Para R. Chartier, um conjunto de normas, regras, convenções, códigos e percepções são aspectos constituidores do leitor-indivíduo e o identifica como pertencente a uma comunidade interpretativa própria.⁷⁸ São essas características que norteiam a relação estabelecida entre a materialidade da escrita e a corporeidade sócio-cultural que o leitor comporta. Assim, a escrita nunca é algo onipotente, ou seja, a inscrição das palavras

⁷⁸ CHARTIER, R. 2001, op. cit. p.32-33.

no texto de uma carta, por exemplo, não transfere o sentido para o leitor, mas é este que, com sua capacidade interpretativa e na relação com o que está escrito, elabora a construção dos sentidos. Um texto não traz o sentido, produz sentidos.

Portanto, as cartas não são redutíveis às estratégias de persuasão que sugerem demonstrar nos seus enunciados. As palavras são trilhas que constituem um mundo particular, construído para que Jane possa habitá-lo livremente. Elas, as cartas, são verdades vividas. São os espaços da vida normal, para além da normalidade de escrever, sobretudo quando são produzidas e enviadas numa condição de vida anormal - a clandestinidade.

Para Dulce, receptora de todas as correspondências da irmã, havia sempre uma angústia contínua que se debruçava sobre o tempo da espera e o conteúdo de cada missiva. A carta, como representação de vida, produz uma pluralidade de significados e formas de apropriações. Ela emite recepções paradoxais e inéditas, tais como certezas e dúvidas. Quem escreve pode inventar sua trama com a finalidade de produzir determinados efeitos; e quem lê, mesmo acreditando no conteúdo, por se tratar de um presente que não é mais presente, atualiza aquele passado, todavia com as incertezas do *agora*, pois ele, o *agora*, pode traduzir-se numa estratégia de fuga: *...por mais que eu lesse o conteúdo da carta eu achava que ela (Jane) estava passando dificuldades e não queria me falar, pois sabia o quanto eu me preocupava com aquela situação que ela vivia.*⁷⁹

Nesse sentido, a carta incorpora segredos porque, enquanto objeto, ela é portadora de signos que produzem impressões processadas na memória voluntária. Esta

⁷⁹ Trechos de entrevista com Dulce Ana Vanini, Rio de Janeiro, 2001.

procede por instantâneos e busca o segredo das impressões no próprio objeto. ... *essa memória não se apodera diretamente do passado: ela o recompõe com os presentes.*⁸⁰

Entender essas tensões é aceitar que o tempo da clandestinidade é o da experiência vivida e o da invenção do fazer. Como pode-se perceber, nas lembranças de Suzana Lisboa, esse é um tempo emocional, descontínuo:

*A intensidade das coisas que a gente vivia naquela época era tal que você podia, alguém já falou nisso, que você, num minuto, sentia emoções como se tivesse vivido um ano; a intensidade das emoções que a gente vivia era muito grande. Só o fato de você está o tempo inteiro convivendo com a morte já é uma coisa que traz uma montanha de sensações e o período que por ventura a gente ficava juntos ele assumia uma dimensão muito grande porque o convívio era muito intenso; você viver com um companheiro e partilhar as mesmas emoções... quer dizer eles (Jane e Sérgio) eram um casal jovem, assim como nós, que estava jogando pela janela um futuro pensando na liberdade de seu país.*⁸¹

O tempo de cada carta - para quem escreve - está no assunto que, embora queira parecer um presente, é sempre de um passado que trata - para quem recebe. *O hoje da recepção e da leitura vêm sempre depois do hoje da escrita e depois do hoje do envio, que agora já é um ontem e esses dois hojes já sendo defasados no tempo, contem a possibilidade quase certa de aquilo que nas cartas se lê, já não é mais o que está acontecendo.*⁸²

Nesse sentido, a brusca incidência que o passado faz sobre o presente permite que sejam compreensíveis as incertezas e as inquietações de Dulce, pois o tempo de escrever

⁸⁰ DELEUZE, G. *Proust e os signos*, 1987, p. 57

⁸¹ Trecho da entrevista de Suzana Lisboa, ex-militante da Aliança Libertadora Nacional e companheira de Jane Vanini. A entrevista foi realizada em São Paulo, no dia 27.11.92.

⁸² MELO e CASTRO, E. M. de, *Odeio cartas*. 2000, p. 15.

da remetente e o tempo da receptora ler as cartas aparecem distintos. As sensações aflitivas de Dulce tendem a provocar impactos emocionais de maiores proporções, tendo em vista que a multiplicidade desses tempos não lhe possibilita conhecer o presente simultâneo da irmã que escreveu a carta.

É importante ressaltar que o *'chrónos'* aqui acontece diferente. Embora uma parte significativa das cartas que Jane escreve apresenta-se datada, não é de um tempo cronológico que falamos; é o tempo das recordações, das reminiscências, da sensibilidade e da experimentação da luta revolucionária. Esses tempos plurais são reveladores de signos que se encontram mergulhados nas lembranças das experiências vividas, e são, sobretudo, *um olhar através do tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela e permite a passagem de um tempo a outro e, especialmente, trazem a possibilidade de atualização do passado no presente.*⁸³

Em Proust, *cada espécie de signo corresponde, sem dúvida, a uma linha de tempo privilegiada. [...] Os signos sensíveis muitas vezes nos fazem redescobrir o tempo, restituindo-o no meio do tempo perdido.*⁸⁴ Ainda na concepção Proustiana, o exercício da inteligibilidade possibilita a interpretação dos signos e a significação dos objetos. Nesse sentido, a exterioridade é algo que se projeta da essência do ser e se manifesta nas práticas do sujeito. É no espaço dessas essências que os signos se fazem grandes demarcadores de tempos. É no tempo perdido, impresso em imagens fotográficas, que Jane redescobre o tempo. As recordações e as saudades tão enunciadas em suas cartas expõem os desejos da alma sobressaltados nos signos:

⁸³ GUIMARÃES NETO, R. B. *Artes da Memória, fontes orais e relato histórico*, 2000, p. 103

⁸⁴ DELEUZE, op. cit. p. 25

...acabo de receber outra carta, do dia 23 de abril com as fotos. Como estão diferentes as 'crianças'. Os grandes não tanto. A senhora sempre enxutinha, né? Os cabelos dos nossos pais sim que estão mais brancos. Que saudades! [...] Queria vê-los. Morro de saudades. Tenho Banzo. Eu os quero muito, abraços. (carta 34)⁸⁵

Nos cabelos grisalhos, ela vive o semblante do tempo e no reflexo de cada fio, agora mais branco, revisita também as nexas de sua vida. Eles são, portanto, os signos na dimensão do tempo redescoberto. Pelos cabelos brancos Jane vive o tempo que se perdeu. O olhar sobre a fotografia recupera o tempo perdido, porém é no movimento das imagens e na configuração dos cenários fotografados que Jane se apodera de um tempo redescoberto.

As crianças não estão diferentes só por terem crescido e mudado suas fisionomias, nem os cabelos brancos ficaram apenas mais brancos pelos pais terem mais idade, mas é porque no crescimento das crianças e no envelhecimento dos pais, as marcas do tempo, fiadas e embrulhadas em suas dobras, revelam imensos filetes de vidas que emergem da *plenitude das reminiscências ou das lembranças involuntárias, da alegria celestial que nos dão os signos da Memória e do tempo que eles nos fazem bruscamente redescobrir*, como define Proust.⁸⁶

É dessa forma que o texto fotográfico ganha mobilidade. As imagens descongelam-se no encontro e na resignificação do tempo que aparecem potencialmente nos semblantes do olhar, na tonalidade das vozes e na individualidade dos gestos que as pessoas readquirem. Os cenários também alteram suas luzes e suas cores, enquanto os objetos ganham outras significações.

⁸⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 04.05.74, assinada por Jane.

⁸⁶ DELEUZE, op. cit. p. 54

Falando ainda de um tempo que já passou, Deleuze diz que: *Rever pessoas que nos foram muito familiares é uma revelação, porque seus rostos, não sendo mais habituais para nós, trazem em estado puro os signos e os efeitos do tempo que modificou determinados traços, alongando-os, tornando outros flácidos ou vincados.*⁸⁷ É nesse sentido que o tempo torna-se visível e atualiza o passado num presente já repleto de resignificações.

A experimentação da redescoberta do tempo, impulsionando uma profunda sensação de múltiplos prazeres, imprime também uma resignificação do objeto. Certamente por isso, é que Jane Vanini tanto privilegiou o registro fotográfico. Essa *idéia de redescoberta e invenção é de suma importância, não como algo que nunca existiu, mas como aprendizagem e interpretação das coisas, objetos e seres, emitindo signos a serem decifrados, interpretados.*⁸⁸

Numa outra perspectiva, a correspondência que transita no espaço criado entre remetente e destinatário produz muito mais forte um efeito de presença que de ausência. Embora uma carta possa imprimir as marcas da ausência de alguém, a letra, o assunto, o traço e o estilo de escrevê-la são representações autênticas de sua criatura. Foucault apud Werneck⁸⁹ apresenta essa simbologia afirmando que *a carta torna o escritor 'presente' em relação a quem ele se dirige. E presente não simplesmente através das informações que*

⁸⁷ Ibidem, p. 18.

⁸⁸ GUIMARÃES NETO, R. B. op. cit. p. 104.

⁸⁹ WERNECK, M. H. "Veja como ando grego, meu amigo." *Os cuidados de si na correspondência machadiana*, 2000, p. 142.

fornece sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e seus fracassos, sua fortuna ou suas infelicidades; presente de um tipo de presença imediata e quase física. [...] a carta funciona como um olhar que se poussa no destinatário (através da missiva que ele recebe, ele se sente olhado) é uma forma de se entregar ao seu olhar através daquilo que lhe dizemos de nós mesmos.

Nessa ótica, a carta é o instrumento de múltiplas significações e a representação simbólica do outro. O outro passa a ser a onipotência da busca. Em Dulce, Jane potencializa a busca de si mesma. É, portanto, no significante que se reconhece o significado. É com esse movimento de significações que Dulce, esperando, recebendo, lendo, respondendo e guardando as cartas que Jane lhe remete, faz crê que ela ainda continua viva e, assim, também constrói o seu outro.

As cartas são também concebidas como fontes potencialmente portadoras de memória, cujas narrativas são carregadas desse tempo descontínuo e fragmentado - o tempo da experiência. A memória guarda lembranças que, ao ser recordada, traz de volta o que ficou inscrito nas experiências. É essa memória da experiência vivida que leva Jane, a pessoa que escreve, a selecionar os acontecimentos que as cartas devem absorver. Portanto, escrever cartas passa a ser um constante exercício de reinvenção da vida, uma vez que as memórias ali postas remetem a escrevente ao deleite do espírito, essencialmente quando a memória dá visibilidade aos múltiplos cenários do tempo redescoberto. É lá, nesses cenários, que acontecem os reencontros com pessoas, lugares, afeições, cores, vozes, rostos, concepções e comportamentos. É neles também que Jane reencontra as lágrimas, os sorrisos e as saudades.

A relação entre o pensar e o ser, instrumentalizada pela inteligência, formula impressões que, ao codificar-se na memória, manifestam-se nos desejos, nas paixões, nas

escolhas, etc. Assim sendo, as lembranças que lastreiam as correspondências são sempre os cenários vividos, cujas imagens percebidas são o testemunho do acontecido. As imagens são seladas na linguagem e articulam uma rede de relações interativas com seus correspondentes.

As cartas falam de uma memória que registra seus marcos através dessa linguagem operada como instrumento de poder e sedução, e estes *remetem ao encantamento do outro que, no registro do falante, tranqüiliza-se ao penetrar em sua escuta e aprisioná-lo na teia de significados que a narrativa oferece. [...] Assim a linguagem, a partir da razão narrativa, registra contornos presentes no falar dos sujeitos, demonstrando o acontecido nas dobras do tempo, como um evento que se caracteriza pelo pressuposto da verdade vivida.*⁹⁰

Os fragmentos dessa memória se espalham e se recolhem nos territórios das práticas da militância de esquerda armada que, por sua vez, reaparecem de uma forma quase mística. As lembranças não se remetem a um passado que passou, mas as suas mechas que ganharam significações nas marcas de um tempo descontínuo, cujos fragmentos são capazes de revelar a teia de sentimentos afetivos com aquele passado.

O reencontro das experiências com suas verdades construídas possibilita rever os retalhos de vida que ficaram espalhados pelo passado e que, ao se atualizarem no presente, readquirem outras significações que, inevitavelmente, remodelam o sentido de viver dos sujeitos. O viver parece consubstanciar-se na intensa experimentação das práticas sociais e da luta revolucionária. É dessa forma que as cartas escritas por Jane Vanini e guardadas por Dulce são também as memórias de uma paixão política alimentada pelos episódios

⁹⁰ GROSSI, Y. S., FERREIRA, A. C. *Razão narrativa: significado e memória*, 2001, p. 30.

vividos e experimentados por vários atores que, acreditando e encenando seus papéis, deixam suas marcas na simbologia de uma época - os anos rebeldes.

Mundos plurais, vidas singulares

Cartas, sempre cartas. Elas são curiosas e produzem outras curiosidades se se considerar enquanto partes constituidoras de um tempo e de pessoas singulares. O conteúdo de uma carta possibilita sempre ao leitor projetar, na imaginação, um espaço capaz de configurar todas as cenas que são descritas e enunciadas pelo conteúdo que apresenta. Elas, as descrições, são representações das verdades do emissor, as quais atualizam informações, (re)formam cenários e (re)formulam emoções.

Considerando que o que se escreve é a codificação de uma oralidade, a escrita de uma carta também remete ao manuseio de detalhes na construção do que se quer noticiar, para que a compreensão e a assimilação sejam as mais próximas daquilo que propositalmente se diz. Não se trata de regras ou modelos pré-estabelecidos para a feitura de uma carta, mas de sintonizar a emissão de sentidos entre o que se escreve, o que está escrito e o olhar do leitor.

Essa cadeia de sentidos se faz imprescindível quando as correspondências tratam de relações afetivas e familiares. Assim, são as cartas escritas por Jane e recebidas por Dulce Vanini, nos idos de 1970:

Espero que todos estejam bem. Somente agora lhes pude escrever e espero que me escrevam rápido mandando notícias de todos e de tudo. [...] Escrevam-me bastante. Gostaria de receber uma carta de cada um de vocês todos: irmãos, sobrinhos, sogros, cunhados, pais, e companheiros, caso já tenha algum aí. (carta 02)⁹¹

O Mário recebeu outro dia uma carta de Da. Maria em que ela diz que não estão recebendo cartas. Eu tenho escrito sempre, com muita regularidade. Recentemente escrevi a Magali, Cida,

⁹¹ Carta de Jane Vanini, não datada, assinada por Ana.

Jorginho, Dulce, mamãe, Lena e Nícia. Ainda não recebi resposta de nenhuma dessas cartas. (carta 10)⁹²

Bem, Madrinha, vou ficar por aqui. Um grande abraço a todos e escreva-me bastante, não sabe como fico ansiosa para receber carta de vocês. (carta 14)⁹³

Há vários dias já escrevi a senhora, a mamãe e a papai e até agora não recebi resposta de ninguém. Além disso se contam as cartas que receberam de minha parte e se eu conto as cartas que recebi de todos vocês, vão ver que tenho saldo a meu favor. (carta 16)⁹⁴

...recebi tua carta e logo logo vou escrever mais. Vou aproveitar a carta do Sérgio para escrever um 'bilhete'. (carta 19)⁹⁵

Receber uma carta sua é sempre um reconforto. [...] Escreva logo avisando se recebeu esta ainda que seja somente dizendo: recebi sua carta 23.01.73. (carta 24)⁹⁶

Diga a Jorginho que ainda não recebi a resposta da carta que lhe enviei por último. A (carta) que a Cidinha disse que me mandará tampouco chegou. (carta 25)⁹⁷

Faz tempo que não recebo nenhuma carta sua. Vou ver se tem carta todos os dias e nada. (carta 27)⁹⁸

Finalmente recebi sua carta. Estava preocupada [...] Nestes dias vou escrever a papai e mamãe. (carta 28)⁹⁹

Querida madrinha: Faz mais de um mês que lhe escrevi e até agora não tenho resposta. Tomara que estejam todos bem e que tenham recebido minha carta anterior e entendido tudo. (carta 30)¹⁰⁰

⁹² Carta de Jane Vanini, datada de 07.09.72, assinada por Ana.

⁹³ Carta de Jane Vanini, datada de 19.10.72, sem assinatura.

⁹⁴ Carta de Jane Vanini, sem datação, assinada por Ana.

⁹⁵ Carta de Jane Vanini, datada de 21.12.72, assinada por Jane.

⁹⁶ Carta de Jane Vanini, datada em 23.01.73, assinada por Jane.

⁹⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 05.04.73, assinada por Ana.

⁹⁸ Carta de Jane Vanini, datada em 25.05.73, assinada por Ana.

⁹⁹ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

¹⁰⁰ Carta de Jane Vanini, datada em 18.07.73, assinada por Carmem.

Nos trechos dessas cartas, nota-se a ansiedade de Jane. Primeiro, a reafirmação dos laços familiares, sentimento próprio de quem está longe, afastada de suas referências afetivas mais seguras e vivendo uma experiência social e política muito tensa. Segundo, a dúvida sobre o itinerário de suas cartas: chegam aos respectivos destinatários?

Em todos os fragmentos aqui apresentados, estampam-se o sentido de tempo, os laços afetivos e a busca declarada de uma validade das escolhas no espaço familiar. O envio de correspondências a todas as pessoas da família, citando com frequência os graus de parentesco e nomeação dos destinatários, expressa um sentido de “vida familiar” que talvez seja capaz de reconstituir um universo já conhecido.

A carta é uma representação simbólica da vida, mas só adquire este sentido na troca das correspondências, pois é na relação entre remetente e destinatários que se processam as identidades das pessoas envolvidas. Essa operação de identidades acontece na mediação dos assuntos que, por sua vez, estabelece o diálogo íntimo e espontâneo entre os correspondentes. Ali está o sentido de ser necessário receber *uma carta de cada um de vocês todos: irmãos, sobrinhos, sogros, cunhados, pais, e companheiros, caso já tenha*

algum aí.(carta 02) Então, para Jane Vanini, cada carta significa recolocar-se como uma pessoa da família, lutar pelo seu lugar e não ser esquecida. Nessa perspectiva, é dramática a vida daqueles que se afastam e fazem da luta revolucionária uma escolha pessoal de vida.

Não há fronteiras demarcadoras entre a vida pessoal e a luta, ao contrário, há uma troca mútua de valores que, ao longo da vida ou no decorrer das lutas, vai sendo construída, experimentada e incorporada. A individualidade das pessoas se atualiza

continuadamente as relações articuladas e combinadas nas dimensões do mundo simbólico. É a mobilidade dos signos que codifica e internaliza a cadeia das sensações de quem escreve, ao mesmo tempo em que as exteriorizam para os leitores de cartas pessoais. A palavra escrita tem uma função libertadora na dimensão do imaginário e permite superar desencontros e rivalidades. E, em particular, quando se trata de cartas familiares, cuja força motriz é a iniciativa de escrever e a espontaneidade de acomodar a comunicação. Então, não é Jane que detém a escrita das cartas, é a necessidade da escrita que a detém.

Há um visível gosto e um desejo quase compulsório de escrever a todos e, de todos receber cada resposta. Essas correspondências são marcadas por um estilo próprio, que corresponde a uma organização de assuntos que interessa mais a Jane que a outrem. A idéia que exprime essa especificidade é a de que os textos estão quase sempre informando, descrevendo, opinando e, raras vezes, respondendo algo.

Em todos os trechos, sobretudo os últimos, a militante Jane sinaliza uma preocupação com a probabilidade de cessarem as correspondências. Essa particularidade, constante nos seus registros, demonstra que ela sempre se coloca numa situação de risco, e também revela uma afeição imensa que ela nutre por todos os entes queridos, construída ao longo do convívio familiar. É o tempo reencontrado que não pode ser desfeito. A eminência da interrupção abala a alma, uma vez que a carta continuada significa o consentimento de si mesma. E em cada destinatário, a certeza do assentimento individual.

Percorrer a história de vida de uma militante de esquerda, suas ações políticas, seus testemunhos e seus embates, leva à busca de uma outra indagação: a militância, sendo tão intensa como se revela, que espaço e que tempo existem para a vida privada dessas pessoas? Que vida pessoal tem uma militante? Que situações domésticas vive Jane Vanini? Além da luta que registra, dos acontecimentos que narra, da exposição de suas

escolhas políticas que aparecem de forma plena e despojada, as cartas também mostram aspectos comuns, banalidades talvez, que revelam uma outra Jane - a pessoa orgânica e individualizada.

...Gostaríamos que vocês me enviassem algumas coisas, caso ainda existem. Trata-se de minha japonsa azul, da bota forrada, da saia de lã de xadrez escocês, japonsa do Sérgio, capa espanhola dele e alguma blusa de lã, se por acaso houver ainda. (carta 02)¹⁰¹.

...Não pensem em comprar coisas para mandar-nos. Estamos bem, e só pedimos as roupas porque a facilidade é muito maior tendo bastante, mas não estamos passando frio, estamos bem. (carta 05)¹⁰²

Esses trechos acima selecionados e expostos mostram a disposição de Jane, juntamente com seu marido Sérgio Capozzi, em fixar-se no Chile e recompor todas as situações da vida cotidiana que se destroçaram com a perseguição policial militar no Brasil, anos antes. Daí, a necessidade de conseguir vestuário e, em particular, aquelas mais convenientes: as peças que protegem do frio.

Os reiterados pedidos de envio de objetos pessoais e, com maior frequência, peças do vestuário, apontam as dificuldades da vida material com que o casal chega ao Chile. Essa interpretação é possível, se se considerar que uma boa quantidade de roupas significa minimizar parte das dificuldades materiais da vida diária do casal.

Na deliberada intenção de conhecer mais a fundo a vida privada da militante Jane Vanini, não se pode deixar de passear pelas cartas seguintes:

Meus queridos:

Ontem um companheiro conseguiu retirar as roupas da aduana e me entregou. Foi uma alegria rever nossas coisas antigas, e

¹⁰¹ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

¹⁰² Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

um prazerzão receber tantas coisas bonitas. As blusas feitas na máquina pela madrinha são as mais lindas e bem feitas que já vimos. O cachecol da Lena e o colete da mamãe são lindos de dar inveja a qualquer um. A boina, a meia e as sapatilhas me fizeram muita falta no inverno. Uma companheira me emprestou um cachecol que me quebrou o galho porque comecei numa época a ficar com dor de garganta pelo vento frio no pescoço. Agora já não tenho nenhum problema desses, não é mesmo? Como não queria comprar muita coisa, quis bancar a valente e agüentar o inverno com meias normais e foi fogo, ou melhor, foi gelo. Depois mesmo com as meias de lã daqui me saíram savanhões nos dedos dos pés. Ficam inchados, vermelhos, às vezes coçam muito, se aperta um pouquinho dói à bessa e pode até ficar ferido. Como eu tenho má circulação sangüínea quando começou o inverno comecei a criar savanhões, mas tratei em tempo e não me deram muitos problemas. O pessoal aqui adorou o joguinho de sapatilhas e colete. Vão copiá-los. O que sei que vou usar ainda nesta época é a boina, pois já não faz frio com exceção de alguns dias. [...] Uma coisa que me deixou chateada, porque sei que a madrinha vai ficar chateada é que nenhuma das blusas que ela fez me serviu. Ficaram muito grandes e serviram perfeitamente para o Mário. [...] Essas 2 blusas, êle disse que vai usar somente para as grandes ocasiões. (carta 13)¹⁰³

Agora é setembro de 1972. Pelos termos dessa carta, parece que a florada da primavera também colore os tempos de Jane Vanini. As expressões remetem o leitor a um cenário ímpar de satisfações plenas. Nem parece com o ocorrido há duas semanas antes, quando os fatos políticos transportam-na para o tempo das incertezas. No instante em que ela escreve essa carta, os conflitos entre grupos sociais de representações distintas e os chilenos em turnos de vigiância, contra possíveis embates, estão do “lado de fora” de Jane

¹⁰³ Carta de Jane Vanini, datada em 29.09.72, sem assinatura.

Vanini. O “lado de dentro” desfruta da comoção de reencontrar-se no drapeado de um outro mundo - o seu mundo privado. Contudo, isso não significa que a vida de militância de esquerda permite configurar os espaços do público e do privado distintamente. Pelo contrário, ambos se entremeiam de forma muito intensiva.

Durante as experiências da luta revolucionária, os tempos e os espaços são múltiplos e simultâneos, e nos quais as ações urgentes e necessárias fazem com que um invada o outro sem licenças e sem constrangimentos. O reencontro com seu mundo privado não acontece por uma escolha simples, mas por um momento circunstancial: receber os pertences pessoais tão desejados. Nota-se que em todo o texto há um relevo especial nas palavras que tentam qualificar os objetos. A *alegria de rever coisas antigas e um prazer de receber tantas coisas bonitas* torna-se quase indescritível para expressar a resignificação do valor afetivo que cada peça adquire.

Os espaços ocupados por: *foi uma alegria..., coisas bonitas..., mais lindas e bem feitas..., lindas de dar inveja..., o pessoal adorou o joguinho..., vão copiá-los..., usar somente para grandes ocasiões...*, são territórios que indicam superioridade, exaltação e unicidade dos objetos. Não é que os materiais tenham necessariamente esses predicados, mas Jane os têm com essas proeminências. Ela os percebe como únicos e os vê como diferentes de quaisquer outros, porque ela sente e fala de sua significação e não de sua utilização.

A prática da militância, atravessada pelos riscos, medos e fugas, leva os militantes a abdicarem da normalidade de suas vidas, o que implica também numa perda da convivência com os objetos do cotidiano e seu mundo simbólico. A sobrevivência, por ser necessariamente inventada todos os dias, conduz a uma outra forma de perceber-se nos mundos plurais em que cada pessoa encontra-se envolvida, sem, contudo desfazer-se da

cadeia identitária construída, em tempos passados, numa relação simbólica entre outros objetos e outros indivíduos. É no distanciamento dessa identidade que o ex-militante Herbert Daniel declara:

*...A falta que os objetos deixam é como marca e símbolo: uma necessidade de se continuar nas coisas que a gente faz [...] Aí a gente vê, nessa ausência, a gente mesmo como era. Por isso vamos carregando aparentes inutilidades vida afora: memória viva. Ao termos de abandonar drasticamente nossos pequenos cacos perdemos contato conosco mesmo, a vida passa a ser descontínua. Cacos.*¹⁰⁴

Na busca de compreender a complexa imbricação entre significante e significado, e mergulhando nos signos em que Jane deixa-se transparecer, os objetos são o seu significante e vêm carregados de significados. O significante isolado não tem sentido, porém, na rede de relações que lhe é incorporado, produz múltiplos sentidos e irradia suas significações.

Nesse encadeamento de múltiplos sentidos é que Jane afirma não haver desespero em *receber as coisas*, mas um desejo de sentir-se *ligada a todos vocês* pela valoração que vem junto a *todas essas coisinhas sentimentais*.

Na expectativa de que Dulce viajará ao Chile, Jane, pelas dificuldades materiais em que se encontra, aproveita para anunciar que: *...estou mandando junto esta lista de coisas que quero que a senhora traga para mim, mas apenas se existe ainda...* (carta 16)¹⁰⁵

1. Aquela blusa azul de tricô-lã igual a vermelha que a senhora mandou na encomenda. Aquela outra cor de cenoura.

¹⁰⁴ ALMEIDA, M.H.T., WEIS, L. *Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*, 1998, pp. 381-382.

¹⁰⁵ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

2. A sandália franciscana que eu tinha. As bolsas esporte que estiverem por aí. Aquela cor de couro pequena, que eu sempre usava, uma grande parecida um saco de levar no ombro, que foi a última que comprei. (É meia marrom com alguns desenhos).

3. um pijama de lã e uma camisola daquelas que a Da. Maria me fez

4. Não me lembro bem, mas me parece que eu tinha um par de luvas negras. Se a encontras por aí, pode trazê-la, tá?

5. Leite de colônia (isso eu não tinha, se der me compre, tá?)

6. Qualquer daquelas pantalonas que a mamãe e a Magali estavam fazendo para mim e se der com algum retalho porque aqui se usa bem comprida e creio que elas vão estar bastante curtas para mim (além de folgadas porque creio que estou mais magra que quando estava aí).

7. O meu biquíni se é que ainda existe. O cor de vinho, o amarelo não.

8. Pelo menos 3 daqueles abridores de lata mais simples que a gente usa aí no Brasil. Dos mais simples mesmo, que as vezes vem até como brinde em alguns produtos. Os daqui são muito complicados e não funcionam muito bem. E eu quero dar um a pelo menos 2 casas amigas.

9. O meu fichário coberto de couro que o papai fez para mim.

10. Semente de manga (umas 3)

13. Traga-me um grande abraço de todos, tá?

Conforme disse na carta anterior, esta era apenas uma lista e não carta, para que a tivesse a mão e lhe fosse mais fácil juntar tudo. (carta 17)¹⁰⁶

¹⁰⁶ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

Um detalhe que chama bastante a atenção do leitor em boa parte das cartas de Jane é a incidência de expressões como *...se houver ainda, ...caso ainda existam, ...se é que está aí, ...que foi feito das nossas coisas* e outras mais. São situações que podem ser compreendidas de duas formas: a primeira diz respeito às *coisas* que sobraram e foram devolvidas à família após a tomada do apartamento pelo cerco policial-militar da Operação Bandeirante - OBAN¹⁰⁷; e, por último, as *coisas que ainda existem*, ou que alguém pode estar usando ou guardando. Guardar pertences pessoais de outrem é uma forma simbólica de poder guardar pessoas, pois, mesmo ausentes continuam presentes.

Não há um contentamento em receber esses objetos apenas porque são pertences pessoais, até necessários para a utilidade da vida individual, mas porque cada um deles tem incorporado na sua essência, uma simbologia, pela qual, a vida ganha feições de felicidade e de prazer. Na relação que se dá entre quem envia e quem recebe os objetos, está a significação das atitudes: são valores sentimentais refeitos, renovados, reeditados, manifestados na ação fraternal, aceitação, carinho, proteção, segurança, afeto, acolhida, entre outros, que se efetivam em cada peça que, de forma quase mágica, sai de dentro do pacote de encomendas recebidas.

...Estou chateadíssima com a história da encomenda. Não sabe quanto eu sinto. Estava louca para receber as coisas, não porque realmente esteja precisando desesperadamente ou algo parecido, senão porque ia sentir como que ligada a vocês por algo que me fizeram, por alguma

¹⁰⁷ Órgão de repressão política, criada em 1º de julho de 1969 e comandada pelo II Exército, mas também integrava militares da Marinha e Aeronáutica, Polícia Federal, polícias estaduais e outros organismos de policiamentos. A eficiência de suas atividades de informação, repressão e controle político serviu de base para criação de outros mecanismos de repressão na "luta contra a subversão", como se costumava chamar. Sobre o assunto, ver: FON, A. C. *Tortura, a história da repressão política no Brasil, 1979 - ARQUIDIOCESE*, de São Paulo. *Brasil: Nunca Mais*, 1985.

roupa antiga minha que viesse e todas essas coisinhas sentimentais.
(carta 08)¹⁰⁸

Nesses fragmentos, é possível ver, com os olhos da imaginação, as expressões de deleite que o semblante de Jane debruça em cada gesto proferido diante de cada objeto recuperado. Boa parte desses sentidos está nas mudas palavras, que ao falarem constróem vontades, alimentam desejos, produzem emoções, articulam sentimentos e dão mobilidade às atitudes e comportamentos de Jane Vanini e sua família.

É nessa densidade de signos que o *abraço de todos*, como item da lista de coisas, não figura como o décimo terceiro objeto da lista, assim como todos os outros itens não são apenas objetos de uso pessoal, são, sobretudo, afeições construídas na relação entre Jane e *todos*. O olhar propositalmente dirigido, o toque de pele, o procedimento do outro e até a empatia constróem para cada um, que compõe o *todos*, uma significação que tende a ser direta, intransferível e singular. Portanto, tudo e todos, numa teia de significações, constituem a cadeia relacional que dá sentido à vida, seja da pessoa comum, seja da revolucionária.

É nessa dimensão de vida que Jane Vanini, endereçando uma de suas cartas à família, que dirige-se aos *Queridos todos*, fazendo uma declaração de amor:

Tenho muitas saudades de todos vocês. Eu os quero muito e esse amor que lhes tenho é multiplicado quando vejo alguma criança como os sobrinhos ou os companheiros mais velhos com a idade de meus pais, ou de meus irmãos e irmãs. Espero que algum dia estejamos juntos e livres mas se não alcançamos, não importa tanto, importa realmente que a sociedade que legamos aos nossos 'herdeiros'

¹⁰⁸ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

possua muito de nós mesmos, do nosso esforço, de nossos ideais, de nosso amor. (carta 12)¹⁰⁹

Aqui, justifica a sua ausência e a separação física entre ela e *todos*, com a luta pela liberdade, e espera ter o reconhecimento de todos, porque a essência do convívio em sociedade está na ação política, na convicção e na conduta que cada pessoa, enquanto viver, é capaz de emprestar ao mundo.

O último enunciado do trecho acima exposto dá visibilidade ao campo das emoções e das sensações incorporadas tanto à militante quanto à pessoa individualizada de Jane Vanini: a concepção e a vivência do amor fraterno que também se transforma em fraternidade política.

Enquanto isso, nas ruas de Santiago, enfrentam-se os combatentes. De um lado, os militantes de esquerda e os simpatizantes do governo unem-se nas estratégias e disseminam-se pelos diversos espaços políticos na defesa do projeto socialista chileno; no outro campo, estão as forças opositoras que se articulam contra um governo legitimado, mas que suas ações invertem a lógica social até então vivida. Os conflitos tendem a se intensificar porque os dois grupos acreditam em suas aspirações e em suas táticas de luta.

Jane Vanini é uma militante que age o tempo todo. Seja trabalhando para assegurar sua sobrevivência pessoal, na luta política para a construção do socialismo chileno, nos grupos voluntários que atuam em creches, escolas, ruas, armazéns, na vigília das fábricas e instituições públicas, seja nas lides domésticas, ela é uma pessoa de constantes ações. Pelo conteúdo das cartas, percebe-se os múltiplos arranjos de vida construídos por ela nos espaços público e privado, os quais dão conta de ajustar a

¹⁰⁹ Carta de Jane Vanini, datada em 15.09.72, sem assinatura.

militante, a companheira, a voluntária, a trabalhadora e a mulher que cozinha, costura, fotografa-se e, em especial, não abdica de sua singularidade feminina.

É vivendo essa multiplicidade de ações que Jane encontra apoio para a vida, ao buscar a ajuda material da família e, por isso, situações domésticas tão particulares aparecem nas correspondências com sua irmã:

...Como vai a máquina de tricô? Quero receber algum presente feito pela senhora quando a madrinha vier. Aqui usa tudo muito apertado e curto no caso de blusa. Além disso creio que estou mais magra do que antes. Como diria a Magali, estou elegante. [...] Mandem-me receita de bolo de queijo e de algumas coisa mais tá? (carta 07)¹¹⁰

Já vimos que é tremendamente complicado tirar a encomenda [...] não vou querer que vocês fiquem gastando tanto nas roupas como nos fretes para mandar-me coisas. A roupa de lã ainda tem sentido porque o frio aqui é de lascar... (carta 08)¹¹¹

...Quando a minha madrinha vier me tras aquelas (roupas) que por ventura algum de vocês já começou a fazer... Quando a aeromoça vier a Chile, peça-lhe que traga um vidro de leite de colônia que me faz uma falta tremenda...(carta 10)¹¹²

Pedi a madrinha que traga aquele fichário que o senhor me encadernou. Tomara que ainda esteja por aí. Não quer me fazer uma alpercata ou um tamanco daqueles que o senhor me fazia no sítio? Gostaria bastante. (carta 23)¹¹³

Soube que o seu Zé vem visitar o Sérgio. Se der peça-lhe que traga alguma coisa dos meus discos de música brasileira, livros [...] Gostaria que me mandasse aquela saia negra de crochê que eu

¹¹⁰ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

¹¹¹ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

¹¹² Carta de Jane Vanini, datada em 07.09.72, assinada por Ana.

¹¹³ Carta de Jane Vanini, sem data, assinada por Ana.

tinha se é que está por aí [...] Não te esqueças das minhas receitas.
(carta 28)¹¹⁴

No vai-e-vém de cartas, que incluem pedidos e envios de objetos de uso pessoal, nota-se um empenho muito grande de Dulce que, embora correndo todos os riscos de perseguição e censura, se revela na relação de cumplicidade. Em, ... *a encomenda chegou, mas ainda não pude retirá-la. São tantos os papéis que se necessita que é quase impossível consegui-los todos. Hoje um amigo ia ver se resolvia tudo para mim...*(carta 12), percebe-se que para Jane, a condição de ser estrangeira, clandestina, amparada por organizações partidárias nem tão consolidadas e vivendo num país sacudido por muitos conflitos políticos, impõe-lhe algumas limitações, e por isso observa-se uma certa lentidão para estabelecer a normalidade da vida.

Como qualquer outra pessoa, um dos fatores que muito incomoda Jane é a dependência de alguém para resolver situações inteiramente particulares. É o caso da retirada das “encomendas” que lhe chegam ao Chile, seja pelo correio ou por empresas aéreas. Por mais que possa parecer solidariedade dos companheiros de luta, a ação da retirada dos objetos, além de importunar a vida do outro, o outro lhe importuna por intrometer-se em sua privacidade, ao testemunhar o trânsito de suas intimidades.

Outro dia escutei uma música argentina, com um cantor argentino chamado Piero é é muito bonita. Quando puder vou comprar o disco e quando puder vou enviarte. Tem uma parte que diz: Viejo, mi querido viejo... e quando a escutei me lembrei do senhor. (carta 15)¹¹⁵

O senhor não me escreveu se chegou a fazer o abajour que eu expliquei naquela carta. Esse abajour é para por em lâmpadas que

¹¹⁴ Carta de Jane Vanini, datada em 12. 06. 73, assinada por Ana.

¹¹⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 31.10.72, assinada por Ana.

ficam penduradas no teto. Em geral se faz de cores que combinam ou com a colcha ou com os móveis, ou com a cortina, dependendo da casa e da peça onde se vai colocá-la... (carta 28)¹¹⁶

Aqui, percebe-se as dificuldades de Jane e Sérgio viverem uma vida “a dois” num mundo em que faltam territórios de referências mais firmes. A tensão política que experimentam atravessa tanto a vida pública quanto a privada. Assim, organizar essa vida comum, em meio às tempestades da luta revolucionária, pelo visto, é uma condição difícil e frágil. Nessa perspectiva, a lista de coisas que compõe uma de suas cartas, as peças de roupas e outros pertences pessoais, incluindo o *abajour*, representam momentos importantes da sobrevivência pessoal.

A figura do *abajour* parece ganhar um destaque especial. Ele não é aquele em que se põe as lâmpadas que ficam penduradas no teto, combinando com o estilo do ambiente, mas o adorno que veicula e revigora a afeição entre pai e filha. Ele, o *abajour*, é também a busca da bênção do *Viejo*. Na avidez do afeto familiar e na arte do argentino Piero, Jane reencontra seu velho e querido pai. O velho artesão que faz encadernações, *abajour*, fichários, alpercatas e outras coisas mais.

É impossível separar o tempo da ação política e o tempo da ação existencial. Ambos, não apenas se cruzam nas práticas, invadem-se simultaneamente. São vidas definidas num tempo que confina no mesmo espaço, fisionomias públicas e privadas, a pessoa e a militante. É com esse caráter que as cartas apresentam mudanças bruscas de assuntos, misturando humor crítico, solicitações, conselhos, sentimentos afetivos, relações familiares e outros aspectos individuais da sobrevivência e da vida pessoal.

¹¹⁶ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

As palavras só ganham sentido quando articulam os signos e, por conseguinte, instrumentalizam, pela comunicação, o exercício simultâneo das práticas. A escrita é a significação dos desejos e só assim é que as cartas de Jane Vanini produzem o movimento das atitudes comportamentais, dando visibilidade às práticas cotidianas.

Minha carta será bastante breve. É só para contar-lhes que ontem nevou à beça pela noite e pela primeira vez vimos a neve. Ficamos em um apartamento bastante alto vendo a chuva e quando se amontoou um pouco de neve na rua nós descemos para brincar. Nos atirávamos neve, corríamos, deslizávamos nela e tudo. Nem sentíamos o frio com exceção das mãos e dos pés que estavam molhados e gelados. Tudo ficou branquinho, muito bonito. Tivemos sorte de que nevasse no primeiro ano que passamos aqui. No sul é claro que sempre neva, todos os dias, mas aqui é bem difícil. Não vejo a hora de que limpe um pouco o tempo para ver a Cordilheira que deve estar toda branca. Não imaginam o bonito e divertido que é estar no meio da chuva de neve. Hoje faz um frio danado. (carta 04)¹¹⁷

Essa carta é datada pelo inverno chileno. Para Jane, uma moça do interior do Brasil, o momento é oportuno e singular: o acesso às belezas naturais dos povos andinos, cujos símbolos são a Cordilheira e a neve. O deslumbramento com a paisagem que testemunha e a necessidade do registro do que vê assinalam conhecimentos sobre outros mundos e outras culturas. Dessa forma, é que a *carta será bastante breve*, enquanto que a escrita das impressões parece eternizar a pureza dos sentidos que, por sua vez, tornam imensuráveis as sensações.

Jane está em Santiago e se encanta com o lugar. Nos primeiros meses de 1972, apesar da neve e muito frio, o tempo no Chile é agradável e, de presente aos olhos, vê-se a

¹¹⁷ Carta de Jane Vanini, sem data, com indício de assinatura de Ana.

Cordilheira dos Andes, também para ser absorvida pelo espírito de quem a contempla. Em suas palavras, ela quer compreender aquele lugar que tem uma temperatura média acima dos trinta graus centígrados e onde chove pouco. Até parece contraditório, a presença da neve e o *clima tão seco que a pele da gente fica totalmente seca e estou com ela toda rachadinha, é como se tivesse uns 50 anos (exagerando um pouco)*. (carta 07). A neve é um espetáculo que a natureza presenteia os humanos, e conduz todas as idades à pureza da infância. São os encantos de criança que se manifestam em Jane ao conhecer o inverno chileno e assim, seduzida, relata seus prazeres aos familiares.

Se não houvesse nenhum registro cronológico nas correspondências em análise, certamente alguns detalhes reveladores da intimidade daquela militante marcariam os traços das temporalidades vividas. Um desses detalhes, que chama a atenção de qualquer leitor das cartas, é o pedido de envio de dois objetos que emitem a significação de seu tempo: o leite de colônia e o rádio de pilhas.

Os anos 60, como se convencionou chamar, são essencialmente o tempo das cidades, que significam, em especial, o progresso e a modernidade. Elas, as cidades, são os teares das relações políticas, sociais, econômicas, religiosas e culturais das comunidades em geral. E as relações pessoais são, em grande parte, veiculadas por emissoras e aparelhos de comunicação. No Brasil, ganham destaques especiais a televisão e o rádio. Este último alcança uma popularidade pela praticidade, utilitarismo e fácil aquisição, pois acomoda-se em qualquer lugar, toca música, traz o noticiário, transmite o jogo de futebol, estabelece o correio sentimental e veicula compromissos entre as pessoas, além de tornar-se acessível pelo seu valor monetário relativamente baixo.

Todos esses atributos fazem do rádio um objeto de desejo e necessidade. É no conjunto desses aspectos que Jane, na possibilidade de receber a visita de Dulce, lhe pede um presente:

E por falar em presentes vou pedir um, tá? Aliás, como deve ser caro, façamos um negócio: a senhora traz um rádio a pilha ou elétrico ou que possa ser usado de uma outra forma que eu aqui te pago o equivalente em coisas que a senhora queira levar, tá bom? Os rádios bons aqui, com ondas curtas etc., são importados e saem muito caro e creio que já nem se importam para economizar divisas. (carta 29)¹¹⁸.

É importante observar que o depoimento *já nem se importam para economizar divisas*, não significa um ato de negligência com a economia interna do país, mas uma questão menor se se considerar a fragilidade do momento político que vive o Chile. É começo de julho de 1973 e o alerta de 29 de junho último, quando os tanques blindados do Exército e alguns militares insistem em levar a cabo uma tentativa de golpe de estado, aponta para a exaustão dos limites máximos dos conflitos, em breve.

Dentre todas as funções mencionadas sobre o rádio, o presente esperado por Jane significa também e, sobretudo, uma sintonia direta com a rádio da Unidade Popular, que transmite, na íntegra, as falas oficiais e os comunicados do presidente chileno Salvador Allende. Por outro lado, a ação de presentear, entre outras, leva a perceber que para Jane, a família representa o vínculo direto com o mundo do consumo.

Entre as décadas de 1960 e 1970, a população brasileira é embebida pelos ares da modernidade, cujo formato é definido pela incorporação de novos padrões de consumo à vida cotidiana das pessoas. Desde o surto industrial do Estado Novo, passando pelo

¹¹⁸ Carta de Jane Vanini, datada em 06.07.73, assinada por Ana.

desenvolvimentismo de JK e chegando ao “milagre econômico”, o Brasil desponta na América Latina como nação que se moderniza e marcha para o progresso. Fabrica quase tudo: aço, petróleo, estradas, eletrodomésticos, aviões, alimentos, medicamentos, vestuário, calçados, artigos de higiene e até cultura. As fábricas passam a compor os parques industriais e o comércio se moderniza, trazendo o supermercado e o *shopping center*, como ícones dessa época.

Em meio a todas essas atualidades, o cuidado e a exposição gradativa do corpo aparecem com especial destaque. As fisionomias masculinas e femininas passam a ter contornos mais delineados. Os concursos de beleza vão definindo um padrão estético para a inclusão social do corpo. Entre outros aspectos, os homens inovam-se com o uso do desodorante, a loção, o creme e a máquina de barbear, pintura dos cabelos, cabelos compridos, barba grande e bonés. Já as mulheres passam a exibir o corpo com mais vaidade e menos censura: inventam e incorporam hábitos como o absorvente íntimo, modelação e pintura das unhas dos pés e mãos, uso de *rouge*, cremes de limpeza e de hidratação do corpo, tratamento e modelação dos cabelos, incluindo o manuseio de objetos como escova, *bobs* e secador, cremes alisantes e tinta para colorir e descolorir os cabelos.

É na condição de personagem de seu tempo, vivendo essas inovações e incorporando parte desses hábitos, que Jane pede para que Dulce lhe faça chegar, pelas mãos da aeromoça, *um vidro de leite de colônia que me faz uma falta tremenda...*(carta10). Esse pedido é feito em setembro de 1972, momento em que ela convive com Tereza Motta e utiliza-se do seu nome para viabilizar a retirada da encomenda.

Nessa mesma avalanche de “novidades” para produzir a personalidade do corpo, as vestimentas revolucionam os costumes da época. Os homens começam a adotar roupas mais esportivas, como por exemplo, camisas mais coloridas, camisetas, bermudas, *shorts*,

calça *jeans* e o tênis que, quase obrigatoriamente, passam a fazer parte do guarda-roupa moderno de homens e mulheres. O mundo feminino incorpora com mais rapidez alguns modelos de vestuário, cujos aspectos espantam olhares conservadores e afrontam hábitos e valores que, até então, compunham a moral e os bons costumes. A alusão recai mais fortemente em dois símbolos que demarcam os territórios femininos da mulher: a mini saia e o biquíni. Além dessas peças, a calça comprida, camiseta, *shorts*, roupas transparentes sem anágua ou coladas ao corpo, que marcam curvas e linhas, juntando-se aos decotes ousados, assinalam um estilo revolucionário que representa a ruptura com os usos tradicionais.

Na intimidade com as palavras, Jane Vanini apresenta as marcas de sua individualidade e com isso constrói a imagem de si mesma. Entre outros aspectos, ela serve-se da linguagem epistolar para pronunciar e firmar, de maneira espontânea, sua condição e natureza feminina, revelando as vaidades e os prazeres pessoais. Num de seus registros, uma ênfase muito particular para uma peça de roupa: a saia.

A saia negra de crochê (carta 28) lhe faz muita falta num guarda-roupa um tanto desfigurado, mas é uma saia escocesa que parece polir sua estima: *Em relação ao envio de roupa...[...] E aquela saia xadrez escocesa que eu tinha, muito bonita, que comprei no Mappin, enviesada e que eu vestia muito, que foi feito dela? A encontraram? Essa eu gostaria que me mandassem se está por aí...*(carta 04). Ao que parece, Jane vê-se bonita vestindo essa saia. A descrição dos detalhes xadrez, bonita, enviesada e de uso freqüente, revela um estilo de apresentação em público e o gosto pela sua definição estética. É um traje que emite sentidos de afeto, bem-estar e elegância feminina. Tanto é, que à companheira do convívio diário convém presenteá-la com uma peça contendo características similares:

Quero pedir-lhe mais um favor, que quem sabe saia um pouco caro, mas no caso vale a pena. A companheira com a qual vivemos está louca por uma saia de xadrez escocês, mas não gostou de nenhum dos que encontramos, assim é que se virem por aí um escocês com bastante cores diferentes e bonito, não precisa ser de lã tão grossa como a minha, pode ser de lã um pouco mais fina, por favor, comprem um corte para ela e mande para cá, tá. Quando vierem por aqui eu a pagarei. Acho que uns 60 cm dá e sobra. (carta 04)¹¹⁹

Percebe-se aqui o imperativo dos territórios femininos, os quais sugerem pensar a sensualidade da mulher. Seja curta ou comprida, a saia é um objeto que, para a sociedade latino-americana, remete sua significação à feminilidade, à estética e ao erotismo do corpo. É muito em função desses signos de modernidade, incorporados à vida diária, que Jane, ao tratar de uma possível viagem de Dulce ao Chile, observa e descreve o estilo feminino da mulher chilena:

Aqui usa tudo muito apertado e curto no caso de blusa.(carta 07) ...Aqui se usa basicamente calça comprida para tudo: trabalho, cine, passeios, festas boates, etc.[...] em janeiro o tempo é mais quente aqui e o verão é realmente de lascar [...] os modelos aqui são bonitos e tem um corte bonito também. [...] Aqui não se usa sapatos de salto alto, usa bastante sandálias no verão e uma bolsa esporte sempre... (carta 16) ...Aqui existem muitas coisas típicas bonitas, principalmente de lã, coisas feitas 1ª mão como bolsas, ponchos, blusas, meias, etc., vai poder levar presentes para todos. (carta 29)¹²⁰

¹¹⁹ Carta de Jane Vanini, sem data, com indício de assinatura de Ana.

¹²⁰ Carta de Jane Vanini, datada em 06.07.73, assinada por Ana.

Na leitura de alguns registros de Jane Vanini, ao que tudo indica, há uma sensação de que o Brasil é um país mais sintonizado com a modernidade, pois no Chile os produtos que são relativamente bons e baratos são roupas e calçados. A roupa de lã ainda tem maior produtividade, não por ser moderna, mas porque o frio é muito intenso, como classifica Jane, *é de lascar*. Estas percepções estão vinculadas aos discursos propagandísticos e às práticas da modernidade, cujos arranjos marcam severamente a superioridade econômica, modelam o padrão de vida material e estabelecem a escalada do progresso, classificando as nações e os grupos sociais a partir dos inovadores hábitos de consumo e comportamentos.

No seu conjunto, as cartas são lugares que potencializam o exercício pleno das liberdades múltiplas, onde a individualidade cria e recria suas tramas íntimas e assim regula suas relações singulares de sociabilidade. São esses espaços singulares e libertadores que produzem os tempos dos desejos e dos prazeres pessoais. Desejo de ver e de estar junto dos familiares: *...Que bom. Vai ser fabuloso encontrar com alguém de vocês. Alguém querido que represente aos demais queridos...*(carta 15). Esse *alguém* é Dulce que não substitui nenhuma outra pessoa, mas para Jane ela reúne em sua figura o sentido completo de família e o significado de solidariedade.

É também o lugar em que Jane pode dar e receber presentes, sem que essas trocas passem pelo terrível julgamento de “desvios burgueses”. Daí momentos de prazer que se realizam em *... Já tenho um presente. Usei umas vezes, mas resolvi guardá-la agora para te presentear quando chegar, porque senão não poderei te dar nenhum presente, para variar, quase sempre estou dura.* (carta 09). Esses fragmentos desenharam as territorialidades que configuram o particular e o público.

Mesmo com todas as singularidades políticas que o Chile apresenta, em que o sonho revolucionário enxerga com nitidez a possibilidade de ser construída uma pátria socialista, a militante Jane Vanini deixa escapar as significações de sua identidade nacional. Saber fazer a feijoada é o usufruto de uma “identidade brasileira”, porque o costume de degustar e consumir feijoada é especificidade brasileira: *...Às vezes quero fazer algum bolo ou comida brasileira e não sei nenhuma receita. A única coisa que aprendi a fazer (e muito gostosa) é feijoada. Só faltam a couve e a farinha que aqui não existe, nem conhecem.* (carta 28) Juntando-se a isso, nessa mesma carta, quando Jane diz: *...Mande-me uma garrafa de pinga, tá? Isso não existe aqui, porque ainda não dá cana-de-açúcar*, há uma declaração de prazer aos costumes, às tradições e aos hábitos que já são incorporados a suas vivências, como parte do seu mundo simbólico.

A feijoada, mesmo faltando a couve e a farinha, as sensações de gosto e de cheiro das frutas, o sabor e o aroma da pinga, são *coisas* muito singulares de uma gente ainda mais singular - a “brasileira”. A saudade do *bolo de queijo e de outras coisas mais* (carta 07), e as lembranças da degustação do doce de goiaba que Jane saboreou em São Paulo (carta 15), revelam que ela continua vivendo o Brasil no Chile, como mostra os recortes a seguir:

Parece que a madrinha vem mesmo, não é? Fale com Marise se me consegue um doce de goiaba como aquele que ela mandou para mim quando eu estava em São Paulo. Sabe que aqui não tem goiaba nem manga. Tem outras frutas que são diferentes das frutas brasileiras, e as vezes a gente se lembra de alguma daí e sente saudades. (carta 15)¹²¹

¹²¹ Carta de Jane Vanini, datada em 15.10.92, assinada por Ana.

...Mande-me urgente a receita de torta paulista (aquela com bolachinha e creme de leite nestlé, leite condensado, etc., de Caruru com angu, se sabem e qualquer outra. Principalmente da torta paulista que quero fazer nos próximos dias se possível para uma companheira, tá?... (carta 17)¹²²

Tenho saudades da manga, do caju, do mamão, porque aqui não existe essas frutas. [...] Temos em compensação a chicha de uva, de maçã, que é deliciosa, mas são coisas diferentes. (carta 28)¹²³

O trabalho de Denise Rollemberg,¹²⁴ aponta a crise de identidade que vive os exilados nos países que os recebem. Diante das adversidades que surgem na vida de muitas pessoas que saem do país, a continuidade da militância política por meio do ingresso em

outra organização de esquerda, dá um sentido à vida de quem acredita num projeto revolucionário. É o que acontece com Jane Vanini, sobretudo, por significar uma perspectiva maior de vitória da luta.

Em compensação, o Chile tem *chicha de uva, de maçã, que é deliciosa, mas são coisas diferentes* (carta 28) significa que são coisas chilenas que, até pouco tempo antes, ela não conhecia e por isso não se incorporam com a mesma simbologia. O tempo verbal *temos*, que completa a construção da frase, pressupõe-se pensar que Jane adota o Chile como sua pátria, mas a segunda, pois as sensações de gosto, sabor, aroma, textura de bolos, doces, frutas, bebidas, tecidos, produtos de beleza, objetos, etc., exprimem sua identidade brasileira. Todos esses aspectos mostram que Jane está no Chile, contudo não é uma chilena.

¹²² Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

¹²³ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

¹²⁴ ROLLEMBERG, D. *Exílio: refazendo identidades*, 1999.

Nesses trechos, aparece o caráter ambíguo da identidade da militante refugiada. Há uma sensação de estar fora de seu lugar. A idéia de diferente está escondida e revelada na maneira de dizer, de sentir e de conceber as situações que dimensionam a vida cotidiana no Chile. Presentes em vários depoimentos, essa é uma característica recorrente que se incorporam às experiências de muitos militantes exilados ou refugiados que Denise Rollemberg aponta como sendo:

...a história da desorientação, da crise de valores que significou , para uns, o fim de um caminho e, para outros, a descoberta de outras possibilidades. É a história do esforço inútil e inglório para manter a identidade, mas também a história da sua redefinição e reconstrução, que se impuseram ao longo das fases do exílio e continuaram, para muitos, mesmo depois da volta ao Brasil.¹²⁵

Uma outra situação que tem uma importância fundamental é a aquisição de documentos de identidade. Na vida clandestina ter um nome fictício, naquela ocasião, significa a tentativa de continuar revolucionário, além de minimizar os controles institucionais a que são submetidos esses estrangeiros em condições tão especiais. Pelo apoio e segurança que representa, Jane Vanini, pode solicitar da família, por várias vezes até insistentemente, seus documentos:

...necessito que a senhora tente conseguir o máximo possível de nossos documentos. Fotocópia, o que for possível. Creio que em algumas das pastas de cartolina que havia em casa ou na casa de Da. Maria havia ou fotocópias do título, da identidade, etc. ou o negativo dos mesmos. Qualquer um serve. Se não conseguir, a senhora tente conseguir nos colégios onde estudei ou prestei exame, no colégio Estadual de São Paulo por exemplo, eles tem a fotocópia da identidade e me parece que do título também, peça emprestado, explique que eu perdi os meus e

¹²⁵ Ibid, p. 40.

preciso tirar outros e a fotocópia ajudaria, comprometa-se a devolver, mostre seus documentos para provar que a senhora é minha irmã, enfim faça o possível para conseguir uma fotocópia e me mande com a máxima urgência possível. (carta 20)¹²⁶

...pedi faz uns dias e também por telefone que nos enviassem nossos documentos: fotocópia ou negativo que devemos ter por aí ou que é necessário que o peça emprestado nas escolas, sei lá. É muito importante que mandem o mais rápido possível, principalmente a identidade. (carta 21)¹²⁷

Enquanto os documentos do colégio, todos tem que ter firma reconhecida. Realmente não tem problema se a senhora vai ao Colégio Estadual e pede para ver a pasta com meus documentos e copiar os dados. Diga que eu estou viajando e a senhora tem que preencher um formulário para um concurso qualquer, de escola ou de viagem, ou qualquer coisa e não tem os meus dados e aí é o único lugar onde a senhora pode vê-los. (carta 22)¹²⁸

Creio que a única solução dos dados da CI seria buscar nos meus papéis que sobraram e em alguns que estão na casa de Da. Maria, em uma pasta, num armário que existe no antigo quarto de estudos do Sérgio [...] O fogo no Colégio Estadual quer dizer que tampouco a senhora conseguirá meu diploma? Necessito disso também, se bem que não muito urgente. Tudo deve vir com firma reconhecida. Vou ver se me lembro de algum outro lugar onde pode haver esses dados que necessito. Enquanto isso, busquem milímetro por milímetro na casa de Da. Maria. (carta 25)¹²⁹

¹²⁶ Carta de Jane Vanini, datada em 30.12.72, assinada por Ana,

¹²⁷ Carta de Jane Vainini, datad em 16.01.73, assinada por Jane.

¹²⁸ Carta de Jane Vanini, sem datação, com assinatura de Ana.

¹²⁹ Carta de Jane Vanini, datada em 05.04.73, assinada por Ana.

Nota-se que há uma necessidade de restaurar a normalidade plena da vida, recuperar perdas da vida material, social, intelectual e profissional. Nas investigações que faz sobre aspectos da vida clandestina de militantes de esquerda, Denise diz que a necessidade de portar documentos significa a materialização da identidade, pois “os documentos definiam aspectos essenciais do dia-a-dia, a começar pela própria permissão para se estabelecerem, trabalharem, terem direito à saúde, moradia, alimentação, etc.”¹³⁰

É certo que o Chile, até o golpe de estado em setembro de 1973, por ter um governo de alianças que congregava partidos políticos de esquerda, não só acolheu muitos brasileiros exilados e refugiados, como também dispensou um tratamento diferenciado de outros países inclusive socialistas. Um exemplo muito forte que marca a vida de pessoas

clandestinas que vivem no Chile entre 1970 e 1973, é o reconhecimento da nacionalidade chilena aos filhos de brasileiros que por lá nasceram. A falta de documentos, antes de tudo, impede as pessoas de locomover-se e negar a expedição oficial de documentos é uma forma de repressão e controle que as ditaduras exercem sobre os militantes nacionais.

Numa outra perspectiva, essa condição bifurcada entre ser estrangeira e ser revolucionária denota que a militância de esquerda, em sua essência, produz a superação do conceito tradicional de nacionalidade, uma vez que a concepção da luta revolucionária incide sobre a libertação dos povos esmagados pelo sistema capitalista. Isso porém não significa a negação da nação, mas a afirmação desta, com base numa construção da idéia de transnacionalidade, ou seja, uma multiplicidade de práticas políticas e sociais, cujo movimento de suas ações está para além da nação.

¹³⁰ ROLLEMBERG, op. cit. p. 60

Registro Fotográfico: entre a sedução e a memória

Embora o foco da investigação seja o conteúdo de cartas pessoais incorporadas à vida de militância política, nota-se que no espaço das correspondências a referência sobre fotografias é marcante, significando perceber que o registro fotográfico, mais que um testemunho de um instante, é a produção de um discurso que também é parte da vida de Jane Vanini. Um discurso sobre si mesma e sobre outras pessoas, pois a fotografia incorpora um sentido de direção e referências sociais, especialmente, porque os fragmentos registrados possibilitam informar ações e relações entre pessoas, espaços e temporalidades.

Nesse ponto, as fotografias estão pensadas como partes indissociáveis das cartas. O registro de espacialidades e temporalidades, que traz a fotografia, permite construir múltiplos olhares que penetram nas possíveis escolhas das imagens. Os enunciados dessas imagens são produtores de signos não-verbais que ajudam a compreender e reatualizar o passado no presente. Elas, as imagens, são também portadoras de códigos de representação que revelam comportamentos e experiências sociais. Ao trabalhar com mensagem fotográfica, Mauad propõe cinco categorias denominadas de espaços. São eles, o fotográfico, o geográfico, o espaço do objeto, o da figuração e o das vivências.¹³¹ Nessas categorias, encontram-se conteúdo e expressão, configuração física dos cenários, dimensões

e valorações simbólicas, relações que estruturam o campo das significações e as atitudes humanas conflituosas ou harmônicas.

Olhando dessa forma, há de se considerar que a fotografia é uma construção de imagens que pode produzir mensagens e interpretações das imagens que registra.

E minhas fotos e documentos? Se puder mande algumas fotos minhas e documentos, aquelas que eu tirei no sítio, de calça comprida, de chapéu, às vezes com revólver na cintura, uma que eu tenho sentada no antigo porto da antiga casa do Cabaçal, perto da figueira, olhando o rio e alguma outra nesse estilo. Me lembro que tirei algumas na lage. Mande-me todas que puder tiradas no campo. Na cidade não me lembro agora de nenhuma que eu gostasse. Bom, vê aí, tá? Fiquei contente em saber que a senhora nos mandou uma foto

¹³¹ MAUAD, A. M. S. A. E. *O olho da História: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos*, 1993. pp. 29/39.

de toda a turma. Mandem mais, quantas puderem. Tenho uma saudade louca de vocês. (carta 09)¹³²

Esse recorte da carta enfatiza bem a capacidade do registro fotográfico em construir imagens e disponibilizá-las para diversas interpretações. Os detalhes das fotos que Jane expõe, tais como sítio, chapéu, revólver na cintura, antigo porto, figueira, rio, são autênticas marcas da vida campestre. É o estilo mais “rural”, afastado do consumo e da urbanização das cidades.

Esses termos também revelam a rede de referências familiares. Uma referência singular, individualizada e própria de Jane Vanini, para as pessoas que convivem com ela nesse momento e compõem suas referências no Chile. Os aspectos que constituem os cenários dessas fotografias testemunham sua origem, as relações familiares e as condições de vida material, por isso a ênfase para *mandem-me todas que puder tiradas no campo*.

Numa outra abordagem, é possível afirmar que a fotografia, na condição de representar a presença da pessoa ausente, tem a força de poder recompor o núcleo familiar, imprimindo em si mesmo o sentido de unidade. A necessidade de enviar e de querer receber muitas fotos e de todos, é um traço marcante na reconstituição do convívio familiar tanto para o fotografado, quanto para o receptor, embora isso não resolva os conflitos que porventura existam. Neste caso, para o receptor, a fotografia passa a documentar os aspectos da vida pessoal e social do fotografado e assim, o olhar torna-se mais penetrante nas particularidades do registro que reúnem indumentária, semblantes, expressões corporais, aparências, além de vários outros detalhes dos cenários congelados.

¹³² Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

O trecho acima selecionado traz uma outra singularidade da vida pessoal de Jane Vanini: o gosto pela fotografia. A adoção da luta revolucionária, que parece ser a face mais intensa de sua existência, não lhe retira o prazer de fotografar-se, mesmo porque o registro fotográfico é um artifício que possibilita criar várias interpretações de realidades, tanto para o retratado quanto para os receptores.

No consentimento ao ato de fotografar-se, que de maneira geral inclui propósito e intenções, as pessoas são tomadas por momentos de satisfação, especialmente quando são retratos de família. É também a vontade de ver construída a imagem de si mesma, fundamentando-se na idéia de que “a fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”.¹³³

Analisando álbuns de família, Mírian Moreira Leite afirma a regularidade com que as pessoas se permitem fotografar, considerando a forma, o ritmo, a estética, o significado e a satisfação psicológica que o registro fotográfico proporciona. Nessa mesma direção, ela aponta como motivos de satisfação do registro os seguintes aspectos: “a proteção contra o tempo, que torna a fotografia um substituto mágico do que o tempo destruiu; a comunicação com os outros e a expressão de sentimentos; a auto-identificação, o prestígio social conquistado pela proeza técnica, pela realização pessoal ou pela despesa ostentatória; a distração ou jogo e/ou a evocação da memória evanescente”.¹³⁴

Aqui é importante ressaltar que Jane Vanini incorpora o hábito e o prazer de ser retratada, o que significa uma marca nos hábitos de consumo da família burguesa, produzindo sentido de inclusão social, pois não é qualquer família que pode fotografar os

¹³³ KOSSOY, B. *Fotografia e história*, 1989, p. 22.

¹³⁴ LEITE, M. M. *Retratos de família*, 1973, p. 87

seus momentos. Seja na infância, nos carnavais, nas festas de aniversário, adolescência, formaturas, desfiles cívicos ou de moda, mais curiosamente, ela registra também seus tempos de militância política. Além do variado acervo, uma máquina fotográfica é parte de seus pertences pessoais, como consta na carta 29, escrita em julho de 1973, quando também aproveita para informar sobre o uso do dinheiro que recebeu de sua madrinha, que aliás lhe deixa um tanto confortável:

Qualquer dia desses vou te mandar fotos minhas. O problema é a falta de tempo e os filmes que são caros. Minha máquina é de 35mm e os filmes de 400 asas que eu geral uso e estão escassos, porque também é importado. Mas logo logo te mando algumas. Vou comprar filmes com os 200, há, há, há!!" Vou mandar concertar e lhes mandarei algumas fotos, tá? (carta 34)¹³⁵

Por que Jane desejou fotografar-se durante a prática da militância, um tempo tão conturbado, em que o recomendável não é o registro pessoal? O que significa uma militante fotografar sua imagem no Chile e enviá-la, pelos Correios e Telégrafos, a sua irmã que reside em São Paulo-Brasil? Como se dá a escolha dos cenários fotográficos? Parte dessas questões talvez não seja mais possível recuperar, nem tampouco a fotografia fala sozinha de si mesma, mas permite que seus indícios recriem aspectos capazes de fomentar a investigação histórica. Então, é imprescindível dispensar atenção ao registro fotográfico, uma vez que este possibilita, no seu conjunto, complementar a montagem do enredo.

Que trama histórica pode revelar ou esconder uma produção fotográfica? O “clic” da objetiva registra um instante ímpar de um tempo, num espaço escolhido em função de uma vontade, pois o cenário é construído pela intenção do fotógrafo e do fotografado, ou

¹³⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 04.05.74, assinada por Jane.

de ambos. Seja como for, a cena registrada expressa o assunto que de fato existe. Isso não significa que a fotografia traz em si mesma a expressão da verdade e nem um conhecimento total sobre o passado retratado, mas expressa certamente um sentido testemunhal do instante e ajuda a visualizar e compreender os “microcenários do passado”, segundo Kossoy. Esse mesmo autor, ao analisar o tempo e a realidade no registro fotográfico, diz que “toda fotografia representa em seu conteúdo uma interrupção do tempo e, portanto, a vida. O fragmento selecionado do real, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na bidimensão da superfície sensível”.¹³⁶

Um sentido curioso na fotografia é que seu conteúdo pode revelar informações que ajudam a reconstruir um tempo para quem analisa e reatualizar emoções para quem partilha a convivência com o tempo retratado. Esses desdobramentos revitalizam as imagens congeladas e, ao mesmo tempo, quebram sua imobilidade e as põem em movimento numa continuada construção de significados que brotam do exercício de rememoração.

O registro fotográfico é o resultado de uma vontade deliberada que implica na escolha de aspectos como ângulos, iluminação, planos, enquadramentos, cenários, entre outros, estabelecendo uma estreita relação com objetos, pessoas e paisagens, que são constituidores de uma memória que legitima aquelas escolhas, ao mesmo tempo em que produz um esquecimento sobre as outras lembranças. A fotografia não transmite uma realidade, mas uma relação com ela, ou seja, uma representação desta que permite construir uma significação entre seu conteúdo e sua forma.

¹³⁶ KOSSOY, op. cit. p. 28

Há de fato uma teia de comunicação entre o observador e as imagens fotográficas silenciadas no seu tempo, pois elas são componentes do sistema de signos não-verbais que se caracteriza por estabelecer uma comunicação independente, gestora de múltiplos aspectos culturais. É com esse sentido que Jane diz:

Eu queria tirar uma foto bem chilena e mandar a vocês e pedi uma manta emprestada para a foto, porém agora comprei uma manta para dar de presente a senhora e vou tirar uma foto com ela para te mandar. (carta 24)¹³⁷

O registro fotográfico, por ser um texto visual, leva o leitor a estabelecer uma relação cognitiva entre as imagens congeladas e ele mesmo, na qual se impõe o processamento de informações que se escondem nos vincos dos cenários ou fora deles, porém, na análise de Mírian M. Leite, “como a fotografia acolhe significados muito diferentes na codificação e em possíveis decodificações da mensagem transmitida, as interferências dessas condições alteram e percepção do observador da imagem.”¹³⁸

A relação com a imagem fotográfica produz múltiplos sentidos e imediatos, porque as imagens possibilitam leituras dissimuladas, dispensando mediações. E quando se trata de cenários, cujos comportamentos dos figurantes tem-se um conhecimento prévio, as interpretações parecem mais próximas e os significados mais evidentes. Então, o fragmento acima citado expressa em *foto bem chilena e manta emprestada*, a significação do instante, como se quisesse falar: agora é assim, eu vivo o Chile. Essa prática de fotografar-se também sugere pensar a forma mais imediata e mais presente de assegurar

¹³⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 23.01.73, assinada por Jane.

¹³⁸ LEITE, M. L. M. *Livros de viagem (1803-1900)*, 1997, p. 224.

sua integração plena ao grupo familiar, uma vez que o registro fotográfico não reúne, no seu conteúdo, somente as singularidades pessoais dos atores, mas assinala, sobretudo, os papéis e os lugares sociais de cada fotografado.

A família Vanini sempre preserva o costume de expor suas fotografias em fartos álbuns, porém os registros de Jane nos seus tempos chilenos não estão assim dispostos, mas guardados cuidadosamente nos pertences pessoais da irmã Dulce Ana. Essa é uma particularidade que não ajuda a construir um esquecimento, mas algumas folhas de silêncio. Silêncio sobre a ausência, a presença, as escolhas, as paixões, as fugas e as atitudes sobre Jane. Qualquer tipo de silenciamento traz a sensação de protegê-la, quer da repressão institucional, quer das múltiplas opiniões que se formulam e circulam sobre sua conduta, gerando descontentamentos públicos aos quais submete toda a família.

As fotografias “guardadas”, assim como as cartas e outras lembranças, quando olhadas e observadas, provocam rompimentos repentinos desse silêncio que acompanha a história e, dessa forma, arrancam da memória familiar os traços de vida também guardados nas lembranças do convívio. Assim, rememora-se o afeto, revivem-se as relações, recompõe-se a convivência familiar, refazem-se as atitudes e os pensamentos, escuta-se o som das vozes, recuperam-se os traços das feições e os contornos dos sorrisos e dos olhares petrificados no registro. É como se as imagens ganhassem vida e se locomovessem para o espaço do agora. É nessa vitalização das imagens que Jane deseja recuperar alguns registros perdidos:

Gostaria que me mandassem uma foto de vocês outra vez.
Sabe que a que eu tinha me roubaram um dia em que me bateram a
certeira e estou sem nada. Nem da Cida. Nem do Jorge, nem daquela

de papai, mamãe, etc. Qualquer dia desses mando foto nossas. É que temos que tirar ainda e não tivemos oportunidade. (carta 21)¹³⁹

Mande-me foto de todos vocês, tá? E se encontram algumas minhas antigas, daquelas que eu gostava, mande-me também, tá? (carta 25)¹⁴⁰

Para Jane Vanini, ao que tudo indica, a fotografia é um tempo de sedução que se reedita em múltiplas vontades, uma vez que eterniza seus momentos de prazeres. Seja na rua, no trabalho, ao telefone, nas creches em atividades voluntárias, ou ainda, conservando imagens de cenários, pessoas e objetos, o encadeamento das relações produz signos de uma experiência, mesmo que a fotografia possibilite leituras ambíguas sobre seu conteúdo.

Numa proximidade com as correspondências, as fotografias enviadas a Dulce são instrumentos fascinantes, os quais, detendo informações e enunciando mensagens sobre o cotidiano de Jane, soam como grandes fragmentos de certezas vividas. Com essa significação é que Jane Vanini atualiza um passado no presente e fala do companheiro *gordinho*, mas *simpático*, da *magreza* que não existe mais, da identificação das *crianças* e da feitura de sua *carteira*:

Vou te mandar umas fotos (anteriores às outras que te mandei) em que estou com um companheiro chileno. É meio 'gordinho', mas é simpático e parece que está enamorado. Oh!!... Nesta época eu estava magra, mas afora estou super gorda, assim é que não se preocupem pela magreza minha nessa foto. (carta 32)¹⁴¹

Em outra carta lhes vou mandar negativos com fotos nossas. As duas crianças que aparecem são filhos do Pepe. A carteira que aparece comigo, eu mesma a fiz. (carta 36)¹⁴²

¹³⁹ Carta de Jane Vanini, datada em 16.01.73, assinada por Jane.

¹⁴⁰ Carta de Jane Vanini, datada em 05.04.73, assinada por Ana.

¹⁴¹ Carta de Jane Vanini, datada em 01.02.74, assinada por Ana.

¹⁴² Carta de Jane Vanini, datada em 29.07.74, Assinada por Carmem.

Qualquer que tenha sido a finalidade das produções fotográficas nos tempos das práticas da luta revolucionária e, em especial no Chile, os registros também expõem a marca individual do fotógrafo. Ele tem um estilo que revela seus valores culturais, sua forma de pensar e sua compreensão sobre estética. Há, portanto, uma cumplicidade entre o fotógrafo e a fotografada Jane.

Seguindo Boris Kossoy, a trajetória da fotografia se dá em três estágios: a) a intenção de registrar a realidade, que pode ser do fotógrafo ou não; b) o ato de registrar o real, que é o processo que origina a fotografia; c) os caminhos que tomam a fotografia, ou seja, os aspectos como as aventualidades, as dedicatórias, as emoções, os sentimentos, as razões pelas quais determinadas pessoas salvam os registros, os álbuns que conservam, mãos e olhos que manuseiam as mensagens. “Neste caso, seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas. Apenas o artefato, no seu todo envelheceu”.¹⁴³

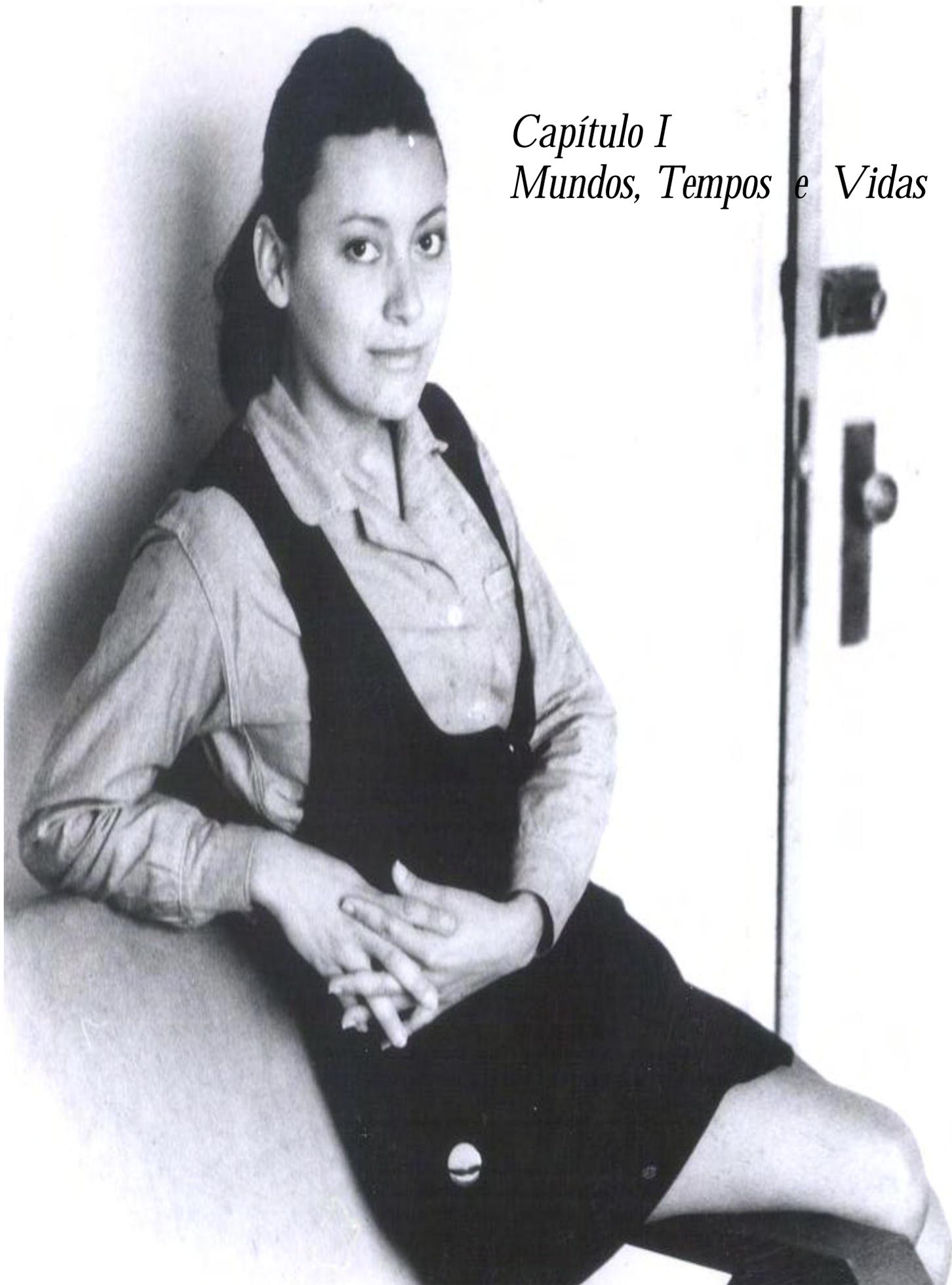
Para os familiares de Jane Vanini, sua ausência, no sentido mais amplo, traduz um sentimento de perda da ente querida e pode ser amenizado na contemplação da imagem fotográfica. Os conteúdos de seus últimos registros representam a realidade intensamente vivida e assim, a continuidade dos laços familiares e afetivos. É nessa compreensão que os trabalhos de Míriam Moreira Leite apresentam a imagem fotográfica como um prolongamento da existência humana como forma de culto e preservação da memória das pessoas que já não se fazem mais presentes no espaço familiar. Ela enfatiza essa representação afirmando que “a fotografia funciona como índice do que foi e por onde passou a família. Silenciosas e imóveis, ficam, também por isso, ligadas à memória

¹⁴³ KOSSY, B. *Fotografia e História*, 1989, p. 29

dos entes queridos que desapareceram e que se tenta fazer sobreviver. Além de ser um espelho de momentos passados, as fotografias recuperam a presença dos ausentes”.¹⁴⁴

¹⁴⁴ LEITE, M. M. *Retratos de família*. 1993, p. 160.

Capítulo I
Mundos, Tempos e Vidas



Na trama das palavras, os tempos vividos

Cartas são instrumentos que, ao registrar suas informações, produzem sensações diversas, mexendo com o estado emocional tanto de quem as escreve, quanto de quem as lê.

Num primeiro instante, uma carta parece não passar de um veículo comum que provoca um movimento de notícias que articulam pessoas, as quais se encontram fisicamente distantes. No entanto, há uma complexidade que independe da natureza e do conteúdo que cada carta carrega.

Para efeito de compreensão, o lastro desta pesquisa são cartas pessoais que possibilitam, pela leitura dos conteúdos e interpretação de seus enunciados, a reconstrução de aspectos de uma experiência político-social trágica vivenciada por uma jovem estudante, entre os anos de 1964 e 1974. Essas cartas pessoais, produzidas entre os anos de 1972 e 1974, foram trocadas entre Jane e Dulce Vanini, e encontram no restabelecimento das relações familiares, uma das fortes razões de existirem. Trata-se especialmente de duas irmãs, uma delas, autora e remetente, Jane Vanini, que, na época vivendo politicamente clandestina em Santiago-Chile, faz de suas correspondências, entre vários outros sentidos, o reatamento de laços afetivos com sua família.

Num total de trinta e sete cartas, Jane destinou grande parte delas a Dulce, sua irmã mais velha, a quem tratava afetivamente de “Madrinha” e que, naquele período, na

condição de funcionária da empresa Mappin S/A, residia em São Paulo-Capital. Embora Dulce tenha sido a receptora das cartas, Jane também endereçou correspondências a outros destinatários como irmãos, pais, sobrinhos, cunhados e tios.

O ato de escrever e trocar cartas são práticas antigas, produtoras de múltiplas sensações que, num sentido primeiro, geram ao mesmo tempo um prazer por parte do autor e uma ansiedade por parte do receptor. Na dimensão desse espaço existente entre o que se escreve e o que se lê, é fundamental compreender os significados que aparecem entre o conteúdo de um texto e os efeitos que ele tende a produzir.

O que de fato acontece com uma pessoa ao proceder qualquer tipo de leitura? Para Chartier, a leitura não é um simples processo de absorção de conteúdos, pois nenhum texto se apresenta como um amontoado semântico, nem o leitor como um mero instrumento armazenador de discursos. A relação leitor *versus* leitura “supõe uma multiplicidade de mediações e de intermediários entre as palavras anunciadas e a página impressa”¹⁴⁵, afirma ele. O leitor se encontra envolvido numa cadeia de práticas sociais diversas intensamente compartilhadas entre grupos distintos. A leitura é, então, fortemente marcada pela produção de sentidos, cujas formas de apreensão se articulam com a *utensilagem mental* e o *capital simbólico* do leitor, os quais possibilitam construir valores, intenções, propósitos, conceitos, conhecimentos, planos deliberativos, etc.

O leitor, por sua vez, tem uma capacidade de interpretação que é adquirida através do conjunto de aspectos normativos, legitimadores de comportamentos sociais, cujos princípios caracterizam a maneira de pensar de uma dada época. Assim, o leitor não absorve uma leitura balbuciando palavras ou com um olhar silencioso sobre o texto, mas

¹⁴⁵ CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesús Anaya, Daniel Goldin e Antonio Saborit*, 2001, prólogo.

na relação que ele estabelece entre suas competências individuais já internalizadas e a mensagem que o texto, no seu todo, disponibiliza.

Não há, portanto, uma naturalização das coisas, ao contrário, a intervenção direta e constante dos agentes sociais é que constrói a realidade, demonstrando, na dinâmica social, a forma como se apropriam dessas leituras, manifestando suas percepções, através das estratégias de conduta que utilizam no convívio em sociedade.

É com essa complexidade que se dispensa uma atenção especial para a intertextualidade das cartas que contempla ao mesmo tempo as experiências plurais de Jane Vanini, cujos relatos, cheios de “veredas”, ao exibirem um olhar militante sobre aquele mundo, permitem também vários olhares sobre o mundo dos militantes.

Para Jane, escrever cartas aparece como uma necessidade, uma vez que elas se apresentam como o lugar que sacraliza sua individualização, por conseguinte, o espaço que assegura sua identidade. As correspondências são mundos passíveis de exibirem a singularidade de Jane que aparece encarnada no corpo de cada escrita, ora reconhecendo-se como revolucionária, ora circunscrita a si mesma. Esses são os lugares de construção de identidades, pois permitem que Jane Vanini reconheça-se na sua própria trama. Já para a família, a carta, enquanto objeto, tem o sentido de vida possível; enquanto conteúdo imprime a essência humana da pessoa ausente. Cada carta enviada e recebida expressa, sobretudo, a costura pausada de uma cumplicidade estabelecida entre a remetente e os destinatários. Em outros momentos, as cartas são também maneiras de expressar as saudades e o vínculo afetivo que as acompanham como sombras de vida e que, quase sempre, começam ou terminam o noticiado de cada carta:

Madrinha:

Finalmente recebi sua carta. Estava realmente preocupada. A Dona Maria havia escrito ao Sérgio que a senhora estava doente dos nervos, etc., e como não recebia nenhuma notícia sua, me preocupava e supunha mil coisas. Mas parece que sua tentativa de escrever uma carta curta por semana não prosperou porque já vai fazer 2 semanas que não recebo outra. (carta 28)¹⁴⁶

Querida Madrinha:

Muitas saudades. Tenho uma vontade enorme de estar com vocês. Houve uns dias que passei meio na fossa. Não muito porque não posso permitir-me êsses luxos. Já tinha recebido sua carta junto com a do Papai mas queria estar sem 'meias' fossas para poder escrever. Hoje eu o estou fazendo. Aliás interrompi aqui esta carta porque acabo de receber outra carta, do dia 23 de abril com as fotos. Como estão diferentes as 'crianças'. Os grandes não tanto. A senhora sempre enxutinha, né? Os cabelos dos nossos pais sim que estão mais brancos. Que saudades! [...] Sonhei muito com vocês estes dias. Pensei que sua carta me fôsse dizer que a senhora estava por aqui. [...] não deixe de escrever-me, tá? Depois respondo tudo junto. Queria vê-los. Morro de saudades. Tenho Banzo. Eu os quero muito, abraços. (carta 34)¹⁴⁷

Por esses aspectos, é perceptível que os militantes, ao se tornarem militantes, não se divorciam de seus sentimentos. Apesar de um tempo policialesco, que viola os direitos de cidadania das pessoas, Jane aposta na possibilidade de algumas cartas não serem interceptadas pela censura. Encontra junto a Dulce o “jeito” do envio e recebimento através do qual consegue estabelecer uma comunicação direta com seus correspondentes:

¹⁴⁶ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

¹⁴⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 04.05.74, assinada por Jane.

Melhor que escrevam 2 vezes por se acaso uma se extravie.
(carta 02)

O Mário recebeu outro dia uma carta de Dona Maria em que ela diz que não estão recebendo cartas. Eu tenho escrito sempre com muita regularidade. [...] As cartas que vocês me mandam chegam no máximo com uma semana desde o dia em que colocam no correio. Em geral elas vem reengomadas, quer dizer que a abriram e tornaram a fechar. [...] Estou numerando as cartas. Esta vai ser a número 1 pode ver no canto a direita, em cima. Até agora já escrevi, no total umas 18 cartas (incluindo a de Nícia). Espero que tenham recebido todas.
(carta 10)¹⁴⁸

Quando me escreverem colem a carta somente com a cola que vem no envelope, porque se vem mais cola que essa já sei que foi aberta no correio. (carta 12)¹⁴⁹

Embora os conteúdos dessas cartas também revelem aspectos da luta de militância, eles mostram, ao mesmo tempo, que o regime vigente, no que diz respeito ao controle, apesar de propagandeado e onipresente, não impediu que a capacidade criadora da mente revolucionária construísse outras formas de sobrevivência. Como pode-se notar nos trechos acima citados, códigos, datações e duplicidade de correspondências são algumas maneiras que Jane elabora para circular num espaço totalmente personalizado.

Durante quase cinco anos, Jane vive inevitavelmente clandestina. Para uma militante clandestina, mais do que para qualquer outra pessoa, escrever cartas também toma um sentido de encurtar distâncias geográficas e físicas, além de estabelecer um fio condutor de relações e sensibilidades. Há, no entanto, um espaço de sedução desenhado pela busca

¹⁴⁸ Carta de Jane Vanini, datada em 07.09.72, assinada por Ana.

¹⁴⁹ Carta de Jane Vanini, datada em 15.09.72, sem assinatura.

de si mesma e pela conquista do outro, pela personificação dos conteúdos e pelos segredos. A indistinção entre remetente, narradora e autora e a flutuação entre a imaginação utópica e a ação experimentada, revela, sobretudo, a ansiedade que permeia a vontade de ser revolucionária, a convivência com as incertezas e a opção de continuar lutando. Por intermédio das cartas observa-se que há vários atores sociais em Jane, os quais se misturam e se cruzam indistinta e simultaneamente sobre várias figuras: a narradora, a militante, a guerreira, a filha, a irmã, a nora, a mulher, a companheira, a tia, a cunhada, a revolucionária, a “camarada”, etc.

As circunstâncias da clandestinidade levam o revolucionário a pensar muitos aspectos da militância política, a partir de um direcionamento pessoal, ou seja, exigem a invenção de múltiplas formas de sobrevivência, pois convive-se simultaneamente com o medo e a coragem, com um imaginário projetado e um ambiente muito adverso, com a solidão insuportável e o apoio disponível, com o companheirismo possível e o individualismo necessário, com a possibilidade de superação e a incerteza de alcançá-la. Nesse caminho, é aceitável pensar que a camuflagem das identidades, por trás de cada subscrição que Jane registra, esconde e revela muita *coisa*, cujos *mistérios* levam o leitor a construir suas *viagens* cada vez mais intensas por espaços multidimensionais.

As pessoas têm maneiras muito singulares de se apropriar do conteúdo de um dado texto. Para R. Chartier, um conjunto de normas, regras, convenções, códigos e percepções são aspectos constituidores do leitor-indivíduo e o identifica como pertencente a uma comunidade interpretativa própria.¹⁵⁰ São essas características que norteiam a relação estabelecida entre a materialidade da escrita e a corporeidade sócio-cultural que o leitor comporta. Assim, a escrita nunca é algo onipotente, ou seja, a inscrição das palavras

¹⁵⁰ CHARTIER, R. 2001, op. cit. p.32-33.

no texto de uma carta, por exemplo, não transfere o sentido para o leitor, mas é este que, com sua capacidade interpretativa e na relação com o que está escrito, elabora a construção dos sentidos. Um texto não traz o sentido, produz sentidos.

Portanto, as cartas não são redutíveis às estratégias de persuasão que sugerem demonstrar nos seus enunciados. As palavras são trilhas que constituem um mundo particular, construído para que Jane possa habitá-lo livremente. Elas, as cartas, são verdades vividas. São os espaços da vida normal, para além da normalidade de escrever, sobretudo quando são produzidas e enviadas numa condição de vida anormal - a clandestinidade.

Para Dulce, receptora de todas as correspondências da irmã, havia sempre uma angústia contínua que se debruçava sobre o tempo da espera e o conteúdo de cada missiva. A carta, como representação de vida, produz uma pluralidade de significados e formas de apropriações. Ela emite recepções paradoxais e inéditas, tais como certezas e dúvidas. Quem escreve pode inventar sua trama com a finalidade de produzir determinados efeitos; e quem lê, mesmo acreditando no conteúdo, por se tratar de um presente que não é mais presente, atualiza aquele passado, todavia com as incertezas do *agora*, pois ele, o *agora*, pode traduzir-se numa estratégia de fuga: *...por mais que eu lesse o conteúdo da carta eu achava que ela (Jane) estava passando dificuldades e não queria me falar, pois sabia o quanto eu me preocupava com aquela situação que ela vivia.*¹⁵¹

Nesse sentido, a carta incorpora segredos porque, enquanto objeto, ela é portadora de signos que produzem impressões processadas na memória voluntária. Esta

¹⁵¹ Trechos de entrevista com Dulce Ana Vanini, Rio de Janeiro, 2001.

procede por instantâneos e busca o segredo das impressões no próprio objeto. ... *essa memória não se apodera diretamente do passado: ela o recompõe com os presentes.*¹⁵²

Entender essas tensões é aceitar que o tempo da clandestinidade é o da experiência vivida e o da invenção do fazer. Como pode-se perceber, nas lembranças de Suzana Lisboa, esse é um tempo emocional, descontínuo:

*A intensidade das coisas que a gente vivia naquela época era tal que você podia, alguém já falou nisso, que você, num minuto, sentia emoções como se tivesse vivido um ano; a intensidade das emoções que a gente vivia era muito grande. Só o fato de você está o tempo inteiro convivendo com a morte já é uma coisa que traz uma montanha de sensações e o período que por ventura a gente ficava juntos ele assumia uma dimensão muito grande porque o convívio era muito intenso; você viver com um companheiro e partilhar as mesmas emoções... quer dizer eles (Jane e Sérgio) eram um casal jovem, assim como nós, que estava jogando pela janela um futuro pensando na liberdade de seu país.*¹⁵³

O tempo de cada carta - para quem escreve - está no assunto que, embora queira parecer um presente, é sempre de um passado que trata - para quem recebe. *O hoje da recepção e da leitura vêm sempre depois do hoje da escrita e depois do hoje do envio, que agora já é um ontem e esses dois hojes já sendo defasados no tempo, contem a possibilidade quase certa de aquilo que nas cartas se lê, já não é mais o que está acontecendo.*¹⁵⁴

Nesse sentido, a brusca incidência que o passado faz sobre o presente permite que sejam compreensíveis as incertezas e as inquietações de Dulce, pois o tempo de escrever

¹⁵² DELEUZE, G. *Proust e os signos*, 1987, p. 57

¹⁵³ Trecho da entrevista de Suzana Lisboa, ex-militante da Aliança Libertadora Nacional e companheira de Jane Vanini. A entrevista foi realizada em São Paulo, no dia 27.11.92.

¹⁵⁴ MELO e CASTRO, E. M. de, *Odeio cartas*. 2000, p. 15.

da remetente e o tempo da receptora ler as cartas aparecem distintos. As sensações aflitivas de Dulce tendem a provocar impactos emocionais de maiores proporções, tendo em vista que a multiplicidade desses tempos não lhe possibilita conhecer o presente simultâneo da irmã que escreveu a carta.

É importante ressaltar que o *'chrónos'* aqui acontece diferente. Embora uma parte significativa das cartas que Jane escreve apresenta-se datada, não é de um tempo cronológico que falamos; é o tempo das recordações, das reminiscências, da sensibilidade e da experimentação da luta revolucionária. Esses tempos plurais são reveladores de signos que se encontram mergulhados nas lembranças das experiências vividas, e são, sobretudo, *um olhar através do tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela e permite a passagem de um tempo a outro e, especialmente, trazem a possibilidade de atualização do passado no presente.*¹⁵⁵

Em Proust, *cada espécie de signo corresponde, sem dúvida, a uma linha de tempo privilegiada. [...] Os signos sensíveis muitas vezes nos fazem redescobrir o tempo, restituindo-o no meio do tempo perdido.*¹⁵⁶ Ainda na concepção Proustiana, o exercício da inteligibilidade possibilita a interpretação dos signos e a significação dos objetos. Nesse sentido, a exterioridade é algo que se projeta da essência do ser e se manifesta nas práticas do sujeito. É no espaço dessas essências que os signos se fazem grandes demarcadores de tempos. É no tempo perdido, impresso em imagens fotográficas, que Jane redescobre o tempo. As recordações e as saudades tão enunciadas em suas cartas expõem os desejos da alma sobressaltados nos signos:

¹⁵⁵ GUIMARÃES NETO, R. B. *Artes da Memória, fontes orais e relato histórico*, 2000, p. 103

¹⁵⁶ DELEUZE, op. cit. p. 25

...acabo de receber outra carta, do dia 23 de abril com as fotos. Como estão diferentes as 'crianças'. Os grandes não tanto. A senhora sempre enxutinha, né? Os cabelos dos nossos pais sim que estão mais brancos. Que saudades! [...] Queria vê-los. Morro de saudades. Tenho Banzo. Eu os quero muito, abraços. (carta 34)¹⁵⁷

Nos cabelos grisalhos, ela vive o semblante do tempo e no reflexo de cada fio, agora mais branco, revisita também as nexas de sua vida. Eles são, portanto, os signos na dimensão do tempo redescoberto. Pelos cabelos brancos Jane vive o tempo que se perdeu. O olhar sobre a fotografia recupera o tempo perdido, porém é no movimento das imagens e na configuração dos cenários fotografados que Jane se apodera de um tempo redescoberto.

As crianças não estão diferentes só por terem crescido e mudado suas fisionomias, nem os cabelos brancos ficaram apenas mais brancos pelos pais terem mais idade, mas é porque no crescimento das crianças e no envelhecimento dos pais, as marcas do tempo, fiadas e embrulhadas em suas dobras, revelam imensos filetes de vidas que emergem da *plenitude das reminiscências ou das lembranças involuntárias, da alegria celestial que nos dão os signos da Memória e do tempo que eles nos fazem bruscamente redescobrir*, como define Proust.¹⁵⁸

É dessa forma que o texto fotográfico ganha mobilidade. As imagens descongelam-se no encontro e na resignificação do tempo que aparecem potencialmente nos semblantes do olhar, na tonalidade das vozes e na individualidade dos gestos que as pessoas readquirem. Os cenários também alteram suas luzes e suas cores, enquanto os objetos ganham outras significações.

¹⁵⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 04.05.74, assinada por Jane.

¹⁵⁸ DELEUZE, op. cit. p. 54

Falando ainda de um tempo que já passou, Deleuze diz que: *Rever pessoas que nos foram muito familiares é uma revelação, porque seus rostos, não sendo mais habituais para nós, trazem em estado puro os signos e os efeitos do tempo que modificou determinados traços, alongando-os, tornando outros flácidos ou vincados.*¹⁵⁹ É nesse sentido que o tempo torna-se visível e atualiza o passado num presente já repleto de resignificações.

A experimentação da redescoberta do tempo, impulsionando uma profunda sensação de múltiplos prazeres, imprime também uma resignificação do objeto. Certamente por isso, é que Jane Vanini tanto privilegiou o registro fotográfico. Essa *idéia de redescoberta e invenção é de suma importância, não como algo que nunca existiu, mas como aprendizagem e interpretação das coisas, objetos e seres, emitindo signos a serem decifrados, interpretados.*¹⁶⁰

Numa outra perspectiva, a correspondência que transita no espaço criado entre remetente e destinatário produz muito mais forte um efeito de presença que de ausência. Embora uma carta possa imprimir as marcas da ausência de alguém, a letra, o assunto, o traço e o estilo de escrevê-la são representações autênticas de sua criatura. Foucault apud Werneck¹⁶¹ apresenta essa simbologia afirmando que *a carta torna o escritor 'presente' em relação a quem ele se dirige. E presente não simplesmente através das informações que*

¹⁵⁹ Ibidem, p. 18.

¹⁶⁰ GUIMARÃES NETO, R. B. op. cit. p. 104.

¹⁶¹ WERNECK, M. H. "Veja como ando grego, meu amigo." *Os cuidados de si na correspondência machadiana*, 2000, p. 142.

fornece sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e seus fracassos, sua fortuna ou suas infelicidades; presente de um tipo de presença imediata e quase física. [...] a carta funciona como um olhar que se poussa no destinatário (através da missiva que ele recebe, ele se sente olhado) é uma forma de se entregar ao seu olhar através daquilo que lhe dizemos de nós mesmos.

Nessa ótica, a carta é o instrumento de múltiplas significações e a representação simbólica do outro. O outro passa a ser a onipotência da busca. Em Dulce, Jane potencializa a busca de si mesma. É, portanto, no significante que se reconhece o significado. É com esse movimento de significações que Dulce, esperando, recebendo, lendo, respondendo e guardando as cartas que Jane lhe remete, faz crê que ela ainda continua viva e, assim, também constrói o seu outro.

As cartas são também concebidas como fontes potencialmente portadoras de memória, cujas narrativas são carregadas desse tempo descontínuo e fragmentado - o tempo da experiência. A memória guarda lembranças que, ao ser recordada, traz de volta o que ficou inscrito nas experiências. É essa memória da experiência vivida que leva Jane, a pessoa que escreve, a selecionar os acontecimentos que as cartas devem absorver. Portanto, escrever cartas passa a ser um constante exercício de reinvenção da vida, uma vez que as memórias ali postas remetem a escrevente ao deleite do espírito, essencialmente quando a memória dá visibilidade aos múltiplos cenários do tempo redescoberto. É lá, nesses cenários, que acontecem os reencontros com pessoas, lugares, afeições, cores, vozes, rostos, concepções e comportamentos. É neles também que Jane reencontra as lágrimas, os sorrisos e as saudades.

A relação entre o pensar e o ser, instrumentalizada pela inteligência, formula impressões que, ao codificar-se na memória, manifestam-se nos desejos, nas paixões, nas

escolhas, etc. Assim sendo, as lembranças que lastreiam as correspondências são sempre os cenários vividos, cujas imagens percebidas são o testemunho do acontecido. As imagens são seladas na linguagem e articulam uma rede de relações interativas com seus correspondentes.

As cartas falam de uma memória que registra seus marcos através dessa linguagem operada como instrumento de poder e sedução, e estes *remetem ao encantamento do outro que, no registro do falante, tranqüiliza-se ao penetrar em sua escuta e aprisioná-lo na teia de significados que a narrativa oferece. [...] Assim a linguagem, a partir da razão narrativa, registra contornos presentes no falar dos sujeitos, demonstrando o acontecido nas dobras do tempo, como um evento que se caracteriza pelo pressuposto da verdade vivida.*¹⁶²

Os fragmentos dessa memória se espalham e se recolhem nos territórios das práticas da militância de esquerda armada que, por sua vez, reaparecem de uma forma quase mística. As lembranças não se remetem a um passado que passou, mas as suas mechas que ganharam significações nas marcas de um tempo descontínuo, cujos fragmentos são capazes de revelar a teia de sentimentos afetivos com aquele passado.

O reencontro das experiências com suas verdades construídas possibilita rever os retalhos de vida que ficaram espalhados pelo passado e que, ao se atualizarem no presente, readquirem outras significações que, inevitavelmente, remodelam o sentido de viver dos sujeitos. O viver parece consubstanciar-se na intensa experimentação das práticas sociais e da luta revolucionária. É dessa forma que as cartas escritas por Jane Vanini e guardadas por Dulce são também as memórias de uma paixão política alimentada pelos episódios

¹⁶² GROSSI, Y. S, FERREIRA, A. C. *Razão narrativa: significado e memória*, 2001, p. 30.

vívidos e experimentados por vários atores que, acreditando e encenando seus papéis, deixam suas marcas na simbologia de uma época - os anos rebeldes.

Mundos plurais, vidas singulares

Cartas, sempre cartas. Elas são curiosas e produzem outras curiosidades se se considerar enquanto partes constituidoras de um tempo e de pessoas singulares. O conteúdo de uma carta possibilita sempre ao leitor projetar, na imaginação, um espaço capaz de configurar todas as cenas que são descritas e enunciadas pelo conteúdo que apresenta. Elas, as descrições, são representações das verdades do emissor, as quais atualizam informações, (re)formam cenários e (re)formulam emoções.

Considerando que o que se escreve é a codificação de uma oralidade, a escrita de uma carta também remete ao manuseio de detalhes na construção do que se quer noticiar, para que a compreensão e a assimilação sejam as mais próximas daquilo que propositalmente se diz. Não se trata de regras ou modelos pré-estabelecidos para a feitura de uma carta, mas de sintonizar a emissão de sentidos entre o que se escreve, o que está escrito e o olhar do leitor.

Essa cadeia de sentidos se faz imprescindível quando as correspondências tratam de relações afetivas e familiares. Assim, são as cartas escritas por Jane e recebidas por Dulce Vanini, nos idos de 1970:

Espero que todos estejam bem. Somente agora lhes pude escrever e espero que me escrevam rápido mandando notícias de todos e de tudo. [...] Escrevam-me bastante. Gostaria de receber uma carta de cada um de vocês todos: irmãos, sobrinhos, sogros, cunhados, pais, e companheiros, caso já tenha algum aí. (carta 02)¹⁶³

O Mário recebeu outro dia uma carta de Da. Maria em que ela diz que não estão recebendo cartas. Eu tenho escrito sempre, com muita regularidade. Recentemente escrevi a Magali, Cida,

¹⁶³ Carta de Jane Vanini, não datada, assinada por Ana.

Jorginho, Dulce, mamãe, Lena e Nícia. Ainda não recebi resposta de nenhuma dessas cartas. (carta 10)¹⁶⁴

Bem, Madrinha, vou ficar por aqui. Um grande abraço a todos e escreva-me bastante, não sabe como fico ansiosa para receber carta de vocês. (carta 14)¹⁶⁵

Há vários dias já escrevi a senhora, a mamãe e a papai e até agora não recebi resposta de ninguém. Além disso se contam as cartas que receberam de minha parte e se eu conto as cartas que recebi de todos vocês, vão ver que tenho saldo a meu favor. (carta 16)¹⁶⁶

...recebi tua carta e logo logo vou escrever mais. Vou aproveitar a carta do Sérgio para escrever um 'bilhete'. (carta 19)¹⁶⁷

Receber uma carta sua é sempre um reconforto. [...] Escreva logo avisando se recebeu esta ainda que seja somente dizendo: recebi sua carta 23.01.73. (carta 24)¹⁶⁸

Diga a Jorginho que ainda não recebi a resposta da carta que lhe enviei por último. A (carta) que a Cidinha disse que me mandará tampouco chegou. (carta 25)¹⁶⁹

Faz tempo que não recebo nenhuma carta sua. Vou ver se tem carta todos os dias e nada. (carta 27)¹⁷⁰

Finalmente recebi sua carta. Estava preocupada [...] Nestes dias vou escrever a papai e mamãe. (carta 28)¹⁷¹

Querida madrinha: Faz mais de um mês que lhe escrevi e até agora não tenho resposta. Tomara que estejam todos bem e que tenham recebido minha carta anterior e entendido tudo. (carta 30)¹⁷²

¹⁶⁴ Carta de Jane Vanini, datada de 07.09.72, assinada por Ana.

¹⁶⁵ Carta de Jane Vanini, datada de 19.10.72, sem assinatura.

¹⁶⁶ Carta de Jane Vanini, sem datação, assinada por Ana.

¹⁶⁷ Carta de Jane Vanini, datada de 21.12.72, assinada por Jane.

¹⁶⁸ Carta de Jane Vanini, datada em 23.01.73, assinada por Jane.

¹⁶⁹ Carta de Jane Vanini, datada em 05.04.73, assinada por Ana.

¹⁷⁰ Carta de Jane Vanini, datada em 25.05.73, assinada por Ana.

¹⁷¹ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

¹⁷² Carta de Jane Vanini, datada em 18.07.73, assinada por Carmem.

Nos trechos dessas cartas, nota-se a ansiedade de Jane. Primeiro, a reafirmação dos laços familiares, sentimento próprio de quem está longe, afastada de suas referências afetivas mais seguras e vivendo uma experiência social e política muito tensa. Segundo, a dúvida sobre o itinerário de suas cartas: chegam aos respectivos destinatários?

Em todos os fragmentos aqui apresentados, estampam-se o sentido de tempo, os laços afetivos e a busca declarada de uma validade das escolhas no espaço familiar. O envio de correspondências a todas as pessoas da família, citando com frequência os graus de parentesco e nomeação dos destinatários, expressa um sentido de “vida familiar” que talvez seja capaz de reconstituir um universo já conhecido.

A carta é uma representação simbólica da vida, mas só adquire este sentido na troca das correspondências, pois é na relação entre remetente e destinatários que se processam as identidades das pessoas envolvidas. Essa operação de identidades acontece na mediação dos assuntos que, por sua vez, estabelece o diálogo íntimo e espontâneo entre os correspondentes. Ali está o sentido de ser necessário receber *uma carta de cada um de vocês todos: irmãos, sobrinhos, sogros, cunhados, pais, e companheiros, caso já tenha*

algum aí.(carta 02) Então, para Jane Vanini, cada carta significa recolocar-se como uma pessoa da família, lutar pelo seu lugar e não ser esquecida. Nessa perspectiva, é dramática a vida daqueles que se afastam e fazem da luta revolucionária uma escolha pessoal de vida.

Não há fronteiras demarcadoras entre a vida pessoal e a luta, ao contrário, há uma troca mútua de valores que, ao longo da vida ou no decorrer das lutas, vai sendo construída, experimentada e incorporada. A individualidade das pessoas se atualiza

continuadamente as relações articuladas e combinadas nas dimensões do mundo simbólico. É a mobilidade dos signos que codifica e internaliza a cadeia das sensações de quem escreve, ao mesmo tempo em que as exteriorizam para os leitores de cartas pessoais. A palavra escrita tem uma função libertadora na dimensão do imaginário e permite superar desencontros e rivalidades. E, em particular, quando se trata de cartas familiares, cuja força motriz é a iniciativa de escrever e a espontaneidade de acomodar a comunicação. Então, não é Jane que detém a escrita das cartas, é a necessidade da escrita que a detém.

Há um visível gosto e um desejo quase compulsório de escrever a todos e, de todos receber cada resposta. Essas correspondências são marcadas por um estilo próprio, que corresponde a uma organização de assuntos que interessa mais a Jane que a outrem. A idéia que exprime essa especificidade é a de que os textos estão quase sempre informando, descrevendo, opinando e, raras vezes, respondendo algo.

Em todos os trechos, sobretudo os últimos, a militante Jane sinaliza uma preocupação com a probabilidade de cessarem as correspondências. Essa particularidade, constante nos seus registros, demonstra que ela sempre se coloca numa situação de risco, e também revela uma afeição imensa que ela nutre por todos os entes queridos, construída ao longo do convívio familiar. É o tempo reencontrado que não pode ser desfeito. A eminência da interrupção abala a alma, uma vez que a carta continuada significa o consentimento de si mesma. E em cada destinatário, a certeza do assentimento individual.

Percorrer a história de vida de uma militante de esquerda, suas ações políticas, seus testemunhos e seus embates, leva à busca de uma outra indagação: a militância, sendo tão intensa como se revela, que espaço e que tempo existem para a vida privada dessas pessoas? Que vida pessoal tem uma militante? Que situações domésticas vive Jane Vanini? Além da luta que registra, dos acontecimentos que narra, da exposição de suas

escolhas políticas que aparecem de forma plena e despojada, as cartas também mostram aspectos comuns, banalidades talvez, que revelam uma outra Jane - a pessoa orgânica e individualizada.

...Gostaríamos que vocês me enviassem algumas coisas, caso ainda existem. Trata-se de minha japonsa azul, da bota forrada, da saia de lã de xadrez escocês, japonsa do Sérgio, capa espanhola dele e alguma blusa de lã, se por acaso houver ainda. (carta 02)¹⁷³.

...Não pensem em comprar coisas para mandar-nos. Estamos bem, e só pedimos as roupas porque a facilidade é muito maior tendo bastante, mas não estamos passando frio, estamos bem. (carta 05)¹⁷⁴

Esses trechos acima selecionados e expostos mostram a disposição de Jane, juntamente com seu marido Sérgio Capozzi, em fixar-se no Chile e recompor todas as situações da vida cotidiana que se destroçaram com a perseguição policial militar no Brasil, anos antes. Daí, a necessidade de conseguir vestuário e, em particular, aquelas mais convenientes: as peças que protegem do frio.

Os reiterados pedidos de envio de objetos pessoais e, com maior frequência, peças do vestuário, apontam as dificuldades da vida material com que o casal chega ao Chile. Essa interpretação é possível, se se considerar que uma boa quantidade de roupas significa minimizar parte das dificuldades materiais da vida diária do casal.

Na deliberada intenção de conhecer mais a fundo a vida privada da militante Jane Vanini, não se pode deixar de passear pelas cartas seguintes:

Meus queridos:

Ontem um companheiro conseguiu retirar as roupas da aduana e me entregou. Foi uma alegria rever nossas coisas antigas, e

¹⁷³ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

¹⁷⁴ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

um prazerzão receber tantas coisas bonitas. As blusas feitas na máquina pela madrinha são as mais lindas e bem feitas que já vimos. O cachecol da Lena e o colete da mamãe são lindos de dar inveja a qualquer um. A boina, a meia e as sapatilhas me fizeram muita falta no inverno. Uma companheira me emprestou um cachecol que me quebrou o galho porque comecei numa época a ficar com dor de garganta pelo vento frio no pescoço. Agora já não tenho nenhum problema desses, não é mesmo? Como não queria comprar muita coisa, quis bancar a valente e agüentar o inverno com meias normais e foi fogo, ou melhor, foi gelo. Depois mesmo com as meias de lã daqui me saíram savanhões nos dedos dos pés. Ficam inchados, vermelhos, às vezes coçam muito, se aperta um pouquinho dói à bessa e pode até ficar ferido. Como eu tenho má circulação sangüínea quando começou o inverno comecei a criar savanhões, mas tratei em tempo e não me deram muitos problemas. O pessoal aqui adorou o joguinho de sapatilhas e colete. Vão copiá-los. O que sei que vou usar ainda nesta época é a boina, pois já não faz frio com exceção de alguns dias. [...] Uma coisa que me deixou chateada, porque sei que a madrinha vai ficar chateada é que nenhuma das blusas que ela fez me serviu. Ficaram muito grandes e serviram perfeitamente para o Mário. [...] Essas 2 blusas, êle disse que vai usar somente para as grandes ocasiões. (carta 13)¹⁷⁵

Agora é setembro de 1972. Pelos termos dessa carta, parece que a florada da primavera também colore os tempos de Jane Vanini. As expressões remetem o leitor a um cenário ímpar de satisfações plenas. Nem parece com o ocorrido há duas semanas antes, quando os fatos políticos transportam-na para o tempo das incertezas. No instante em que ela escreve essa carta, os conflitos entre grupos sociais de representações distintas e os chilenos em turnos de vigiância, contra possíveis embates, estão do “lado de fora” de Jane

¹⁷⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 29.09.72, sem assinatura.

Vanini. O “lado de dentro” desfruta da comoção de reencontrar-se no drapeado de um outro mundo - o seu mundo privado. Contudo, isso não significa que a vida de militância de esquerda permite configurar os espaços do público e do privado distintamente. Pelo contrário, ambos se entremeiam de forma muito intensiva.

Durante as experiências da luta revolucionária, os tempos e os espaços são múltiplos e simultâneos, e nos quais as ações urgentes e necessárias fazem com que um invada o outro sem licenças e sem constrangimentos. O reencontro com seu mundo privado não acontece por uma escolha simples, mas por um momento circunstancial: receber os pertences pessoais tão desejados. Nota-se que em todo o texto há um relevo especial nas palavras que tentam qualificar os objetos. A *alegria de rever coisas antigas e um prazerzão de receber tantas coisas bonitas* torna-se quase indescritível para expressar a resignificação do valor afetivo que cada peça adquire.

Os espaços ocupados por: *foi uma alegria..., coisas bonitas..., mais lindas e bem feitas..., lindas de dar inveja..., o pessoal adorou o joguinho..., vão copiá-los..., usar somente para grandes ocasiões...*, são territórios que indicam superioridade, exaltação e unicidade dos objetos. Não é que os materiais tenham necessariamente esses predicados, mas Jane os têm com essas proeminências. Ela os percebe como únicos e os vê como diferentes de quaisquer outros, porque ela sente e fala de sua significação e não de sua utilização.

A prática da militância, atravessada pelos riscos, medos e fugas, leva os militantes a abdicarem da normalidade de suas vidas, o que implica também numa perda da convivência com os objetos do cotidiano e seu mundo simbólico. A sobrevivência, por ser necessariamente inventada todos os dias, conduz a uma outra forma de perceber-se nos mundos plurais em que cada pessoa encontra-se envolvida, sem, contudo desfazer-se da

cadeia identitária construída, em tempos passados, numa relação simbólica entre outros objetos e outros indivíduos. É no distanciamento dessa identidade que o ex-militante Herbert Daniel declara:

...A falta que os objetos deixam é como marca e símbolo: uma necessidade de se continuar nas coisas que a gente faz [...] Aí a gente vê, nessa ausência, a gente mesmo como era. Por isso vamos carregando aparentes inutilidades vida afora: memória viva. Ao termos de abandonar drasticamente nossos pequenos cacos perdemos contato conosco mesmo, a vida passa a ser descontínua. Cacos.¹⁷⁶

Na busca de compreender a complexa imbricação entre significante e significado, e mergulhando nos signos em que Jane deixa-se transparecer, os objetos são o seu significante e vêm carregados de significados. O significante isolado não tem sentido, porém, na rede de relações que lhe é incorporado, produz múltiplos sentidos e irradia suas significações.

Nesse encadeamento de múltiplos sentidos é que Jane afirma não haver desespero em *receber as coisas*, mas um desejo de sentir-se *ligada a todos vocês* pela valoração que vem junto a *todas essas coisinhas sentimentais*.

Na expectativa de que Dulce viajará ao Chile, Jane, pelas dificuldades materiais em que se encontra, aproveita para anunciar que: *...estou mandando junto esta lista de coisas que quero que a senhora traga para mim, mas apenas se existe ainda...* (carta 16)¹⁷⁷

1. Aquela blusa azul de tricô-lã igual a vermelha que a senhora mandou na encomenda. Aquela outra cor de cenoura.

¹⁷⁶ ALMEIDA, M.H.T., WEIS, L. *Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*, 1998, pp. 381-382.

¹⁷⁷ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

2. A sandália franciscana que eu tinha. As bolsas esporte que estiverem por aí. Aquela cor de couro pequena, que eu sempre usava, uma grande parecida um saco de levar no ombro, que foi a última que comprei. (É meia marrom com alguns desenhos).

3. um pijama de lã e uma camisola daquelas que a Da. Maria me fez

4. Não me lembro bem, mas me parece que eu tinha um par de luvas negras. Se a encontras por aí, pode trazê-la, tá?

5. Leite de colônia (isso eu não tinha, se der me compre, tá?)

6. Qualquer daquelas pantalonas que a mamãe e a Magali estavam fazendo para mim e se der com algum retalho porque aqui se usa bem comprida e creio que elas vão estar bastante curtas para mim (além de folgadas porque creio que estou mais magra que quando estava aí).

7. O meu biquíni se é que ainda existe. O cor de vinho, o amarelo não.

8. Pelo menos 3 daqueles abridores de lata mais simples que a gente usa aí no Brasil. Dos mais simples mesmo, que as vezes vem até como brinde em alguns produtos. Os daqui são muito complicados e não funcionam muito bem. E eu quero dar um a pelo menos 2 casas amigas.

9. O meu fichário coberto de couro que o papai fez para mim.

10. Semente de manga (umas 3)

13. Traga-me um grande abraço de todos, tá?

Conforme disse na carta anterior, esta era apenas uma lista e não carta, para que a tivesse a mão e lhe fosse mais fácil juntar tudo. (carta 17)¹⁷⁸

¹⁷⁸ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

Um detalhe que chama bastante a atenção do leitor em boa parte das cartas de Jane é a incidência de expressões como *...se houver ainda, ...caso ainda existam, ...se é que está aí, ...que foi feito das nossas coisas* e outras mais. São situações que podem ser compreendidas de duas formas: a primeira diz respeito às *coisas* que sobraram e foram devolvidas à família após a tomada do apartamento pelo cerco policial-militar da Operação Bandeirante - OBAN¹⁷⁹; e, por último, as *coisas que ainda existem*, ou que alguém pode estar usando ou guardando. Guardar pertences pessoais de outrem é uma forma simbólica de poder guardar pessoas, pois, mesmo ausentes continuam presentes.

Não há um contentamento em receber esses objetos apenas porque são pertences pessoais, até necessários para a utilidade da vida individual, mas porque cada um deles tem incorporado na sua essência, uma simbologia, pela qual, a vida ganha feições de felicidade e de prazer. Na relação que se dá entre quem envia e quem recebe os objetos, está a significação das atitudes: são valores sentimentais refeitos, renovados, reeditados, manifestados na ação fraternal, aceitação, carinho, proteção, segurança, afeto, acolhida, entre outros, que se efetivam em cada peça que, de forma quase mágica, sai de dentro do pacote de encomendas recebidas.

...Estou chateadíssima com a história da encomenda. Não sabe quanto eu sinto. Estava louca para receber as coisas, não porque realmente esteja precisando desesperadamente ou algo parecido, senão porque ia sentir como que ligada a vocês por algo que me fizeram, por alguma

¹⁷⁹ Órgão de repressão política, criada em 1º de julho de 1969 e comandada pelo II Exército, mas também integrava militares da Marinha e Aeronáutica, Polícia Federal, polícias estaduais e outros organismos de policiamentos. A eficiência de suas atividades de informação, repressão e controle político serviu de base para criação de outros mecanismos de repressão na "luta contra a subversão", como se costumava chamar. Sobre o assunto, ver: FON, A. C. *Tortura, a história da repressão política no Brasil, 1979 - ARQUIDIOCESE*, de São Paulo. *Brasil: Nunca Mais*, 1985.

roupa antiga minha que viesse e todas essas coisinhas sentimentais.
(carta 08)¹⁸⁰

Nesses fragmentos, é possível ver, com os olhos da imaginação, as expressões de deleite que o semblante de Jane debruça em cada gesto proferido diante de cada objeto recuperado. Boa parte desses sentidos está nas mudas palavras, que ao falarem constroem vontades, alimentam desejos, produzem emoções, articulam sentimentos e dão mobilidade às atitudes e comportamentos de Jane Vanini e sua família.

É nessa densidade de signos que o *abraço de todos*, como item da lista de coisas, não figura como o décimo terceiro objeto da lista, assim como todos os outros itens não são apenas objetos de uso pessoal, são, sobretudo, afeições construídas na relação entre Jane e *todos*. O olhar propositalmente dirigido, o toque de pele, o procedimento do outro e até a empatia constroem para cada um, que compõe o *todos*, uma significação que tende a ser direta, intransferível e singular. Portanto, tudo e todos, numa teia de significações, constituem a cadeia relacional que dá sentido à vida, seja da pessoa comum, seja da revolucionária.

É nessa dimensão de vida que Jane Vanini, endereçando uma de suas cartas à família, que dirige-se aos *Queridos todos*, fazendo uma declaração de amor:

Tenho muitas saudades de todos vocês. Eu os quero muito e esse amor que lhes tenho é multiplicado quando vejo alguma criança como os sobrinhos ou os companheiros mais velhos com a idade de meus pais, ou de meus irmãos e irmãs. Espero que algum dia estejamos juntos e livres mas se não alcançamos, não importa tanto, importa realmente que a sociedade que legamos aos nossos 'herdeiros'

¹⁸⁰ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

possua muito de nós mesmos, do nosso esforço, de nossos ideais, de nosso amor. (carta 12)¹⁸¹

Aqui, justifica a sua ausência e a separação física entre ela e *todos*, com a luta pela liberdade, e espera ter o reconhecimento de todos, porque a essência do convívio em sociedade está na ação política, na convicção e na conduta que cada pessoa, enquanto viver, é capaz de emprestar ao mundo.

O último enunciado do trecho acima exposto dá visibilidade ao campo das emoções e das sensações incorporadas tanto à militante quanto à pessoa individualizada de Jane Vanini: a concepção e a vivência do amor fraterno que também se transforma em fraternidade política.

Enquanto isso, nas ruas de Santiago, enfrentam-se os combatentes. De um lado, os militantes de esquerda e os simpatizantes do governo unem-se nas estratégias e disseminam-se pelos diversos espaços políticos na defesa do projeto socialista chileno; no outro campo, estão as forças opositoras que se articulam contra um governo legitimado, mas que suas ações invertem a lógica social até então vivida. Os conflitos tendem a se intensificar porque os dois grupos acreditam em suas aspirações e em suas táticas de luta.

Jane Vanini é uma militante que age o tempo todo. Seja trabalhando para assegurar sua sobrevivência pessoal, na luta política para a construção do socialismo chileno, nos grupos voluntários que atuam em creches, escolas, ruas, armazéns, na vigília das fábricas e instituições públicas, seja nas lides domésticas, ela é uma pessoa de constantes ações. Pelo conteúdo das cartas, percebe-se os múltiplos arranjos de vida construídos por ela nos espaços público e privado, os quais dão conta de ajustar a

¹⁸¹ Carta de Jane Vanini, datada em 15.09.72, sem assinatura.

militante, a companheira, a voluntária, a trabalhadora e a mulher que cozinha, costura, fotografa-se e, em especial, não abdica de sua singularidade feminina.

É vivendo essa multiplicidade de ações que Jane encontra apoio para a vida, ao buscar a ajuda material da família e, por isso, situações domésticas tão particulares aparecem nas correspondências com sua irmã:

...Como vai a máquina de tricô? Quero receber algum presente feito pela senhora quando a madrinha vier. Aqui usa tudo muito apertado e curto no caso de blusa. Além disso creio que estou mais magra do que antes. Como diria a Magali, estou elegante. [...] Mandem-me receita de bolo de queijo e de algumas coisa mais tá? (carta 07)¹⁸²

Já vimos que é tremendamente complicado tirar a encomenda [...] não vou querer que vocês fiquem gastando tanto nas roupas como nos fretes para mandar-me coisas. A roupa de lã ainda tem sentido porque o frio aqui é de lascar... (carta 08)¹⁸³

...Quando a minha madrinha vier me tras aquelas (roupas) que por ventura algum de vocês já começou a fazer... Quando a aeromoça vier a Chile, peça-lhe que traga um vidro de leite de colônia que me faz uma falta tremenda...(carta 10)¹⁸⁴

Pedi a madrinha que traga aquele fichário que o senhor me encadernou. Tomara que ainda esteja por aí. Não quer me fazer uma alpercata ou um tamanco daqueles que o senhor me fazia no sítio? Gostaria bastante. (carta 23)¹⁸⁵

Soube que o seu Zé vem visitar o Sérgio. Se der peça-lhe que traga alguma coisa dos meus discos de música brasileira, livros [...] Gostaria que me mandasse aquela saia negra de crochê que eu

¹⁸² Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

¹⁸³ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

¹⁸⁴ Carta de Jane Vanini, datada em 07.09.72, assinada por Ana.

¹⁸⁵ Carta de Jane Vanini, sem data, assinada por Ana.

tinha se é que está por aí [...] Não te esqueças das minhas receitas.
(carta 28)¹⁸⁶

No vai-e-vém de cartas, que incluem pedidos e envios de objetos de uso pessoal, nota-se um empenho muito grande de Dulce que, embora correndo todos os riscos de perseguição e censura, se revela na relação de cumplicidade. Em, ... *a encomenda chegou, mas ainda não pude retirá-la. São tantos os papéis que se necessita que é quase impossível consegui-los todos. Hoje um amigo ia ver se resolvia tudo para mim...*(carta 12), percebe-se que para Jane, a condição de ser estrangeira, clandestina, amparada por organizações partidárias nem tão consolidadas e vivendo num país sacudido por muitos conflitos políticos, impõe-lhe algumas limitações, e por isso observa-se uma certa lentidão para estabelecer a normalidade da vida.

Como qualquer outra pessoa, um dos fatores que muito incomoda Jane é a dependência de alguém para resolver situações inteiramente particulares. É o caso da retirada das “encomendas” que lhe chegam ao Chile, seja pelo correio ou por empresas aéreas. Por mais que possa parecer solidariedade dos companheiros de luta, a ação da retirada dos objetos, além de importunar a vida do outro, o outro lhe importuna por intrometer-se em sua privacidade, ao testemunhar o trânsito de suas intimidades.

Outro dia escutei uma música argentina, com um cantor argentino chamado Piero é é muito bonita. Quando puder vou comprar o disco e quando puder vou enviarte. Tem uma parte que diz: Viejo, mi querido viejo... e quando a escutei me lembrei do senhor. (carta 15)¹⁸⁷

O senhor não me escreveu se chegou a fazer o abajour que eu expliquei naquela carta. Esse abajour é para por em lâmpadas que

¹⁸⁶ Carta de Jane Vanini, datada em 12. 06. 73, assinada por Ana.

¹⁸⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 31.10.72, assinada por Ana.

ficam penduradas no teto. Em geral se faz de cores que combinam ou com a colcha ou com os móveis, ou com a cortina, dependendo da casa e da peça onde se vai colocá-la... (carta 28)¹⁸⁸

Aqui, percebe-se as dificuldades de Jane e Sérgio viverem uma vida “a dois” num mundo em que faltam territórios de referências mais firmes. A tensão política que experimentam atravessa tanto a vida pública quanto a privada. Assim, organizar essa vida comum, em meio às tempestades da luta revolucionária, pelo visto, é uma condição difícil e frágil. Nessa perspectiva, a lista de coisas que compõe uma de suas cartas, as peças de roupas e outros pertences pessoais, incluindo o *abajour*, representam momentos importantes da sobrevivência pessoal.

A figura do *abajour* parece ganhar um destaque especial. Ele não é aquele em que se põe as lâmpadas que ficam penduradas no teto, combinando com o estilo do ambiente, mas o adorno que veicula e revigora a afeição entre pai e filha. Ele, o *abajour*, é também a busca da bênção do *Viejo*. Na avidez do afeto familiar e na arte do argentino Piero, Jane reencontra seu velho e querido pai. O velho artesão que faz encadernações, *abajour*, fichários, alpercatas e outras coisas mais.

É impossível separar o tempo da ação política e o tempo da ação existencial. Ambos, não apenas se cruzam nas práticas, invadem-se simultaneamente. São vidas definidas num tempo que confina no mesmo espaço, fisionomias públicas e privadas, a pessoa e a militante. É com esse caráter que as cartas apresentam mudanças bruscas de assuntos, misturando humor crítico, solicitações, conselhos, sentimentos afetivos, relações familiares e outros aspectos individuais da sobrevivência e da vida pessoal.

¹⁸⁸ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

As palavras só ganham sentido quando articulam os signos e, por conseguinte, instrumentalizam, pela comunicação, o exercício simultâneo das práticas. A escrita é a significação dos desejos e só assim é que as cartas de Jane Vanini produzem o movimento das atitudes comportamentais, dando visibilidade às práticas cotidianas.

Minha carta será bastante breve. É só para contar-lhes que ontem nevou à beça pela noite e pela primeira vez vimos a neve. Ficamos em um apartamento bastante alto vendo a chuva e quando se amontoou um pouco de neve na rua nós descemos para brincar. Nos atirávamos neve, corríamos, deslizávamos nela e tudo. Nem sentíamos o frio com exceção das mãos e dos pés que estavam molhados e gelados. Tudo ficou branquinho, muito bonito. Tivemos sorte de que nevasse no primeiro ano que passamos aqui. No sul é claro que sempre neva, todos os dias, mas aqui é bem difícil. Não vejo a hora de que limpe um pouco o tempo para ver a Cordilheira que deve estar toda branca. Não imaginam o bonito e divertido que é estar no meio da chuva de neve. Hoje faz um frio danado. (carta 04)¹⁸⁹

Essa carta é datada pelo inverno chileno. Para Jane, uma moça do interior do Brasil, o momento é oportuno e singular: o acesso às belezas naturais dos povos andinos, cujos símbolos são a Cordilheira e a neve. O deslumbramento com a paisagem que testemunha e a necessidade do registro do que vê assinalam conhecimentos sobre outros mundos e outras culturas. Dessa forma, é que a *carta será bastante breve*, enquanto que a escrita das impressões parece eternizar a pureza dos sentidos que, por sua vez, tornam imensuráveis as sensações.

Jane está em Santiago e se encanta com o lugar. Nos primeiros meses de 1972, apesar da neve e muito frio, o tempo no Chile é agradável e, de presente aos olhos, vê-se a

¹⁸⁹ Carta de Jane Vanini, sem data, com indício de assinatura de Ana.

Cordilheira dos Andes, também para ser absorvida pelo espírito de quem a contempla. Em suas palavras, ela quer compreender aquele lugar que tem uma temperatura média acima dos trinta graus centígrados e onde chove pouco. Até parece contraditório, a presença da neve e o *clima tão seco que a pele da gente fica totalmente seca e estou com ela toda rachadinha, é como se tivesse uns 50 anos (exagerando um pouco)*. (carta 07). A neve é um espetáculo que a natureza presenteia os humanos, e conduz todas as idades à pureza da infância. São os encantos de criança que se manifestam em Jane ao conhecer o inverno chileno e assim, seduzida, relata seus prazeres aos familiares.

Se não houvesse nenhum registro cronológico nas correspondências em análise, certamente alguns detalhes reveladores da intimidade daquela militante marcariam os traços das temporalidades vividas. Um desses detalhes, que chama a atenção de qualquer leitor das cartas, é o pedido de envio de dois objetos que emitem a significação de seu tempo: o leite de colônia e o rádio de pilhas.

Os anos 60, como se convencionava chamar, são essencialmente o tempo das cidades, que significam, em especial, o progresso e a modernidade. Elas, as cidades, são os teares das relações políticas, sociais, econômicas, religiosas e culturais das comunidades em geral. E as relações pessoais são, em grande parte, veiculadas por emissoras e aparelhos de comunicação. No Brasil, ganham destaques especiais a televisão e o rádio. Este último alcança uma popularidade pela praticidade, utilitarismo e fácil aquisição, pois acomoda-se em qualquer lugar, toca música, traz o noticiário, transmite o jogo de futebol, estabelece o correio sentimental e veicula compromissos entre as pessoas, além de tornar-se acessível pelo seu valor monetário relativamente baixo.

Todos esses atributos fazem do rádio um objeto de desejo e necessidade. É no conjunto desses aspectos que Jane, na possibilidade de receber a visita de Dulce, lhe pede um presente:

E por falar em presentes vou pedir um, tá? Aliás, como deve ser caro, façamos um negócio: a senhora traz um rádio a pilha ou elétrico ou que possa ser usado de uma outra forma que eu aqui te pago o equivalente em coisas que a senhora queira levar, tá bom? Os rádios bons aqui, com ondas curtas etc., são importados e saem muito caro e creio que já nem se importam para economizar divisas. (carta 29)¹⁹⁰.

É importante observar que o depoimento *já nem se importam para economizar divisas*, não significa um ato de negligência com a economia interna do país, mas uma questão menor se se considerar a fragilidade do momento político que vive o Chile. É começo de julho de 1973 e o alerta de 29 de junho último, quando os tanques blindados do Exército e alguns militares insistem em levar a cabo uma tentativa de golpe de estado, aponta para a exaustão dos limites máximos dos conflitos, em breve.

Dentre todas as funções mencionadas sobre o rádio, o presente esperado por Jane significa também e, sobretudo, uma sintonia direta com a rádio da Unidade Popular, que transmite, na íntegra, as falas oficiais e os comunicados do presidente chileno Salvador Allende. Por outro lado, a ação de presentear, entre outras, leva a perceber que para Jane, a família representa o vínculo direto com o mundo do consumo.

Entre as décadas de 1960 e 1970, a população brasileira é embebida pelos ares da modernidade, cujo formato é definido pela incorporação de novos padrões de consumo à vida cotidiana das pessoas. Desde o surto industrial do Estado Novo, passando pelo

¹⁹⁰ Carta de Jane Vanini, datada em 06.07.73, assinada por Ana.

desenvolvimentismo de JK e chegando ao “milagre econômico”, o Brasil desponta na América Latina como nação que se moderniza e marcha para o progresso. Fabrica quase tudo: aço, petróleo, estradas, eletrodomésticos, aviões, alimentos, medicamentos, vestuário, calçados, artigos de higiene e até cultura. As fábricas passam a compor os parques industriais e o comércio se moderniza, trazendo o supermercado e o *shopping center*, como ícones dessa época.

Em meio a todas essas atualidades, o cuidado e a exposição gradativa do corpo aparecem com especial destaque. As fisionomias masculinas e femininas passam a ter contornos mais delineados. Os concursos de beleza vão definindo um padrão estético para a inclusão social do corpo. Entre outros aspectos, os homens inovam-se com o uso do desodorante, a loção, o creme e a máquina de barbear, pintura dos cabelos, cabelos compridos, barba grande e bonés. Já as mulheres passam a exibir o corpo com mais vaidade e menos censura: inventam e incorporam hábitos como o absorvente íntimo, modelação e pintura das unhas dos pés e mãos, uso de *rouge*, cremes de limpeza e de hidratação do corpo, tratamento e modelação dos cabelos, incluindo o manuseio de objetos como escova, *bobs* e secador, cremes alisantes e tinta para colorir e descolorir os cabelos.

É na condição de personagem de seu tempo, vivendo essas inovações e incorporando parte desses hábitos, que Jane pede para que Dulce lhe faça chegar, pelas mãos da aeromoça, *um vidro de leite de colônia que me faz uma falta tremenda...*(carta10). Esse pedido é feito em setembro de 1972, momento em que ela convive com Tereza Motta e utiliza-se do seu nome para viabilizar a retirada da encomenda.

Nessa mesma avalanche de “novidades” para produzir a personalidade do corpo, as vestimentas revolucionam os costumes da época. Os homens começam a adotar roupas mais esportivas, como por exemplo, camisas mais coloridas, camisetas, bermudas, *shorts*,

calça *jeans* e o tênis que, quase obrigatoriamente, passam a fazer parte do guarda-roupa moderno de homens e mulheres. O mundo feminino incorpora com mais rapidez alguns modelos de vestuário, cujos aspectos espantam olhares conservadores e afrontam hábitos e valores que, até então, compunham a moral e os bons costumes. A alusão recai mais fortemente em dois símbolos que demarcam os territórios femininos da mulher: a mini saia e o biquíni. Além dessas peças, a calça comprida, camiseta, *shorts*, roupas transparentes sem anágua ou coladas ao corpo, que marcam curvas e linhas, juntando-se aos decotes ousados, assinalam um estilo revolucionário que representa a ruptura com os usos tradicionais.

Na intimidade com as palavras, Jane Vanini apresenta as marcas de sua individualidade e com isso constrói a imagem de si mesma. Entre outros aspectos, ela serve-se da linguagem epistolar para pronunciar e firmar, de maneira espontânea, sua condição e natureza feminina, revelando as vaidades e os prazeres pessoais. Num de seus registros, uma ênfase muito particular para uma peça de roupa: a saia.

A saia negra de crochê (carta 28) lhe faz muita falta num guarda-roupa um tanto desfigurado, mas é uma saia escocesa que parece polir sua estima: *Em relação ao envio de roupa...[...] E aquela saia xadrez escocesa que eu tinha, muito bonita, que comprei no Mappin, enviesada e que eu vestia muito, que foi feito dela? A encontraram? Essa eu gostaria que me mandassem se está por aí...*(carta 04). Ao que parece, Jane vê-se bonita vestindo essa saia. A descrição dos detalhes xadrez, bonita, enviesada e de uso freqüente, revela um estilo de apresentação em público e o gosto pela sua definição estética. É um traje que emite sentidos de afeto, bem-estar e elegância feminina. Tanto é, que à companheira do convívio diário convém presenteá-la com uma peça contendo características similares:

Quero pedir-lhe mais um favor, que quem sabe saia um pouco caro, mas no caso vale a pena. A companheira com a qual vivemos está louca por uma saia de xadrez escocês, mas não gostou de nenhum dos que encontramos, assim é que se virem por aí um escocês com bastante cores diferentes e bonito, não precisa ser de lã tão grossa como a minha, pode ser de lã um pouco mais fina, por favor, comprem um corte para ela e mande para cá, tá. Quando vierem por aqui eu a pagarei. Acho que uns 60 cm dá e sobra. (carta 04)¹⁹¹

Percebe-se aqui o imperativo dos territórios femininos, os quais sugerem pensar a sensualidade da mulher. Seja curta ou comprida, a saia é um objeto que, para a sociedade latino-americana, remete sua significação à feminilidade, à estética e ao erotismo do corpo. É muito em função desses signos de modernidade, incorporados à vida diária, que Jane, ao tratar de uma possível viagem de Dulce ao Chile, observa e descreve o estilo feminino da mulher chilena:

Aqui usa tudo muito apertado e curto no caso de blusa.(carta 07) ...Aqui se usa basicamente calça comprida para tudo: trabalho, cine, passeios, festas boates, etc.[...] em janeiro o tempo é mais quente aqui e o verão é realmente de lascar [...] os modelos aqui são bonitos e tem um corte bonito também. [...] Aqui não se usa sapatos de salto alto, usa bastante sandálias no verão e uma bolsa esporte sempre... (carta 16) ...Aqui existem muitas coisas típicas bonitas, principalmente de lã, coisas feitas 1ª mão como bolsas, ponchos, blusas, meias, etc., vai poder levar presentes para todos. (carta 29)¹⁹²

¹⁹¹ Carta de Jane Vanini, sem data, com indício de assinatura de Ana.

¹⁹² Carta de Jane Vanini, datada em 06.07.73, assinada por Ana.

Na leitura de alguns registros de Jane Vanini, ao que tudo indica, há uma sensação de que o Brasil é um país mais sintonizado com a modernidade, pois no Chile os produtos que são relativamente bons e baratos são roupas e calçados. A roupa de lã ainda tem maior produtividade, não por ser moderna, mas porque o frio é muito intenso, como classifica Jane, *é de lascar*. Estas percepções estão vinculadas aos discursos propagandísticos e às práticas da modernidade, cujos arranjos marcam severamente a superioridade econômica, modelam o padrão de vida material e estabelecem a escalada do progresso, classificando as nações e os grupos sociais a partir dos inovadores hábitos de consumo e comportamentos.

No seu conjunto, as cartas são lugares que potencializam o exercício pleno das liberdades múltiplas, onde a individualidade cria e recria suas tramas íntimas e assim regula suas relações singulares de sociabilidade. São esses espaços singulares e libertadores que produzem os tempos dos desejos e dos prazeres pessoais. Desejo de ver e de estar junto dos familiares: *...Que bom. Vai ser fabuloso encontrar com alguém de vocês. Alguém querido que represente aos demais queridos...*(carta 15). Esse *alguém* é Dulce que não substitui nenhuma outra pessoa, mas para Jane ela reúne em sua figura o sentido completo de família e o significado de solidariedade.

É também o lugar em que Jane pode dar e receber presentes, sem que essas trocas passem pelo terrível julgamento de “desvios burgueses”. Daí momentos de prazer que se realizam em *... Já tenho um presente. Usei umas vezes, mas resolvi guardá-la agora para te presentear quando chegar, porque senão não poderei te dar nenhum presente, para variar, quase sempre estou dura.* (carta 09). Esses fragmentos desenham as territorialidades que configuram o particular e o público.

Mesmo com todas as singularidades políticas que o Chile apresenta, em que o sonho revolucionário enxerga com nitidez a possibilidade de ser construída uma pátria socialista, a militante Jane Vanini deixa escapar as significações de sua identidade nacional. Saber fazer a feijoada é o usufruto de uma “identidade brasileira”, porque o costume de degustar e consumir feijoada é especificidade brasileira: ...*Às vezes quero fazer algum bolo ou comida brasileira e não sei nenhuma receita. A única coisa que aprendi a fazer (e muito gostosa) é feijoada. Só faltam a couve e a farinha que aqui não existe, nem conhecem.* (carta 28) Juntando-se a isso, nessa mesma carta, quando Jane diz:...*Mande-me uma garrafa de pinga, tá? Isso não existe aqui, porque ainda não dá cana-de-açúcar*, há uma declaração de prazer aos costumes, às tradições e aos hábitos que já são incorporados a suas vivências, como parte do seu mundo simbólico.

A feijoada, mesmo faltando a couve e a farinha, as sensações de gosto e de cheiro das frutas, o sabor e o aroma da pinga, são *coisas* muito singulares de uma gente ainda mais singular - a “brasileira”. A saudade do *bolo de queijo e de outras coisas mais* (carta 07), e as lembranças da degustação do doce de goiaba que Jane saboreou em São Paulo (carta 15), revelam que ela continua vivendo o Brasil no Chile, como mostra os recortes a seguir:

Parece que a madrinha vem mesmo, não é? Fale com Marise se me consegue um doce de goiaba como aquele que ela mandou para mim quando eu estava em São Paulo. Sabe que aqui não tem goiaba nem manga. Tem outras frutas que são diferentes das frutas brasileiras, e as vezes a gente se lembra de alguma daí e sente saudades. (carta 15)¹⁹³

¹⁹³ Carta de Jane Vanini, datada em 15.10.92, assinada por Ana.

...Mande-me urgente a receita de torta paulista (aquela com bolachinha e creme de leite nestlé, leite condensado, etc., de Caruru com angu, se sabem e qualquer outra. Principalmente da torta paulista que quero fazer nos próximos dias se possível para uma companheira, tá?... (carta 17)¹⁹⁴

Tenho saudades da manga, do caju, do mamão, porque aqui não existe essas frutas. [...] Temos em compensação a chicha de uva, de maçã, que é deliciosa, mas são coisas diferentes. (carta 28)¹⁹⁵

O trabalho de Denise Rollemberg,¹⁹⁶ aponta a crise de identidade que vive os exilados nos países que os recebem. Diante das adversidades que surgem na vida de muitas pessoas que saem do país, a continuidade da militância política por meio do ingresso em

outra organização de esquerda, dá um sentido à vida de quem acredita num projeto revolucionário. É o que acontece com Jane Vanini, sobretudo, por significar uma perspectiva maior de vitória da luta.

Em compensação, o Chile tem *chicha de uva, de maçã, que é deliciosa, mas são coisas diferentes* (carta 28) significa que são coisas chilenas que, até pouco tempo antes, ela não conhecia e por isso não se incorporam com a mesma simbologia. O tempo verbal *temos*, que completa a construção da frase, pressupõe-se pensar que Jane adota o Chile como sua pátria, mas a segunda, pois as sensações de gosto, sabor, aroma, textura de bolos, doces, frutas, bebidas, tecidos, produtos de beleza, objetos, etc., exprimem sua identidade brasileira. Todos esses aspectos mostram que Jane está no Chile, contudo não é uma chilena.

¹⁹⁴ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura.

¹⁹⁵ Carta de Jane Vanini, datada em 12.06.73, assinada por Ana.

¹⁹⁶ ROLLEMBERG, D. *Exílio: refazendo identidades*, 1999.

Nesses trechos, aparece o caráter ambíguo da identidade da militante refugiada. Há uma sensação de estar fora de seu lugar. A idéia de diferente está escondida e revelada na maneira de dizer, de sentir e de conceber as situações que dimensionam a vida cotidiana no Chile. Presentes em vários depoimentos, essa é uma característica recorrente que se incorporam às experiências de muitos militantes exilados ou refugiados que Denise Rollemberg aponta como sendo:

...a história da desorientação, da crise de valores que significou , para uns, o fim de um caminho e, para outros, a descoberta de outras possibilidades. É a história do esforço inútil e inglório para manter a identidade, mas também a história da sua redefinição e reconstrução, que se impuseram ao longo das fases do exílio e continuaram, para muitos, mesmo depois da volta ao Brasil.¹⁹⁷

Uma outra situação que tem uma importância fundamental é a aquisição de documentos de identidade. Na vida clandestina ter um nome fictício, naquela ocasião, significa a tentativa de continuar revolucionário, além de minimizar os controles institucionais a que são submetidos esses estrangeiros em condições tão especiais. Pelo apoio e segurança que representa, Jane Vanini, pode solicitar da família, por várias vezes até insistentemente, seus documentos:

...necessito que a senhora tente conseguir o máximo possível de nossos documentos. Fotocópia, o que for possível. Creio que em algumas das pastas de cartolina que havia em casa ou na casa de Da. Maria havia ou fotocópias do título, da identidade, etc. ou o negativo dos mesmos. Qualquer um serve. Se não conseguir, a senhora tente conseguir nos colégios onde estudei ou prestei exame, no colégio Estadual de São Paulo por exemplo, eles tem a fotocópia da identidade e me parece que do título também, peça emprestado, explique que eu perdi os meus e

¹⁹⁷ Ibid, p. 40.

preciso tirar outros e a fotocópia ajudaria, comprometa-se a devolver, mostre seus documentos para provar que a senhora é minha irmã, enfim faça o possível para conseguir uma fotocópia e me mande com a máxima urgência possível. (carta 20)¹⁹⁸

...pedi faz uns dias e também por telefone que nos enviassem nossos documentos: fotocópia ou negativo que devemos ter por aí ou que é necessário que o peça emprestado nas escolas, sei lá. É muito importante que mandem o mais rápido possível, principalmente a identidade. (carta 21)¹⁹⁹

Enquanto os documentos do colégio, todos tem que ter firma reconhecida. Realmente não tem problema se a senhora vai ao Colégio Estadual e pede para ver a pasta com meus documentos e copiar os dados. Diga que eu estou viajando e a senhora tem que preencher um formulário para um concurso qualquer, de escola ou de viagem, ou qualquer coisa e não tem os meus dados e aí é o único lugar onde a senhora pode vê-los. (carta 22)²⁰⁰

Creio que a única solução dos dados da CI seria buscar nos meus papéis que sobraram e em alguns que estão na casa de Da. Maria, em uma pasta, num armário que existe no antigo quarto de estudos do Sérgio [...] O fogo no Colégio Estadual quer dizer que tampouco a senhora conseguirá meu diploma? Necessito disso também, se bem que não muito urgente. Tudo deve vir com firma reconhecida. Vou ver se me lembro de algum outro lugar onde pode haver esses dados que necessito. Enquanto isso, busquem milímetro por milímetro na casa de Da. Maria. (carta 25)²⁰¹

¹⁹⁸ Carta de Jane Vanini, datada em 30.12.72, assinada por Ana,

¹⁹⁹ Carta de Jane Vainini, datad em 16.01.73, assinada por Jane.

²⁰⁰ Carta de Jane Vanini, sem datação, com assinatura de Ana.

²⁰¹ Carta de Jane Vanini, datada em 05.04.73, assinada por Ana.

Nota-se que há uma necessidade de restaurar a normalidade plena da vida, recuperar perdas da vida material, social, intelectual e profissional. Nas investigações que faz sobre aspectos da vida clandestina de militantes de esquerda, Denise diz que a necessidade de portar documentos significa a materialização da identidade, pois “os documentos definiam aspectos essenciais do dia-a-dia, a começar pela própria permissão para se estabelecerem, trabalharem, terem direito à saúde, moradia, alimentação, etc.”²⁰²

É certo que o Chile, até o golpe de estado em setembro de 1973, por ter um governo de alianças que congregava partidos políticos de esquerda, não só acolheu muitos brasileiros exilados e refugiados, como também dispensou um tratamento diferenciado de outros países inclusive socialistas. Um exemplo muito forte que marca a vida de pessoas

clandestinas que vivem no Chile entre 1970 e 1973, é o reconhecimento da nacionalidade chilena aos filhos de brasileiros que por lá nasceram. A falta de documentos, antes de tudo, impede as pessoas de locomover-se e negar a expedição oficial de documentos é uma forma de repressão e controle que as ditaduras exercem sobre os militantes nacionais.

Numa outra perspectiva, essa condição bifurcada entre ser estrangeira e ser revolucionária denota que a militância de esquerda, em sua essência, produz a superação do conceito tradicional de nacionalidade, uma vez que a concepção da luta revolucionária incide sobre a libertação dos povos esmagados pelo sistema capitalista. Isso porém não significa a negação da nação, mas a afirmação desta, com base numa construção da idéia de transnacionalidade, ou seja, uma multiplicidade de práticas políticas e sociais, cujo movimento de suas ações está para além da nação.

²⁰² ROLLEMBERG, op. cit. p. 60

Registro Fotográfico: entre a sedução e a memória

Embora o foco da investigação seja o conteúdo de cartas pessoais incorporadas à vida de militância política, nota-se que no espaço das correspondências a referência sobre fotografias é marcante, significando perceber que o registro fotográfico, mais que um testemunho de um instante, é a produção de um discurso que também é parte da vida de Jane Vanini. Um discurso sobre si mesma e sobre outras pessoas, pois a fotografia incorpora um sentido de direção e referências sociais, especialmente, porque os fragmentos registrados possibilitam informar ações e relações entre pessoas, espaços e temporalidades.

Nesse ponto, as fotografias estão pensadas como partes indissociáveis das cartas. O registro de espacialidades e temporalidades, que traz a fotografia, permite construir múltiplos olhares que penetram nas possíveis escolhas das imagens. Os enunciados dessas imagens são produtores de signos não-verbais que ajudam a compreender e reatualizar o passado no presente. Elas, as imagens, são também portadoras de códigos de representação que revelam comportamentos e experiências sociais. Ao trabalhar com mensagem fotográfica, Mauad propõe cinco categorias denominadas de espaços. São eles, o fotográfico, o geográfico, o espaço do objeto, o da figuração e o das vivências.²⁰³ Nessas categorias, encontram-se conteúdo e expressão, configuração física dos cenários, dimensões

e valorações simbólicas, relações que estruturam o campo das significações e as atitudes humanas conflituosas ou harmônicas.

Olhando dessa forma, há de se considerar que a fotografia é uma construção de imagens que pode produzir mensagens e interpretações das imagens que registra.

E minhas fotos e documentos? Se puder mande algumas fotos minhas e documentos, aquelas que eu tirei no sítio, de calça comprida, de chapéu, às vezes com revólver na cintura, uma que eu tenho sentada no antigo porto da antiga casa do Cabaçal, perto da figueira, olhando o rio e alguma outra nesse estilo. Me lembro que tirei algumas na lage. Mande-me todas que puder tiradas no campo. Na cidade não me lembro agora de nenhuma que eu gostasse. Bom, vê aí, tá? Fiquei contente em saber que a senhora nos mandou uma foto

²⁰³ MAUAD, A. M. S. A. E. *O olho da História: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos*, 1993. pp. 29/39.

de toda a turma. Mandem mais, quantas puderem. Tenho uma saudade louca de vocês. (carta 09)²⁰⁴

Esse recorte da carta enfatiza bem a capacidade do registro fotográfico em construir imagens e disponibilizá-las para diversas interpretações. Os detalhes das fotos que Jane expõe, tais como sítio, chapéu, revólver na cintura, antigo porto, figueira, rio, são autênticas marcas da vida campestre. É o estilo mais “rural”, afastado do consumo e da urbanização das cidades.

Esses termos também revelam a rede de referências familiares. Uma referência singular, individualizada e própria de Jane Vanini, para as pessoas que convivem com ela nesse momento e compõem suas referências no Chile. Os aspectos que constituem os cenários dessas fotografias testemunham sua origem, as relações familiares e as condições de vida material, por isso a ênfase para *mandem-me todas que puder tiradas no campo*.

Numa outra abordagem, é possível afirmar que a fotografia, na condição de representar a presença da pessoa ausente, tem a força de poder recompor o núcleo familiar, imprimindo em si mesmo o sentido de unidade. A necessidade de enviar e de querer receber muitas fotos e de todos, é um traço marcante na reconstituição do convívio familiar tanto para o fotografado, quanto para o receptor, embora isso não resolva os conflitos que porventura existam. Neste caso, para o receptor, a fotografia passa a documentar os aspectos da vida pessoal e social do fotografado e assim, o olhar torna-se mais penetrante nas particularidades do registro que reúnem indumentária, semblantes, expressões corporais, aparências, além de vários outros detalhes dos cenários congelados.

²⁰⁴ Carta de Jane Vanini, sem data, com assinatura de Ana.

O trecho acima selecionado traz uma outra singularidade da vida pessoal de Jane Vanini: o gosto pela fotografia. A adoção da luta revolucionária, que parece ser a face mais intensa de sua existência, não lhe retira o prazer de fotografar-se, mesmo porque o registro fotográfico é um artifício que possibilita criar várias interpretações de realidades, tanto para o retratado quanto para os receptores.

No consentimento ao ato de fotografar-se, que de maneira geral inclui propósito e intenções, as pessoas são tomadas por momentos de satisfação, especialmente quando são retratos de família. É também a vontade de ver construída a imagem de si mesma, fundamentando-se na idéia de que “a fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”.²⁰⁵

Analisando álbuns de família, Mírian Moreira Leite afirma a regularidade com que as pessoas se permitem fotografar, considerando a forma, o ritmo, a estética, o significado e a satisfação psicológica que o registro fotográfico proporciona. Nessa mesma direção, ela aponta como motivos de satisfação do registro os seguintes aspectos: “a proteção contra o tempo, que torna a fotografia um substituto mágico do que o tempo destruiu; a comunicação com os outros e a expressão de sentimentos; a auto-identificação, o prestígio social conquistado pela proeza técnica, pela realização pessoal ou pela despesa ostentatória; a distração ou jogo e/ou a evocação da memória evanescente”.²⁰⁶

Aqui é importante ressaltar que Jane Vanini incorpora o hábito e o prazer de ser retratada, o que significa uma marca nos hábitos de consumo da família burguesa, produzindo sentido de inclusão social, pois não é qualquer família que pode fotografar os

²⁰⁵ KOSSOY, B. *Fotografia e história*, 1989, p. 22.

²⁰⁶ LEITE, M. M. *Retratos de família*, 1973, p. 87

seus momentos. Seja na infância, nos carnavais, nas festas de aniversário, adolescência, formaturas, desfiles cívicos ou de moda, mais curiosamente, ela registra também seus tempos de militância política. Além do variado acervo, uma máquina fotográfica é parte de seus pertences pessoais, como consta na carta 29, escrita em julho de 1973, quando também aproveita para informar sobre o uso do dinheiro que recebeu de sua madrinha, que aliás lhe deixa um tanto confortável:

Qualquer dia desses vou te mandar fotos minhas. O problema é a falta de tempo e os filmes que são caros. Minha máquina é de 35mm e os filmes de 400 asas que eu geral uso e estão escassos, porque também é importado. Mas logo logo te mando algumas. Vou comprar filmes com os 200, há, há, há!!" Vou mandar concertar e lhes mandarei algumas fotos, tá? (carta 34)²⁰⁷

Por que Jane desejou fotografar-se durante a prática da militância, um tempo tão conturbado, em que o recomendável não é o registro pessoal? O que significa uma militante fotografar sua imagem no Chile e enviá-la, pelos Correios e Telégrafos, a sua irmã que reside em São Paulo-Brasil? Como se dá a escolha dos cenários fotográficos? Parte dessas questões talvez não seja mais possível recuperar, nem tampouco a fotografia fala sozinha de si mesma, mas permite que seus indícios recriem aspectos capazes de fomentar a investigação histórica. Então, é imprescindível dispensar atenção ao registro fotográfico, uma vez que este possibilita, no seu conjunto, complementar a montagem do enredo.

Que trama histórica pode revelar ou esconder uma produção fotográfica? O "clic" da objetiva registra um instante ímpar de um tempo, num espaço escolhido em função de uma vontade, pois o cenário é construído pela intenção do fotógrafo e do fotografado, ou

²⁰⁷ Carta de Jane Vanini, datada em 04.05.74, assinada por Jane.

de ambos. Seja como for, a cena registrada expressa o assunto que de fato existe. Isso não significa que a fotografia traz em si mesma a expressão da verdade e nem um conhecimento total sobre o passado retratado, mas expressa certamente um sentido testemunhal do instante e ajuda a visualizar e compreender os “microcenários do passado”, segundo Kossoy. Esse mesmo autor, ao analisar o tempo e a realidade no registro fotográfico, diz que “toda fotografia representa em seu conteúdo uma interrupção do tempo e, portanto, a vida. O fragmento selecionado do real, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na bidimensão da superfície sensível”.²⁰⁸

Um sentido curioso na fotografia é que seu conteúdo pode revelar informações que ajudam a reconstruir um tempo para quem analisa e reatualizar emoções para quem partilha a convivência com o tempo retratado. Esses desdobramentos revitalizam as imagens congeladas e, ao mesmo tempo, quebram sua imobilidade e as põem em movimento numa continuada construção de significados que brotam do exercício de rememoração.

O registro fotográfico é o resultado de uma vontade deliberada que implica na escolha de aspectos como ângulos, iluminação, planos, enquadramentos, cenários, entre outros, estabelecendo uma estreita relação com objetos, pessoas e paisagens, que são constituidores de uma memória que legitima aquelas escolhas, ao mesmo tempo em que produz um esquecimento sobre as outras lembranças. A fotografia não transmite uma realidade, mas uma relação com ela, ou seja, uma representação desta que permite construir uma significação entre seu conteúdo e sua forma.

²⁰⁸ KOSSOY, op. cit. p. 28

Há de fato uma teia de comunicação entre o observador e as imagens fotográficas silenciadas no seu tempo, pois elas são componentes do sistema de signos não-verbais que se caracteriza por estabelecer uma comunicação independente, gestora de múltiplos aspectos culturais. É com esse sentido que Jane diz:

Eu queria tirar uma foto bem chilena e mandar a vocês e pedi uma manta emprestada para a foto, porém agora comprei uma manta para dar de presente a senhora e vou tirar uma foto com ela para te mandar. (carta 24)²⁰⁹

O registro fotográfico, por ser um texto visual, leva o leitor a estabelecer uma relação cognitiva entre as imagens congeladas e ele mesmo, na qual se impõe o processamento de informações que se escondem nos vincos dos cenários ou fora deles, porém, na análise de Mírian M. Leite, “como a fotografia acolhe significados muito diferentes na codificação e em possíveis decodificações da mensagem transmitida, as interferências dessas condições alteram e percepção do observador da imagem.”²¹⁰

A relação com a imagem fotográfica produz múltiplos sentidos e imediatos, porque as imagens possibilitam leituras dissimuladas, dispensando mediações. E quando se trata de cenários, cujos comportamentos dos figurantes tem-se um conhecimento prévio, as interpretações parecem mais próximas e os significados mais evidentes. Então, o fragmento acima citado expressa em *foto bem chilena* e *manta emprestada*, a significação do instante, como se quisesse falar: agora é assim, eu vivo o Chile. Essa prática de fotografar-se também sugere pensar a forma mais imediata e mais presente de assegurar

²⁰⁹ Carta de Jane Vanini, datada em 23.01.73, assinada por Jane.

²¹⁰ LEITE, M. L. M. *Livros de viagem (1803-1900)*, 1997, p. 224.

sua integração plena ao grupo familiar, uma vez que o registro fotográfico não reúne, no seu conteúdo, somente as singularidades pessoais dos atores, mas assinala, sobretudo, os papéis e os lugares sociais de cada fotografado.

A família Vanini sempre preserva o costume de expor suas fotografias em fartos álbuns, porém os registros de Jane nos seus tempos chilenos não estão assim dispostos, mas guardados cuidadosamente nos pertences pessoais da irmã Dulce Ana. Essa é uma particularidade que não ajuda a construir um esquecimento, mas algumas folhas de silêncio. Silêncio sobre a ausência, a presença, as escolhas, as paixões, as fugas e as atitudes sobre Jane. Qualquer tipo de silenciamento traz a sensação de protegê-la, quer da repressão institucional, quer das múltiplas opiniões que se formulam e circulam sobre sua conduta, gerando descontentamentos públicos aos quais submete toda a família.

As fotografias “guardadas”, assim como as cartas e outras lembranças, quando olhadas e observadas, provocam rompimentos repentinos desse silêncio que acompanha a história e, dessa forma, arrancam da memória familiar os traços de vida também guardados nas lembranças do convívio. Assim, rememora-se o afeto, revivem-se as relações, recompõe-se a convivência familiar, refazem-se as atitudes e os pensamentos, escuta-se o som das vozes, recuperam-se os traços das feições e os contornos dos sorrisos e dos olhares petrificados no registro. É como se as imagens ganhassem vida e se locomovessem para o espaço do agora. É nessa vitalização das imagens que Jane deseja recuperar alguns registros perdidos:

Gostaria que me mandassem uma foto de vocês outra vez.
Sabe que a que eu tinha me roubaram um dia em que me bateram a
certeira e estou sem nada. Nem da Cida. Nem do Jorge, nem daquela

de papai, mamãe, etc. Qualquer dia desses mando foto nossas. É que temos que tirar ainda e não tivemos oportunidade. (carta 21)²¹¹

Mande-me foto de todos vocês, tá? E se encontram algumas minhas antigas, daquelas que eu gostava, mande-me também, tá? (carta 25)²¹²

Para Jane Vanini, ao que tudo indica, a fotografia é um tempo de sedução que se reedita em múltiplas vontades, uma vez que eterniza seus momentos de prazeres. Seja na rua, no trabalho, ao telefone, nas creches em atividades voluntárias, ou ainda, conservando imagens de cenários, pessoas e objetos, o encadeamento das relações produz signos de uma experiência, mesmo que a fotografia possibilite leituras ambíguas sobre seu conteúdo.

Numa proximidade com as correspondências, as fotografias enviadas a Dulce são instrumentos fascinantes, os quais, detendo informações e enunciando mensagens sobre o cotidiano de Jane, soam como grandes fragmentos de certezas vividas. Com essa significação é que Jane Vanini atualiza um passado no presente e fala do companheiro *gordinho*, mas *simpático*, da *magreza* que não existe mais, da identificação das *crianças* e da feitura de sua *carteira*:

Vou te mandar umas fotos (anteriores às outras que te mandei) em que estou com um companheiro chileno. É meio 'gordinho', mas é simpático e parece que está enamorado. Oh!!... Nesta época eu estava magra, mas afora estou super gorda, assim é que não se preocupem pela magreza minha nessa foto. (carta 32)²¹³

Em outra carta lhes vou mandar negativos com fotos nossas. As duas crianças que aparecem são filhos do Pepe. A carteira que aparece comigo, eu mesma a fiz. (carta 36)²¹⁴

²¹¹ Carta de Jane Vanini, datada em 16.01.73, assinada por Jane.

²¹² Carta de Jane Vanini, datada em 05.04.73, assinada por Ana.

²¹³ Carta de Jane Vanini, datada em 01.02.74, assinada por Ana.

²¹⁴ Carta de Jane Vanini, datada em 29.07.74, Assinada por Carmem.

Qualquer que tenha sido a finalidade das produções fotográficas nos tempos das práticas da luta revolucionária e, em especial no Chile, os registros também expõem a marca individual do fotógrafo. Ele tem um estilo que revela seus valores culturais, sua forma de pensar e sua compreensão sobre estética. Há, portanto, uma cumplicidade entre o fotógrafo e a fotografada Jane.

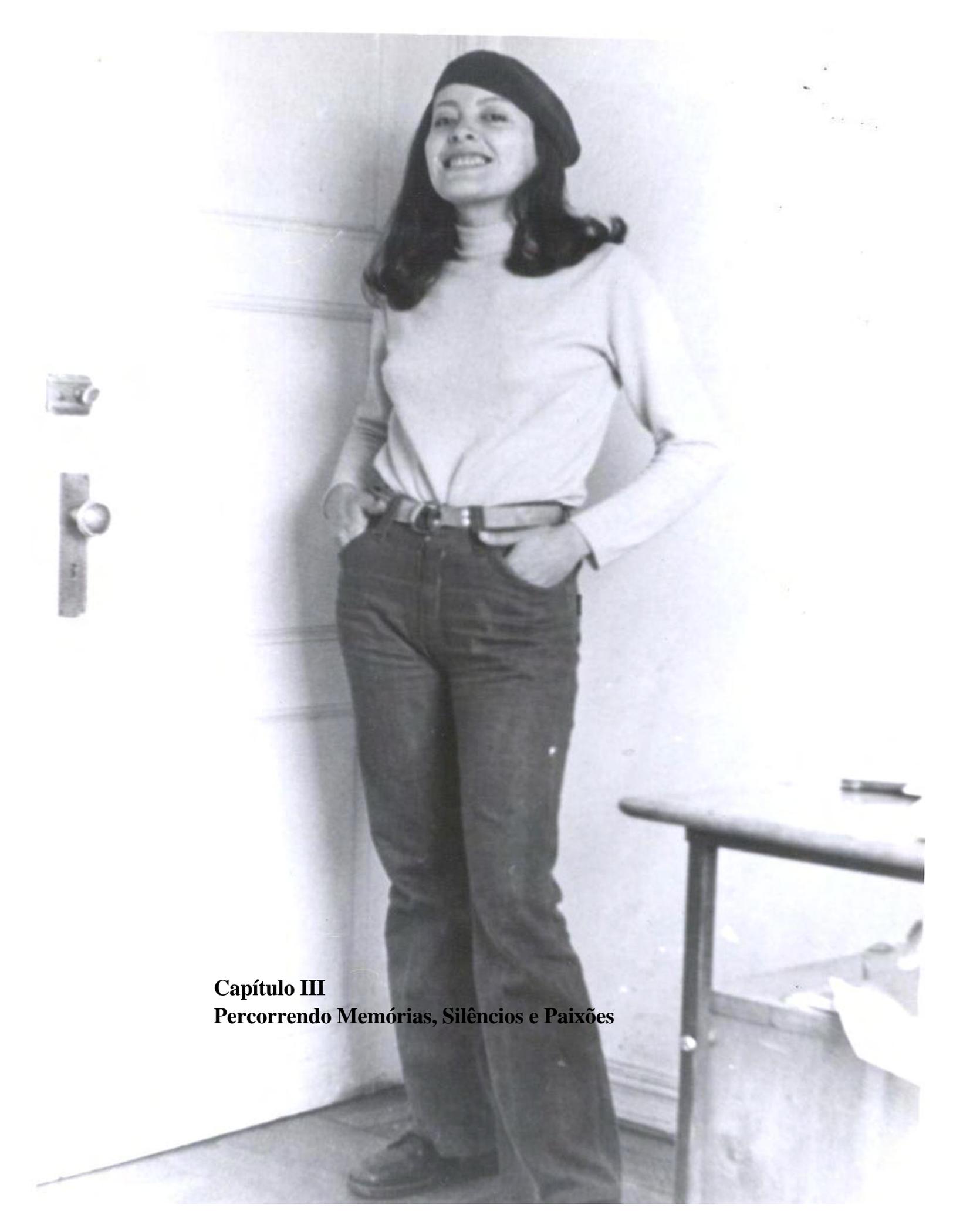
Seguindo Boris Kossoy, a trajetória da fotografia se dá em três estágios: a) a intenção de registrar a realidade, que pode ser do fotógrafo ou não; b) o ato de registrar o real, que é o processo que origina a fotografia; c) os caminhos que tomam a fotografia, ou seja, os aspectos como as aventualidades, as dedicatórias, as emoções, os sentimentos, as razões pelas quais determinadas pessoas salvam os registros, os álbuns que conservam, mãos e olhos que manuseiam as mensagens. “Neste caso, seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas. Apenas o artefato, no seu todo envelheceu”.²¹⁵

Para os familiares de Jane Vanini, sua ausência, no sentido mais amplo, traduz um sentimento de perda da ente querida e pode ser amenizado na contemplação da imagem fotográfica. Os conteúdos de seus últimos registros representam a realidade intensamente vivida e assim, a continuidade dos laços familiares e afetivos. É nessa compreensão que os trabalhos de Míriam Moreira Leite apresentam a imagem fotográfica como um prolongamento da existência humana como forma de culto e preservação da memória das pessoas que já não se fazem mais presentes no espaço familiar. Ela enfatiza essa representação afirmando que “a fotografia funciona como índice do que foi e por onde passou a família. Silenciosas e imóveis, ficam, também por isso, ligadas à memória

²¹⁵ KOSSY, B. *Fotografia e História*, 1989, p. 29

dos entes queridos que desapareceram e que se tenta fazer sobreviver. Além de ser um espelho de momentos passados, as fotografias recuperam a presença dos ausentes”.²¹⁶

²¹⁶ LEITE, M. M. *Retratos de família*. 1993, p. 160.



Capítulo III
Percorrendo Memórias, Silêncios e Paixões

Memórias de um tempo revisitado

Em maio de 1992, a revista ISTO É, ao noticiar os crimes políticos do Chile, na década de 1970, inclui o nome de cinco brasileiros desaparecidos durante a ditadura militar de Augusto Pinochet. Entre os nomes, consta o de Jane Vanini, nascida em Cáceres, estado de Mato Grosso, que em 1964 fixa residência na cidade de São Paulo com o intuito de estudar e trabalhar.

Após quase vinte anos, a circulação dessa notícia pela revista ISTO É, além de poder instrumentalizar a pesquisa histórica, possibilita, sobretudo, a desconstrução do silêncio familiar sobre as atividades políticas, a clandestinidade e a morte de Jane Vanini.

Como pode ter acontecido uma coisa dessas com uma pessoa de Cáceres? Curiosamente, essa é uma indagação que tem permeado, com certa frequência, os diálogos com muitas pessoas residentes na cidade de Cáceres e mostram-se até certo ponto intrigadas quando tomam conhecimento, ainda que superficial, sobre a vida de Jane, ou ainda, *ninguém podia imaginar que ia acontecer uma coisa dessas com ela*, exclamam outros contemporâneos seus.

De uma forma ou de outra, quase sempre uma expressão de perplexidade parece não querer conferir ao lugar, um lugar de história. É como se a construção da história ainda tenha de acontecer com feitos e personagens heróicos, em espacialidades incomuns.

Assim, na normalidade dos lugares e na singularidade dos tempos, ao registrar suas experiências de vida, Jane Vanini dá visibilidade ao lugar comum da história.

Por intermédio de indícios fisgados de suas correspondências, juntamente com testemunhos de familiares e contemporâneos, como também utilizando-se da mediação de registros escritos, é possível reconstituir alguns cenários políticos, sociais e culturais de época, na cidade de Cáceres.

Jane é a caçula do universo de oito filhos do casal José e Antonia Vanini. Numa ordem cronológica decrescente, seus irmãos são: Dulce, Marize, Magali, Jones, Romano, Henry e Helena, e com exceção de Jones, todos estão vivos. A mãe, que todos a conhecem carinhosamente como Dona Tunica, se diz “fumaciana” pela sua origem de vida na fazenda Fumaça, localizada também no município de Cáceres. O chefe dessa família é de origem italiana, cujos progenitores, como tantos outros grupos de imigrantes estrangeiros, se estabelece em Cáceres, ainda no século XIX.

De característica patriarcal, a organização familiar é construída sobre fortes sentimentos afetivos mútuos e duradouros. Com um modelo de sociabilização voltado para o fortalecimento do núcleo familiar, o patriarca José Vanini Filho dá menos importância a situações que possam aumentar sua renda financeira ou sua efetiva participação nos quadros do poder político local. Ele é um pequeno proprietário rural que, como provedor familiar, faz da lavoura a atividade produtiva para garantir a manutenção de todos por muito tempo.

Na década de 1960, Cáceres se apresenta como uma cidade de vida pacata e saudável, considerada pelos discursos geopolíticos como pólo de desenvolvimento do lado oeste mato-grossense. Com pouco menos de trinta mil habitantes espalhados pelos 42.333 km² de extensão territorial, tradicionalmente o município, localizado a noroeste do Estado,

a duzentos quilômetros da capital, Cuiabá, prima pela pecuária, mas a riqueza se complementa com a produção de milho, arroz e algodão que também se origina nos minifúndios e, assim, constituem a fartura que os *olhos podiam alcançar*.²¹⁷

Assim são os anos 60 quando o largo da praça Barão do Rio Branco empresta o seu espaço para que seja empilhada a produção de grãos, episódio este que muito chama a atenção de toda a população, representações sociais e instituições, inclusive a imprensa: *...eu me lembro que vieram repórteres de São Paulo, dos grandes jornais de São Paulo e fotografaram as montanhas de produção e estamparam nos jornais paulistas*, relembra Natalino Ferreira Mendes, ao comentar aspectos das safras agrícolas daqueles tempos.²¹⁸

Com um olhar mergulhado nas dobras de um passado que não se descola de um presente, diversos atores sociais, que encenam suas vidas nos anos sessenta, relembram a cidade num estilo bucólico. Tempo este em que as pessoas reinventam a cidade, que ainda não tem a constância da luz elétrica, porém se utilizam dos lampiões de querosene ou para economizar o querosene, usufruem do prateado das noites de luar para alumiar as ruas. Enquanto isso, a prosa corre solta entre aqueles que arrastam as cadeiras para se sentarem à porta da casa e a *meninada*, solta pelos pátios, pode brincar *brincadeiras de crianças* como se distribuísse inocência.

Essa é a forma mais freqüente com que as pessoas rememoram o desenho da cidade e o convívio social. Não há maquilagens nesse olhar, elas vêem o lugar com esse caráter romântico e trazem para o presente, não o passado, mas suas marcas e seus sentidos, os quais reaparecem articulados com as percepções do tempo atual. Há, portanto,

²¹⁷ Expressão popular que significa linha do horizonte e aqui é empregada para quantificar a produção.

²¹⁸ Entrevista com Natalino Ferreira Mendes, professor e funcionário público em Cáceres durante 40 anos. A entrevista foi feita em Cáceres, em setembro de 1992.

um movimento da memória no tempo, e isso se dá porque “todo ato de perceber é indissociável da memória que temos acumulada, assim como todo ato de lembrar compreende a forma como nossa percepção encontra-se condicionada ao presente”.²¹⁹

Assim como em outras épocas, a juventude de Cáceres costuma formar seus *grupinhos*, observando as mais distintas afinidades entre eles, uma vez que todos se identificam como a fatia da população considerada mais ativa e moderna. O ponto de encontro é habitualmente a praça Barão do Rio Branco, onde se assenta o passeio público. Existem também as *brincadeiras dançantes*, como se costuma convencionar, que acontecem geralmente em residências, previamente escolhidas. São atrativos freqüentes, como lembra a professora Regina Helena:

*... então era assim, a gente passava a noite no Calçadão, final de semana, se bem que não saíamos de Segunda a Quinta, era muito difícil, só quando tinha um bingo, ah! tinha muito bingo dançante; fim de semana era uma maneira da moçada reunir, divertir... sempre tinha dança pelo meio e não era as danças soltas de hoje, mas aquelas danças de pares, bem comportadas,...*²²⁰

Convém destacar que em boa parte das residências, consideradas de classe média, consta um piano no seu mobiliário e chega à cidade pelas embarcações fluviais do rio Paraguai, contudo não é ao som de piano que os jovens organizam seus encontros. Nesse tempo, o Brasil se transporta para a era da modernidade, cujos símbolos são classificadores dos níveis sociais. Na diversidade de objetos que configuram a sociedade

²¹⁹ MONTENEGRO A. T. e FERNANDES T. M. *História Oral: um espaço plural*, 2001, p. 09.

²²⁰ Entrevista com Regina Helena Costa Marques Cardoso Leal, professora em Cáceres. A entrevista foi feita em Cáceres, no dia 14 de setembro de 2000.

de consumo, cujo conjunto dá relevo aos grupos sociais, encontra-se a eletrola, também conhecida como vitrola. É ela, a vitrola, que pela sua funcionalidade, substitui o piano naquelas brincadeiras dançantes.

Na variedade e na sofisticação dessa funcionalidade, o “rádio a válvula deu lugar ao rádio transistorizado, AM e FM ao rádio de pilha, que andava de um lado para outro junto com o ouvinte; a eletrola, a vitrola *hi-fi*, o som estereofônico, o aparelho de som, o disco de acetato, o disco de vinil, o LP de doze polegadas, a fita, a TV preto e branco,...”²²¹ entre outros, marcam as temporalidades vividas, ajustando os brasileiros ao mundo moderno.

É importante ressaltar que em Cáceres vive-se a época do rádio. É um tempo em que os sistemas de comunicação se alastram. Enquanto os aparelhos de televisão não chegam em todos os lugares, o Brasil inteiro ouve o rádio. O rádio que encurta as distâncias, redimensiona o tempo, provoca emoções e decodifica o mundo distante até então inexistente para muitos. O rádio é quase sempre um veículo para o qual se dispensa um zelo especial, a ponto de consagrar-lhe um lugar especial na casa. Geralmente é na sala, sobre uma mesinha forrada com uma toalha, de preferência bordada, com cadeiras ao redor para que todos escutem os noticiários, as novelas, o jogo de futebol nas tardes de domingo e as produções musicais radiofônicas que circulam.

As inovações da modernidade são mais acessíveis para os centros urbanos com maior concentração populacional, onde os padrões de vida vão adquirindo novos hábitos. Mesmo não havendo ainda uma difusão ou uma frequência dos aparelhos de telefone e televisão, na cidade as pessoas costumam se comunicar através dos Correios e, assim, *na*

²²¹ MELO J. M. C. de e NOVAES F. A. *Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna*, 1998, p. 564.

época as distâncias eram vencidas pelo telégrafo, a gente mandava muita carta e telegrama, como afirma a professora Regina Helena.

Articulando comunicação e divertimento, não dá para se esquecer dos cinemas que rigorosamente passam o noticiário em tela e os espectadores saem mais informados sobre futebol ou outros fatos políticos e sociais que acontecem pelo país a fora. Ainda dá para escutar na memória a trilha sonora que parece acompanhar o arremesso da bola como se fosse perfurar a tela cinematográfica. Os casais de namorados cuidam-se para não serem surpreendidos com a presença do *guardinha* que repentinamente aparece focalizando sua lanterna como que procurasse algo que nunca teria perdido. Quase como um ritual, é dessa forma que sempre começam as exibições dos filmes nos cinemas São Luiz, Copacabana e Palácio, em Cáceres.

Além disso, como em tantos outros lugares, a cidade é bastante festeira. Com o Esporte Clube Humaitá, Esporte Clube Mato Grosso e o UBSSC (agremiação dos sargentos do Exército), a população vive várias festas durante o ano. Entre outras, a Festa da Primavera, Festa da Cidade, desfiles de moda, desfile do Sete de Setembro e festa de debutantes. Dos eventos religiosos, os mais rememorados são o de Divino Espírito Santo, São Benedito, São Sebastião e São Luís - o padroeiro da cidade. Embora distintas na forma de apresentação, as festas dos santos também são motivações que propiciam um reencontro com os amigos ou o começo dos namoricos da época.

Quase sempre nessas festas Jane se faz presente. Pelo acervo fotográfico da família, existem vários registros seus em desfiles de moda. Nas festas de debutantes, há sempre uma fotografia congelando sua imagem nesse tempo definidor de marcas, seja dançando ou vinculada ao grupo de amigos. Compondo o álbum de família, ela também aparece num outro cenário muito singular - a comemoração de seus quinze anos.

Especialmente, no ano de 1960, como rito de passagem, lá está Jane Vanini, na sua festa de debutante, estreando na vida social de Cáceres.

Jane é uma jovem de seu tempo e de seus momentos. Passa por todos esses recantos, vive todos os encantos de sua cidade. Sempre presente nos passeios de bicicleta, nos piqueniques, nos *banhos de praia* do rio Paraguai, nos *bailinhos* sejam nos clubes ou em casas de famílias amigas. Nos bailes carnavalescos, ela sempre se apresenta fantasiada de índia, princesa, odalisca e outras figuras, seguindo o estilo de época.

Nas lembranças das pessoas, Jane é uma moça muito vistosa, tem uma fisionomia de traços visivelmente marcantes, destacando-se o cabelo comprido e volumoso, os olhos pretos e arredondados e um sorriso largo. Assim é que seus contemporâneos, quase que se repetindo uns aos outros, a descreve. Na ação de descrevê-la, quase todos também parecem legislar sobre um tempo que se perdeu e retirou dele o substrato dos tempos vividos. Numa expressão do tipo: *...eu lembro muito, parece que estou vendo ela com aquelas tranças... engraçado como o tempo passou... como Cáceres era diferente e como mudou nesse tempo todo...*, as pessoas recolhem-se nos seus mundos e atualizam suas histórias de vida. É o tempo revisitado, construindo resignificações de si mesmo.

Completando o cenário urbano é imprescindível visitar os territórios sócio-político e cultural que ocupa a escola. A educação é uma aquisição luxuosa, digna dos *possuidores*. Em idade apropriada, nem todos estudam. Nesses tempos, educação significa muito mais uma formação para um convívio social qualificado que um adestramento para o trabalho.

O Colégio “Onze de Março”, o Colégio “Imaculada Conceição”, o “Instituto Santa Maria”, o Colégio “Esperidião Marques” e a Escola “Rodeio” são as instituições educacionais que aparecem como carro-chefe da educação em Cáceres. Salientando aqui o

destaque para as duas primeiras por reunirem maior número de alunos com melhor poder aquisitivo e, por isso, projeção das atividades escolares nos meios sociais. Elas simbolizam, sobretudo, a distinção social.

O Colégio Imaculada Conceição é uma instituição pertencente à Congregação das Irmãs Azuis, originada na França no final do século XVIII, cujas regras de comportamento moral e disciplina são bastante rígidas. Com um corpo docente quase que totalmente formado apenas por religiosas da referida congregação, a escola atende às necessidades do ensino fundamental, pois oferece os cursos então denominados de primário e ginásial para um corpo discente constituído apenas por meninas e moças.

Uma das alunas matriculadas no curso ginásial dessa escola é Jane Vanini. Pelos registros escolares, ela é assídua às aulas e sempre participa das atividades extracurriculares, incluindo as religiosas, tais como as missas aos domingos e a celebração da páscoa. Pela memória fotográfica da escola e da família, ela também está presente, com seu *uniforme impecável*, nos desfiles cívicos de Sete de setembro e Seis de outubro. Este último, refere-se às comemorações do aniversário da cidade.

Estudar no Colégio das Irmãs (assim conhecido) é um motivo de orgulho e distinção social para as alunas ao mesmo tempo em que às famílias imprime uma certeza de filhas “bem formadas” para a vida social, para os atributos familiares, principalmente do casamento, para a disciplina da convivência e para a perpetuação dos valores católicos, sobretudo, a obediência a Deus-Pai todo poderoso. Sobre esse tempo, a ex-aluna e hoje professora, Regina Helena, relembra as marcas de sua formação e sua adolescência:

...eu vivi toda a vida no colégio das Irmãs - Colégio Imaculada Conceição. Eram poucas as alunas no antigo ginásio; era restrito o número de alunos que estudavam ali, mas dos poucos que estudávamos éramos muito unidas, amigas umas das outras e saíamos em turmas. A

*gente era formada realmente para ser esposa e mãe; era muito rígido, a gente não entrava sem estar impecável com o uniforme, sapato engraxadinho, meia comprida $\frac{3}{4}$, gravata, nem pintava nem mesmo a unha; tem um episódio que eu não me esqueço: houve um baile, parece que até da primavera, pintei a unha de esmalte escuro, chegou no dia seguinte, como aqui a gente tinha dificuldade de acesso à acetona e não tinha supermercado na época só nas lojas e quase a gente não encontrava esse produto, tentamos tirar e tiramos um pouquinho do esmalte com açúcar cru e álcool que ensinaram p'ra gente, porque a gente não entrava mesmo de unha pintada; o colégio era muito rígido; nos desfiles em que a gente se apresentava tinha os uniformes de gala, também o colégio era muito querido tanto o colégio das Irmãs e o Colégio Onze de Março, os dois colégios se apresentavam muito bem nos desfiles, a gente tinha muito orgulho e sempre as mães admiravam as meninas...*²²²

Ao que parece, via de regra, os jovens tendem a transgredir a ordem estabelecida, uma espécie de confrontação de valores vigentes. Com Jane também não foi diferente. Desde cedo ela experimenta a ousadia. Inventava suas histórias. Certa vez, vai à Cachoeirinha, um sítio de propriedade de sua irmã, Marize Vanini, localizado na comunidade denominada Cabaçal, em Cáceres. Parece ter boas recordações daquele lugar, uma vez que em algumas das cartas enviadas do Chile, por volta de 1973, enfatiza aspectos a que atribui significados especiais. Com pouco mais de dezesseis anos, a viagem parece ter sido uma provocação, pois sem autorização dos pais, foi acompanhando o carro de boi do senhor Miguel Ferreira e acaba ficando por lá, aproximadamente, uns dez dias, conta Marize.

²²² Entrevista com Regina Helena Costa Marques Cardoso Leal, em 14 de setembro de 2000.

Surpresa e ao mesmo tempo assustada, a irmã pergunta-lhe se sua presença ali é do conhecimento da família, o que prontamente Jane lhe responde: *papai não deixou, mas eu falei que vinha a pé*. Continuando, Marize Vanini, fitando um canto da sala, como que sua expressão quisesse esconder uma melancolia, deixa escapar dos fios de suas lembranças: *...ela gostava de desafiar*.

A escola é, por excelência um lugar de experimentações plurais. O Colégio Estadual “Onze de Março”, tratado até hoje por CEOM, é um pouco diferente do colégio das irmãs. Estudam moças e rapazes, o que certamente ajuda a construir uma dinâmica de relações interpessoais entre os jovens alunos com uma significação diferenciada. Nessa época, a escola, enquanto lugar privilegiado do saber, que incorpora em si mesma o signo de mundo do conhecimento tecnicamente elaborado, se apresenta como uma certeza de um futuro brilhante na vida de cada aluno e de cada família.

Como hoje, o corpo docente apresenta uma certa rotatividade ocasionada pela falta de profissionais devidamente habilitados para a carreira do magistério, porém a cidade parece se empenhar para romper seus obstáculos. Nesse sentido lembra o então professor Natalino Ferreira Mendes, primeiro diretor da escola Onze de Março:

...e também como nós não dispúnhamos, vamos dizer assim, de professores formados na época, nós utilizávamos os poucos que tinham curso superior em Cáceres; eram farmacêuticos, eram médicos e sobretudo utilizávamos os padres, as Irmãs e as Forças Armadas, ou melhor do Exército, que Cáceres sempre teve um intercâmbio muito forte

com o quartel, com os militares, porque essa gente aqui chegava e se entrosava logo com o civil... aquela amizade de cidade pequena...²²³

Compondo essa equipe de professores, alguns parecem ser mais presentes nas experiências que formulam e, talvez por isso mesmo, mais presentes na memória de seus ex-alunos. Além dos professores Lindote, Natalino, Ênio Maldonado, entre outros, há um destaque especial para a figura do profissional Aroldo Widal de Pinho, a quem todos o conhecem como o professor TUTE LINE. Pelos depoimentos, ele aparece distinto na sua vida diária pelo empenho que demonstra para com o trabalho de magistério e pela metodologia própria empregada durante as atividades de construção do saber, especialmente no que diz respeito às provocações que faz aos seus alunos ao inventar formas que questionam a investigação do conhecimento didático e científico.

...ele era um excelente professor, era o orientador e mestre da gente; se o aluno não aprendesse bem a matéria durante as aulas ele dizia: 'que dia é que você quer ir lá em casa para eu te ensinar?...Ele era professor de matemática e trouxe harmonia com o ensino de matemática [...] porque até então nós tínhamos um medo, todo aluno tem medo de matemática [...] diante disso, nós tivemos uma convivência boa com o professor Tute, que é o nosso professor Aroldo Widal de Pinho [...] quando ele dizia que nós precisávamos melhorar, buscar coisas boas para Cáceres [...] ele nos ensinou sempre que precisávamos separar o joio do trigo [...] ele sempre nos deu esperança dizendo que nós mudaremos o nosso sistema de vida [...] se nós ficássemos lá, ele sempre falava para mim: você vai ser talvez o melhor laçador de boi, na fazenda de um fazendeiro qualquer... [...] na área de química, ele sempre dizia: olha convém vocês conhecerem um pouquinho mais e busquem

²²³ Entrevista com Natalino Ferreira Mendes, em setembro de 1992.

esse aprendizado e qualquer dúvida que vocês tiverem procurem, perguntem p'ra mim até fora da aula, porque o que eu quero é que meus alunos sejam criativos, que busquem o aprendizado através da comparação das coisas e saber distinguir a água limpa da água suja, nós não podemos seguir simplesmente as idéias...²²⁴

Na cidade, há quem afirme que esse espaço de convivência com o professor “Tute” tenha contribuído para despertar, em seus alunos, outros olhares sobre o mundo. O ano é 1962 e na constituição do corpo docente da escola “Onze de Março”, está Jane Vanini. Na perspectiva de validar essa premissa é que se inscreve o olhar de Regina Helena sobre Jane:

...ela era uma moça bonita, sempre ativa em todos os sentidos, inteligente e muito avançada para a época, politizada e muito avançada para a época; ela era no mínimo uma década na frente da gente, no pensamento e em tudo, a gente notava...²²⁵

Em outro momento da conversa com o ex-aluno Abnael Bordon, ele enfatiza que a falta de perspectiva, tanto no ensino quanto no campo de trabalho, tem levado os jovens a percorrer outros caminhos desejados, esvaziando a cidade. Em Cáceres, afirma ele, *os que tinham boas condições financeiras vão para o Rio de Janeiro e os que precisavam*

trabalhar vão para São Paulo, porque trabalhavam durante o dia e, durante a noite, estudavam.

²²⁴ Entrevista com Abnael Bordon, ex-aluno do Colégio CEOM. A entrevista foi feita em São Paulo, capital, no dia 05 de novembro de 2000.

²²⁵ Entrevista com Regina Helena Costa Marques Cardoso Leal, em Cáceres.

Uma outra passagem, digna de observância, na vida cotidiana dessa gente é a existência do Grêmio Estudantil “Castro Alves”, filiado à União de Estudantes Secundaristas de Cáceres - U.E.S.C., que por sua vez é filiado à União Mato-grossense de Estudantes Secundaristas - U.M.E.S., cujo lema estampado no documento de identificação dos alunos filiados parece querer cravar no mundo a conduta de um tempo: **DEVEMOS VENCER PELA FORÇA DO DIREITO, NÃO PELO DIREITO DA FORÇA.**

Jane Vanini consta como aluna dos Colégios Imaculada Conceição e Onze de Março, lugares de onde pode exibir um *atestado de boa conduta*.²²⁶ Na sua trajetória estudantil, em Cáceres, participa ativamente do então Grêmio Estudantil “Castro Alves”, cuja identidade de filiação é do ano de 1963 e leva o número 09, assinada pelo então presidente Bolivar Ramos e o então secretário geral Airton Montecchi Filho. Pelo depoimento deste último, na diretoria da agremiação, ela ocupa o cargo de diretora social pela *habilidade que tinha no tratamento com as pessoas*.

Nas lembranças de alguns filiados ao Grêmio daquela época, a vontade e o estímulo para participar desse movimento estudantil parecem pela necessidade de se preocupar com um futuro próximo, pois Cáceres ainda não conta com uma escola que ofereça os cursos científico ou clássico, os mais desejados na época e que correspondem atualmente ao que se denomina de ensino médio.

Uma atuação muito comum entre as organizações estudantis na década de 1960 é a edição de *jornalinhos* que circulam entre os alunos, cujos conteúdos propagam as

²²⁶ Documento oficial que fazia parte da documentação de época, necessária ao ingresso nas instituições escolares.

informações, divulgam as práticas e revelam as múltiplas habilidades estudantis. Mesmo com uma dimensão de informalidade que apresentam, os jornais estudantis também são artifícios que possibilitam um ensaio das projeções sociais da escola, a potencialidade de cada aluno envolvido e a capacidade inventiva dos diversos grupos de estudantes. O movimento que articula essas práticas políticas e sociais revela, sobretudo, um tempo simbólico demarcador de identidades e os territórios que configuram essa construção identitária.

Ao abordar as limitações sobre estudo e trabalho em Cáceres, os quais inquietam os filiados ao Grêmio “Castro Alves”, Abnael Bordon reconstitui um tempo revisitado, da seguinte forma:

...não tínhamos condições de encontrar emprego, a cidade não nos oferecia, não tínhamos trabalho, não existia investimentos que aproveitasse o aluno no trabalho [...] então, acabávamos ficando ociosos e isso daí não seria bom, por isso que nós também acabamos criando um jornal, que pudemos divulgar o nosso trabalho, a nossa escola, o nome do Ginásio, que era o jornal do ginásio mesmo, [...] o qual tivemos grande participação de vários colegas, entre eles eu posso citar Airton Montecchi, Bolívar Ramos e uma pessoa muito especial que é Jane Vanini...²²⁷

Percorrendo outros arquivos institucionais e particulares, até este momento não há vestígios de qualquer edição desse jornal, contudo, é numa correspondência de Jane, endereçada aos sobrinhos, por volta de 1972, que aparece sua ação de escrever e o nome do jornal da escola, no qual seu, então, colega Abnael Bordon faz referência:

²²⁷ Entrevista com Abnael Bordon, em São Paulo.

Um dia me chamaram de comunista porque no jornal 'A voz do Aluno' eu reclamava pelo aumento no preço do leite e da carne, que muita gente não podia pagar e esses alimentos são básicos para uma boa alimentação. (carta 03)²²⁸

Destacando o termo *comunista* que aparece na carta da militante Jane, do qual se serve o aparato repressivo para desqualificar pessoas, em especial, estudantes opositores ao regime militar, Abnael Bordon diz que:

*...em Cáceres qualquer idéia que nós trouxemos, no sentido de mudar ou trazer qualquer novidade, além daquilo que fosse dado nos bancos escolares, era uma afronta e isso talvez ocorreu muitas vezes se observada dessa forma, mas o que ela (Jane) tinha muito era um espírito crítico, mas ela nunca buscou distorcer as coisas do poder existente naquela oportunidade, porque contrariar em Cáceres naquela época era sujeito até ser expulso, não digo ser expulso, mas ser visado, isso que eu sinto da época.*²²⁹

Não é só em jornais escolares e nem só textos de protesto que Jane escreve. Ao que se conhece, ela habitua-se a escrever desde cedo. O ato de escrever é uma prática, na qual os textos emitem sentidos que revelam outras práticas sociais, ou seja, um texto exposto à circulação adquire uma função relacional com os leitores, além de comportar em si mesmo, para o autor, o prazer da comunicação e o encontro com seu próprio mundo. No poema abaixo, a autora Jane Vanini demarca as temporalidades de seu sujeito social.

SONHO DE NORMALISTA

Como é possível esquecer-te se estás presente em toda parte? Até nos ruídos mais bizarros ouço o teu nome. O próprio vento

²²⁸ Carta de Jane Vanini, sem data e com assinatura de Jane.

²²⁹ Entrevista com Abnael Bordon, em São Paulo.

traz-me o eco da tua gargalhada e repete-me baixinho até as palavras mais simples que me disseste.

Esta rosa aberta me lembra o teu beijo e o seu botão me faz pensar naquele que ainda me darás. Essa luz, essa réstea de sol que entra mansamente pela minha janela, que imperceptivelmente caminha pela sala, és tu, teu espírito, tua sombra. És verde que veste os ramos, és tu materializado em folhas. O ar que respiro é o mesmo que o teu!

Esta caneta com que escrevo, é o teu dedo traçando minha sorte sobre o livro da vida, que se chama destino. Tu és tudo para mim. Amar-te é sentir no inferno as alegrias do céu, e no céu sofrer o martírio do inferno. Amar-te é tudo para mim, pois minha vida sem ti não vale nada. Tu és meu deus particular, teu amor é o meu hino, teu nome a minha prece, meu porvir, minhas esperanças.

Tu és a luz da minha vida e a esperança que emoldura o meu porvir. Se pudesse imortalizaria este teu amor como a liberdade se materializou em sua estátua de bronze.

Partes. Mas... sei que um dia voltarás e ao ver-me, lembrar-te-ás de que ainda existo. Sorrirás talvez. Quiçá te perguntarás - 'será que a amo?' - Eu te responderei a essa pergunta, não para ti, mas para mim mesma, ao sentir o corpo dolorido e o coração a pulsar mais forte dentro do peito: - 'sim, eu o amo ainda!'

E, ao fazê-lo, vozes de anjos descerão até mim, cantando, glorificando este amor. O demônio murmurará por entre as chamas do inferno, que perdeu a partida, que me queimei, não em suas chamas, mas na labareda do teu imenso amor.

Deuses descerão à terra para abençoar este amor e o mundo inteiro, derrotado, abaixará a cabeça, pois tudo fizeram para nos separar e nada conseguiram. O tempo, a distância, a saudade, já não existirão; serão como lendas que se cantam às crianças para fazê-las dormir.

Finalizando, te deixo estas humildes palavras, como uma lembrança de alguém que sempre te terá em seu coração por mais que o tempo e a distância nos separe, até que enfim chegue o dia em que tenhamos que nos encontrar para não nos separarmos jamais.²³⁰

Esse texto estabelece uma comunicação com a sociedade, codifica as condutas próprias de um tempo e de um grupo social, além de assinalar a inserção de uma mensagem em vários sentidos intertextuais. Falando sobre a intertextualidade, e ao considerar as condições de produção, emissão circulação, lugar do enunciador, Mauad diz que “o texto pode ser considerado como mensagem, elemento importante no processo comunicativo, por serem veículos de significação”.²³¹

Nos primeiros anos da década de 1960, muitos jovens parecem ter construído experiências de cunho político-sociais, as quais aparecem simultaneamente reeditadas de formas diferentes, em localidades distintas, porém com a mesma matriz referencial, ou seja, a negação de valores e condutas tradicionais. Na reminiscência desse tempo e na memória dos contemporâneos, é possível reconstruir episódios que cristalizam o perfil das ações estudantis do grêmio “Castro Alves”. Um deles diz respeito ao acesso aos cinemas.

Em Cáceres, o calçadão da praça Barão do Rio Branco, até hoje ainda se caracteriza como espaço público legitimado, pois *na cidade tudo acontece sempre ali*: as festas de santo, os festejos juninos, o vai-e-vem da moçada, os encontros, as trocas de olhares que quase sempre ajudam a despontar um namorico, enfim, é o espaço que se apresenta como o cenário propício para os desejos e as paixões da juventude.

²³⁰ Jornal *O Pioneiro*, p. 06, Cáceres, 16 de junho de 1963.

²³¹ MAUAD, A. M. *Passado Composto: palavras e imagens, a intertextualidade em história oral*, 2001, p. 64.

Lá também situa-se o Cine São Luiz, de propriedade do Senhor José da Lapa. E como em qualquer lugar do Brasil, nos anos 60, o “escurinho” do cinema é potencialmente um símbolo de sedução que atraí desejos, sentimentos e corpos. Ali, todos se encontram.

Pela “Força do Direito”, os estudantes lutam para usufruir o direito de assistir aos filmes pagando apenas a metade do valor do ingresso, uma vez que esse tratamento acontece em todo território nacional, porém a postura sisuda e inacessível do proprietário impede que sejam contemplados.

Em meio às proibições e tentativas fracassadas de diálogos, os estudantes encontram uma forma muito singular de chamar a atenção de outras pessoas e exporem suas vontades e iniciativas: aglomeram-se constantemente em frente ao cinema dificultando assim o fluxo normal do público alvo, conforme reconstituição do então estudante Airton Montecchi:

...o proprietário do cinema chamou a polícia, a polícia veio mas não resolveu nada, pois achou que a gente estava com a razão e fez corpo mole... e continua relatando o então secretário geral do grêmio: ... posteriormente reunimos e discutimos esse assunto e resolvemos usar de um outro tipo de operação: fila-boba no cinema, só estudante na fila, não deixava ninguém entrar e nós íamos renovando... chegava perto da bilheteria, não comprava o ingresso e voltava para o final da fila... ficava ali... não entrava ninguém... e desse movimento acabou a gente ganhando o direito a meio ingresso acertado com o proprietário desde que a pessoa fosse filiado à União Cacerense de Estudantes Secundaristas - U.C.E.S.; pagava uma taxa simbólica e obtinha a carteira de estudante, então de posse da carteira a pessoa se habilitava a pagar meio ingresso e foi uma vitória; deixamos todo mundo boquiaberto, ninguém acreditava que aqui em Cáceres acontecia um

*movimento daqueles... os estudantes também tinham um lugar ao sol, nós estávamos assim no nível do estudantado do Brasil todo.*²³²

Um outro momento demarcador das práticas estudantis, veiculado pelo Grêmio Castro Alves, é a participação de estudantes de Cáceres no Congresso de Estudantes Secundaristas realizado em Campo Grande, ainda estado de Mato Grosso, no ano de 1963. Na oportunidade, os jovens Abnael Bordon, Bolívar Ramos e Terezinha Conceição de Souza representam a delegação estudantil de Cáceres, cabendo à última, conduzir a fala representativa, reivindicando a criação dos cursos Comercial e Científico para a cidade de Cáceres. Esse episódio recebeu o reconhecimento da Câmara Municipal, na forma de *moção de louvor*, apresentada pelos vereadores Walter Fidelis Mendonça, Airton Pinheiro Leite e Luiz Souza Costa.²³³

Ainda naquele congresso, as lembranças dos jovens participantes trazem para o presente as discussões acaloradas, repudiando a *dominação do capital internacional* sobre a exploração de *monasita*, um minério extraído das minas de Urucum. O discurso, o posicionamento e a convicção dos estudantes expressam a *luta por uma política de nacionalização das riquezas brasileiras, principalmente a exploração do subsolo*, relembra Abinael Bordon, então militante do movimento estudantil em Cáceres.

Aqui é importante perceber por mais que o desenho da cidade de Cáceres possa ter-se configurado um lugar meramente provinciano, como ocasionalmente afirmam algumas pessoas, é impossível defender a

²³² Entrevista com Airton Montechi, em Cáceres, no dia 22 de setembro de 2000.

²³³ CÁCERES. Câmara Municipal, ofício CMC nº 13/63, de 20.02.63, encaminhado à Mesa Diretora.

idéia de um mundo isolado. Pelas singularidades das ações e pelas espessuras dos episódios que saltitam dos relatos, não há dúvidas de que esse recanto do Brasil sintoniza-se e articula-se com os mais diversos grupos sociais, com outras culturas, e com os acontecimentos que fervilham pelo mundo a fora.

Nessa perspectiva, basta compreender a dimensão que o sistema de comunicações produz nos espaços humanos. A dimensão das ondas curtas e médias com que as emissoras de rádio operam, através dos noticiários, juntamente com toda a programação, são capazes de construir um rearranjo das temporalidades históricas. Os elevados índices de audiência alteram a lógica e a dinâmica social. Eles também indicam múltiplas reinvenções de práticas de convivências.

O rádio, além de reformular a concepção de lazer, ocupa o lugar de interlocutor social e ganha uma importância fundamental pelo alcance da comunicação interpessoal, através dos serviços de utilidade pública que presta às comunidades, se incorporando ao cotidiano das pessoas.

Quem dessa época esquece o *Repórter Esso? A Voz do Brasil*, que traz como fundo musical *O Guarani* de Carlos Gomes, é um compromisso que faz parte da agenda do dia, preferencialmente após o jantar. As mensagens telegráficas também são uma constância na vida diária das pessoas, em Cáceres. As várias revistas e os jornais veiculam as informações, especialmente as primeiras, pela capacidade de visualização de suas imagens. É certo que nem telefone e nem aparelho de televisão ainda compartilham do dia-a-dia da cidade, mas isso não significa uma inferiorização do lugar, pois, como

acontece em todo o interior do Brasil, a dificuldade é o acesso a esses mecanismos e não o desconhecimento deles.

Contudo, não há de se desconsiderar o imenso vácuo que se estabelece na relação dicotômica entre as idéias de sertão e litoral, capital e interior, campo e cidade, atraso e modernidade, e outras situações dessa natureza. Embora a elaboração da memória seja fundamentada na percepção pessoal, ela, a memória, é produto da convivência social e, por isso mesmo, sua construção passa, inevitavelmente, pela apropriação das idéias e dos discursos predominantes de cada época.

Na construção dos discursos que emerge a idéia de isolamento de Cáceres, um dos aspectos que pode ser traduzido como *isolamento* é a ausência de estradas de rodagens ligando aquela cidade a todo o Brasil, uma vez que rodovia representa um dos ícones bastante forte do desenvolvimento e do progresso material, na segunda metade do século XX. Esse é o tempo em que o asfalto atapeta as estradas, simbolizando a modernidade, porque o capital moderniza-se ao mesmo tempo em que se inventam suas próprias fórmulas de multiplicação simultânea.

Os vários textos, quer políticos, quer jornalísticos, e os investimentos públicos encarregam-se de construir e disseminar esse ideário, como símbolo de modernidade e de novos padrões de consumo. É certo que as inovações retardam um pouco em chegar às populações distantes dos grandes centros urbanos, mas as imagens desses signos, veiculadas nas revistas de circulação nacional, como, por exemplo, *O Cruzeiro*, vão modelando os desejos de inclusão à modernidade.

Sobre as rodovias, como ícones do progresso, Mello e Novais ilustram a imponência desses tempos, ao afirmarem que: *Desenhamos um sistema rodoviário que*

*cortava o Brasil de ponta a ponta, com algumas estradas de padrão internacional, as primeiras a Via Dutra, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, a Via Anchieta, de São Paulo a Santos, e a Via Anhaguera, de São Paulo a Jundiaí e, depois, até Campinas.*²³⁴

Ademais, nessa perspectiva, não há como negar a importância e a influência que as viagens fluviais das mais diversas pessoas de Cáceres, notadamente os jovens que se deslocam para estudar no Rio de Janeiro (a capital cultural) e em São Paulo (a capital financeira), exercem sobre a cidade, sejam em períodos de recesso escolar ou não. De qualquer forma, o fluxo de pessoas que atravessam as águas do rio Paraguai, levando e trazendo o fascínio da vida daquelas cidades, provoca, inevitavelmente, uma interlocução recíproca entre esses mundos aparentemente distantes e, ao mesmo tempo, uma reinvenção de práticas sociais diferenciadas.

Aqui o termo fascínio expressa a produção de sentidos que, paradoxalmente, articula o medo de conduzir-se por regras de condutas desconhecidas, as quais expõem as pessoas deslocadas a múltiplos constrangimentos, e o deslumbramento pela ordem urbanística das cidades que, no seu devir, atualiza, inclui e ajusta atores e práticas sociais.

Numa outra abordagem, é preciso perceber que, nas sociedades modernas, o lugar das ações humanas é o espaço urbano e concentra-se com maior intensidade nas metrópoles. Elas, como invenção de seu tempo, representam a percepção do mundo atualizado e desenvolvido encarnando, em si mesmas, a racionalidade humana e a dimensão da idéias, onde se cristalizam a arte, a cultura, a religião, a economia, as ciências, a política, a guerra, o futuro e a esperança.

²³⁴ MELO J.M. C. de e NOVAES F. *Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna*, 1998, p. 563.

No Brasil dos anos 60, as cidades, e aqui enfaticamente as *ciudades grandes*, são territórios que emitem signos sem fronteiras onde estão postos os vivos e os mortos, as feiras, as rezas, o fascínio, o medo, a violência, o silêncio, as práticas, as estratégias, os múltiplos poderes... Enfim, elas representam a realidade, e se transbordam de modernidade. Elas significam também uma perspectiva de vida, certeza de um futuro promissor, uma vez que embutem na sua configuração a possibilidade do trabalho, da educação e do divertimento. Elas são de fato o espetáculo do conhecimento humano pensado, processado, construído e experimentado, por isso, ditam normas, demarcam tempos e definem comportamentos sociais.

O espaço urbano é também, por excelência, o lugar das relações políticas e econômicas, pelas quais são construídas as idéias de desenvolvimento e progresso. Pelos códigos de postura, passam as definições e a disciplina dos lugares da cidade. E na organização e funcionamento das metrópoles, estão as referências das cidades modernas. Sobre os aspectos que produzem as concepções históricas, enquanto referências sociais e, tomando São Paulo e Rio de Janeiro, necessariamente nesta ordem, como cidades-mitos, Ribeiro, faz compreender que:

*Da primeira metrópole, espriam-se codificações para o trabalho, o sucesso empresarial e a construção da denominada 'cidade mundial'- expressão da hegemonia do capital financeiro. Na segunda metrópole, tem sido historicamente procuradas referências sociais para o exercício do poder - da mescla entre prazer e força que caracteriza a dominação em nossa cultura.*²³⁵

Percebida pelos olhares de seus atores até aqui expostos, Cáceres se apresenta como um espaço de convívio social harmônico, em que os sujeitos sociais constituem

²³⁵ RIBEIRO, A. C. T. *Memória e Cidade: Afastamentos e Simbioses*, 2001, p. 360.

uma cadência de acordes no concerto urbano. Nas frestas que se situam entre um instrumento e outro, Jane Vanini, ao escrever para seu pai, dá visibilidade a cenários comuns que são quase imperceptíveis ou encobertos nos olhares sobre a cidade:

Fico contente com o progresso cacerense. Imagino que com o crescimento deve ficar difícil para os pobres irem até às casas do centro ou da Coronel Ponce a pedir esmolas que costumava ver quando eu era pequena, não é mesmo? Assim se tem a impressão de que tudo vai bem. O Brasil cresce, ninguém o segura, etc. Agora, cá pra nós, para que o governo que representa apenas os ricos deem uma parte desse lucro dos ricos para aumentar as estradas, levar a televisão a todas as partes, etc., necessariamente tem algum motivo, não é mesmo? O que interessa a eles é a “paz social” e dinheiro. A “paz social” aumenta na medida que os pobres se dividem em mais pobres e outros menos pobres, que passou a receber uma parte do “progresso” e o dinheiro eles recebem quando essa parte mais satisfeita com a esmola começa a trabalhar com mais afinco para o enriquecimento dos donos das indústrias, comércio para os patrões, enfim. P'RA FRENTE BRASIL! O NORDESTE? Ah! Mas isso é subversão. (carta 23)²³⁶

Ao falar, *o Brasil cresce, ninguém o segura, e o que interessa a eles é a paz social e dinheiro*, Jane Vanini faz ver o tempo do “milagre econômico”, em franca execução e propagação pelo governo do general Emílio Garrastazu Médici. Esse é o tempo em que os militares promovem uma intensa propaganda *patriótica*, na qual fazia acreditar que o Brasil seria, em pouco tempo, uma grande potência mundial. Os efeitos propagandísticos se dão pelos discursos e imagens dos grandes investimentos públicos, como a ponte Rio-Niterói que, fincada dentro do mar e na imponência tecnológica, ajuda a

²³⁶ Carta de Jane Vanini, sem data e com assinatura de Ana. Provavelmente escrita em fins de 1972.

modelar um quadro urbanístico daquelas duas cidades; a hidrelétrica de Itaipú (a binacional, que abastece de energia elétrica o sul do Brasil e o Paraguai); a estrada Transamazônica (rodovia que corta uma imensa faixa da floresta tropical, cujo fim resolveria os problemas da seca do Nordeste, ao deslocar grandes contingentes populacionais de flagelados da seca para a Amazônia); a usina de Angra dos Reis (usina nuclear que produziria energia suficiente para sustentar o déficit energético do Sudeste); Carajás e Serra Pelada, que nas suas produções de minério de ferro e ouro, respectivamente, todos seriam respostas à dependência econômica brasileira.

É certo que os beneficiários desse modelo econômico são, em parte, os trabalhadores urbanos, detentores de mão-de-obra especializada, o que faz a classe média, que vive nos grandes centros de produções, alcançar um melhor padrão de vida material, pela melhoria da renda salarial. Aos outros trabalhadores - maior aglomerado - que inclui os oriundos do campo, os quais, pelo êxodo rural, invadem a periferia das cidades em busca de oportunidades de sobrevivência, resta-lhes engrossar os contingentes da rotatividade do subemprego ou a estatística do desemprego.

Dessa forma, a economia nacional, de fato, consegue índices invejáveis, porém a concentração da riqueza produzida fica em poder dos ricos e, em menor proporção, com a classe média. Os tecnocratas que compõem a área econômica do governo, nesse caso, representados pelo então ministro Delfim Neto, reconhecem o quadro de desigualdades sociais, mas os consideram inevitáveis numa economia capitalista quando alcança um vigoroso crescimento. E, geralmente, ilustram essas situações ambíguas, anunciando que “o bolo deve crescer antes para dividi-lo depois”.²³⁷

²³⁷ SKIDMORE, T. *Brasil de Castelo a Tancredo*, 1988, p. 254.

Esse quadro político, gerador de profundos desníveis sociais, é o que Jane *batiza* de “paz social e dinheiro”. Essa é a forma, ainda, através da qual ela expõe seu protesto não tão explícito contra o desenvolvimento, mas contra o progresso capitalista, pois produzindo muita riqueza para uns, também produz muita pobreza para muitos. No seu discurso de esquerda, mergulhado num estilo pedagógico de interpretar e conceber as práticas do mundo capitalista, nas práticas da militância, em que os atos de contestação são formas de se construir uma identidade política e sempre presente na demarcação desses territórios, Jane reafirma o seu lugar de revolucionária, ao assinalar que, com o crescimento de *Cáceres*, *deve ficar difícil para os pobres irem até às casas da Coronel Ponce a pedir esmolas que costumava ver quando era pequena...*

Pela militância ativista e pelos lugares que passou, Jane certamente só percebe os contrastes do liberalismo econômico. Nas metrópoles onde ela vive, esses cenários são mais visíveis porque os amontoados humanos perambulam pelas ruas e, na travessia das necessidades humanas, inventam a sobrevivência. Farrapos de gente habitam as ruas, cabanas de madeira, lata, papelão, plástico é até núcleos de alvenaria, porém, assim, disformes e sem feições, constituem as favelas grandiosas que de seus lugares espiam e afrontam os *bem instalados*, os quais ostentam suas liberdades entre muros imensos, grades esculturais e medos incontidos.

Dessa forma, as cidades modernas são erguidas sobre sombras de multidões ambulantes e anônimas, que fragilizadas pelo progresso, convivem com a degradação social e a desumanização da vida. Contudo, no contrapelo da história, lá está essa multidão em suas fugas, reiniciando suas lutas e reinventando suas sobrevivências. Nessa

interpretação, parece ter eco uma observação da professora Olga Maria Castrillon Araújo, ao definir que ‘o progresso é uma alavanca que o homem nunca vai deixar de puxar. O espírito humano é insatisfeito e insaciável. A gana da conquista e das descobertas parece infinita... não vejo como poderíamos ter chegado até aqui por outro caminho’.

Nessa mesma paisagem contrastante entre o ter e o ser, Walter Benjamin descreve o Anjo da História, a partir do quadro de Paul Klee, chamado de *Angelus Novus*:

Ele representa um anjo que parece ter a intenção de distanciar-se do lugar em que permaneceu imóvel. Seus olhos estão encarquilhados, sua boca aberta, sua asa estendida. Tal é o aspecto que deve ter necessariamente o anjo da história. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde se nos apresenta uma cadeia de eventos, ele não vê senão uma só e única catástrofe que não cessa de amontoar ruínas sobre ruínas e as joga a seus pés. Ele bem que gostaria de se deter, acordar os mortos e reunir os vencidos. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se abate sobre suas asas, tão forte que o anjo não as pode fechar. Essa tempestade o empurra incessantemente para o futuro, para o qual ele tem as costas voltadas, enquanto diante dele as ruínas se acumulam até o céu. Essa tempestade é o que denominamos o progresso. (BENJAMIN²³⁸, apud SEVCENKO, 1987, p. 46)

Ainda naquela mesma carta (23) que Jane escreve para o pai, além de outros significados de seu conteúdo, ela também revela o sentido de fronteira política estratégica que Cáceres representa para o país, na década de 1960:

Caceres, pelo que me lembro fica muito perto da fronteira com Bolívia, país onde os operários e mineiros adquiriram um grau muito grande de consciência e que está sempre em uma situação

²³⁸ BENJAMIN, W. *Teses Sobre a Filosofia da História*, 1940.

explosiva. Além disso o governo brasileiro colaborou diretamente no golpe que levou ao poder o ditador fascista que está no poder boliviano atualmente. Assim Cáceres é uma cidade localizada muito estrategicamente no terreno. Eu me lembro que quando se passava pela ponte para ir ao Cabaçal, por exemplo, revistavam as malas e caminhões em busca de armas e isso já faz bastante tempo. Agora deixando toda ou parte da população com posições simpáticas ao governo bem pouca gente querera colaborar com os 'subversivos' que possam pretender atuar na região, não te parece? A televisão será para que a população tome conhecimento das torturas, da fome do Nordeste ou das lutas isoladas que alguns desesperados tentam levar adiante como um último suspiro, ou será para a propaganda massiva que o governo faz de si mesmo por todos os meios possíveis e imagináveis de comunicação? (carta 23)²³⁹

Ao enfatizar *operários e mineiros adquiriram um grau muito grande de consciência*, a militante Jane Vanini se mantém fiel ao discurso da esquerda que concebe os trabalhadores urbanos como revolucionários em potencial. Ao omitir os camponeses do seu relato, por certo tem uma vinculação com o fim trágico do mito revolucionário Ernesto Guevara, emboscado por intermédio das informações de um lavrador daquele país. Quanto à afirmação de que *o governo brasileiro colaborou diretamente no golpe que levou ao poder o ditador fascista que está no poder boliviano atualmente*, Jane mostra a interligação da rede de ditaduras militares que se estabelece na América Latina, como cortina de resistência à expansão dos regimes soviético e, em particular, o cubano.

No restante do trecho da carta, ela chama a atenção do pai para dois aspectos: o primeiro é o controle policialesco da população, quando da revista das pessoas ao

²³⁹ Carta de Jane Vanini, sem data e com assinatura de Ana.

atravessar a ponte Marechal Rondon, seja para o trabalho, seja como viajante; e o segundo, é o papel que a televisão desempenha na vida política do país, como instrumento de *massificação* dos brasileiros, no que diz respeito às campanhas publicitárias, cujo produto anunciado é um nacionalismo exacerbado e que serve para ocultar as torturas, fome, miséria, conflitos sociais, desemprego, seca do Nordeste e as lutas revolucionárias da esquerda armada.

De todos os registros, a escolha dos fragmentos abaixo tem uma significação muito especial, porque Jane se dirige ao pai de uma forma muito singular:

É verdade que nós dois nunca conversamos e realmente nunca um chegou ao outro e disse abertamente tudo que pensava, mas creio que o senhor é mais forte que os outros, pelo menos eu sempre aprendi a respeitá-lo por sua coragem, sua honestidade, em tudo que o senhor faz. Sua dedicação por fazer um trabalho bem feito, qualquer que seja, desde que assumo o compromisso de fazê-lo é uma coisa que pretendo imitar ao pé da letra. Sua coragem em não temer ao perigo se crê no que faz pode chamar mesmo valentia e junto com sua honestidade absoluta são coisas admiráveis. E por tudo isso creio que apesar de velho, o senhor é o mais forte e posso refugiar-me em sua fortaleza para contar-te esse pequeno período.

Perdoe-me por escrever somente coisas sobre política, sei que vocês me pediram que não o fizesse para não dar nenhum problema se á que aconteça algo, mas se eu não escrever de tudo isso que é que eu vou escrever? Terei a me limitar a escrever-lhes: Estou bem, muitas saudades, abraços. Ana.(carta 23)²⁴⁰

Essa correspondência é bastante extensa e não traz nenhuma data. Pelos indícios apresentados no seu conteúdo, o tempo da escrita é o

²⁴⁰ Ibid

segundo semestre de 1972 e, ao que parece, trata-se de uma carta-resposta ao senhor José Vanini Filho. Embora, não seja tão visível em outros relatos, aqui Jane se reconhece na figura do pai e, ao proceder assim, reafirma o modelo familiar tradicional que tem como uma das referências simbólicas a autoridade patriarcal.

Antes, porém, se faz necessário compreender que, incorporado ao ideário de estado-nação, o modelo de organização social brasileiro consagra à família tradicional um lugar de gestação do processo de sociabilidade dos indivíduos e imprime à figura do patriarca, além de provedor da conduta e do sustento familiar, a representação da autoridade constituída, cujo reconhecimento se dá por meio das múltiplas relações com os demais grupos de convivência.

A essas construções sociais vincula-se um emaranhado de virtudes, tais como fidelidade, firmeza, coragem, honestidade, respeito, compromisso, lealdade, capacidade de trabalho, entre outras, que constitui os códigos de conduta moral cristã, pelos quais se legitimam a autoridade patriarcal. No núcleo familiar tradicional, o homem é, por excelência, o chefe; ele não é só o pai dos filhos, é, sobretudo, o pai da família.

Nos trechos selecionados da carta acima expostos, reúnem muitas dessas questões. É interessante observar que o fragmento começa por uma espécie de lamento pela falta de diálogo entre pai e filha, o que é muito comum na época, contudo, termina com um pedido de perdão pela *desobediência e teimosia*, em continuar relatando sobre política. Embora, a distância e a escrita possibilitem acomodar melhor as relações conflituosas entre pai e filha, este é um traço que expressa o reconhecimento da autoridade paterna, patriarcal e familiar.

Ao mencionar do pai a *coragem em não temer ao perigo se crê no que faz pode chamar mesmo valentia e junto com sua honestidade absoluta são coisas admiráveis*, a filha Jane Vanini, ao legitimar as virtudes do patriarca, fala também da Jane Vanini militante, da sua coragem e valentia nas lutas, de não temer os perigos dos combates, da crença revolucionária e da honestidade para com a família, em compartilhar suas experiências.

Da mesma forma, ao ressaltar a pretensão de imitar o pai, ao *pé da letra*, na *dedicação por fazer um trabalho bem feito, qualquer que seja desde que assumo o compromisso de fazê-lo*, primeiro, ela toma para si a promessa de herdar os bens virtuosos (dedicação, responsabilidade e capacidade de trabalho), para em seguida, invocar a aceitabilidade do pai para sua opção política e validação de suas atitudes revolucionárias.

É certo que na formação humana de cada indivíduo estão as marcas traçadas pelas aprendizagens que uma convivência familiar proporciona, ainda mais quando são sistematizadas pelos costumes e tradições vigentes de uma época. Nessa perspectiva, o trecho da carta de Jane leva a evidenciar que ela vive, naquele momento, um questionamento existencial e busca no pai os valores referenciais de sua vida, porém para esse reencontro, observa-se que primeiro ela reafirma a ele o código de conduta moral, que também dá sentido a sua existência. Nesses aspectos parece ficar visível o psicodrama que vive Jane Vanini, em conviver com os conflitos que se constroem entre as identidades revolucionária e pequeno-burguesa.

Em meados da década de 1960, Jane se interessa em adotar São Paulo como sua segunda cidade. Com o *curso ginásial* concluído, a iniciativa se torna mais facilitada pelo fato de familiares seus já terem fixado residência naquela cidade. Nos seus planos para a vida futura, lá certamente imagina encontrar melhores motivos para estudar, trabalhar e

profissionalizar-se, como fizera tantos outros contemporâneos seus. Dessa forma, muito provavelmente, entre os anos de 1964 e 1965, muda-se em definitivo para a capital paulista, tendo como primeiro endereço o apartamento de Dulce Ana Vanini (irmã mais velha), localizado na avenida Nove de Julho.

Recomeça a vida procurando matrícula nas escolas e um emprego para dividir com a irmã suas despesas de manutenção. Oportunamente, trabalha como secretária na então revista Engenheiros Modernos e, em seguida, na rede de lojas de departamentos Mappin S/A, na condição de agente de crediário. Entre outras instituições educacionais, é aluna do Colégio Estadual Paulista, localizado no Parque D. Pedro e, ao que se sabe, tem pretensões de ser universitária do curso de Ciências Sociais, da Universidade de São Paulo - USP. Nos registros do DOI-CODI de São Paulo, consta que Jane Vanini pretende fazer curso de psicologia, tem instrução pré-universitária e, em 1968, ‘era aluna do Cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia/USP’, situado à rua Martinico Prado.²⁴¹

As armas dos silêncios

²⁴¹ SÃO PAULO (Estado). Poder Judiciário, 2ª Auditoria do Exército, DOI-CODI, *ficha de elementos procurados*, sem data e sem paginação.

Nas investigações sobre o passado, o silêncio tem levado a reconstituir trilhas de vidas, revisitando os segredos e a memória de pessoas silenciadas. O desaparecimento de muitos militantes políticos no tempo das ditaduras militares na América Latina e, em particular, o de Jane Vanini, significa a produção de um silêncio profundo e duradouro. Pelos desaparecimentos desses militantes, o estado revela sua forma brutal de silenciar; e pelos depoimentos de quem sobrevive e pelas incessantes buscas dos familiares, esse mesmo silêncio se faz falar.

Calar-se no entanto, não significa o não falar ou o emudecer num tempo como se fosse possível apagar um passado tão presente que ainda continua fortemente ressoando na memória. Então, quais são os ecos desses silêncios? Que ruídos eles são capazes de produzir? Que trama esses silêncios podem esconder e revelar? O silêncio produz signos nem sempre visíveis e significados que se revelam de múltiplas formas, seja por emoções, introspecção, dor, revolta, segredo, cumplicidade, disciplina, fidelidade, exercício de poder, horror ameaça, ausência, enfim o silêncio é plural. Seja lá como for, o silêncio é uma forma de ocultação, porque ele é construído em meio às renúncias e é também uma forma de libertação porque produz, na sua essência, o ato de anunciar.

Com o marco cronológico fincado em 31 de março de 1964, o Brasil reinventa o curso de sua história e o golpe de estado, pelo seu caráter autoritário, delimita os espaços entre a razão militar e a razão revolucionária. De um lado, os militares reagem às “ameaças comunistas”, por isso quaisquer que sejam as formas de combatê-las ganham legitimidade; do outro, os militantes de esquerda repudiam qualquer forma de convivência com a “direita”, na qual se incluem os *milicos* e a *burguesia*, por isso os enfrentamentos e a certeza de derrubá-los.

Utilizando-se de suas armas, o espaço social agora comporta intensas disputas de poderes entre os grupos concorrenciais, que na imposição de suas “verdades” fazem aparecer seus olhares sobre um mundo potencialmente carregados de escolhas. São esses olhares que, construindo discursos que deixam emergir as imagens que cada grupo formula sobre o real se cristalizam nas pluralidades de suas práticas sociais. São também essas práticas que revelam um mundo carregado de sentidos e significações, cujas estratégias de luta fazem de seus discursos a legitimidade de suas práticas.

Os militares que representam o Estado valem-se de dispositivos *tornados* legais e delegam às Instituições o funcionamento de um poder presente, capaz de manter sob seu controle o comportamento das multidões e, assim, eliminar mecanismos de *desordem* nos espaços políticos e sociais. Os opositores, nos percursos de suas racionalidades e privados do exercício de suas vontades políticas, se utilizam dos espaços redefinidos e, inicialmente, rearticulam suas lutas por intermédio de táticas de enfrentamento às imposições do silêncio.

A prática de silenciamento, que não se dissocia de seus discursos, também revela a prática de inclusão do outro, de exclusão do outro e de classificação do outro. Classificar os militantes de esquerda como “subversivos”, “terroristas” ou ainda como “delinquentes vermelhos”, traz um sentido de “virulência” que deve ser excluído do convívio familiar e social, mas é sobretudo imprimindo-lhes a significação de “malditos da sociedade” que se faz disseminar discursos que desencadeiam práticas de julgamento, condenação e marginalização social. Comunistas e terroristas passam a ter o mesmo significado.

A invenção e a necessidade dos silêncios são aspectos que constituem os territórios do medo. O Estado tem medo dos militantes. Os militantes têm medo da repressão. As pessoas têm medo do tratamento policial.

Nesse quadro, logo que Jane Vanini e Sérgio Capozzi *silenciam* suas identidades civis e passam a viver em *Adélia* e *Mário*, respectivamente, as irmãs Magali e Dulce Vanini são intimadas a prestar esclarecimentos sobre o paradeiro da irmã e do cunhado.

Na OBAN - Operação Bandeirantes, enquanto aguardam para depor, podem perceber no semblante de cada pessoa, que ali se encontra (muitas nem sabiam o motivo da intimação), as expressões de medo e de pavor, pois fosse pelos gritos dos torturados, pelo olhar silencioso de quem deixa o recinto ou pelo rosto desfigurado de quem não conseguia segurar o medo, cada criatura tem informação dos métodos de fazer falar e de fazer calar. Nos espaços das lutas que também são lugares de vigília, os enfrentamentos entre militantes e militares vão adquirindo um caráter de guerra revolucionária, apesar das condições serem muito desiguais.

As contingências dessa guerra produzem uma forma singular de silenciamento: a experiência do militante ao se tornar clandestino. O “eu” silencia para um “outro eu” poder lutar, poder existir. O cotidiano do clandestino é inventado numa caçada plural aos meios de sobrevivência e, no espaço social disponível, o silêncio se opera pelos procedimentos das ações. A condição tática de reinvenção do espaço de convivências políticas presta-se à permissividade dos conflitos. Embora o que se apresenta aqui é uma circunstância específica de vida - a clandestinidade -, Michel de Certeau, mapeando as práticas sociais, faz compreender a dinâmica com que diversos grupos sociais reconstróem a utilização dos espaços, num conjunto de forças:

A relação dos procedimentos com os campos de força onde intervém deve portanto introduzir uma análise polemológica da cultura. Como o direito (que é um modelo de cultura), a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ela se

*desenvolve no elemento de tensões, e muitas vezes de violências, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários.*²⁴²

No rastreamento que faz sobre a condição do “estar clandestino”, Ridenti reconstitui, no depoimento da ex-militante Guiomar Lopes Calejas, o sentido da utilização desses tempos e espaços: *...quando entrei na clandestinidade, larguei estudo, família e fiquei na dependência da própria organização para viver; eu não tinha fachada legal, não tinha outra atividade... A clandestinidade tem um lado que dá a sensação, talvez falsa, de liberdade, e um outro lado, que é a sensação de absoluta solidão.*²⁴³

Tanto a fala da depoente quanto as análises complementares do autor, ambas apontam para situações de silenciamento, ou seja, a clandestinidade se conduz por uma solidão que vai nem tão lentamente confinando o militante ao silêncio de si mesmo, por um isolamento social que vai segregando o militante ao silêncio de seu próprio mundo. Porém, em ambas situações, a opção de continuar nas organizações e, conseqüentemente, nas lutas de resistência à ditadura são também formas de dar sentido às ações e às vidas silenciadas.

Nessa perspectiva, Orlandi, ao trabalhar com as formas e os sentidos do silêncio, faz compreender que o silêncio se constrói em espaços de produção de signos e de relações simbólicas. Assim, ela enfatiza que “... o silêncio não se reduz à ausência de palavras. As palavras são cheias, ou melhor, são carregadas de silêncio. Não se pode excluí-lo das palavras assim como não se pode, por outro lado, recuperar o sentido do

²⁴² CERTEAU, M. de *A Invenção do cotidiano: l. artes de fazer*, pp. 44-45.

²⁴³ RIDENTI, M. S. *O Fantasma da Revolução Brasileira*, p. 250.

silêncio só pela verbalização”. E mais adiante, a autora afirma: “... ele é o tecido intersticial que põe em relevo os signos que dão valor à própria natureza do silêncio que não deve ser concebido como um ‘meio’”.²⁴⁴

Entretanto, esse silêncio também é revelador de práticas e comportamentos. É no silêncio da clandestinidade que Jane Vanini expõe à família sua atual situação de militante. Numa correspondência encaminhada especialmente aos sobrinhos, ela faz saber que:

...como estávamos ganhando, a facilidade das coisas fêz com que nos descuidássemos. Ao mesmo tempo, os ianques começaram a pagar gente para que torturassem os revolucionários e muitos companheiros não resistiram as bárbaras torturas e falaram e foram caindo outros companheiros e estamos na atual situação. [...] É por tudo isso que agora estou longe de vocês. Que estou condenada a 5 anos de prisão além das torturas que não aparecem nos jornais e na condenação.
(carta 03)²⁴⁵

É uma carta extensa, sem data, mas pelos indícios é escrita no ano de 1972. Como tantas outras militantes que escreve de seus mundos silenciados para os filhos (esses muitas das vezes ainda na aprendizagem da fala), Jane Vanini endereça essa carta aos sobrinhos que são quase todos adolescentes, os quais, pela manutenção do silêncio familiar, não têm informações sobre as atividades políticas da tia, o que justifica tomarem

²⁴⁴ ORLANDI, E.P. *As formas do Silêncio - No Movimento dos Sentidos*, pp. 69-70

²⁴⁵ Correspondência de Jane Vanini, sem data e com assinatura de Jane.

conhecimento da carta 03 depois de quase vinte anos. A carta parece prescindir de uma necessidade de fazer falar o silêncio. Em seu conteúdo, indica também uma espécie de exposição de motivos que, num discurso pedagógico, dá relevo ao sentido revolucionário da escolha que Jane faz.

Investidos de poderes institucionais, as autoridades militares registram suas ações de controle dos “subversivos”. No dossiê dos militantes políticos de esquerda, produzido pelo DOI-CODI de São Paulo, Jane Vanini consta dos autos do processo nº. 85/70, sempre incluída como participante da Aliança Libertadora Nacional. Após ser denunciada, indiciada e julgada pelo Conselho Permanente de Justiça, a 2ª Auditoria do Exército, instância agregada à 2ª Circunscrição Judiciária Militar, Jane Vanini é condenada à revelia, em 12 de maio de 1972, “à pena de cinco anos de reclusão, com base no art. 46 do Decreto Lei nº 898/69 e à perda dos direitos políticos pelo prazo de dez (10) anos, nos termos do art. 74 da Lei de Segurança Nacional.”²⁴⁶

Nos caminhos que levam aos lugares de conflitos nos idos das ditaduras militares, o barulho dos silêncios também aparece revelando as práticas de censura e de tortura. São elas, particularmente enquanto artifícios institucionalizados, que dimensionam e legitimam as atitudes disciplinarizadoras desse tempo e dessa ordem. Portanto, por este olhar, a prática desses silenciamentos é também reveladora de uma linguagem que se embute na simbologia dos desejos e das paixões de quem os produzem. A prática da tortura que condena os corpos e as almas, paradoxalmente, produz a potencialidade das falas e dos silêncios.

²⁴⁶ Poder Judiciário. Processo 85/70, fls. 1949, Mandado de Prisão, datado em 18.05.72, expedido pela 2ª Auditoria do Exército, 2ª Circunscrição Judiciária Militar - Sp. Dossiê BNM, Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp, Campinas-Sp.

Neste caso, de forma específica, o silêncio que faz calar é o mesmo que faz falar. O silêncio que faz esquecer é o mesmo que faz lembrar. O silêncio que esconde é também o que revela. O silêncio que emudece é, sobretudo, o que anuncia. Ele produz signos que rearranjam as atitudes e os comportamentos sociais. Na teatralização do espaço social, as pessoas se agrupam pela representação de seus papéis porque acreditam neles, compartilham com seus pares suas concepções e suas verdades e se valem de seus códigos de conduta que, ao configurarem este mesmo espaço social, constróem as teias de significação.

Na reinvenção dos espaços controlados pela disciplina organizativa, as “práticas do fazer” acontecem por representações coletivas, mesmo que nelas se incorporem comportamentos individuais, e fazem dos lugares espaços de sentidos que se manifestam em múltiplas situações sociais. Nessa multiplicidade de forças com que agem os atores, se localizam as táticas de sobrevivência dos militantes, entre as quais se inscrevem esses trechos de várias correspondências de Jane (no Chile) para a família, no Brasil:

Lembra -se da marca e do método que eu usaria quando lhes quisesse escrever algo mais importante? Quando necessário voltarei a usá-lo. Melhor escrever duas vezes por se acaso uma se extravia (carta 02). - Assim peço a vocês que usem somente a cola do envelope porque assim se vem recolada a gente sabe que a censura abriu, tá? (carta 10). - Vou escrever agora assim: uma só carta para todos, para evitar chamar a atenção da censura sobre tantas cartas que lhes

escrevo. (carta 13). - Provavelmente te escrevo amanhã ou depois (hoje é 14.12.72). (carta 19).²⁴⁷

Nessa mesma perspectiva, um trecho de outra carta revela formas criativas de transitar e manipular espaços censurados ou organizados por estratégias de poderes institucionais:

Enquanto os documentos do Colégio, todos tem que ter firma reconhecida. Realmente não tem problema se a senhora vai ao colégio Estadual e pede para ver a pasta com meus documentos e copiar os dados. Diga que eu estou viajando e a senhora tem que preencher um formulário para um concurso qualquer, de escola ou de viagem, ou qualquer coisa e não tem os meus dados e aí é o único lugar onde a senhora pode vê-los, ou algo assim. Sem dúvida que te deixarão ver e copiar sem nenhum problema mesmo. (carta 22).²⁴⁸

Essa carta não tem data, mas tudo indica que é do começo do ano de 1973. Ela expõe um procedimento também clandestino de poderes, no qual se operam os dispositivos técnicos e burocráticos disponíveis que transgridem a ordem institucional. Dessa forma, proibindo-se as formas de “ser” e de “fazer”, inventa-se o “fazer” de outras formas. Aqui, a militante Jane Vanini mostra que o exercício dos múltiplos poderes veicula-se nos modos de conduzir as ações.

²⁴⁷ Correspondências de Jane Vanini: Carta 02, sem data e com assinatura de Ana.. Carta 10, datada em 07.09.72, com assinatura de Ana. Carta 13, datada em 29.09.72, sem assinatura. Carta 19, datada em 21.12.72, assinada por Jane.

²⁴⁸ Correspondência de Jane Vanini, sem data e com assinatura de Ana.

Certeau, no estudo detalhado sobre os diversos comportamentos sociais em espaços tomados por forças conflitantes, faz compreender que os grupos criam para si um *espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí os efeitos são imprevisíveis.*²⁴⁹

Nas espessuras das “maneiras de fazer” traçadas por Certeau, nas quais se desenha a reutilização dos cenários sociais, torna-se visível a dinâmica com que os militantes de esquerda transitam pelos silêncios das ditaduras militares. Os comportamentos são permeados por táticas de ações inteligentes, que se disseminam pelos lugares de combates e articulam as formas de sobrevivências individual e política.

É oportuno dizer que um tempo embalado pela produção de múltiplos sentidos e singularidades simbólicas é o da arte. O mundo artístico, como um território potencialmente censurável nos tempos da ditadura militar, é o espaço que se reinventam ações políticas revolucionárias, e os atores sociais passam a atribuir à arte uma ação *libertadora* da sociedade. Depois que o AI-5 passa a controlar a “segurança nacional”, extirpando da vida civil a perspectiva de convívio com a pluralidade, a política e a estética motivam a criatividade de muitos artistas e estes redimensionam as produções culturais no Brasil.

A relação arte-política não é partidária e por isso mesmo agrupa vanguardistas, nacionalistas e populistas. No espaço público, os artistas militantes agora representam a *revolução* e levam cultura para o povo. Os militantes de esquerda parecem reencontrar suas identidades, uma vez que a arte emite significados de seu tempo. As peças teatrais

²⁴⁹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*, p. 93.

trazem uma força política muito forte, mas são as produções musicais e, em particular, os festivais de música popular que marcam os lugares de protestos contra o regime militar.

Há uma escolha e quase um culto a algumas músicas, como, por exemplo, *Para não dizer que eu não falei das flores - Caminhando* - que tem Geraldo Vandré como criador, representa o “hino dos protestos” desse tempo. Para Jane Vanini, a música *Disparada*, cuja autoria também é de Geraldo Vandré e apresentada por Jair Rodrigues no Festival de 1967, é a marca de seu tempo revolucionário, porque *ela se percebia a si mesma na música*, segundo Sérgio Capozzi.²⁵⁰

As insatisfações e as indignações cantadas nas músicas de protesto e os estrangulamentos políticos e sociais representados nas peças teatrais e nas produções artísticas e cinematográficas configuram uma cartografia cultural dessa época. No entender de Orlandi, a censura é “um processo de identificação e diz respeito às relações do sujeito com o dizível [...] Ela sempre se dá na relação do dizer e do não poder dizer, do dizer de ‘um’ e do dizer do ‘outro [...] O silêncio da censura não significa ausência de informação, mas interdição.”²⁵¹

Nessa perspectiva, a força do protesto e da denúncia se dilui e aparece como marcas de uma era revolucionária. Os festivais são representações de espaços que constroem discursos e textos didáticos que não são proferidos em palanques, mas exaltados e evocados em meio aos gritos, aplausos e gestos impulsivos, imponentes e simbólicos. E, na reinvenção dos espaços, perante o controle político-social legislado pela censura, percebe-se, então, que o que não é possível ser dito, é dito de uma outra forma.

²⁵⁰ Correspondência de Sérgio Capozzi, enviada do Canadá em dezembro de 1992.

²⁵¹ ORLANDI, E.P. *As formas do Silêncio - no movimento dos sentidos*, p.108.

A Força das Paixões

Os anos finais da década de 60, com distinção para o ano de 1968, diversos grupos de pessoas constroem experiências que, afrontando valores vigentes da época, alteram a ordem daqueles tempos. O destaque para 68 é porque ele é mais que um ano, é um símbolo que como tal continua assim: inacabado. Pelo mundo afora, 1968 é, sobretudo, um tempo simbólico que produz euforia, paixões, esperanças, utopias e também desencantos. É “um mundo em movimentos, conflitos, projetos e sonhos de mudanças, gestos de revolta, lutas apaixonadas: revolução nos costumes, na música, nas artes plásticas, no comportamento e nas relações pessoais, no estilo de vida, e nas tentativas novas não apenas de derrubar o poder vigente mas de propor uma relação diferente entre a política e a sociedade”.²⁵²

No Brasil, várias manifestações estudantis e as greves operárias de Contagem (Minas Gerais) e Osasco (São Paulo) assustam os militares. Ademais, o discurso do então deputado federal Márcio Moreira Alves,

²⁵² REIS FILHO, D. A. 68: *a paixão de uma utopia*, p. 11.

no Congresso Nacional, serve de afronta às Forças Armadas.²⁵³ Com esses fatos representativos, entre outros, e mediante a negação da Câmara Federal para processar o parlamentar, o presidente general Artur da Costa e Silva, em 13 de dezembro anuncia o Ato Institucional nº 5, pelo qual se implanta um intenso controle

repressivo na vida política e social do país. Diante dessas condições históricas, diversos grupos de pessoas, oriundas especialmente de sindicatos, de universidades e outras instituições educacionais, assim como setores da Igreja, se organizam em várias frentes de oposição e combate ao regime militar.

Pela dimensão de suas atitudes, um dos grupos que ganha visibilidade é o de estudantes, especialmente os universitários, que se revelam por uma notável dinâmica de atividades, sobretudo pelas experiências de luta na defesa das liberdades democráticas e da reforma universitária, nas quais se inclui a co-gestão nas faculdades. Cercados pela repressão militar cada vez mais presente, movimento estudantil e organizações de esquerda se juntam e pensam o confronto armado como meio para destituir os governos militares.

Na perspectiva dessa aliança, emerge um sonho revolucionário para além dos desejos estudantis: a luta de libertação nacional. Numa de suas correspondências, a militante Jane Vanini registra a força do idealismo desse tempo:

²⁵³ Esse discurso convoca os brasileiros a não comparecerem aos desfiles de Sete de Setembro, como também sugere às mulheres não se relacionarem com homens fardados e, em particular, com jovens oficiais. Sobre o assunto, ver BARROS, E.L. de. *Os governos militares*, 1997.

Vocês se perguntarão que faço no exterior se me interessa tanto pelo Brasil. Eu lhes explico: Nós pertencemos a um continente a quem se chama genericamente por América Latina. Essa América Latina toda tem as mesmas questões raciais que nós do Brasil. Fala um idioma muito parecido e que teve também as mesmas origens. Sofremos as mesmas enfermidades, analfabetismo, fome, velhice prematura, dentição podre, e principalmente o nosso inimigo fundamental é o mesmo: o ianque.

Eu sou latinoamericana e amo igual ao mestiço, ao crioulo, ao índio, ao negro, ao asiático, ao branco, que entraram na mesma formação. E meus irmãos são todos os latinoamericanos e por eles estou disposta a dar até mesmo a única coisa que realmente possuía: a vida. Digo possuía pois uma vez que uma pessoa contempla as coisas que presenciei e tomei a decisão que tomei, não possui mais nada além do desejo de mudar tudo, não importa a que preço.

E como sou latinoamericana, dar na mesma estar no Chile ou no Brasil, ou Venezuela, ou México, ou Bolívia ou qualquer outro, pois cada país livre apressará a liberdade dos outros. Cada território liberado é uma frente de luta para prosseguir lutando. (carta 01).²⁵⁴

Esses fragmentos possibilitam enfocar três situações que acompanham as práticas de lutas revolucionárias: a primeira, uma nítida divisão de territórios entre o capitalismo e o socialismo, na qual se acentuam os conflitos políticos oriundos da guerra fria, cujos cenários se contrapõem o progresso material e a justiça social; a segunda, externa o nível de envolvimento do indivíduo com a militância, na qual se constrói a *crença de transformação* das pessoas e do mundo; por último, cada militante representa a própria revolução.

²⁵⁴ Carta de Jane Vanini, sem data, sem assinatura.

Essa é, portanto, a forma de percepção do mundo social com que os grupos de militantes se apropriam e, estrategicamente, elaboram seus discursos e legitimam-nos por intermédio das práticas de lutas clandestinas. Esses procedimentos Chartier define como forma de apropriação do mundo e “tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.²⁵⁵

Antes disso, porém, é fundamental ressaltar que o movimento estudantil não aparece enquanto contingência de partidos políticos de esquerda, tampouco se institui para confrontos com os governos vigentes. Menos preocupados com as lutas pelos poderes institucionais num primeiro instante, a juventude estudantil surpreende vários lugares do mundo ao manifestar suas desesperanças e indignações para com as condutas políticas e relações sociais existentes na época. A ruptura com um mundo considerado *utilitarista* leva os estudantes a explodirem suas indignações em múltiplos espetáculos contestatórios.

As barricadas de Paris em 1968 tornam o movimento estudantil francês um símbolo de luta contra todos os valores e instituições tradicionais. É um movimento arrebatador e espontâneo, destituído de comandos centralizados, cujas ações impetuosas do tipo passeatas, assembléias, ocupações e discursos não se constituem em lutas planejadas e organizadas. É com essa singularidade que Olgária Matos pensa o movimento estudantil francês marcado muito mais por um

²⁵⁵ CHARTIER R. *A história Cultural: entre práticas e representações*, p.26.

desejo revolucionário que por uma força revolucionária.²⁵⁶ Ele se apresenta com um caráter *contestador e imaginativo* e expressa a intolerância com a sacralização de condutas tradicionais.

Ao que tudo indica, Jane Vanini ingressa na militância política de esquerda por intermédio do movimento estudantil paulista. No Grêmio da Faculdade de Filosofia da USP, onde frequenta, a militância política está para além das fronteiras da escola, especialmente porque as atividades acadêmicas se misturam com as produções artísticas e culturais da época, e também porque, entre 1965 e 1968, as universidades se constituem como lugares de discussões e ações políticas.

Longe de ser regra geral, é frequente a existência de conflitos que aparecem em gerações de jovens que contestam convenções, normas sociais e valores tradicionais vigentes nas sociedades a que pertencem. O movimento estudantil dos anos 60 contesta as ações e propagandas institucionais, o conceito de civilização superior, as marcas do autoritarismo e a ortodoxia política. Recusa também as hierarquias sociais, além de negar a crença no progresso material e a submissão às produções científicas e às invenções tecnológicas que estejam a serviço das catástrofes humanas como, por exemplo, as guerras. Assim, a contestação é a marca desse tempo.

O mundo parece sacudido por inquietações: a Europa Ocidental incomoda-se com os repúdios ao modelo de sociedade tradicional; os Estados Socialistas desconcertam-se no possível desabamento de seus controles burocráticos; as Comunidades Asiáticas assistem à disposição e

²⁵⁶ MATOS, Olgária C.F. *Paris 1968: as barricadas do desejo*, p. 28.

à combatividade de seus grupos ao questionarem a coesão social, uma vez que pensam ter consolidado uma unidade nacional; a América Latina experimenta os movimentos revolucionários que, como as outras regiões do mundo, traduzem-se em lutas de libertação nacional.

No Brasil, surgem várias organizações de esquerda que conspiram a tomada do poder. A experiência revolucionária parece entalhar em cada militante uma capacidade criadora de superação de seus próprios limites e uma crença na possibilidade de efetivação dos sonhos. O imaginário dos militantes consegue ultrapassar horizontes intransponíveis como, por exemplo, o poderio dos arsenais militares e visualizar um mundo, quase harmônico, que apresenta uma disposição política diferente, ou seja, uma dimensão das relações entre as pessoas e as instituições que sejam permeadas pela justiça social. Essa concepção aparece nas palavras de Suzana Lisboa, *companheira* de Jane Vanini:

Se imaginava a construção de uma pátria socialista. A ALN tinha por estratégia a luta de libertação nacional para se livrar, na época, do jugo americano e se marchar, se reconstruir o país com uma perspectiva socialista. Existiram divergências na época que hoje em dia podem parecer insignificantes, mas na época era um divisor de águas.

257

Embora sendo uma fala do presente, essas afirmações só podem ser compreendidas no seu tempo. Para os militantes, elas não representam ilusões inatingíveis, mas um sonho possível bordado na imaginação que se materializa nas práticas da luta armada. Essa imaginação utópica se constrói com motivações subjetivas que aparecem,

²⁵⁷ Suzana Lisboa, entrevista realizada em São Paulo, 1992.

num primeiro momento, envolvendo a capacidade mental do indivíduo; em seguida, ela (a imaginação utópica) “se nutre dos fatores objetivos produzidos pela tendência social da época, guia-se pelas possibilidades objetivas e reais do instante, que funcionam como elementos mediadores no processo de passagem para o diferente a existir amanhã. [...] seu lastro é o da realidade plausível que existe”.²⁵⁸

A luta armada pensada como resposta a um governo ditatorial, na qual se planejam grandes enfrentamentos e batalhas decisivas de uma guerra iminente, a idéia de guerrilhas é parte da utopia construída pelas organizações de esquerdas brasileira. As ações guerrilheiras (boa parte delas praticadas por jovens oriundos de grupos estudantis) desenham a dimensão simbólica da época: os assaltos a bancos e trens pagadores, ataques a Quartéis, seqüestro de representações políticas internacionais, o Calabouço, Passeata dos Cem Mil, Congresso de Ibiúna, entre outros, configuram os cenários de lutas e fazem acreditar numa perspectiva de eficácia e sucesso sobre a ditadura militar.

Nos registros da militante Jane Vanini, aparecem essas ações simbólicas:

Nessa época todo mundo olhava os assaltos a bancos, as bombas contra as empresas exploradoras, etc., com grande simpatia e o povo começava a entrar para nossas filas. Porque assim é que sempre foi. Se começa em grupo pequeno mas se mostra ao povo que se está lutando por ele e então o povo começa a ter coragem e a compreender as coisas e começa a lutar. (carta 03)²⁵⁹

²⁵⁸ TEIXEIRA COELHO, J.N. *O que é utopia*, 1980, p. 82.

²⁵⁹ Carta de Jane Vanini, sem data e com assinatura de Jane.

O fragmento expõe sua imaginação utópica. A luta revolucionária é um caminho propositivo que, acontecendo daquela forma, palmilhada sobre tais procedimentos, possibilita alcançar a vitória final. A imaginação utópica mergulha o indivíduo na busca incessante pela materialização de um desejo, e o desejo de Jane e de outros tantos militantes está colado no projeto revolucionário, na vontade de experimentá-lo e na crença de sua consecução.

Para Teixeira Coelho, a imaginação utópica se processa na relação que constrói o “ponto de contato entre a vida e o sonho”, e por isso mesmo produzindo sentidos mútuos. No campo político, a imaginação utópica, é o “elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas também das revoluções.”²⁶⁰

Certamente a construção de *utopias possíveis* não se deve à contribuição de *peças iluminadas* que aparecem com postulados revolucionários nas práticas da luta, mas é oriunda da interpretação de modelos socialistas em vigência e, sobretudo, da forma com que cada militante se apropria da idéia de revolução e da forma como a representa. Essas construções mentais são artifícios de um mundo simbólico que produz sentido numa articulação entre linguagem, símbolo, imaginário e representação. Nesse jogo simbólico, Capelato & Dutra definem representação como:

...a imagem mental mediada, tornada possível, pelo uso dos signos. A relação simbólica entre o signo e o que ele dá a conhecer, é, portanto,

²⁶⁰ TEIXEIRA COELHO, op. cit.

*uma relação de representação, em que o signo toma o lugar da coisa representada, o que só pode se efetuar com o recurso ao imaginário.*²⁶¹

No dia-a-dia do militante de esquerda, faz parte da sua formação a leitura de pensadores que ajudam a formular um ideário político. Entre outros pensadores, lia-se Karl Marx, Bertold Brecht, Marcuse, Lukács, Gramsci, Pablo Neruda, Camilo Torres, Che Guevara e Régis Debray, sendo os dois últimos, um fascínio para os debates, além do impacto muito forte que causa *A Revolução Brasileira* de Caio Prado Jr. Como militante ativista, Jane Vanini também tem seus livros e solicita à irmã suas *armas* revolucionárias:

...Se der vá mandando um livro por mês do Caio Prado Jr., Jorge Amado, Celso Furtado e quando der livros infantis do Monteiro Lobato que quero dar a alguns amiguinhos e divulgá-lo um pouco também Isso devagarinho. Um por mês se tanto. Os primeiros não precisa comprar. Mandem dos que encontrarem entre nossos livros. Também '5 anos que estremeceram o Brasil'. Todos esses nós devemos ter por aí, com exceção dos livros de Monteiro Lobato, ainda assim me parece que haviam uns 2 ou 3. Mande esses livros pelo correio, como impresso simples. (carta 17)²⁶²

...Se der peça-lhes que me traga alguma coisa dos meus discos de música brasileira. livros, por exemplo, os de Celso Furtado, Werneck Sodré, Jorge Amado (Gabriela, Cravo e Canela; Capitães de Areia; Mar Morto; Os Subterrâneos da Liberdade, que são me parece 3 volumes que tem outros nomes. Em qualquer dos livros onde se faz referência à coleção, diz quais são os 3).(carta 28)²⁶³

²⁶¹ CAPELATO, M. H. e DUTRA, E. R. F. de. *Representação Política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira*. 2000, p. 228.

²⁶² Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura. Provavelmente escrita nos finais de 1972.

²⁶³ Carta de Jane Vanini, datada de 12.06.73, com assinatura de Ana.

As concepções que constróem as idéias de luta armada no Brasil, durante a ditadura militar, têm suas referências inscritas em vários acontecimentos e figuras espalhados pelo mundo, cuja essência produz marcos de sedução e encoraja as práticas revolucionárias como marchas vitoriosas num futuro próximo. São influências que produzem sentidos, elegem símbolos e lapidam utopias.

Nessa perspectiva, o Vietnã pode ser mencionado como uma das influências simbólicas para a militância de esquerda armada brasileira, por uma razão também simbólica: a guerra vietnamita enfrenta como inimigo a maior potência mundial, quer financeira, quer militarmente - Estados Unidos da América. Isso leva à crença de que um exército tecnicamente sofisticado e militarmente invencível pode ser abalado e até derrotado se houver *união, organização e consciência da população explorada*. Acredita-se, então, que a vontade e a determinação políticas podem suplantar as armas dos poderosos. Acredita-se também que a preparação revolucionária e a ação inteligente de um guerrilheiro superam as técnicas adversárias e/ou inimigas. Acredita-se, sobretudo, na resistência armada como a forma mais revolucionária de continuidade da luta.

É cabível enfatizar que, para os militantes de esquerda, os Estados Unidos da América representam um símbolo de opressão internacional e de exploração dos povos periféricos. Trechos dos registros de Jane Vanini revelam essa simbologia, cujos detalhes possibilitam compreender a lógica dos repúdios da época:

... e principalmente o nosso inimigo fundamental é o mesmo: o yanque. É o norteamericano que explora todas nossas riquezas: o petróleo, o

cobre o café, o gado, o ouro, a cultura, as frutas, tudo enfim. E o norteamericano não nos explora gratuitamente. Nossos governos pagam a eles para que eles venham a explorar nossas minas, nossos operários, nossa cultura, para que levem a matéria bruta para os EUA, pagando uma miséria e nos exportem depois o café solúvel, as peças, as máquinas, enfim caríssimos, o produto acabado. Enquanto isso guardam como reserva a que eles têm nos EUA. Quando nós, os subdesenvolvidos, não tivermos mais nada para oferecer-lhes, então eles ainda terão a sua própria riqueza. Nós? Mas que importa nós, se somos 'seres inferiores', meio macacos subdesenvolvidos, que só copiam os costumes dos 'povos superiores'? (carta 03)²⁶⁴

As utopias formuladas e por várias vezes reeditadas pela militância de esquerda não constituem um ideário de sociedade platônica, na qual pessoas são agrupadas pelos interesses estritos da *República*, porém aproximam-se da *pólis* grega ao privilegiar critérios de justiça e a abolição das desigualdades sociais. Nos tempos revolucionários do século XX, as bases de pensamento têm seu nascedouro nas formulações teóricas do materialismo histórico, cujos laboratórios experimentais são o leste europeu, algumas comunidades asiáticas e Cuba. Nessa interpretação, um aspecto vital na configuração desse mundo revolucionário é a abolição da propriedade privada que, também para Platão, significa a maior causa dos males sociais.

Para os militantes, o projeto revolucionário, defendendo a igualdade entre homens e mulheres e a não exploração do homem pelas relações de trabalho, resolve, em grande parte, os conflitos sociais na América Latina. Ter-se-ia, então, um Estado que asseguraria educação,

²⁶⁴ Carta de Jane Vanini, sem data e com assinatura de Jane. Provavelmente enviada no começo de 1972.

saúde, trabalho, moradia, transporte e alimentação para todos os seus cidadãos. Essa idealização para Jane Vanini e também outros militantes parece existir com um grau acentuado de convicção revolucionária, quando a esquerda brasileira “ocupasse” ou “tomasse” o poder:

No começo a luta no Brasil foi fácil obtivemos muitas vitórias e acreditamos que sempre seria fácil. Uma vez no poder expropriaríamos as empresas, isto é, sem pagar aos yanques e demais donos ladrões que já tiveram lucro em demasia explorando ao povo, essas empresas passariam a pertencer a todo povo. Os lucros seriam para construir casas, hospitais, escolas, comida para todos. É claro que os patrões brasileiros e yanques não gostariam de ficar de uma hora para outra na condição de qualquer outra pessoa. (carta 03)²⁶⁵

Nos cenários projetados por essa imaginação utópica, toda a nação e sua dinâmica social se remetem a situações ideais ou idealizadas que, por sua vez, criam suas referências na dimensão de um paraíso perdido pelas atrocidades humanas. Isso leva à produção de múltiplos sentidos que vagueiam entre um passado, que se recupera trazendo respostas, e um futuro, que aparece prometendo esperanças. Essa construção mental se processa nas possibilidades históricas de suas realizações, ou seja, a revolução. Cada atividade da militância é, portanto, a experimentação do sonho revolucionário.

Também como símbolo, a *Primavera de Praga* é um acontecimento que ganha visibilidade além de suas fronteiras européias. As reviravoltas políticas intensificadas em 1968 parecem reconfigurar um pedaço do mundo socialista. Contudo, os interesses conflituosos que

²⁶⁵ Carta de Jane Vanini, sem data e com assinatura de Ana. Provavelmente enviada no começo de 1972.

tecem as relações de poderes internacionais, inventariando o mundo entre os sistemas capitalistas e socialistas, levam uma frente política de partidos comunistas, notadamente o soviético, a intervir contra as inovações políticas da Tchecoslováquia. Entre alguns focos de resistência *tcheca* e o poderio militar do Pacto de Varsóvia, em nome da solidariedade socialista, a população *tcheca* se vê impedida de assegurar sua diferença. Mesmo com um desfecho trágico e percebida como crítica às práticas do socialismo real, a *Primavera de Praga* não deixa de ser uma influência simbólica na fermentação das vivências revolucionárias em outros lugares do mundo, inclusive no Brasil.

Aqui é fundamental lembrar que no ano de 1970, ao fazer o percurso de militante clandestina entre o Brasil e Cuba, Jane Vanini juntamente com Sérgio Capozzi passam pela então Tchecoslováquia, especificamente em Praga.

Parece muito forte a necessidade de um militante sentir-se revolucionário. A razão da luta é também a razão da vida. A morte é menor que os signos da revolução. A vontade de lutar se encarna nesses símbolos. Entre outras referências simbólicas, a figura do médico argentino e guerrilheiro da revolução cubana, Ernesto Guevara de La Sarna - o CHÊ - aparece quase como uma lenda dessa época. Pelo seu destaque junto às investidas revolucionárias na revolução cubana, transforma-se em símbolo, mito e paixão. Ele representa um expoente dos movimentos revolucionários na América Latina. Ele não significa, ele é a própria paixão revolucionária! Por ser lido, interpretado, seguido e imitado, ele é também a encarnação da utopia e o encantamento da paixão pela luta!

No movimento destas paixões, Jane Vanini também acalenta seus sonhos, seus ideais e suas ações de militância:

Enfim, eu queria dizer -lhes como o CHÊ: em qualquer que me surpreenda a morte bem vinda seja desde que uma nova mão se estenda para empunhar nosso fuzil e que os cantos lutosos sejam substituídos pelo repicar da metralhadora e novos gritos de guerra e de vitória. (carta 12)²⁶⁶

Ainda em algumas outras cartas da militante pode ser encontrada a expressão *Pátria ou morte. Venceremos!*, que é criada por Che Guevara e dá um sentido às práticas de lutas revolucionárias, uma vez que a difícil sobrevivência, os riscos da clandestinidade e até a própria morte são incorporados pelos militantes como um projeto político de vida.

Certa vez, algum militante apaixonado escrevera algo mais ou menos assim sobre o *Chê*: *...o maior guerrilheiro do mundo morto pelo pior exército do mundo*. O grau conferido a um como o “maior” e ao outro como o “pior” significa sobretudo a dimensão que o mito alcança e a representação simbólica da luta revolucionária impregnada no corpo, no espírito e nas ações da luta.

Apesar de ser considerado brilhante guerrilheiro e estrategista revolucionário, é tragicamente assassinado pelos militares bolivianos, mas *sua morte seria menor do que sua legenda*²⁶⁷. Sua *heroificação* é cantada e declamada nas ações e emoções dos militantes. O heroísmo do guerrilheiro também suplanta o desastre da luta boliviana.

²⁶⁶ Carta de Jane Vanini, datada em 15.09.72, sem assinatura.

²⁶⁷ REIS FILHO, D. A. 68: *a paixão de uma utopia*, 1986, p.34.

Para muitas organizações de esquerda, é inegável que Cuba seja o exemplo da experiência revolucionária. A Ilha está no continente latino-americano, tem uma revolução socialista vitoriosa recente, enfrentou os Estados Unidos da América, é o país que apóia diretamente as investidas de luta armada, recebendo militantes perseguidos e treinando guerrilheiros, além das figuras de Fidel Castro - o comandante - e Ernesto Guevara - o Chê, como *encarnações* da revolução. É o que parece significar os fragmentos das cartas da militante Jane Vanini:

Em Cuba a revolução começou na 'Sierra Maestra'. No continente americano, pelo que tudo indica, começará nos Andes. E os revolucionários do lado de lá e do lado de cá dos Andes costumam dizer que 'quem terminar primeiro cruza a Cordilheira para lutar do outro lado'. (carta 01)²⁶⁸

...Fiquei sabendo que já haviam muitos países socialistas: União soviética, China Vietnam do Norte, Coréia e muitos outros e o que é muito importante, que aqui na América Latina existia um país que era um exemplo de socialismo: Cuba. Pois bem, como os outros alcançou o socialismo, lutando com armas na mão, todo o povo contra uma minoria de privilegiados que tinham de tudo e contra o exército que defendia esses privilegiados. E foi então que eu como muitos outros companheiros pensamos em lutar para implantar o socialismo no Brasil. Em Bolívia estava lutando um argentino que havia lutado em Cuba até a Vitória da Revolução popular e a que se costumava chamar CHÊ. (carta 03)²⁶⁹

É uma pena que não posso lhe mandar alguns livros e revistas de Chile e de Cuba. Aqui se encontra muitas revistas cubanas e é realmente uma beleza o que o socialismo fez lá. Lembra-se dos jogos Panamericanos? Pela primeira vez na história desses jogos os países

²⁶⁸ Carta de Jane Vanini, sem data e sem assinatura. Provavelmente enviada no começo de 1972.

²⁶⁹ Carta de Jane Vanini, sem data e com assinatura de Jane. Provavelmente enviada no começo de 1972.

latinoamericanos em conjunto conseguiram obter mais medalhas que os Estados Unidos. Graças a Cuba, que ganhou muito mais medalhas que qualquer outro país latinoamericano inclusive o Brasil com 100 milhões de habitantes, quando Cuba tem apenas 8 milhões. Tudo isso não pode ser uma coincidência, não é mesmo? (carta 23)²⁷⁰

Percebe-se que a experiência cubana é a grande referência no imaginário dos militantes de esquerda. A interpretação de que um pequeno grupo de militantes obstinados faz a revolução socialista, como aconteceu em *Sierra Maestra*, representa a crença e a paixão revolucionária dos grupos de esquerda, na América Latina. Nos relatos acima, é perceptível a ênfase que a militante dispensa ao triunfo cubano em relação aos jogos panamericanos, destacando que os resultados brilhantes são frutos de um projeto revolucionário que estabelece o fim da dependência cubana de outros países. Pelo espelho cubano, Jane Vanini manifesta ainda que para se chegar ao socialismo o caminho é a *luta armada contra a minoria de privilegiados que tinha de tudo e contra o Exército que defende esses privilegiados*.

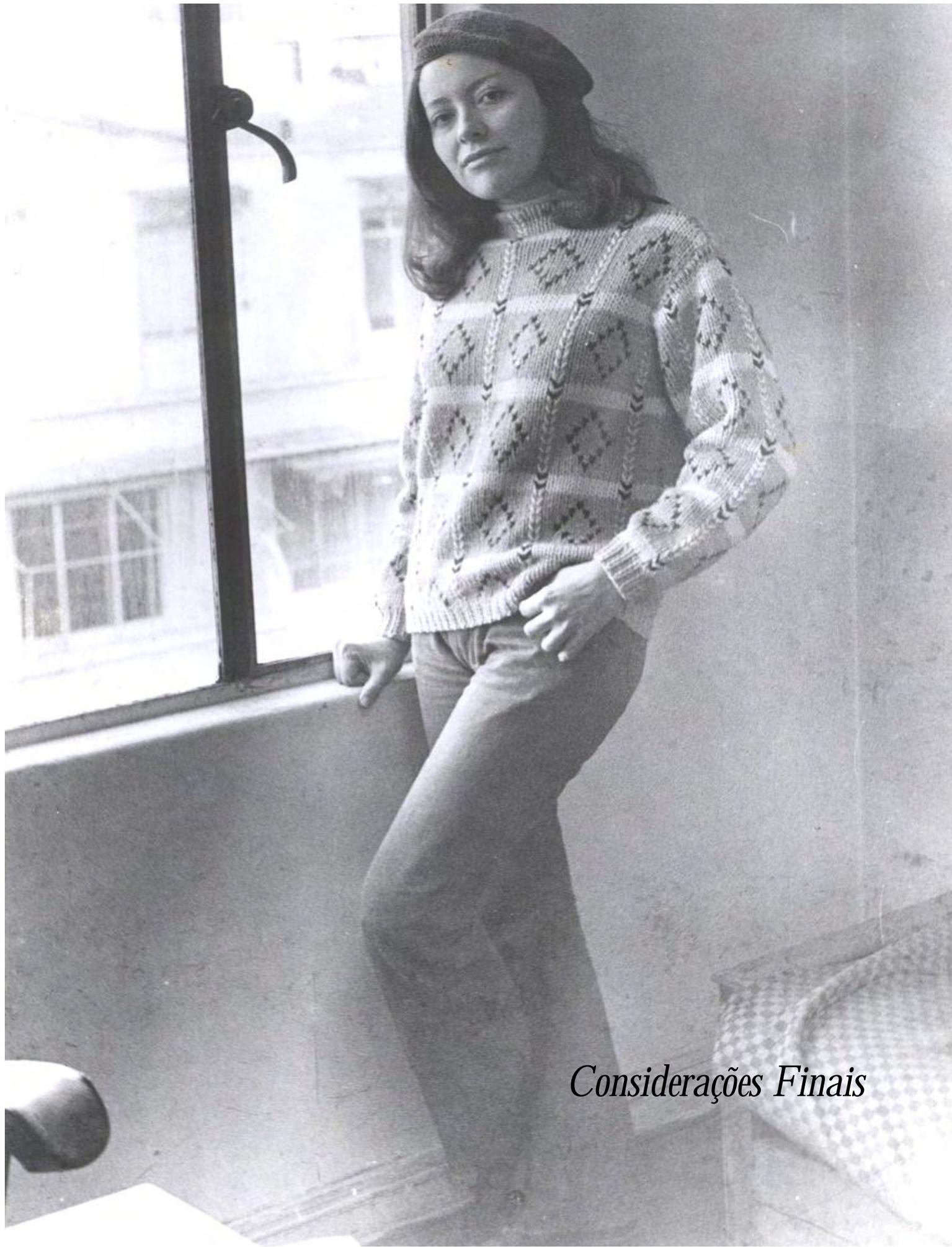
São todos esses aspectos juntos que motivam a escolha da luta revolucionária pelos militantes e, em particular, Jane Vanini. Presentes em seus relatos, há uma convicção carregada de desejos que se manifesta em suas práticas. Construindo uma identidade para as multiplicidades de tempos que vivencia e, ao incorporar as experiências da militância de esquerda armada, revela sua paixão de revolucionar o mundo.

Buscando em Hegel o conceito de paixão, Lebrun afirma ser aquilo “que dá estilo a uma personalidade, uma unidade a todas as

²⁷⁰ Carta de Jane Vanini, , sem data e com assinatura de Ana. Provavelmente, enviada no começo de 1973.

condutas... é então constitutiva de um personagem - mas sem transformá-lo num maníaco, num 'apaixonado'..."²⁷¹ Nessa perspectiva, é cabível perceber a paixão revolucionária como um movimento da alma que toca os afetos e conduz as emoções. Elas, as paixões, permeiam as práticas políticas e aparecem em meio ao sofrimento e prazer, aos encantos e desencantos, porém são aspectos da natureza humana que devem passar pela compreensão e não pela condenação.

²⁷¹ LEBRUN, G. *O conceito de Paixão*, p. 23.



Considerações Finais

Chile indeniza famílias de brasileiros mortos no golpe.

Duas Famílias brasileiras estão batendo às portas dos tribunais chilenos. Suas representantes, a paulista Nairza Cardoso e a paranaense Maria das Dores Romaniolo, querem uma indenização mensal de US\$400, quantia que o governo do Chile está pagando, a título de pensão, aos familiares de mortos e desaparecidos durante a ditadura do general Augusto Pinochet. Exilados no Chile Túlio Quintiliano Cardoso, filho de Nairza Cardoso e Vânio José de Matos, marido de Maria das Dores, estão entre os 2.279 mortos durante a violenta repressão que se seguiu ao golpe militar de 1973. Seus nomes constam no Relatório Rettig organizado pelo ex-senador do Partido Radical Raúl Rettig, no qual consta os nomes das vítimas da ditadura. O trabalho do parlamentar acabou sendo referendado pelo Congresso e desde fevereiro qualquer familiar, com base no relatório, pode pedir a indenização ao governo.

É possível que essas duas famílias sejam apenas as primeiras de uma fila de brasileiros que deverão reivindicar o mesmo direito. O advogado Jair Krischke, do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul, está coletando informações sobre outros cinco brasileiros que, embora não sejam citados no relatório, também morreram nas mãos da polícia de Pinochet: Luiz Carlos Almeida, Nelson de Souza Khol, Jane Vanini, Newton Rosa da Silva e Antenor Machado dos Santos. O vereador Paulistano Francisco Whitaker (PT), que na época do golpe chileno trabalhava para o ONU em Santiago, lembra-se de vários brasileiros presos no Estádio Nacional, transformado em prisão. Com as exceções de Jane Vanini e Newton Rosa da Silva, que militavam no MIR, grupo de esquerda chileno, nenhum dos brasileiros mortos atuava em organizações políticas,

*segundo Krischke. Eles foram detidos devido a uma estreita colaboração entre os militares chilenos e brasileiros, que desejavam por as mãos nos exilados.*²⁷²

A partir do conhecimento dessa matéria jornalística, circulando em todo território nacional, a família Vanini vê-se obrigada a romper com um tempo silenciado de quase vinte anos. Essa situação não se reduz ao legado de história política, implica sobretudo numa multiplicidade de olhares sobre vários aspectos da dinâmica da sociedade, cujas configurações permitem ser visíveis as microrelações conflituosas entre grupos sociais distintos.

Por se tratar da história de vida de uma militante de esquerda política, esse acontecimento tem provocado impactos com desdobramentos que vão desde especulações mais adversas a respeito do assunto, até à revelação de comportamentos que corroboram com a classificação de atitudes *proibidas* e *censuráveis*, além de cutilar feridas abertas que continuam *guardando* em suas sangrias, profundos sentimentos familiares.

É com essa dimensão e bastante apreensiva que Dulce Ana Vanini, a irmã que mantinha preservada a maior parte das memórias de Jane, *encorajada* pelo seu irmão Romano Vanini, vão ao Centro de Direitos Humanos Dom Máximo Biennès, na cidade de Cáceres, estado de Mato Grosso, para proceder a confirmação daquilo que a reportagem da coluna POLÍTICA E ECONOMIA, da revista ISTO É, faz constar.

Na perspectiva de que as informações terão um tratamento respeitoso, podendo os fatos adquirir um caráter oficial, o casal de irmãos Vanini, é recebido pela professora Leila Jacob Bisinoto, então dirigente daquela entidade, que, oportunamente, aqui reconstitui os aspectos e os cenários daquele dia de inverno do ano de 1992:

²⁷² Revista Isto É. São Paulo: Editora Três, nº 1180, 13.05.1992, p. 22.

A revista 'Isto É', ao publicar um artigo informando que o Governo chileno reconhecia o desaparecimento de brasileiros durante a ditadura de Pinochet, dizia também que aquele Governo estaria disposto a indenizar os familiares das vítimas. Essa mesma reportagem mencionava nomes de brasileiros supostamente mortos pela repressão chilena, dentre os quais o de Jane Vanini. Associei imediatamente o nome à família Vanini, de Cáceres, mas não imaginava que Jane pertencesse a essa família, muito menos que fosse cacerense.

Alguns dias depois recebi um telefonema no Centro de Direitos Humanos. Era a professora Maria Guida Vanini, com a qual eu trabalhava em uma escola estadual. Maria Guida contou-me que Jane era sua cunhada, irmã de seu marido, o Sr. Romano. Disse-me ainda que tomou conhecimento da reportagem, que a família estava interessada no que dizia a revista e, como a reportagem mencionava uma entidade de Direitos Humanos de Porto Alegre como intermediária do caso, achou por bem procurar-nos para se orientar. Entretanto deixou bem claro que a família não queria dar publicidade ao fato, que já havia sofrido muito e que sua sogra (mãe de Jane) era idosa e 'nem sonhava' que sua filha morreria assassinada.

Prometi a Maria Guida informar-me sobre o assunto, mas adiantei que precisava de mais informações antes de entrar em contato com o Dr. Jair Krischke, advogado dos Direitos Humanos em Porto Alegre. Ela concordou.

No dia seguinte recebi, no Centro de Direitos Humanos, a visita do Sr. Romano, que me apresentou Dulce, sua irmã. Vieram falar sobre a questão da Jane e pediram que a conversa fosse apenas comigo, em local reservado. Conduzi-os a uma sala e fechei a porta. Ambos pareciam desconfortáveis e Dulce não conseguia esconder sua

apreensão. Desde o momento em que chegaram, ela olhava muito para os lados, abraçada a uma bolsa.

Eu comecei a falar. Disse do telefonema da Maria Guida, da disposição dos Direitos Humanos em colaborar e expliquei por que havia pedido mais informações.

Dulce, então, passou a narrar, num fio de voz, uma história confusa do desaparecimento de sua irmã no Chile, sempre lembrando que sua mãe era velha e doente e que, por isso, essa história não poderia ser divulgada: ela não agüentaria saber que sua filha foi morta. Quando percebi a dificuldade de Dulce em expor com detalhes ou, pelo menos, com mais clareza os fatos, passei a fazer perguntas, muitas das quais foram respondidas em monossílabos. Perguntei-lhe, então, como souberam que Jane havia morrido no Chile. Ela abriu a bolsa e entregou-me uma carta em espanhol, assinada por Pepe Carrasco, o companheiro de Jane no Chile. A carta, escrita na prisão, era endereçada a Dulce e informava, com dados razoavelmente precisos e um imenso pesar, a morte violenta de Jane pelas forças repressivas de Pinochet, no final do ano de 1974.

Enquanto eu lia a carta, Dulce ‘desabou’ a chorar. Meu comentário foi mais ou menos este: ‘eu não sabia - e acho que poucas pessoas sabem - que Cáceres tem uma filha que derramou seu sangue por um sonho de liberdade e de justiça social. Os Direitos Humanos têm procurado resgatar essa história e reverenciar a memória desses latino-americanos que lutaram contra os regimes totalitários que transformaram este Continente num palco de tortura, de cerceamento da liberdade, de desmandos de toda ordem. A forma como essas pessoas lutaram não vêm ao caso agora - o que interessa é que sacrificaram juventude, família, a própria vida por uma causa justa e nobre - a liberdade.

Percebi imediatamente e com muita clareza o impacto que minhas palavras causaram. Dulce me olhava assustada, como se ouvisse isso pela primeira vez.. Só então ela e o Sr. Romano passaram a relatar o sofrimento da família devido à ‘fama de Jane’, tida em Cáceres como uma terrorista caçada, uma destrambelhada inconseqüente; os

comentários maldosos, as insinuações, as alusões desabonadoras na imprensa da época. O pavor por ter o Batalhão de Fronteira ao lado, as dificuldades de comunicação com Jane, o medo, a vergonha, a humilhação.

Vi, à minha frente, concretamente, o que havia lido várias vezes sobre as seqüelas que o trauma da perseguição e da violência imprimem na vida das vítimas da barbárie política institucionalizada. Constatei ainda quão indelévels e dolorosas são as marcas da discriminação exercida por setores da sociedade, fiéis a uma ordem absolutista, contra aqueles que ousam pensar e agir diferentemente.

A partir desse primeiro encontro, que me permitiu contactar o Dr. Jair Kirschke, fui conhecendo aos poucos a história de Jane. Dulce faz jus ao nome - é uma pessoa extremamente educada e sensível, dessas incapazes de dissimular. Desvelar e revelar a história da irmã pareceu-me um processo ao mesmo tempo penoso e libertador para ela.²⁷³

Na singularidade dessa narrativa Dulce Vanini revela sua difícil luta de convivência com a ansiedade e os medos. Medos das perseguições policiais-militares, dos sentimentos de culpa, dos julgamentos e condenações. Medos que se acumulam e se arrastam há mais de duas décadas, nas quais aparecem mecanismos de muita censura e muito controle repressivo em todo o país.

Os discursos que são construídos circunstancialmente nos tempos das ditaduras militares em toda a América Latina, os quais classificam de “terroristas” e “subversivos” os militantes de esquerda, são fantasmas que continuam no convívio familiar e se apresentam mais intensos na vida de Dulce por ter compartilhado mais proximamente com sua irmã Jane Vanini, os tempos da luta revolucionária.

²⁷³ Depoimento de Leila Jacob Bisinoto, professora e ex-dirigente do Centro de Direitos Humanos Dom Máximo Biennès. O depoimento foi feito na cidade de Cáceres, em 13.02.2002.

Na perspectiva dos acontecimentos, há de se considerar que os discursos da condenação da irmã também se disseminam em Cáceres, um lugar militarizado, sobretudo, pela presença do então 66º Batalhão de Infantaria Motorizado do Exército, cidade considerada área de segurança nacional, e, em particular, por ser vizinha da Bolívia *cheguevarizada* e que passa por muitos conflitos internos.

Há também uma outra particularidade: a cidade de Cáceres fica distante dos centros de efervescência política onde se formulam múltiplas opiniões sobre política nacional, por isso Dulce Vanini encontra num Centro de Direitos Humanos o lugar confiável para falar sobre as atividades da irmã. Enquanto isso, a idade e o estado doentio da mãe, são formas de justificar o silêncio sobre Jane.

Dulce não carregou culpas, mas conflitos pessoais. Um deles é o choque entre o sentimento de afetividade e a tolerância e complacência que contraria, de forma consciente, as atitudes da irmã. Um outro, é a consequência da preservação dessa afetividade e a própria condenação por tolerar as convicções de Jane. Quando alguém lhe fala do valor da luta da militante Jane Vanini, construindo uma outra versão sobre a conduta e as convicções da irmã, e quando encontra a forma de desconstruir o discurso da “subversiva” e da “terrorista”, Dulce Vanini reconstrói, gradativamente, a sua libertação.

Assim, após quase vinte anos, a veiculação daquela notícia e conseqüentemente a visita dos irmãos Dulce e Romano Vanini, ao Centro de Direitos Humanos, assistida pela então diretora professora Leila Jacob Bisinoto, *autorizavam*, embora violentando sentimentos silenciados, a possibilidade de uma investigação histórica sobre a trajetória de vida de uma militante de esquerda política, privilegiando sua escolha revolucionária, pela qual se revelam as concepções, as experiências vividas, as ações de luta armada, o

comportamento revolucionário, os deslocamentos, as marcas da sobrevivência e a morte da militante Jane Vanini.

**Referências bibliográficas
e fontes documentais**

Referências bibliográficas

AGGIO, Alberto. *Frente popular, radicalismo e evolução passiva no Chile*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 1999.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de, WEIS, Luiz. *Carro-zero e pau-de-arara: O cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil: contraste da intimidade contemporânea* (org.), v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coords.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998.

AMADO, Janaína. *A culpa nossa de cada dia: ética e história oral*. In: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981.

ANAIS BNM – *Perfil dos atingidos* – tomo II e tomo III, Arquidiocese de São Paulo, 1985. Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP, Campinas-Sp.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *Brasil Nunca Mais: um relato para a História*. Petrópolis-Rj: Vozes, 1987.

BARROS, Edgard Luiz de. *Os governos militares*. São Paulo: Contexto, 1997.

BARTHES, Roland. *A Câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BITAR, Sérgio. *Transição, socialismo e democracia: Chile com Allende*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOAL, Augusto. *Milagre no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BOURDIER, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOUTIER, Jean, JULIA, Dominique. *Em que pensam os historiadores*. In: BOUTIER, Jean, JULIA, Dominique (Orgs.) *Passados recompostos – Campos e Canteiros da História*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/Ed. da FGV, 1998.

BURKE, Peter. *A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa*. In: BURKE, Peter (Org.) *A Escrita da História – Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

-----, a Escola dos Anales (1929-1989) – *Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.

CABRAL, Reinaldo, LAPA, Ronaldo (Orgs.) *Desaparecidos políticos: prisões, seqüestros, assassinatos*. Rio de Janeiro: Opção, 1979.

CAMPOS FILHO, Romualdo P. *Guerrilha do Araguaia: a esquerda em armas*. Goiânia-Go: Editora da UFG, 1997.

CAPELATO, Maria Helena, FREITAS, Eliana Regina. *Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, MALERBA, Jurandir (Orgs.) *Representações: Contribuição a um debate Transdisciplinar*. São Paulo: Papyrus, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion, MAUAD, Ana Maria. *História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) *Domínios da História: ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Mulheres que foram à luta armada*. São Paulo: Globo, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis-Rj: Vozes, 1994.

-----, *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

-----, *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa-Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

DOBRAŃSKY, Enid Abreu. *Leituras cruzadas: anotações sobre texto e significado em Chartier e Fish*. In: *Boletim CDAPH*, v. 1, n. 2, Bragança Paulista, jul/dez., 1998.

- DRAGO, Tito. *Chile: um duplo seqüestro*. Brasília-DF: Ed. Thesaurus, 1995.
- FERNANDES, Florestan. *O que é revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FON, Antonio Carlos. *Tortura, a história da repressão política no Brasil*. São Paulo: Global, 1979.
- FALCON, Francisco. *História e Poder*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. Domínios da história (Orgs.) Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- . *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- . *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis-Rj: Vozes, 1987.
- FREIRE, Roberto. *Utopia e Paixão: a política do cotidiano*. São Paulo: Trigramma Editora e Produções Culturais, 2001.
- GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Batella. (orgs.) *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais - Morfologia e História*. São Paulo: Schwarcz, 1999.
- . *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro. *A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. História da Vida Privada no Brasil: contraste da intimidade contemporânea. (Org.), v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990.
- GROSSI, Yonne de Souza, FERREIRA, Amauri Carlos. *Razão narrativa: significado e memória*. In: HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 4, jun. 2001. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, 2001.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Artes da memória, fontes orais e relato histórico*. HISTÓRIA & PERSPECTIVAS, N. 23 – jul/dez. 2000, Uberlândia-Mg, Ed. da UFU, 2000.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

------. *Estética, memória e ideologia fotográfica: Decifrando a realidade interior das imagens do passado*. In: ACERVO: Revista do Arquivo Nacional, v. 6, n. 1-2, (jan/dez. 1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

LANG, Alice Beatriz da Silva G. 1964, *Golpe ou Revolução: memórias de mulheres paulistas*. In: MONTENEGRO, Antonio Torres, FERNANDES, Tania Maria. História Oral: um espaço plural (Orgs.) Recife: Universitária, UFPE, 2001.

LANGGUTH, A. J. *A face oculta do terror*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LEBRUN, Gérard. *O conceito de Paixão*. In: CARDOSO, Sérgio. Os sentidos da Paixão [et at]. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

------. *Retratos de Família*. São Paulo: Editora EDUSP, 1993.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter (Org.) A escrita da História – Novas Perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

LEVILLAIN, Philippe. *Os protagonistas: da biografia*. In: REMOND, René. Por uma História Política. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996.

LIMA, Ruth Ribeiro de. *Nunca é tarde para saber: Histórias de Vida. Histórias da Guerrilha*. Tese de Doutorado em História Econômica, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade de São Paulo, 1998.

MACHADO, Roberto. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MATOS, Olgária C. F. *Paris 1968: as barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MAUAD, Ana Maria de Souza Andrade Essus. *O olho da História: Análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos*. In: ACERVO: Revista do Arquivo Nacional – v. 6, n. 1-2, (jan/dez. 1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

_____. *Passado composto: palavras e imagens, a intertextualidade em história oral*. In: MONTENEGRO, Antonio Torres e FERNANDES, Maria Tânia. História oral: um espaço plural.(Orgs.) Recife: Universitária; UFPE, 2001.

MELLO, João Manuel Cardo de, NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. A História da Vida Privada no Brasil: contraste da intimidade contemporânea. (Org.), v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MELO e CASTRO, E. M. de. *Odeio cartas*. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Batella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MILLER, Jaques-Alain. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

MOCELIN, Renato. *As Forças Armadas e o regime de 64 – Guerrilha ou Terror*. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História em campo minado*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP. São Paulo: Ed. da PUC, 1981.

----- . *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

NEIVA JR, Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1986.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas-Sp: Editora da UNICAMP, 1997.

PAIVA, Maurício. *Transição ao Socialismo: as lições do Chile*. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1984.

PATARRA, Judith. *Iara: reportagem biográfica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

PINTO, Louis. *Pierre Bourdier e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *68: a paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

RÉMOND, René. *Uma história presente*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política* (Org.). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

REVEL, Jaques (Org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Memória e cidade: afastamentos e simbiose*. In: MONTENEGRO, Antonio Torres, FERNANDES, Tânia Maria. *História Oral: um espaço plural*. (Orgs.) Recife: Universitária; UFPE, 2001.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Ética e competência*. São Paulo: Cortez, 1993.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: refazendo identidades*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 2, junho de 1999, Rio de Janeiro, 1999.

SADER, Emir. *Cuba, Chile, Nicarágua: Socialismo na América Latina*. São Paulo: Atual, 1992.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: Intelectuais, Artes e Meios de Comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SEMINÁRIO do Grupo Tortura Nunca Mais: *depoimentos e debates*. Petrópolis: Vozes, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. et. al. *A pós-modernidade*. Roberto Cardoso de Oliveira (Coord.) Campinas-Sp: Editora da UNICAMP, 1987.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

----- . *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SYRKIS, Alfredo. *Os Carbonários – Memórias da guerrilha perdida*. São Paulo: Global, 1980.

----- . *Roleta Chilena*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

SMITH, Anne-Marie. *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SOUZA, Percival de. *Eu, cabo Anselmo: depoimento a Percival de Souza*. São Paulo: Globo, 1999.

TEIXEIRA COELHO, José Neto. *O que é utopia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília-DF: Editora da UNB, 1998.

TIMERMAM, Jacobo. *Chile: o retrato de uma agonia*. São Paulo: Best Seller, 1987.

WERNECK, Helena Maria. “*Veja como ando grego, meu amigo.*” *Os cuidados de si na correspondência machadiana*. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Batella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Fontes documentais disponibilizadas para a pesquisa

1. Correspondências de Jane Vanini:

- 1.1. Dezoito cartas datadas e assinadas.
- 1.2. Cinco cartas datadas e não assinadas.
- 1.3. Três cartas não datadas e não assinadas.
- 1.4. Treze cartas assinadas e não datadas.

2. Correspondências de José Tapia Carrasco – Pepe.

- 2.1. Oito cartas, todas datadas e assinadas, enviadas do Chile à Dulce Vanini.

3. Correspondências de Sérgio Capozzi:

- 3.1. Três cartas datadas e assinadas, enviadas do Chile à Dulce Vanini.
- 3.2. Cinco cartas datadas e assinadas, enviadas da Europa à Dulce Vanini.

4. Informações complementares sobre cartas pessoais como fontes documentais:

- 4.1. Em 1992, através de correspondência, Sérgio Capozzi é localizado em Guelph, Canadá. Na oportunidade, ele escreveu uma carta datada em 21 de março de 1993, com informações sobre aspectos gerais da militância do casal no final dos anos de 1960 e começo de 1970.
- 4.2. Em 18 de julho de 1975, uma chilena por nome de Rosa Ester Montoya, ex-militante e contemporânea de Jane escreve a Dulce Vanini, a que denomina “madrinha”. Também por meio de correspondência, Rosa Ester é localizada em Los Angeles, Chile, em agosto de 2000, e por correio eletrônico manifesta interesse em ajudar na busca de informações sobre a militância de Jane Vanini, durante o tempo em que ela vive no Chile.

5. Depoimentos colhidos em entrevistas:

- 5.1. Suzana Lisboa, ex-militante da Aliança Libertadora Nacional, contemporânea de Jane Vanini. Entrevistada em 27 de novembro de 1992, nas dependências da apartamento de Magali Vanini, irmã de Jane Vanini, em São Paulo-capital.
- 5.2. Natalino Ferreira Mendes, professor aposentado e primeiro diretor do Colégio Estadual “Onze de Março”, onde Jane Vanini é aluna nos primeiros anos da década de 1960. A entrevista é feita em 04 de junho de 1993, na residência do entrevistado, na cidade de Cáceres-Mt.

- 5.3. Airton Motecchi, contemporânea de Jane Vanini, ex-aluno do Colégio Estadual “Onze de Março” e secretário do então grêmio “Castro Alves”. A entrevista é feita na residência do entrevistado, em 22 de setembro de 2001, na cidade de Cáceres-Mt.
- 5.4. Regina Helena Costa Marques Cardoso Leal, professora aposentada, contemporânea de Jane Vanini, ex-aluna do Colégio Imaculada Conceição. Entrevista feita em sua residência, em 14 de setembro de 2000, na cidade de Cáceres-Mt.
- 5.5. Abnael Bordon, empresário, contemporâneo de Jane Vanini, ex-aluno do Colégio Estadual “Onze de Março” e participante ativo do grêmio “Castro Alves”. A entrevista é feita em sua residência, em 09 de novembro de 2000, na cidade de São Paulo-capital.

6. Registro fotográfico:

O acervo fotográfico disponibilizado para a pesquisa refere-se a vários momentos da vida de Jane Vanini, inclui seus últimos registros feitos aproximadamente entre 1972 e 1974 no Chile e são cedidos e autorizados pela irmã Dulce Vanini.

7. Documentos institucionais:

- 7.1. Dossiê contendo cadastro, fotografias e informações sobre a militante Jane Vanini, originado na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e DOI-CODI de São Paulo, vinculados à 2ª Auditoria Militar do 2º Exército, à disposição para conhecimento no Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- 7.2. Auto de Qualificação e Interrogatório de Gilberto Luciano Beloque, então militante da Aliança Libertadora Nacional, originado na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e DOI-CODI de São Paulo, vinculados à 2ª Auditoria militar do 2º Exército, à disposição para conhecimento nos Anais BNM, processo 120/85, no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, Campinas-Sp.
- 7.3. Auto de Qualificação Indireta de Jane Vanini, originado na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e DOI-CODI de São Paulo, também à disposição para conhecimento nos Anais BNM, processo 120/85, no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, Campinas-Sp.
- 7.4. Auto de Apreensão de Jane Vanini, originado na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e DOI-CODI de São Paulo, também à disposição para conhecimento nos Anais BNM, processo 120/85, no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, Campinas-Sp.
- 7.5. Laudo de Análise (sobre material apreendido), originado no Quartel General do II Exército, 2ª região militar em São Paulo, dado a conhecer nos Anais BNM do Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP, Campinas-Sp.
- 7.6. Autos de Inquérito policial dos denunciados, originado na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e DOI-CODI de São Paulo, também à disposição para conhecimento nos Anais BNM, processo 120/85, no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, Campinas-Sp.

- 7.7. Relatório de indiciados, originado na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e DOI-CODI de São Paulo, também à disposição para conhecimento nos Anais BNM, processo 120/85, no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, Campinas-Sp.
- 7.8. Ata de Sessão de Conselhos de Justiça Militar, originado na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e DOI-CODI de São Paulo, também à disposição para conhecimento nos Anais BNM, processo 120/85, no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, Campinas-Sp.
- 7.9. Mandado de prisão de indiciados, originado na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e DOI-CODI de São Paulo, também à disposição para conhecimento nos Anais BNM, processo 120/85, no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, Campinas-Sp.
- 7.10. Comunicado de Investigação sobre o desaparecimento de Jane Vanini, expedido pela Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación, em Santiago-Chile, enviado à família em 14 de janeiro de 1994.

8. Publicações da imprensa:

- 8.1. Revista Isto É, nº 1180, coluna Política e Economia, de 13 de maio de 1992.
- 8.2. Recorte de jornais de época, em especial a Folha de São Paulo e Última Hora.

9. Outros documentos:

- 9.1. Certidão de Nascimento de Jane Vanini.
- 9.2. Certificados escolares de Cáceres-Mt e São Paulo-Sp.
- 9.3. Selo de identificação de trabalhos voluntários no Chile.
- 9.4. Correspondência do Grupo Tortura Nunca Mais, enviada à senhora Antonia Vanini, comunicando que Jane Vanini é nome de logradouro público na cidade do Rio de Janeiro.
- 9.5. Identificação de filiação de Jane Vanini ao Grêmio Estudantil “Castro Alves”, na cidade de Cáceres-Mt.



Información disponible en el sitio ARCHIVO CHILE, Web del Centro Estudios “Miguel Enríquez”, CEME:
<http://www.archivochile.com>

Si tienes documentación o información relacionada con este tema u otros del sitio, agradecemos la envíes para publicarla. (Documentos, testimonios, discursos, declaraciones, tesis, relatos caídos, información prensa, actividades de organizaciones sociales, fotos, afiches, grabaciones, etc.)

Envía a: archivochileceme@yahoo.com

NOTA: El portal del CEME es un archivo histórico, social y político básicamente de Chile y secundariamente de América Latina. No persigue ningún fin de lucro. La versión electrónica de documentos se provee únicamente con fines de información y preferentemente educativo culturales. Cualquier reproducción destinada a otros fines deberá obtener los permisos que correspondan, porque los documentos incluidos en el portal son de propiedad intelectual de sus autores o editores. Los contenidos de cada fuente, son de responsabilidad de sus respectivos autores, a quienes agradecemos poder publicar su trabajo. Deseamos que los contenidos y datos de documentos o autores, se presenten de la manera más correcta posible. Por ello, si detectas algún error en la información que facilitamos, no dudes en hacernos llegar tu [sugerencia / errata](#)..

© CEME web productions 2003 -2007